

33.:

PINTO

G. HERCULES

A

MAÇONARIA

E O RITO

BRASILEIRO





EDITORA MAÇÔNICA

EDIÇÕES PRÓPRIAS - FILOSOFIA DAS ANTIGAS SOCIEDADES INICIÁTICAS
ENCICLOPÉDIA HISTÓRICA DO MUNDO MAÇÔNICO
Caixa Postal, 3881 — 20.001 — Rio de Janeiro - RJ
INSCRIÇÃO N.º 901.705 — C. G. C. N.º 42.584.144-001-82

O DINAMISMO MAÇÔNICO

A Maçonaria tem sido em todos os tempos uma instituição de elite no sentido da inteligência e da cultura.

Nos dois séculos do seu maior desenvolvimento ela se afirmou em todos os campos pela superioridade do Espírito e pela exuberância do Gênio.

De nenhuma atividade científica esteve ausente e em nenhuma cruzada pela redenção humana se omitiu.

O Progresso deve-lhe o desbravamento dos matagais da Ignorância e a iluminação das estradas largas do Futuro.

Substituiu as tochas humanas da Inquisição pelos fachos inextinguíveis da Razão e da Verdade.

Minou as fortalezas da tirania religiosa e atacou de frente os baluartes do despotismo político.

Sobre os escombros da Ignomínia e dos privilégios de castas, ela arvorou o pavilhão da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Onde tremulava a insígnia negra da Ignorância, da Hipocrisia e da Mentira, ela desfraldou a flâmula da Instrução, da Cultura e da Verdade.

Da Instrução, para varrer da face da terra os pesadelos das penas eternas que impunham a sujeição do espírito e negavam a autonomia da consciência.

Da Cultura, porque sem ela a Humanidade era prisioneira dos dogmas.

Da Verdade, porque sem ela não ruiria o império da mentira.

Goethe, o grande maçom alemão, já no leito da morte ainda pedia que lhe abrissem as janelas: — "LUZ, MAIS LUZ!... CADA VEZ MAIS LUZ!"

A Luz é para os maçons o símbolo da própria vida! Luz dos olhos e luz do espírito.

Nos templos maçônicos há três luzes que brilham eternamente: — O Esquadro, o Compasso e o Livro da Lei.

O Esquadro simboliza a Verdade. O Compasso a Justiça e o Livro da Lei é o emblema da Retidão.

—oOo—

Em setembro de 1956 realizaram-se em França três convenções maçônicas importantíssimas: — a do Grande Oriente, a da Grande Loja e a da Ordem Maçônica Mista Internacional "o Direito Humano".

Todas debateram temas oportunos face às incertezas da hora presente.

Preparação da defesa nacional, solução dos problemas da África do Norte, questões trabalhistas, direitos humanos, a situação da mulher nas fábricas, nos escritórios e nas oficinas; o trabalho dos menores, a assistência social e, mais oportuno que todos, o problema das armas nucleares.

A Maçonaria é pacífica. Para ela o princípio da arbitragem internacional resolveria todos os litígios sem efusão de sangue.

Mas é também realista. Defende o desarmamento universal, mas não foge aos deveres do patriotismo.

(Cadernos da Academia Maçônica de Altos Estudos)

G. HERCULES PINTO — 33.º
Da Academia Maçônica de Letras

A Maçonaria

e

o

Rito Brasileiro



Editora Maçônica — Caixa Postal, 3881 — 20.000
Rio de Janeiro — RJ. — BRASIL
1981

OBRAS DO MESMO AUTOR

**Os Indígenas Eram Felizes — Conferência — Ind. Graf. J. Lucena S.A.
— Rio — 1947 — Esgotada**

A Vida de Tiradentes — Biografia — Editora Alba, Ltda. Rio, 1962

Viriato Corrêa (A modo de biografia) — Editora Alba Ltda. — Rio — 1966

**Assistência Pública — 80 anos de História — Parte Geral — Encomendado
pela SUSEME — Rio, 1972**

**A Independência do Brasil, Segundo a Maçonaria — Em capítulos no jornal
BRASIL MAÇÔNICO do Rio e, em seguida, na A ORDEM-BRASIL
MAÇÔNICO, de Brasília-Goiânia — 1972 a 1973**

**Batinas Inquietas e Inquietantes do Brasil — Copyright do Autor — Rio,
1974 Esgotada**

Discurso de posse na Academia Maçônica de Letras — Rio, 1974

Calabar, o patriota — Biografia História — Conquista Rio — 1976

A sair:

A Mulher na Vida de Jesus o Cristo

Capa do engenheiro João Borba Filho

Ao professor Dr. Alvaro Palmeira, Grão-Mestre
Geral Honorário do Grande Oriente do Brasil e
Grande Instrutor do Rito Brasileiro — o “monstre
sacré” da sabedoria maçônica — a quem se pede
Luz e nunca se volta na Treva, com a gratidão, a
amizade e o respeito do menor dos maçons.

G. Hercules Pinto

Ao caríssimo amigo e Ir.: Alberto Alves Sarda,
Soberano Servidor da Ordem e da Pátria — autor
da idéia deste livro — o maior Mestr.: de Cerimônias
que já vi atuar, com dignidade impressionante, em
todos os Ritos, a homenagem fraterna de seu
“ex-corde”

G. Hercules Pinto

Ao querido Ary Marques de Carvalho, meu amigo,
meu sobrinho, meu afilhado, meu compadre, meu
“filho” e meu Ir.: Soberano Servidor da Ordem e
da Pátria, a quem devemos eu e sua tia, comadre,
madrinha e “mãe” Odette, a ternura de sua dedica-
ção e amor, com o triplice abraço do amigo, do
tio, do padrinho, do compadre, do “pai” e do Ir.:

G. Hercules Pinto



INDICE

Obras do mesmo autor	3
Prefácio	9
Zaranzando	13
A Maçonaria do Especial Rito Brasileiro	19

PARTE PRIMEIRA

23

Capítulo 1.º da maçonaria do Rito Brasileiro e de seus Irmãos	23
Capítulo 2.º Dos deveres dos Irmãos	24
Capítulo 3.º Direitos dos Irmãos	25
Capítulo 4.º Dos Funcionários da Regência das Casas suas atribuições e incompatibilidades	25
Capítulo 5.º Do Venerável	26
Capítulo 6.º Dos Vigilantes	28
Capítulo 7.º Do Orador	29
Capítulo 8.º Do Secretário	30
Capítulo 9.º Do Tesoureiro	31
Capítulo 10.º Dos Defensores	32
Capítulo 11.º Dos Acusadores	32
Capítulo 12.º Dos Andadores	33
Capítulo 14.º Dos Mestres	33
Capítulo 15.º Dos Guardas da Cruz	34
Capítulo 16.º Dos Guardas do Templo	34
Capítulo 17.º Do Corpo Regencial	34
Capítulo 18.º Do Eleição	35

PARTE SEGUNDA	37
Capítulo 19.º Do Supremo Conselho do Grande Oriente..	37
Capítulo 20.º Dos Funcionários do Supremo Conselho do Oriente	38
Capítulo 21.º Dos Graus	39
Capítulo 22.º Da Caixa Popular	39
Capítulo 23.º Dos Casos em Geral	41
Capítulo 24.º Do Aniversário	42
Rito Brasileiro de Lauro Sodré	50
Decreto n.º 2080 e Lojas do Rito	84
Outra Convulsão na Cupula	101
Proclamação	103
O Rumo Certo	106
Os Cismas no G.O.B.	111
Compreender Antes de Acreditar	124
Renovação	143
Maçonaria Simbólica de S. João	156
Lojas Complementares	192
Sublimes Capítulos	196
Grandes Conselhos	201
Altos Colégios	219
Festas Brancas	235
Homenagem à Espôsa do Maçom	236
As Rosas	242
Consagração Matrimonial	246
Exaltação Matrimonial	249
Ritual de Adoção de Lowtons (I)	253
Ritual de Adoção de Lowtons (II)	258
Ritual de Pompa Fúnebre	262
Bibliografia	267

PREFÁCIO

1. Já tive o prazer de prefaciар livros de escritores amigos e, entre os maçônicos, lembro-me de "O Segredo da Maçonaria," de Oscar Argollo, e da "Pequena Enciclopédia Maçônica" (2 vs.), de Octaviano Menezes Bastos.

Devo esclarecer que não houve nenhuma dificuldade na apresentação de qualquer desses trabalhos, tendo em vista o valor maçônico e literário de seus Autores. No caso presente, porém, sinto grave embaraço e mesmo inibição em prefaciар este excelente "A Maçonaria e o Rito Brasileiro" e em recomendá-lo ao público em geral e ao maçônico em particular. Não que falte merecimento ao Autor ou que o livro o tenha menos; nada disso: o Autor é festejado escritor, com vários trabalhos publicados, e o livro tem invulgar relevo. O óbice, que encontro, é que o Autor cita numerosas vezes o meu nome e usa para comigo termos deveras enco-miásticos. Em face disso — e para remover a dificuldade, peço ao leitor que reduza o impacto dos louvores ao mínimo ou, mesmo, os suprima de todo. São sinceros, eu o proclamo, mas imerecidos: em 1968 apenas reimplantei o Rito, que estava adormecido e lhe dei a expressão ritualística, que hoje apresenta. Nada mais. Em verdade, na Ordem Maçônica, onde milito há mais de meio século, tenho sido apenas um eterno Aprendiz, enamorado dos primores de nossa Doutrina.

2. Em uma conferência, que proferi recentemente, sobre "O Rito Brasileiro no contexto da Maçonaria Universal," acentuei: "A Maçonaria é universal, mas não é desnacionalizante. Há em cada País, derivada de sua unidade histórica e do gênio de seu Povo, uma "vocação nacional," que é preciso resguardar. Um exemplo: a Maçonaria do Brasil, desde 1920 admite em suas festas magnas a entrada hierática da Bandeira Nacional, o que não se faz nos outros países: decisão de Thomaz Cavalcanti, quando Grão-Mestre e um dos fundadores do Rito Brasileiro.

Acentúe-se bem: a Maçonaria é universal. Ela não é americana em Washington, inglesa em Londres, prussiana em Berlim, francesa em Paris, turca em Istambul, brasileira no Rio de Janeiro. A Maçonaria é universal e una, mas em cada País assume características peculiares, consoante a história e a índole de cada Povo, exatamente como acontece com a Arte, a Ciência e a Religião, que são também categorias universais.

O Brasil Maçônico possuía, até 1914, cinco Ritos: Rito de York, Rito Escocês, Rito Francês (ou Moderno), Rito de Hamburgo (ou Schroeder), Rito Adoniramita, todos importados da Europa, vindos no século passado de Nações, então detentoras de impérios coloniais: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Portugal. Esses Ritos, em verdade, tiveram a virtude e a honra de trazer ao Brasil a Maçonaria: glória intransferível e perene, mas eram também espontâneos canais de natural influência política e econômica alienígenas. Por isso, a grandeza de Lauro Sodré e dos pioneiros de 1914 é definitiva e imarcescível: fundando o Rito Brasileiro eles afirmaram a maioridade maçônica do Brasil e a sua autodeterminação no campo da Arte-Real "(Anais da 1a. Convenção Nacional do Rito Brasileiro 1974, pág. 44).

3. G. Hercules Pinto, espírito claro e reto, sentiu tudo isso, filiou-se ao Rito Brasileiro e é um dos seus mais ardorosos propugnadores. Uma das provas do que afirmo é a publicação do presente livro: "A Maçonaria e o Rito Brasileiro". O Autor defende o Rito de seus detratores. Segue o preceito de Tertuliano, o doutor da Igreja: "A verdade só tem um desejo: o de não ser condenada antes de ser conhecida."

O A., em largas pinceladas (e com muitas apreciações pessoais), compõe o quadro atual do Rito e o surto de progresso, que o acompanha. De tal modo o faz que, acredito, vai suscitar a compreensão de maçons estranhos ao Rito e à convivência fraterna, convencendo mesmo os rotineiros e os misoneistas, pois o Rito Brasileiro "não veio tomar o lugar de nenhum outro", não há necessidade alguma em apagar a luz do próximo para que a nossa brilhe. Para o público em geral, o livro é também de suma utilidade, porque dá ao leitor a concepção de um Rito, que não permanece parado no tempo, mas cóapta a Tradição com a Evolução; e exalta permanentemente os valores humanísticos, porque para o Rito o futuro tecnocrático e robotizado é tão detestável quanto o passado embalsamado.

4. O Autor é um historiador de merecimento: haja vista a palavra elogiosa dos escritores R. Magalhães Junior e Abelardo Romero, respectivamente, no prefácio de seus livros "A Vida de Tiradentes" e "Cabalar, o Patriota". Por seu vezo, não censurável, de pesquisador, foi à Biblioteca Nacional, manuseou um códice, que pertenceu a D. Pedro II e nele encontrou a Constituição da "Maçonaria do Especial Rito Brasileiro", organismo criado por Firmo Xavier, em Pernambuco, após a Questão dos Bispos, e nos oferece, na íntegra, o precioso documento.

O presente livro de G. Hercules Pinto não se contenta, porém, apenas em divulgar o Rito Brasileiro. Do início ao fim, o Autor, de quando em quando, nos dá, ladeando o assunto, mas sempre a propósito, informes valiosos de interesse público e maçônico: as lendas originais da Maçonaria, a Questão dos Bispos, os cismas do Grande Oriente, a origem do Rito Escocês Antigo e Aceito, as perseguições à Maçonaria, o simbolismo das Cruzes... e muitos outros, inclusive desenvolve o interessante tema Jesus e os Essênios, nele se referindo largamente, à recente descoberta dos "Pergaminhos do Mar Morto", nas grutas das colinas de Vadi Qumran, na margem ocidental desse pequeno mar interior salgado na Palestina, documentos que puseram em pauta a discussão da origem do Cristianismo, o que levou o cardeal Daniélou, em seu "Os Manuscritos do Mar Morto", a afirmar ser "a mais sensacional descoberta que jamais se fez". O Autor nos dá, ainda uma bela página sobre Mitologia: Minerva, Hércules e Venus, os pilares da Loja, e encerra com uma informação sobre os Rituais das "festas Brancas" em Maçonaria, o simbolismo das rosas e a Pompa Fúnebre dos Maçons.

5. Tenho assim sobejos motivos para recomendar este livro ao público em geral e aos meus Irmãos em Maçonaria.

Terá valido a pena a publicação deste livro? Lembro-me de Fernando Pessoa, o estranho poeta múltiplo:

—“Valeu a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

E G. Hercules Pinto é uma alma grande, nobre e generosa.

ALVARO PALMEIRA
Grão-Mestre Geral Honorário
do Grande Oriente do Brasil
e Grande Instrutor do Rito Brasileiro

ZARANZANDO...

Não vou tratar das origens da Maçonaria. Faltam-me talento e sabedoria. Pelo que já li, posso lhes assegurar que, das pesquisas difíceis de se realizar, sem dúvida, a mais temerária é sobre os princípios desta Instituição. Eles se perdem nos longes do tempo e quanto mais se avança nas idades mais se confundem os inícios. Historiadores maçons e profanos — parece-me — tudo fazem para que a busca seja embaraçosa, penosa, cansativa e desesperadora.

Depois de se ler alguns autores, dá-se razão a quem sabiamente os dividiu em dois grupos ou, seja, os crédulos e os que obstinadamente se recusam a ver com sensatez. E o grupo dos crédulos é constituído pelos IIR.: drs. Anderson, Oliver e Preston, chamados os representantes dos “tres degraus da credulidade maçônica”. (1)

Localizam eles a origem da Maçonaria no fundo dos séculos e ela nos surge envolta em lendas risonhas e em fábulas que pretendem representar com objetividade uma verdade que custa a alguém crer, tão ingênuas são. Foram criadas com tal desatenção que me faz recordar o quanto sofreu o fabuloso filósofo Platão frente às conclusões maliciosas, aos ditos cheios de talento e agressividade serena do perspicaz e não menos fabuloso filósofo Diógenes, chefe da Escola Cínica, que vivia no incômodo tonel do templo de Cíbele.

Um dia, Platão, ensinando no Jardim de Academus, disse que o “homem é um bípede sem penas”. Diógenes, que não perdia oportunidade de confundir seu cordial desafeto, pegou um galo, arrancou-lhe todas as penas e disse triunfante:

—“Eis aí o homem de Platão!”(2)

O lindo da fábula é a moral que surge dela e no fabulário maçônico apenas um fato e um mito têm real magnitude: A construção do Templo Sagrado de Salomão e a morte e sepultamento de Hiram Abhif.

Tal amontoado de lendas só serve para dar lenha para nossos inimigos alimentarem a fogueira da descrença, da desconfiança e da difamação. Porque, ao tentarem explicar, nos jogam num embaraço dos demonios.

Sou, por vocação filosófica, amigo e admirador apaixonado das fábulas e das lendas. São lindas para a divagação de meu espírito sonhador. Prefiro o sonho á realidade. O sonho não faz mal a ninguém e me dá o privilégio de sonhar ao infinito. A realidade é dura, pragmática e sem poesia. Entretanto nos assuntos históricos sou absolutamente realista. Quando ela se me mostra brutal, lanço "sobre a nudez forte da Verdade o manto diáfano da Fantasia", como nos ensina o delicioso Eça de Queiroz já no frontispício de seu livro — A Reliquia. Ameniso-a, mas não a deturpo nem invento nada que a mascare. Se assim procedesse, não estaria escrevendo história e, sim, fazendo romance.

Insisto em dizer que não vou tratar da origem da Maçonaria porque, entre as centenas citadas pelos autores, ainda não se sabe qual a verdadeira. É como as religiões. Não as discuto porque não tenho como provar qual a autêntica.

Nessa montanha de suposições, existem algumas que se pode considerar. Autores consideram Leonardo da Vinci fundador da Maçonaria Moderna. Outros creem que se origina da Ordem dos Rosa-Cruzes. Parece que a preocupação dos escritores é situar a Ordem em longinquas e nobres origens. Sentindo isso, o padre Maurice Colinon disse que "os maçons, desde séculos esforçaram-se por descobrirem antepassados dos quais podessem ter orgulho". (3) E, com essa idéia de grandeza, não vacilam em fazer Grão-Mestre ao Supremo Arquiteto e elevarem Jesus a Companheiro.

A origem verdadeira da Maçonaria, qual é? Não será provável que descenda das vetustas corporações de mestres-pedreiros, construtores de catedrais, corporações essas criadas sob a influência da Igreja da Idade Média? Essa não será a razão de sermos, até hoje, pedreiros-livres? Não nasceria de remotos mosteiros? Sabendo-se que os sacerdotes eram donos da sabedoria de tempos sem data e que faziam segredo inviolável de tudo que sabiam, especialmente sobre arquitetura, é fácil imaginar-se que ali nasceria a Maçonaria. No isolamento de seus conventos silenciosos estudavam, pesquisavam a medicina, a engenharia, a arquitetura, a música, tudo, e tudo escondiam avaramente do povo para que fosse mantido seu fabuloso prestígio e imposto a ele um respeito quase

místico. Eram os monopolizadores da sabedoria universal, naquelas éras distantes e é provável que a Instituição tenha nascido nesses misteriosos monastérios.

Segundo o conde de Montalembert, na Inglaterra e no Continente, as Lojas se associavam aos conventos, o que lhes deu o domínio nas oficinas, onde os chefes eram monges arquitetos. Assim, “se um abade era preposto à Loja ou dela fosse o vigilante, chamavam-no ordinariamente venerável mestre ou venerável irmão”. (4) Segundo ele, esta é a origem deste título que até hoje usamos.

Após a queda do império romano, em seguida à morte de Carlos Magno, depois das invasões constantemente feitas pelos bárbaros, as ciências e as artes foram sendo dominadas pelos leigos que, aos poucos, se organizaram em confrarias. Quando formaram as oficinas e as Lojas, surgiu a expressão — “franco-maçon” — que quer dizer — pedreiro-livre.

O sábio antiquário Jorge Payne, ao tempo em que era Grão-Mestre, passou sua administração catando aqui, ali, além, documentos que elucidassem a origem de nossa Instituição. Quando veio substituir o reverendo João Teófilo Desaguilier, intituído da Maçonaria Especulativa, pai da Maçonaria Moderna, reeleito que foi em 1720, verificou com tristeza, que todos aqueles documentos pacientemente e penosamente coligidos, haviam sido queimados. Por que? Simplesmente porque tais papeis não podiam chegar jamais às mãos estranhas, diziam uns. Já outros opinavam que as razões secretas desse crime nunca foram reveladas. Padre Berteloot chegou à conclusão de que foi para restabelecer o tradicional predomínio da Igreja Católica.

“Com efeito, foi na Inglaterra e no princípio do século dezoito que a Maç.: estendeu o seu domínio pelas cinco partes do mundo. Desde 1703 até 1730 o ramo da “Acacia” e o “Pelicano foram introduzidos em setenta e nove Estados do globo”. (5)

C.W. Leadbeater 33.º, falando das origens da Maçonaria diz, como todos que a estudamos, que se perdem no fundo dos séculos. Afirma este bispo que depois de muitos anos de esforços e muitos outros de prática, conseguiu desenvolver e vigorar certas faculdades psíquicas. Entre outras coisas, conseguiram fazer que ele se recordasse de suas vidas anteriores. E declara que a única de

suas vidas passadas “que se relaciona com o nosso assunto, transcorreu uns 4 mil anos antes de Cristo, no país que agora chamamos Egito.

“Quando na vida atual, me iniciaram na Maçonaria, me surpreendi viva e agradavelmente ao ver pela primeira vez a Loja, pois me era familiar a sua disposição e idêntica à que eu havia conhecido seis mil anos antes nos mistérios egípcios”. (6)

Não duvidamos das palavras do autor. Assustam-nos os milhares de anos que ele acumula. Nem poderíamos duvidar, especialmente quando nosso Grande Instrutor diz que C.W. Leadbeater está “entre os mais novos Mestres da História e da Doutrina Maçônica”. (7) Ele mesmo dá ares de se espantar com a montanha de séculos que acusa quando observa: “Bem sei quão alarmante é esta afirmação, mas só me cumpre dizer que é literalmente verdadeira”. (8)

Nas “Constituições dos Franco-Maçons contendo a História, Obrigações, Regulamentos, etc. aparecem — supponho — pela primeira vez, o nome de Hiram Abhif a quem” ninguém sobressaiu à sua extraordinária habilidade”, diz Anderson, e a expressão — maçons livres e aceitos. Aí se lê que Hiram, rei de Tiro, enviara ao rei Salomão, a pedido deste, Hiram, o “maçon mais hábil e entendido do mundo”, para construir o templo de Jerusalém. No final, apresentou trabalho tão lindo que foi considerado a primeira maravilha do mundo. Salomão o consagrou no ano tres mil do mundo e mil e quatro A.C. Nessa época o rei Salomão “era o Grão-Mestre da Loja de Jerusalém, o rei Hiram era o da Loja de Tiro e Hiram Abhif era o Mestre da Obra e a Maçonaria estava sob o imediato cuidado e direção do Céu”. Disse mais que Hiram, como seu pai, foi metalúrgico em bronze e, segundo a carta de apresentação do rei Hiram ao seu colega Salomão, era “um homem sábio”. (9)

Mais adiante tratarei este episódio com mais detalhes.

Entretanto o Livro dos Livros não tomou conhecimento do assassinato do extraordinário Hiram, o que me faz crer que a lenda de seu martírio foi criada muito mais tarde. E essa lenda singela, cheia de exemplos saudáveis, é o drama iniciatório franco-maçônico do grau 3.

O simbólico ou alegórico existente em Hiram é de uma beleza comovedora. E eu que nutro profunda ternura pelas lendas, nunca procuraria saber onde acaba o fato histórico, que é o real, e onde começa o imaginário, que é o sonho.

Deixemo-la em quietude de verdade eterna. Como está, agrada, alenta e fascina meu espírito simbolista. É linda demais para que a analise. É um símbolo e símbolo não se analisa nem se discute. Acata-se e respeita-se e venera-se.

Mas não quero me perder no labirinto — não o de Creta, habitação estranha do Minotauro — mas nesse labirinto de lendas e de sonhos que é a origem ou as origens da Maçonaria. Não levam a nada minhas pesquisas nem meu esmiuçamento porque nossa Instituição é sempiterna.

Pretendo, com toda humildade, me ocupar do Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, o mais jovem dos Ritos, mas indubitavelmente um dos mais lindos e bem estruturados do bloco de nossa Ordem.

MAÇONARIA DO ESPECIAL RITO BRASILEIRO

“Muito se tem escrito sobre a Maç., e tão pouco evidentemente se sabe. Os profanos, ignorando seus Mistérios, falarão quasi sempre em seu desabono; e os Maçons, levados pelo entusiasmo, excederão os limites dum louvor razoável”.

Assim inicia Um Cav.: Rosa-Cruz o “Ensaio Histórico” de seu livro “Biblioteca Maçônica”. Isso em 1864. Mais adiante diz, referindo-se às vantagens da Iniciação primitiva e de seus mistérios: “...mas por não terem sido estas vantagens igualmente conhecidas de todos os homens, a Iniciação ou Maç., tem tido, e terá ainda, seus inimigos, caluniadores e perjuros...” (25)

E explica que tal coisa é devido à falta de documentos, “que existiriam ainda hoje, se não fossem as catastrofes, que sofreu a livraria dos Ptolomeus nas guerras de Cesar e Omar”. (26)

Sabendo disso, cientes de que muito já se escreveu sobre a Arte Real e certos de que nos faltam fôlego e asas para vôo nesse infinito, vamos tentar um vôo menos alto e mais curto. Cuidaremos, embora sem o talento necessário para empresa dessa grandiosidade, de dizer o que nos for possível sobre o Rito Brasileiro, uma das joias mais belas que ornaram a Maçonaria.

Nossa pretensão é contar a história verdadeira, sem lendas nem legendas do novel Rito, apresentá-lo aos Iir.: que ainda não o conhecem. O Rito Brasileiro é um modelo extraordinário e sublime de moral e sabedoria. É necessário conhecê-lo para o compreender e amá-lo. Não é apenas mais um Rito. É um grande Rito.

O século XVIII foi fértil em fundações, em criações de Ritos Maçônicos. Assim, vemos nascer o Rito Hermético, fundado em 1770, pelo beneditino alquimista José Pernetz, em Avinhão, transferido em 1778 para Montpellier. Em 1771, o renomado Ir.: Adam Weishaupt fundou o Rito dos Iluminados de Baviera. O Rito Adonhiramita foi fundado em 1787, pelo barão Tschondy, autor da estrela Flamígera do Rito. José Pernetz, em 1776, voltou a criar naquela cidade outro Rito, agora com nome de Rito dos Iluminados de Avinhão. O rei Frederico II fez instituir na Prússia, em 1767, o Rito da Ordem dos Arquitetos de África ou Irmãos Africanos. Em Paris o comandante e Ir.: Chambonet e outros oficiais de Marinha, fundaram, em 1752, o Rito da Ordem da Felicidade. O Rito Escossês Filosófico foi fundado em 1776 por Boileau, médico em Paris. "Este Rito não é mais do que uma imitação do Rito Hermético de Montpellier", afirmam Abrines e Ardetiu. (27) Estes são 8 dos cerca de 180 Ritos criados por este mundo a fora. Muitos não existem mais, mas tiveram seus dias de glória.

Mas no Brasil também seria, anos depois, criado um novo Rito.

No século XIX, ou precisamente, em 1864, Um Cav.: Rosa-Cruz lançou em Portugal o livro "Biblioteca Maçônica", obra excelente onde, logo no Prólogo, disse: "... nós solicitamos os Or.: Lusit.: e Brasil.: a fazer um Rito NOVO E INDEPENDENTE, que, tendo por base os 3 Gr.: Simb.: e comuns a todos os Ritos, tenha contudo os altos Gr.: misteriosos DIFERENTES E NACIONAIS.

Convimos em que semelhante reforma é contrária ao cosmopolitismo e a tolerância Maçônica mas também é verdade que, enquanto os Maç.: forem bons patriotas, e os povos fisicamente desiguais, a conservação dum RITO UNIVERSAL parece-nos quasi impossível: talvez que um tão gigantesco projeto só poderá ter realidade no vigésimo século". (28)

Comentando esse trecho, publica o Boletim n.º 29: "O autor, clássico em Maçonaria, quando se referiu aos altos Graus," diferentes e nacionais "não estava evidentemente, pretendendo criar

uma Maçonaria nacional, tanto que encareceu fossem os Graus Simbólicos do novo Rito “comum a todos os Ritos”. E é nesse ponto precisamente que se resguarda a unidade doutrinária da Ordem.

O autor entendeu, pois, corretamente, que se devia manter fidelidade À universal Tradição maçônica do Simbolismo, mas os Altos Graus serem formulados sob a influência do meio Histórico e geográfico da Pátria em que se vive, sob sua índole, inspiração e pendores. É esse, sem dúvida, o ideal em Maçonaria diversidade dentro da unidade, atendendo-se ao gênio de cada raça, porque a Maçonaria não é desnacionalizante”. (29)

O apelo do Ir.: português não foi em vão. Sua voz teve uma resposta quasi imediata.

“...aí pelos anos de 1878 a 1882, houve quem em Pernambuco se lembrasse de crear uma Sociedade Secreta à feição maçônica” ... (30) Não sabemos baseado em que, ponde o Ir.: Mario Behring, ao escrever esse artigo, fixar-se nessas datas. Não tivemos a sorte de encontrar em nossas pesquisas um documento relativo a esse Rito que acusasse uma data. Para determinarmos um tempo, aceitamos essa época.

Ignoramos se o Ir.: — deveria ser Ir.: — José Firmo Xavier leu a obra de Um Cavaleiro Rose-Cruz e, depois disso, convencido da necessidade de um Rito genuinamente brasileiro, resolveu atender ao seu apelo. O fato é que o criou sob os auspícios de S.M.o Imperador D. Pedro II, da família Imperial e de S.S. Pontificia, certamente visando sua maior segurança e prestígio.

Um dos “codices” que Mario Behring disse haverem pertencido a D. Pedro II e que se encontra na Biblioteca Nacional é este que aqui publicamos como valiosa curiosidade bibliográfica maçônica. É a Constituição da Maçonaria do Especial Rito Brasileiro. Nela encontramos idéias de saudavel fundo social. Firmo Xavier pensou em fazer uma sociedade filantrópica e atingiu metas de profundo sentido humano. Aqui está ela na íntegra:

“Constituição da Maçonaria do Especial Rito Brasileiro para as Casas do Circulo do Grande Oriente de Pernambuco Sob os Auspícios de S. Magestade Imperial S.: D.: P.: S.: I.: do Bras., da Fam.: Imp.: e Sua S.: Pontf.:

PARTE PRIMEIRA

Capitulo 1.º

Da Maçonaria do Rito Brasileiro e de seus Irmãos

Artigo 1.º — A Maçonaria do Rito Brasileiro terá sua sede na provincia onde for propagada e instalada, sob a denominação da Nobre e Augusta Casa Brasileira Coração Livre e Popular.

Artigo 2.º — A Maçonaria do Rito Brasileiro é uma Associação de homens livres e independentes cumpridores e observadores das leis do país.

Artigo 3.º — Abraça sem distinção de classe a todos os brasileiros natos que quizerem Jurar a Santa fraternidade e gozar dos benefícios que ela oferece.

Artigo 4.º — Seus fins são defender a religião católica, sustentar a Monarquia brasileira, praticar a caridade, desenvolver as ciências, as letras, as artes, a industria, o comércio, agricultura e contribuir para a extinção do elemento servil.

Artigo 5.º — A Maçonaria do Rito Brasileiro tratará da elevação de todos seus irmãos em qualquer estado ou profissão a que se dediquem defendendo-os, socorrendo-os e as suas famílias.

Artigo 6.º — Para ter ingresso no gremio da Maçonaria do Rito Brasileiro é preciso:

S 1.º — Ter a idade de 21 anos e boa reputação.

S 2.º — Estar no gozo de seus direitos políticos.

S 3.º — Ter occupação, arte, negócio ou industria de que tire subsistência decente.

S 4.º — Tudo isto será garantido pelo proponente, sob sua responsabilidade.

Artigo 7.º — Os filhos dos irmãos ou os seus tutelados serão admitidos no seio da Maçonaria do Rito Brasileiro se forem propostos por seus pais ou tutores com a idade de 18 anos.

Capítulo 2.º

Dos deveres dos Irmãos

Artigo 8.º — Todo irmão contrata com o orbe deveres sagrados a que não poderá subtrair-se sem flagrante delito de perjúrio.

Artigo 9.º — Nenhum irmão poderá comprometer nem dispor de sua palavra á pessoa alguma sem primeiro fazer chegar ao conhecimento do Tabernáculo qual o fim para que não cáia em falta ou erro contra seus irmãos, que todos formarão um só pensamento e uma só vontade.

Salvo quando versar negocios particulares.

Artigo 10.º — Nenhum irmão poderá citar, demandar e acusar no crime, seja qual for o motivo, senão pelo Tribunal da Santa Irmandade, este dará licença para o fôro competente.

Artigo 11.º — Nenhum irmão poderá pedir ou lembrar para que seja votado este ou aquele irmão.

Artigo 12.º — Todo irmão deve o maior respeito e fidelidade a seu irmão e ao Trôno Brasileiro.

Artigo 13.º — Cumpre a todos os irmãos empregar todos os meios para elevação e grandeza da Santa Irmandade e de seus irmãos em particular e do Imperio Brasileiro.

Artigo 14.º — Corre a todos os irmãos o dever de deitar em tempo nos cofres da Irmandade, suas joias, mensalidades e os óbolos pedidos, em um cofre especial o óbolo que quizerem a bem da emancipação dos escravos.

Artigo 15.º — O irmão que tiver de ausentar-se para fora da provincia ou do Império deverá comunicar à sua casa verbalmente ou por escrito para que fique dispense de suas mensalidades e óbolos, se for solteiro ou retirar-se com sua família.

Artigo 16.º — Sendo que fique a família, deverá contribuir para que ela possa gosar das regalias que lhe competem.

Artigo 17.º — Em sua volta quer só ou com família, entrará para os cofres com os metais que tenham decorridos durante sua ausência para poder continuar nos benefícios da Santa Irmandade — salvo quando voltar em indigência provada.

Artigo 18.º — Todos os irmãos guardarão o mais profundo e inviolável segredo sobre os mistérios, deliberações e trabalhos que as Casas tenham adotado.

Capítulo 3.º

Direitos dos Irmãos

Artigo 19.º — Todo e qualquer irmão que bem e fielmente cumprir com todas as suas obrigações prescritas na presente constituição terá direito:

S 1.º — A socorros e beneficências para si, sua mulher, filhos e pais.

S 2.º — Aos filhos não legitimados ou maiores se estenderão estes benefícios quando seus pais ou tutores estiverem em indigência provada.

Artigo 20.º — O irmão que precisar de seus irmãos poderá pedir por si ou por intermédio de outro.

Artigo 21.º — Reconhecida a necessidade por uma comissão para isso nomeada pelo Irmão Venerável fará o mesmo correr a bolsa pelos irmãos que deitarão o óbolo que quizerem com tanta reserva que a mão esquerda não o veja.

Artigo 22.º — Todo irmão terá direito a elegibilidade para qualquer emprego em relação aos seus merecimentos dos serviços prestados à Casa e a humanidade no grau e lugar em que se achar.

Artigo 23.º — O direito de petição ou representação é garantido a todos os irmãos que poderão exercê-lo, quer em benefício seu, quer benefício da Casa.

Capítulo 4.º

Dos Funcionarios da Regência das Casas, suas atribuições e incompatibilidades

Artigo 24.º — A regência das Casas se comporá dos irmãos eleitos por cédulas e constará dos funcionários seguintes:

1 Ven.:
4 Vig.:
1 Orad.:
1 Secr.:
1 Tes.:
1 Fiel.:
2 Guard.: da
4 Def.:
4 Acus.:
4 Sind.:
4 Mestr.:
4 And.:
2 Guard.: do Temp.:

Capítulo 5.º

Do Venerável

Artigo 25.º — O Irmão Venerável é a primeira dignidade da casa e ao mesmo compete:

S 1.º — Abrir, dirigir e encerrar os trabalhos na hora marcada.

S 2.º — Manter o respeito e sossêgo necessário.

S 3.º — Decidir terminantemente todas as questões que se suscitarem.

S 4.º — Conceder ou retirar a venia ao irmão que a tiver pedido.

S 5.º — Convocar extraordinariamente a regência por prancha especial do secretário.

S 6.º — Produzir iniciação dos irmãos entrados nos Mistérios da Santa Irmandade.

S 7.º — Proclamar o resultado das deliberações, assinar as atas e mais peças autorizadas com a firma e selo, seja qual for a denominação ou fim.

S 8.º — Impor silêncio e respeito e advertir a qualquer irmão que sair mandando cortinar o Templo, impor a pena até 1\$000 reis.

S 9.º — Não sendo atendido, suspenderá os trabalhos e ordenará ao Orador que, tomando testemunhas, formule o processo dentro do prazo regular.

S 10.º — Obstar a apartes, personalidades diretas e indiretas e a discussão sob forma de governo e religião de qualquer país.

S 11.º — Preencher na falta dos irmãos eleitos os lugares vagos durante as sessões.

S 12.º — Proceder à contagem e leitura das cédulas da eleição.

S 13.º — Anunciar o produto da bolsa logo que lhe seja participado pelo irmão Tesoureiro e convocar tres dos empregados da regência para fazer entrega em nome da Santa Irmandade.

S 14.º — Fiscalizar o trabalho da Secretaria e abrir, numerar, rubricar e encerrar todos os livros.

S 15.º — Examinar a escrituração e dinheiro e mais bens a cargo do irmão Tesoureiro todas as vezes que julgar conveniente.

S 16.º — Nomear de seis em seis meses uma comissão de cinco membros para examinar e dar parecer sobre o estado da Tesouraria o qual submeterá à discussão e aprovação da Casa.

S 17.º — Ordenar o pagamento das despesas da Secretaria e Tesouraria, limpeza e asseio do Tabernáculo e mais despesas ordinárias e qualquer extraordinário que não exceda a 30\$000 reis, salvo caso grave e urgente de qualquer irmão que não possa perder tempo em ir a comissão Beneficencia de sua freguesia não que poderá ordenar por prancha ao Tesoureiro até 50\$000 reis, participando à regência na sua primeira reunião para aprovar esta deliberação.

S 18.º — Usará de toda a fraternidade, respeito, prudência e urbanidade com todos os irmãos.

S 19.º — Declarar suspenso de seus direitos, impor multa até 20\$000 reis ao irmão da Sagrada lei e ordenar ao irmão orador a formação de processo regular dentro do prazo de quinze dias.

S 20.º — Nomear as comissões que forem necessarias para o bom andamento dos trabalhos e fiel cumprimento da lei.

Artigo 26.º — O Irmão Venerável não pode tomar parte nas discussões limitando-se somente a explicar as questões e encerrar as opiniões votando apenas em escrutínio secreto e em caso de empate.

Capítulo 6.º

Dos Vigilantes

Artigo 27.º — O Irmão primeiro Vigilante é a segunda dignidade da casa, tem sob sua guarda e vigilância a direção da Coluna Norte do Vale do Soberbo Amazonas, pede venia por duas pancadas de malhete ao irmão Venerável e fala sentado.

Artigo 28.º — Ao mesmo compete:

S 1.º — Anunciar as ordens do irmão Venerável dando primeiro tres pancadas de malhete e comunicar tudo que de fora do Tabernáculo lhe for transmitido pelo 2.º vigilante.

S 2.º — Pedir venia com uma pancada de malhete para o irmão de sua coluna não consentindo preterição em caso algum, suspendendo a do preteridor.

S 3.º — Dar parte ao irmão orador da relutância dos irmãos às advertências dos irmãos Mestres para que chame-os ao cumprimento de seus deveres.

S 4.º — Manter o silêncio, ordem e respeito necessários para boa regularidade dos trabalhos e dignidade da Casa.

S 5.º — Substituir o irmão Venerável em seu impedimento ou quando não se achar presente o mesmo na hora marcada para a abertura dos trabalhos, devendo ceder o lugar logo que compareça, voltando a reocupar o seu depois de lhe haver dado parte do ocorrido em sua ausência.

S 6.º — Assinar as atas das sessões e na vigilância de sua coluna não consentir que irmão algum abandone sem permissão sua, salvo os que se assentam no Oriente.

Artigo 29.º — O irmão segundo vigilante é a terceira dignidade da Casa, tem sob sua guarda a vigilância e direção da Coluna Sul do Vale do Soberbo Prata, pede venia por duas pancadas de malhete ao irmão Venerável e fala sentado.

Artigo 30.º — Ao mesmo compete:

S 1.º — Substituir o primeiro vigilante em todas as suas atribuições.

S 2.º — Comunicar ao mesmo tudo que de fora do Tabernáculo lhe seja transmitido.

Artigo 31.º — Estes dois lugares serão ocupados pelos dois mais votados.

Artigo 32.º — Na falta do primeiro e segundo vigilantes, ocuparão seus lugares dentre os outros mais votados.

Artigo 33.º — Os irmãos vigilantes tomarão assento junto às colunas e pedem venia diretamente ao irmão Venerável por duas palmas.

Artigo 34.º — Aos irmãos vigilantes em geral compete:

S 1.º — Ocuparem-se na vigilia de todos os irmãos quer dentro quer fora do Tabernáculo.

S 2.º — Dar parte por prancha das faltas e erros dos irmãos ao irmão Venerável, que as tomará em consideração dando-as aos irmãos sindicantes para examinarem a procedência ou improcedência delas.

S 3.º — Se o irmão vigilante não se conformar com o parecer dos sindicantes apresentará nova prancha que será imediatamente remetida por cópia com o visto do irmão Venerável para serem de novo examinadas as faltas alegadas, ficando o original na Secretaria para se juntar às demais peças do processo.

Artigo 35.º — Estas pranchas de acusação serão robustecidas por testemunhas de força e fé e arquivadas na Secretaria com o selo da Casa.

Capítulo 7.º

Do Orador

Artigo 36.º — O irmão orador é a quarta dignidade da casa, tem seu assento em lugar especial ao lado esquerdo do irmão Venerável e pede venia diretamente ao mesmo ainda que tenha grau igual não está por isso impossibilitado de ocupar este honroso lugar.

Artigo 37.º — Ao mesmo compete:

S 1.º — Observar e fazer observar restritamente os juramentos e todas as mais obrigações dos irmãos.

S 2.º — Comunicar à Casa toda e qualquer infração da lei, promovendo ex-officio o processo do infrator sob pena de responsabilidade e para isso pedindo venia de permissão ao irmão Venerável.

S 3.º — Explicar a lei a todos os irmãos quando se afastarem dela pedindo venia.

S 4.º — Exortar em segredo aos irmãos para que entrem no cumprimento de seus deveres quando deles se tenham afastado e lhe seja isso ordenado pelo irmão primeiro vigilante.

S 5.º — Celebrar com discursos análogos as festas da Casa, iniciações, filiações e recepção dos visitantes, responder as comissões de outras Casas e nas pompas fúnebres fazer o elogio do irmão falecido.

S 6.º — Ler a lei aos irmãos quando o irmão Venerável lhe ordenar.

S 7.º — Assinar as atas e as peças, autenticar e vefificar o diploma dos vigilantes.

Artigo 38.º — Quando o irmão orador achar que qualquer matéria não se acha suficientemente discutida, proporá seu adiamento venia ao irmão Venerável sendo esta atribuição exercida com toda prudencia, respeito e urbanidade, sob pena de responsabilidade.

Artigo 39. — O irmão orador é o relator de todos os processos que serão formulados dentro de quinze dias e entregues ao Acusador depois de lida perante a Regencia.

Capítulo 8.º

Do Secretário

Artigo 40.º — O irmão secretário é a quinta dignidade da Casa, tem seu assento especial à direita do irmão Venerável e pede venia por si ao mesmo.

Artigo 41.º — Ao mesmo compete:

S 1.º — Ter a seu cargo toda a escrituração da Santa Irmandade.

S 2.º — Requisitar por escrito ao Tesoureiro tudo que for preciso para o bom andamento dos trabalhos e expediente, dando-lhe recibo para sua desobriga.

S 3.º — Escrever, registrar e assinar as atas das sessões e as que vierem de outras Casas com timbre, expedir diplomas e assinar os convites de convocação para as sessões extraordinarias.

S 4.º — Receber a correspondencia dirigida à Casa, abrí-la, lê-la, rubrica-la e dar-lhe o destino que for indicado pelo irmão Venerável.

S 5.º — Organizar o registro das propostas com o nome, idade, qualidade, estado, moradia e os nomes dos proponentes e todo o ocorrido durante a proposta para a entrada na Santa Irmandade afim de poder dar as informações pedidas.

S 6.º — Fazer a matrícula dos irmãos iniciados e dos filiados, de conformidade com o que se acha constituido.

S 7.º — Passar certidões de serviço e de atos na parte que trata de algum irmão a bem de seu direito e certificados dos diplomas quando lhe indicado pelo irmão Venerável.

S 8.º — Perceberá uma gratificação marcada pela Regência.

Capítulo 9.º

Do Tesoureiro

Artigo 42.º — O irmão Tesoureiro tem seu assento junto aos vigilantes, pede venia diretamente ao irmão Venerável por duas palmas.

Artigo 43.º — Ao mesmo compete:

S 1.º — Ter a seu cargo todos os metais e bens moveis do santo Tabernáculo e tratar de asseio e conservação dos mesmos.

S 2.º — Fazer todas as despesas ordinárias e extraordinarias ordenadas pelo irmão Venerável assim como as de beneficencias pedidas pelas comissões arquivando os pedidos nos quais deverá existir o competente recibo.

S 3.º — Receber as joias de iniciações e diplomas imposto da constituição e mais livros pela nota do irmão secretário.

S 4.º — Anunciar todos os meses o produto do cofre de emancipação.

S 5.º — Ter tres livros, o primeiro para a conta corrente com todos os irmãos, o segundo de receita e despesa onde diariamente lance todos os exercicios financeiros e o terceiro para lançamento do que render mensalmente o cofre da emancipação.

S 6.º — Ter livros com talões para toda cobrança.

S 7.º — Contar o apurado da bolsa pedida para algum irmão e dar parte em sessão ao irmão Venerável para deliberar.

S 8.º — Apresentar todos os meses a relação dos irmãos que se acharem devendo qualquer que seja a natureza.

S 9.º — Apresentar todos os meses um balancete do movimento da Tesouraria e no fim do ano o balanço geral com todos os documentos comprobatórios.

S 10.º — Propor à casa as medidas que julgar conveniente para facilitar a arrecadação e melhor distribuição das rendas.

S 11.º — Chamar para seu Fiel o irmão que quizer, cujo ordenado será marcado pela Regencia, tem seu assento em frente ao mesmo.

Artigo 44.º — O Tesoureiro não poderá lançar mão da metade das mensalidades para despesa alguma ficando sob sua responsabilidade até remeter à Direção da Caixa Popular de quem receberá o competente recibo para sua desobriga.

Artigo 45.º — Esta disposição ficará em vigor desde que for aprovada a presente constituição.

Capítulo 10

Dos Defensores

Artigo 46.º — Os irmãos Defensores tomam seus assentos ao lado da coluna Sul do Soberbo Prata, pedem venia por duas palmas ao Venerável e falam de pé.

Artigo 47.º — Serão ocupados na defesa dos irmãos processados sendo um deles escolhido pelo irmão acusado além de sua própria defesa se a quizer fazer.

Artigo 48.º — O irmão Defensor escolhido não se pode furtar a isso, fará a defesa de pé e falará uma só vez.

Capítulo 11

Dos Acusadores

Artigo 49.º — Os irmãos Acusadores tem assento ao lado da coluna Norte do Soberbo Amazonas e pedem venia por duas palmas ao Venerável e falam de pé.

Artigo 50.º — Serão ocupados na acusação das faltas e erros dos irmãos sendo a escolha de um deles por votação da Regência.

Artigo 51.º — O irmão Acusador eleito não poderá pedir dispensa sob pretexto algum, salvo motivo de ausência do lugar ou molestia o impossibilite de ir à casa, fará a acusação de pé e só falará uma vez.

Artigo 52.º — Os irmãos Sindicantes terão assento dois na coluna do Prata e dois na coluna do Amazonas, junto aos defensores e acusadores pedindo venia por duas palmas ao Venerável e falam de pé.

S 1.º — Serão ocupados em bem examinar e indagar das faltas alegadas quer pela voz pública, ou das pranchas que receberem.

S 2.º — Responderão por escrito, conscienciosamente o que colherem de suas pesquisas.

Artigo 53.º — O resultado de suas indagações robustecidas por testemunhas, e documentos a força e fé serão remetidos fechados e assinados ao Irmão Venerável.

Capítulo 12

Dos Andadores

Artigo 54.º — Os Irmãos Andadores tem assento junto aos irmãos Sindicantes de ambas as colunas e pedem venia ao Irmão Venerável por duas palmas e falam de pé.

Artigo 55.º — Serão ocupados em executar futuramente as ordens e decisões do Tabernáculo e comunicá-las aos Irmãos para o fim que se fizer mister.

Capítulo 14

Dos Mestres

Artigos 56.º — Os Irmãos Mestres tomam seu assento junto dos irmãos Andadores de ambas as colunas e pedem venia por duas palmas ao Irmão Venerável e falam de pé.

Artigo 57.º — Aos mesmos compete:

S 1.º — Ensinar aos irmãos de sua coluna os toques e sinais e escrituração para bem poderem gosar e vencerem nos mistérios da Santa Irmandade.

S 2.º — Executar todo trabalho cerimonial do Rito.

S 3.º — Fazer a polícia interna do Tabernáculo.

S 4.º — Admitir em segredos dos irmãos discípulo e companheiro que se afastarem dos preceitos pedindo venia ao Irmão Venerável, depois do que farão a advertência ao ouvido dos mesmos.

S 5.º — Se admoestados por tres vezes, não se contiverem levarão ao conhecimento do irmão primeiro vigilante.

Capítulo 15

Dos Guardas da Cruz

Artigo 58.º — Os dois Irmãos Guardas da Cruz tomam assento um ao lado da coluna do Sul e outro ao Norte, junto dos Irmãos Mestres, pedem venia diretamente ao Venerável por duas palmas e falam de pé.

Artigo 59.º — Serão chamados pelo Irmão Venerável para junto do docel quando se tenha de descerrar o Santo Padroeiro e aí ficarão de pé até o fim do ato.

Capítulo 16

Dos Guardas do Templo

Artigo 60.º — O primeiro guarda tem seu lugar ao lado esquerdo do templo junto do reposteiro, permanecerá em pé, de espada em punho durante o tempo das sessões e transmitirá ao segundo vigilante tudo que de fora do Tabernáculo lhe seja comunicado.

Artigo 60.º — O segundo guarda tem assento junto ao pórtico e será ocupado em observar e comunicar ao primeiro guarda tudo quanto se passar no exterior do Templo e assim também impedir a entrada no Tabernáculo dos irmãos que não estiverem decentemente vestidos e com as insignias que lhes competir.

Artigo 62.º — Estes dois lugares serão ocupados por Irmãos eleitos pela Regência.

Capítulo 17

Do Corpo Regencial

Artigo 63.º — A Regência reunida compete:

S 1.º — Providenciar sobre todos os fins da Santa Irmandade nos termos estabelecidos.

S 2.º — Estabelecer pensões às viúvas, filhos solteiros e filhos menores dos irmãos, depois de reconhecida a indigência dos mesmos por uma comssão de seu seio.

S 3.º — Comunicar ao Supremo Conselho o que ocorrer em seus trabalhos e deliberações.

S 4.º — Marcar cotas e óbulos pedidos para serem cobrados pelo Tesoureiro da Regência.

Artigo 64.º — Os Membros da Regência não poderão exercer funções estranhas àquelas para que foram eleitos.

Capítulo 18

Da Eleição

Artigo 65.º — A eleição procederá o seguinte processo de qualificação no segundo domingo do mês de maio de cada ano.

S 1.º — Escrito os nomes de todos os irmãos em cédulas pelo Secretário, serão as mesmas examinadas pelo orador que as deitará em uma urna para este fim destinada.

S 2.º — Depois de colocadas as cédulas pelo modo prescrito, serão tirados dez votantes por cada cem, sendo pelo Irmão Venerável chamados para proceder a extração tantos irmãos quantos sejam necessários.

S 3.º — Chamado o primeiro irá tirando da urna as cédulas e dando-as ao irmão orador que as lerá afim de que o irmão Secretário vá relacionando os nomes extraídos.

S 4.º — Esgotada a urna e feita a relação dos nomes, o irmão Secretário procederá a leitura da mesma depois do que datará e assinará com o irmão orador e apresentá-la á ao irmão Venerável para rubricar.

S 5.º — Avisados os votantes por prancha do Irmão Secretário, comparecerão no dia designado para procederem a eleição da Regência do ano.

Artigo 66.º — A eleição terá lugar no primeiro domingo do mês de junho e será feita do modo seguinte :

S 1.º — No dia e hora marcados o irmão primeiro vigilante fará a chamada dos irmãos votantes, os quais deverão depositar na urna duas cédulas sendo em uma votados para o cargo de Venerável tres dentre os irmãos que possuam o grau 20 e em outra os demais empregados da Regência exceto o Secretário que será por escolha do Irmão Venerável.

S 2.º — As cédulas serão feitas em papel fornecido pela Casa com o timbre da mesma.

S 3.º — Finda a chamada e feita a contagem das cédulas pelo irmão primeiro vigilante, serão lidas pelo irmão Mestre para isso designado pelo Irmão Venerável e o número de votos que obtiverem os candidatos será tomado pelos irmãos orador e secretário.

S 4.º — Concluída a operação o irmão Secretário lavrará a ata em que se mencionará o número de votos de todos os candidatos e assinarão a mesma os irmãos Secretário, primeiro vigilante, Mestre aprovador e Orador e mais irmãos presentes.

S 5.º — Se algum dos irmãos não aceitar o cargo para que foi eleito o Venerável irá chamando os que obtiveram votos para o lugar, findo os suplentes o Venerável chamará qualquer irmão para funcionar no ano.

S 6.º — Finda a eleição o irmão Secretário remeterá em prancha assinada pelo Irmão Venerável a lista triplice dos irmãos votados para este cargo ao Supremo Conselho do Grande Oriente para fazer a escolha de um deles.

S 7.º — No caso de que dois candidatos reunam votação igual, a sorte decidirá qual deve ser o preferido.

Artigo 67 — O irmão eleito Venerável só poderá ser reeleito depois de findos quatro anos da sua administração.

Artigo 68.º — Só poderá votar e ser votado o irmão que estiver quites com a casa, o que se verificará antes da eleição pela lista dos debitados pelo Tesoureiro apresentada.

Artigo 69.º — A posse da Regência terá lugar no dia 29 de junho, depois da sessão magna.

PARTE SEGUNDA

Capítulo 19

Do Supremo Conselho do Grande Oriente

Artigo 70.º — Será a Maçonaria do Rito Brasileiro sujeita a S.: M.: I.: mui alt.: e Pod.: S.: Gra.: Mest.: Prot.: da Ord.: Bras.: do Supremo Conselho do Oriente dos 23 que trabalhará na Provincia de Pernambuco onde foi propagada e instalada e na mesma casa em que funcionará a Regência.

Artigo 71.º — Ao Supremo Conselho do Oriente compete:

S 1.º — Reunir em conferência um consistorio, um Conselho e um Congresso. A carta Simbólica designará quais os graus que podem assistir os trabalhos nesta ocasião.

S 2.º — Nomear as comissões, deputações e emissários para todos os postos a bem da Santa Irmandade e do Trono Brasileiro.

S 3.º — Marcar as despesas para todo este fim comunicando por prancha a Regência para ordenar o pagamento delas.

S 4.º — Expedir os diplomas que lhe forem pedidos pela Regência e conceder os graus pela mesma solicitados para os irmãos que os tenham adquirido por donativos e serviços relevantes a seus irmãos e a humanidade em geral.

S 5.º — Conceder beneplácito para a instalação e regularização e filiação das Casas e Suspendê-los.

S 6.º — Conceder os graus para todas as casas do Império depois de ter recebidos os metais de importância.

Artigo 72.º — Todos os diplomas levarão o selo e cunho da grande Casa e serão assinados pelo Grande Chefe Propagador, Grande Vice Chefe, Grande Secretário e Grande Tesoureiro e o Orador.

Artigo 73.º — Para o Supremo Conselho do Oriente conceder seu beneplácito deverá a Casa requerer com o número de vinte e tres irmãos pelo menos.

Artigo 74.º — O Supremo Conselho do Oriente trabalhará duas vezes por mês e mais quando assim exigir os interesses da Santa Irmandade e do Brasil.

Artigo 75.º — O dia e hora de sua reunião serão designados pelo Grande Chefe Propagador e para trabalhar basta a maioria de seus membros.

Artigo 76.º — O Supremo Conselho tomará conhecimento das deliberações das regências das Casas afim de aprová-las e fazê-las cumprir.

Artigo 77.º — Seus atos e decissões serão anunciados do modo seguintes:

Para Honra e Glória do Supremo Arquiteto do Universo e do Trono Brasileiro o Supremo Conselho do Grande Oriente do Rito Brasileiro em Pernambuco tem resolvido e manda.....

Artigo 78.º — O Supremo Conselho do Grande Oriente em Pernambuco compete suspender, demitir os Irmãos que caírem em flagrante delito da Administração do cargo.

S 1.º — Deliberar sobre a reforma da Sagrada lei e mais livros adotados para que consultará a todas as casas ouvindo seus pareceres.

Capítulo 20

Dos Funcionários do Supremo Conselho do Oriente

Artigo 79.º — Serão considerados Grandes Chefes Protetores com o grau 23 S.: M.: I.: S.: D.: P.: Imp.: do Bras.: mui alt.: e Pod.: Sen.: Gran.: Mest.: Prot.: da Ord.: Sua Santidade Pontificia e os Principes da Família Imperial e Grande Chefe Propagador com o grau 22 o autor da idéia enquanto viver José Firmo Xavier.

Artigo 80.º — O Grande Chefe Propagador gosará de todas as prerrogativas de sua posição e grau.

Artigo 81.º — O Grande Chefe Propagador só será substituído por sua morte por eleição do Supremo Conselho tomando o que o Substituir o título de Chefe Conservador.

Artigo 82.º — Os Membros do Supremo Conselho serão os 22 que primeiro se reunirão para formar a Santa Irmandade e terão o grau 21.

Artigo 83.º — A falta por falecimento de algum deles ou quando se tenha retirado ou pedido para isso, será preenchida pelo Supremo Conselho reunido, podendo recair a escolha em qualquer irmão.

Artigo 84.º — O Supremo Conselho, além do Grande Chefe terá um Grande Vice Chefe, um Grande Secretário, um Grande Tesoureiro e Orador.

Artigo 85.º — Ao Grande Chefe Propagador compete presidir as sessões do Oriente, velar para que seja cumprida integralmente a presente lei e os juramentos que serão os mesmos adotados.

Artigo 86.º — Ao Grande Vice Chefe compete substituí-lo em seu impedimento.

Artigo 87.º — Ao Grande Secretário, que será de nomeação do Grande Chefe compete: Ter a seu cargo o arquivo do Conselho, fazer toda a correspondencia e mais trabalhos da secretaria do que é o Chefe e perceberá um ordenado marcado pelo Grande Conselho.

Artigo 88.º — Ao Grande Tesoureiro compete ter sob sua guarda a caixa popular com os demais Diretores da mesma.

Capítulo 21

Dos Graus

Artigo 89.º — Os Membros da Regência provisoria e das comissões paroquiais que prestaram bons serviços terão o grau 20 concedido pelo Oriente.

Artigo 90.º — Os demais graus serão organizados por uma tabela anexa a um regulamento que explicará como devem eles serem concedidos e quanto pagarão os irmãos pela colocação dos mesmos.

Capítulo 22

Da Caixa Popular

Artigo 91.º — O Supremo Conselho criará a Caixa Popular de cuja direção ficarão incumbidos os Grandes Membros do Conselho fazendo entre si a eleição dos que devem figurar nas transações.

Artigo 92.º — O seu fundo monetário constará das joias, metade das mensalidades, joias de iniciações, joia da colação do grau e donativos.

Artigos 93.º — Seu fim é criar o amparo ou fonte em que os irmãos possam achar alívio em suas precisões e arrematar para os irmãos as impresas públicas e particulares.

Artigo 94.º — Terá a lista dos irmãos divididos por suas profissões para poder o Grande Chefe determinar a arrematação e poder contar com segurança.

Artigo 95.º — Será o arrematante aquele irmão cujo nome sair por sorte da urna em que deverão estar todos os nomes dos irmãos.

Artigo 96.º — Os diretores eleitos pelo Supremo Conselho para administrarem a Caixa Popular perceberão um ordenado que lhe será arbitrado pelo mesmo depois de quatro anos ou antes se requerer e o Supremo Conselho julgar atendível a pretensão em vista dos lucros.

Artigo 97.º — Durante os quatro anos de que fala o artigo antecedente, todas as despesas dos livros, papel, cofre e moveis serão feitas por quotas entre todos os irmãos recebidas pelo Tesoureiro da Regência.

Artigo 98.º — O Cofre terá tres chaves que deverão ser confiadas ao Tesoureiro do Supremo Conselho e aos dois diretores da Caixa popular.

Artigo 99.º — Depois de criada a caixa popular e decorrido um quatrienio serão os lucros separados do capital, sendo os lucros empregados na edificação de predios, tantos quantos fôr possível.

Artigo 100.º — Estes predios serão deitados em uma urna com tantas cédulas quantas sejam necessárias para perfazer o número total dos irmãos e em outra urna a totalidade dos irmãos que estiverem quites com a Casa nas condições de entrar na extração.

Artigo 101.º — A extração terá lugar durante o mês de junho e a entrega do predio àquele que a sorte tiver favorecido será no dia 19 do mesmo, aniversário do Padroeiro.

Artigo 102.º — Os predios serão entregues por escritura pública assinada pelo Grande Chefe Propagador, Chefe da Regência, Grande Vice Chefe do Supremo Conselho, Orador, Secretário e Tesoureiro de ambos os Tribunais.

Artigo 103.º — A escritura será passada para não poder vender hipotecar e alienar por motivo algum, perdendo todo direito logo que colhido em flagrante.

Artigo 104.º — O irmão que tocar a sorte será obrigado a entregar à caixa popular mensalmente e durante um ano o aluguer do predio.

Artigo 105.º — Só tem direito à sorte o irmão que no ato da extração se achar em dia com a casa.

Artigo 106.º — Não tem direito à sorte pela segunda vez o irmão que a tiver obtido, senão depois de esgotada a mesma por todos os irmãos.

Artigo 107.º — Por falecimento do irmão possuidor do predio passará o mesmo a sua viuva, por morte desta aos filhos e quando estes não existam, aos pais de seu marido e aos seus na falta daqueles depois do que voltará o predio à Santa Irmandade.

Artigo 108.º — Perde o direito sobre o predio a irmã que se casar, salvo se for com algum membro da Santa Irmandade.

Artigo 109.º — Se o casamento se der com pessoa estranha, passará aos filhos do primeiro matrimonio se não os tiver aos pais do primeiro marido e se não existirem, voltará à Santa Irmandade.

Artigo 110.º — A Caixa popular terá seu regulamento dado pelo Conselho no qual serão estabelecidos os meios práticos de realizar transação e obrigação dos empregados.

Capítulo 23

Das Casas em Geral

Artigo 111.º — As Casas tomarão o título que quizerem mas não poderão substituí-los.

Artigo 112.º — Todas seguirão o mesmo rito, forma de decoração.

Artigo 113.º — Quando por ventura se abatam as colunas d'alguma casa não se instalará outra com o mesmo título.

Artigo 114 — Em todas as provincias a casa que primeiro se regularizar terá seu conselho dos vinte e tres que primeiro se reunirem, a cuja direcção fica a caixa popular sob o regulamento adotado pelo Grande Oriente.

Artigo 115.º — Todas as demais casas da provincia serão obrigadas a remeter metade das mensalidades para a caixa popular do mesmo.

Capítulo 24

Do Aniversário

Artigo 116.º — O aniversário terá lugar no dia 29 de junho na sessão magna que será aberta pelo Grande Chefe Propagador, quando se achar presente depois do toque de malhete do primeiro vigilante. Anunciará o mesmo Dever, Honra e Gloria do Supremo Arquitecto do Universo, está à testa a sessão magna de Aniversário da Mui Nobre e Augusta Casa Brasileira, representado em seu Grande Oriente e mais irmãos.

Artigo 117.º — Abertos assim os trabalhos pedirá venia o Venerável e lerá o relatório dos trabalhos do ano findo, depois de que entregará as cartas dos libertos pelo respectivo Cofre de emancipação.

Artigo 118.º — O Orador terá a venia para fazer o discurso análogo, depois de que seguir-se à pelos irmãos Mestres a posse dos novos eleitos.

Artigo 119.º — Será pelo Irmão primeiro vigilante convidado a tomar a palavra o irmão que se houver inscrito.

Artigo 120.º — A presente constituição só será reformada decorridos quattros annos.

FIM”

Observando-se essa Constituição verifica-se que a Maçonaria do Rito Brasileiro, embora com seus pontos negativos, tinha dispositivos altamente objectivos. Firms Xavier talvez não haja comprehendido o extraordinário e sábio espirito da Maçonaria quando discriminou, dizendo no artigo 3.º que a Maçonaria estava aberta, “sem distincção de classe a todos os brasileiros natos”. Alvaro Palmeira julga que o “Rito não prosperou, por conter preceitos de irregularidade, como a só admissão de brasileiros natos”.

Mas o artigo 4.º, entre outros fins, manda “contribuir para a extinção do elemento servil”. O artigo 14 determina “deitar” em um cofre especial o óbolo que quizerem a bem da emancipação

dos escravos". A escravidão, essa mancha ignominiosa da História do Brasil, sensibilizou sobretudo o Ir.: Firmo Xavier. Seu interesse no sentido de libertar quantos escravos fosse possível, foi gesto positivo e sobretudo humano. Só isto bastava para o engrandecimento da Maçonaria do Rito Brasileiro. No item 4 do artigo 43, manda "anunciar todos os meses o produto do cofre da emancipação". No item 5 ordena que se tenha um livro "para lançamento do que render mensalmente o cofre da emancipação". E ele dispensava tanto carinho e atenção a alforria que ela se realizava com festas e no meio da maior alegria dos irmãos.

O aniversário do Rito era a 29 de junho, dia de S. Pedro. Na sessão magna com que se festejava a grande data, havia a entrega solene das "cartas dos libertos pelo respectivo Cofre de emancipação".

O Rito tinha um santo padroeiro que era guardado até o final das sessões pelos Guardas da Cruz, que ficavam de pé junto ao docel.

A base do Rito era a Maçonaria Simbólica com seus tres Graus Simbólicos. Sobre essa base ergue-se a hierarquia de 20 Altos Graus. As Lojas de hoje eram chamadas Casas e tomavam o nome que quizessem, mas não podiam substituí-lo, sobre pretexto algum, lá afirma o artigo 111. Quando uma Casa abater colunas, é proibido se instalar outra com o mesmo nome.

Coisa estranha se observa ao Supremo Conselho e não sabemos explicar porque. Todos levam o título de Grande, menos o Orador.

A Caixa, entre outras finalidades, cogitava em comprar casa para os irmãos. Era um cuidado digno de todos os aplausos. A entrega do predio ao bafejado pela sorte se dava em 19 de junho, aniversário do Padroeiro

Quem seria ele?

Esta Constituição não tem o Cap. 13. Por que?

O artigo 90 diz que os graus serão organizados por uma tabela anexa a um regulamento que explicará como devem ser eles concedidos e quanto pagarão os irmãos pela colocação dos mesmos. Infelizmente essa tabela e esse regulamento se perderam ficando nossa curiosidade insatisfeita. Sem o regulamento, sem os rituais não saberemos nunca como funcionavam as Casas.

O Ir.: Mario Behring citou ainda em seu artigo (31) o codice: "Caderneta Nominal dos Sócios da Nob.: e Aug.: Caz.: Maç.: do Esp.: Rit.: Bras.: Corp.: Liv.: e Pop.: propagada e instalada em Pernambuco". Trata-se da relação de 838 nomes de irmãos do Rito. Havia muitos negociantes, empregados no commercio, funcionários públicos de categoria inferior, marítimos, raros militares de linha ou policia, professores primários, um professor de latim, um padre, quatro advogados, dois académicos. A maioria deles era composta de artistas. Observou ele que, após o nome de muitos, havia a palavra — republicano.

"Que vida teria essa sociedade que entre tantos fins esdrúxulos, um bastava para engrandecê-la, a idéia abolicionista?" perguntou ele. Ninguém sabe.

Acrescentou o autor que tal lista foi enviada a D. Pedro II acompanhando a Constituição, para que ele naturalmente soubesse quais seus defensores em Pernambuco. Não cremos fosse essa a intenção de José Firmo Xavier sabendo-se que, nessa extensa relação havia vários republicanos que, certamente, não seriam as pessoas indicadas para a defesa do imperador nem do trono.

Mais depressa acreditamos na hipótese do irmão Alvaro Palmeira, Grande Instrutor do moderno Rito Brasileiro. Disse-nos ele que "era evidente que Firmo Xavier queria fechar as feridas deixadas, sobretudo em Pernambuco, pela "Questão religiosa". Queria, isto sim, que S.M. soubesse de seu trabalho de apaziguamento da família brasileira exatamente em sua provincia, centro da explosão e tornar cordiais as relações entre o Império e a Santa Sé.

Esse episódio foi dos mais tristes e lamentáveis ocorridos no Segundo Império. Não faz sentido, considerando-se a grandeza intelectual dos personagens.

Embora houvesse liberdade de culto, o Catolicismo era a religião do Estado. E como esse fato dificultava de certo modo o progresso do país, aos poucos, com leis ordinárias foi se afastando da Igreja determinadas prerrogativas. E criou-se o registro civil obrigatorio, foi criado o casamento civil, as câmaras municipais puderam construir seus cemitérios para todos os cultos, sem qualquer dependência da autoridade eclesiástica. Até essa data, 1850, os sepultamentos se davam nas igrejas. Ali não entrava quem tinha a sepultura "negada pelos cânones". Enquanto isso, o grande Saldanha Marinho lutava no parlamento pela separação da Igreja

do Estado. Depois de grande luta, em janeiro de 1900 a Igreja foi desligada do Estado, já no Governo Provisório.

O clero, vendo nessas reformas ação da Maçonaria, não teve dúvidas em reviver o velho odio contra a Arte Real. E os bispos abriram uma luta cheia de rancor, violenta contra uma Instituição que só sonhava viver em paz com todos. Parecia o renascer da Inquisição, de má memória. Era o choque dos direitos que o poder espiritual dizia ter, contra os legítimos direitos da autoridade secular. Em determinados casos, desde 1854, decisões dos padres estavam sujeitas à revisão de tribunais ou magistrados civis, o que os padres entendiam ser uma humilhação.

Quando em 1872 o Gr.: Ori.: do Brasil realizou festa solene em homenagem à Lei do Ventre Livre, onde o padre maçom José Luis de Almeida Martins fez entusiástico discurso elogiando o visconde de Rio Branco, primeiro-ministro e Grão-Mestre, por ter tido a ventura de ver assinada na “sessão das flores” — assim chamada porque o povo encheu de flores o recinto — sua Lei do Ventre Livre, a clerezia não gostou.

Tudo piorou quando, no dia seguinte, o jornal “Comércio” publicou o discurso, o nome do autor e seu grau na Ordem. O bispo do Rio, d. Pedro Maria de Lacerda mandou chamar o transviado e exortou-o a abjurar o erro. Ele recusou. O bispo suspendeu-o de ordem. A Maçonaria se julgou ferida em seus melindres D. Lacerda, ao saber que o Grande Oriente mandaria rezar outra missa, proibiu-a. A missa foi rezada e o padre oficiante não foi suspenso. O prelado preferiu transigir a comprometer a Igreja. Jornais foram fundados para a defesa de ambas as partes. Em maio desse ano, desembarcou em Pernambuco o bispo frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira sagrado em S. Paulo, bispo de Olinda. O povo lhe fez festas mas os jornais maçônicos o receberam com reservas.

Uma Loja do Recife, logo depois, anunciou que seu aniversário seria comemorado com uma missa. Era um ato normal, quando se sabia da quantidade de padres maçons que havia naquela capital. D. Vital proibiu que o clero funcionasse em cerimônias maçônicas. E a missa não foi rezada. Os jornais partidários da Maçonaria atacaram o bispo e o clero.

Entretanto, a Arte Real, vítima gratuita da Igreja, nada tem contra qualquer religião. O prelado e os padres sabiam disso. E para provar essa verdade, os jornais publicaram inúmeros nomes de sacerdotes filiados à Ordem e pessoas ilustres que pertenciam

às Irmandades religiosas e eram maçons. De posse dessa lista, d. Vital começou sua campanha violenta para afastar os clérigos da Maçonaria e expulsar os maçons das Irmandades.

Frei Vital, horrendamente intolerante resolveu, sozinho, destruir a imortal Maçonaria presidida pelo visconde do Rio Branco, esquecido de que esse mesmo ministério, em 1871, quando a princesa regia o Império e seu parente João Alfredo, era ministro da Justiça, o impoz por bispo, com 25 anos de idade. Quiz com raiva acabar com um regime que o Vaticano antes tolerava e dar cumprimento à bula do Papa Clemente XII, que proscivera os maçons da Igreja. Insubordinou-se contra o Império que o nomeara e o acolhera e investiu contra uma regalia que a Santa Sé jamais negara ao Imperador do Brasil. As Irmandades se recusaram a expulsar seus irmãos maçons. Foram interditadas ou, seja, foram proibidas de assistirem missa como sociedades religiosas. E a disputa seguia cada vez mais ferrenha. D. Pedro II entrou na contenda e o bispo foi desrespeitoso para com S. Magestade. Nesse ínterim, em Pernambuco houve desordens, assaltos, empastelamento de jornais, mortes, destruição de capelas, violência de toda ordem. O ministro do Império mandou que d. Vital levantasse a suspensão das Confrarias e o interdito das capelas, declarando-lhe que "a maçonaria era uma sociedade beneficente permitida pelo Estado". Negou-se a fazê-lo e publicou um breve em que o Papa o estimulava e a todos os bispos do Brasil a "procederem com a severidade das leis canônicas, contra essas irmandades que tão torpemente viciaram sua índole". (32)

Para não se ver desautorado, o governo mandou que o procurador da Coroa promovesse a acusação do bispo d. Vital pelo crime de desobediência. Nessa altura ele já interditara todas as Irmandades e todas as igrejas.

D. Pedro II fez seguir para Roma o barão de Penedo como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial junto a Santa Sé. Em resposta ao "memorandum" de 29 de outubro de 1873, onde historiava os acontecimentos, o barão recebeu uma nota do cardeal Antonelli afirmando que S. Santidade o Papa "estava disposto a empregar os meios que em sua alta sabedoria e paternal benevolência julgasse apropriados para pôr termo ao deplorável conflito". D. Vital recebeu do cardeal secretário uma carta officio dizendo do pesar que os acontecimentos causavam a Sua Santidade.

Contam que o barão de Penedo só conquistou essa vitória por que dera outra versão aos fatos. Quando a verdade dos bispos

chegou ao Papa, os prelados de Pernambuco e do Pará receberam vários atos e cartas pontifícios em que o Papa dizia, segundo o padre Julio Maria, "solenemente que os bispos cumpriram de modo louvável o seu dever, e que não se devia acreditar ter ele reprovado o empenho dos pastores em exterminar a seita maçônica e reformar as irmandades".

Dos doze prelados que havia no Império, só dois se arvoraram em destruidores da Maçonaria muitas vezes centenária.

João Alfredo, vendo que seu parente bispo levava o caso para a pior das situações, resolveu interferir com sua autoridade de familiar e de um dos responsáveis por sua elevação à prelazia. Intransigente, respondeu: "Ceder e não ir avante é impossível. Lavre o meu decreto de prisão ou de ostracismo, porque o apoio prestado à maçonaria pelo Governo Impérial, não me fazendo de modo algum ceder, dará infalivelmente ocasião a conflitos lamentáveis", anotou Heitor Lira.

Diante do estado de beligerância criado por d. Vital e vendo que todas as tentativas de conciliação foram inúteis o Governo fez uma consulta ao Conselho de Estado.

E foi declarado que a autoridade espiritual tem limite. Não pode ir além do culto religioso. Foi sugerido que o Governo Impérial mandasse o bispo suspender sua ação até a decisão do conflito.

O bispo, ensina Basilio de Magalhães, é um empregado público, segundo o Ato Adicional. É nomeado pelo governo, deve ser brasileiro, é dotado pelo Estado com côngruas e mais emolumentos e é do interesse do Estado, porque a religião a que o cargo se refere é a religião oficial do Estado, de acordo com o Art. 5.º da Constituição do Império.

Inconformada com os atos do bispo intolerante, a Irmandade do S. Sacramento da Matriz de Santo Antonio do Recife interpôs recurso contra ele. Tudo se complicou quando D. Pedro II, ofendido com tanta arrogância e tanta desobediência, enviou o recurso ao Conselho de Estado, sob a presidência de S. M. Ficou resolvido que as Bulas do Papa só teriam validade no Brasil, depois de receber o beneplácito do imperador. As Bulas que excomungaram os maçons não foram submetidas a D. Pedro II. Os bispos estavam fora da lei porque, "negando legitimidade do beneplácito imperial, declaravam-se contra as leis do Estado, devendo esse procedimento ser desaprovado para não criar precedente perigoso". (33)

Com a decisão do Conselho, o Governo mandou que os bispos, seus funcionários, levantassem os interditos contra as igrejas e Irmandades. Os bispos se recusaram a obedecer. Tal rebeldia de d. Vital e de d. Macedo irritaram o magnânimo D. Pedro II, que passou a ver o caso como uma afronta a sua pessoa e à magestade do Império.

Como se vê na questão Igreja-Maçonaria, foi o imperador que fez do caso questão pessoal e não o visconde do Rio Branco, chefe do Gabinete e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil.

D. Vital foi até à perseguição pessoal. Quando, com seus atos, pretendia provar que a Maçonaria perseguia a Igreja, foi tão infeliz que o Brasil inteiro viu com olhos vistos que era a Igreja que atormentava a Maçonaria e ele próprio perseguia a Igreja.

Não conseguiu que as Irmandades expulsassem os católicos maçons seus filiados. Sua ira chegou ao auge, pois fechou 70 Irmandades, capelas e igrejas e procissões. No dia 20 de dezembro de 1873, foi expedido o mandato de prisão contra d. Vital, bispo de Olinda. D. Antonio de Macedo Costa, tomando as dores de seu colega pernambucano, imitava-o em tudo, no Pará. Ambos desobedeciam o Art. 96, do Código Penal. D. Macedo também foi preso a 28 de abril de 1874, devido às autoridades do Império. Veiu preso para o presídio da ilha das Cobras e condenado a 4 anos com trabalhos forçados. A 23 de julho o imperador comutou a pena para 4 anos de prisão simples. No dia 2 de janeiro de 1874, d. Vital foi preso e conduzido para o Rio e levado para o Arsenal de Marinha, acompanhado de seu secretário. Condenaram-no a 4 anos de prisão com trabalhos forçados. Antes de decorrido um mês, o imperador comutou em 4 anos de prisão simples na fortaleza de S. João.

Foi uma prisão alegre pois ele ia onde queria, conversava com quem entendia, tomava banhos de mar diariamente com seu secretário e, embora com seus direitos políticos suspensos, ele e d. Macedo continuavam a exercer suas funções oficiais e “a senhorear os bispados em pleno gozo da autoridade prelatíca”... afirmou Ruy Barbosa.

Pio IX escreveu uma carta ao imperador pedindo que libertasse os bispos rebeldes. O suave D. Pedro II comunicou ao Gabinete o desejo do Papa e declarou firmemente:

—“O poder moderador não transige!” (34)

O imperador transformou a contenda em caso pessoal. Nunca perdoou os bispos, mesmo depois da anistia. D. Vital perturbou a infinita paz existente entre a Maçonaria e a Igreja.

A 25 de junho de 1875 foi empossado como presidente do Gabinete o Duque de Caxias. Era maçom e, dentro em pouco subiria ao Grão-mestrado da Ordem. Foi exatamente esse maçom católico praticante quem deu a anistia aos bispos impertinentes e desorientados. A 17 de setembro desse ano foi decretada, a contragosto do imperador, a anistia pelo decreto de n.º 5993. Luis Alves de Lima e Silva, com esse gesto magnânimo, foi mais católico do que os bispos. Porque na Maçonaria ha tolerância, solidariedade humana, fraternidade.

Sem dúvida o Ir.: Alvaro Palmeira supõe assim, porque Pernambuco foi palco dessa contenda despropositada. Recife e outras cidades tumultuaram-se pela teimosia de d. Vital, muita gente morreu, a família ficou fracionada, a amizade que havia entre a Santa Sé e o Império se estremeceu. Era bem provavel que Firmo Xavier, sonhando ardentemente ver essa amizade restabelecida, a paz reinando no Brasil, colocou seu Rito sob a proteção de d. Pedro II, da Família Impérial e do Papa. Também é uma hipótese verossímil.

Apesar de tudo, pelo que se sabe, a boa intenção de José Firmo Xavier criando a Maçonaria do Especial Rito Brasileiro não alcançou seus elevados designios e abateu colunas talvez antes do tempo, destruindo suas risonhas esperanças.

RITO BRASILEIRO DE LAURO SODRÉ

As razões porque o general Lauro Sodré e Silva se dispôs a criar o Rito Brasileiro, não se sabe. Teria lido o apelo que Um Cav.: Rosa Cruz fazia lá de Lisboa aos "Or.: Lus.: e Brasil.: no sentido da criação de um Rito "novo e independente" "que, tendo por base os 3 Gr.: Simb.:"...?

Ele deveria saber dessa solicitação porque a "Biblioteca Maçônica ou Instrução Completa do Franco-Maçon" é "uma obra clássica, completa, em 3 volumes e 6 tomos, citada como consulta por todos quantos se ocupam de Maçonaria". (35) Era de seu conhecimento, sem dúvida, porque um de seus colaboradores nessa obra, Mario Benhring, já em 1907, escrevia um artigo em que citava e comentava a criação do negociante José Firmo Xavier, "A Maçonaria do Especial Rito Brasileiro". (36)

Sabedor ou não do que ocorria na Maçonaria de Pernambuco, o fato é que o Ir.: Jacy Sebastião do Rego Barros — que era excelente poeta — fez ao professor Alvaro Palmeira revelação histórica. Em carta que lhe dirigiu, conta que, em 1914, "na residência de seu pai, o General José Joaquim do Rego Barros, no Quartel da Antiga Artilharia da Costa (onde é hoje a Escola Superior de Guerra), da qual o General Rego Barros era o Comandante, houve várias reuniões de maçons para a fundação do Rito Brasileiro".

Tratando-se de documento valioso, vamos publicá-la com anuência compreensiva do professor Palmeira.

Como no dizer de Jacy, a carta foi "por mim batida e assinada — a tato," com "insuficiência visual absoluta", tomamos a liberdade de reparar pequeninos enganos, próprios de quem, doente, por amizade entusiasta, dispõe-se a bater uma mensagem tão afetiva e congratulatória. Eis o documento:

"Rio, Vale da Guanabara, aos 27 de maio de 1968 — Éra cristã.

Poderoso Irmão

Dr. Alvaro Palmeira.

Muito Presado Amigo.

Assunto — Congratulações pelo Surgimento do Rito Maçônico Brasileiro.

Redige e assina esta Carta um Modesto "Cavaleiro Rosa-Cruz" (Jacy Sebastião Do Rego Barros) hoje afastado definitivamente da Lavratura da Pedra Bruta, "Entre Colunas" por motivo de invalidez, tendo a insuficiência visual absoluta no acerbo acervo, nada mais podendo fazer senão tomar conhecimento à distância de quantos zelam pela Vivência da ACACIA por quantos ainda me honram "Reconhecendo-me como um Modesto Irmão".

Presado Irmão Palmeira 33., o Modesto R. Barros 18.: aproveita a oportunidade para lhe afirmar que, um instante sequer, em minha vida, agora atribulada ao máximo, deixei de caminhar na linha reta da Moral e da Razão, girando sobre um Divino Ponto Magnético — Deus. Por outro lado, nesses dias de prevalência de Mecanicismo filosófico projetado sobre as estruturas estatais subordinadas ao título de Avançadas apenas por terem outras estruturas econômicas e proscreverem Deus, eu me sustenho onde sempre estive, "entre Colunas" ou no Grande Mundo, fiel a um Deus Pai, que é a forma humana e compreensível de Grande Arquiteto que modela as Galáxias.

A redação desta Página, por mim batida e assinada, — a tato, já se compreende, é como uma porção fresca de alegria adejando sobre este modesto Companheiro para quem as alegrias do Mundo se diluíram no espaço frio das decepções terrestres. Batendo esta Página lembro-me de quanto, à própria Ordem prestei serviços modestos porém sinceros no Brasil e fóra dele.

Coisas do passado porque, em fugindo a memória, foi-se também com ela a pequena cultura que possuía firmada em bases não fugidias nem oscilantes em face de quaisquer balanços hoje tipo-Leste-Oeste.

A Congratulação.

Como um retalho de pluma leve que visita os tristes, tomei conhecimento da Instalação do Rito Maçônico Brasileiro, estruturado sob sua sábia e experimentada Orientação.

Irmão Palmeira 33.: confio tanto em sua Obra no Momento Grave e Incerto que o Mundo atravessa, que aqui estou, não para aplaudí-la apenas, e sim para trazer o meu apoio irrestrito.

Alegra-me ainda mais porque, foi na residência de meu Pai General José Joaquim Do Rego Barros que o ideal tomou corpo trazido pelo General Lauro Sodré, o Criador da Idéia. Lá em Casa foi o Berço e o Acalanto, em harmonia aos Modos de Bach, teve ainda a contribuição de outros Companheiros, assim o General Lauro Severiano Muller, Dr. Nilo Procópio Peçanha, Dr. José Mariano Carneiro da Cunha (o Senior) e outros cujos nomes já se desmaiam no Pannel do meu recordar. Isso é História Não Escrita mas, da qual DOU Fé.

O SENHOR Abençoe e Guarde o meu Poderoso Irmão e a toda a Ordem faça resplender sua Glória e sua Benção.

Por Tres vezes aperta-lhe a mão

(ass.) "Jacy Rego Barros" (37)

Além dos nomes citados pelo Ir.: Jacy, contam também como fundadores do Rito Brasileiro os Iir.: "cujos nomes já se desmaiam no Pannel" do seu "recordar". São os Iir.: "Amaro Albuquerque, A.O. de Lima Rodrigues, Coelho Lisboa, Eugênio Lapa Pinto, Evaristo de Moraes, Firmo Braga, Floresta de Miranda, Horta Barbosa, Joaquim Xavier Guimarães Natal, Leôncio Correia, Loureiro de Andrade, Mario Behring, Monteiro de Souza, Otacílio Camará, Otavio Kelly, Ticiano Corregio Daemon, Tomaz Cavalcanti, Veríssimo José da Costa e Virgílio Antonino que estiveram presentes ás sessões do Grande Oriente do Brasil quando foi tratada a fundação do Rito, em 1914." (38)

Por que também o título de Rito Brasileiro? Mera coincidência ou vontade de fazer ressurgir sob nova forma, melhor arquitetado, mais sabiamente estruturado, mais de acôrdo com os cânones da Maçonaria Universal?

As personalidades que se reuniam em casa do comandante de Artilharia de Posição — que depois passou a chamar-se Artilharia de Costa — na Fortaleza de S. João, eram destacadas figuras da intelectualidade, da sociedade, da política. José Mariano, pai, era Deputado Federal, jornalista e chefe do Partido Liberal de Pernambuco. Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores do Governo Wenceslau Braz, também maçom. Nilo Peçanha, ex-Presidente da República, foi o Ir.: que, a 21 de julho de 1917, empossou-

se no cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil e se viu reeleito em 1919, a 20 de maio. A 24 de setembro desse ano, renunciou o cargo para dar início à sua campanha para a presidência da República.

Lauro Sodré “não era propriamente um “expert” em Maçonari”, na expressão do professor Alvaro Palmeira, mas era dono de grande cultura.

Em homenagem a Lauro Sodré, Grão-Mestre Honorário e Grande Benemérito da Ordem, pela vida longa, límpida e invejável que viveu e ao dr. Alvaro Palmeira, Grão-Mestre Honorário e Grande Instrutor do Rito Brasileiro, por sua portentosa cultura maçônica e pelo brilhante estudo que fez, inserimos aqui seu trabalho, por ser impossível fazê-lo com mais propriedade, justeza e veracidade.

O Grande Oriente do Brasil rejubila-se e honra-se com a data de hoje, que assinala o centenário de nascimento de um de seus maiores Grão-Mestres, aquele que em vida se chamou Lauro Sodré e Silva ou, melhor, Lauro Sodré.

Foi o inclito Brasileiro, cronologicamente o nosso 16.º Conduutor, sucedendo a Quintino Bocaiuva. Iniciara-se, em 1.º de agosto de 1888 na Loja “Harmonia”, na então Província do Pará. A Loja “Cosmopolita”, no mesmo Oriente, integrada no Rito Escocês, o recebeu, mais tarde, como seu filiando-livre. No Rio de Janeiro, Poder Central, foi distinguido com o título de Benemérito pelas Lojas “Dezoito de Julho”, “Luiz de Camões” e “União Escoceza”.

Lauro Sodré assumiu o Supremo Malhete da Maçonaria em 21 de junho de 1904. Foi sucessivamente reeleito em 1907, 1910, 1913 e 1916, apesar de seus apelos, para que lhe dessem sucessor. Devia terminar o triênio em 1919 mas, eleito Governador do Pará em 1917, empossado em 1.º de fevereiro, solicitou exoneração do Grão-Mestrado a s de março desse ano e teve de torná-la irrevogável, para vencer as exortações em contrário, que de toda a parte lhe faziam.

Aceita, por fim, a renúncia, o Decreto n.º 551, de 16 abril de 1917 outorga-lhe o título de Grão-Mestre Honorário e o Decreto n.º 552, da mesma data, concede-lhe a distinção de Grande Benemérito da Ordem Maçônica no Brasil.

O Almirante Veríssimo José da Costa assume como interino o Grão-Mestrado, para entregá-lo em 21 de julho desse mesmo ano a Nilo Peçanha, eleito pelo Povo Maçônico para completar o triênio.

Lauro Sodré empunhou o Supremo Malhete durante quase 13 anos.

Jamais, na sequicentenária história do Grande Oriente do Brasil ninguém deteve, como Lauro Sodré, o apoio e a veneração de seus Irmãos.

É que, ao assumir o Supremo Malhete em 1904, êle já possuía um nome aureolado de grande brasileiro. A Ordem Maçônica sabia-o um militar de carreira, com o curso superior de guerra, doutor em ciências físicas e matemáticas, com distinção em tôdas as matérias; — sabia que êle fôra exemplar na campanha abolicionista e na propaganda republicana; que fôra discípulo dileto de Benjamin Constant e seu secretário como Ministro da Guerra após a proclamação da República; e que fôra Governador do Pará, pela primeira vez, aos 33 anos incompletos, em 1891.

Os maçons conheciam mais a sua atitude heróica e desasombrada, frente a Deodoro, por ocasião do golpe de Estado de 3 de novembro dêsse ano. Deodoro dissolvera o Congresso Nacional e implantara a ditadura, no que foi apoiado por todos os Governadores dos Estados, mesmo Júlio de Castilhos. Sômente Lauro Sodré, acrisolado defensor dos ideais de liberdade, repudiou frontalmente a violência e se preparou para reagir. Deodoro envia o general Mallet para depô-lo. Lauro Sodré comunica-se com a juventude militar, galvaniza a elite civil do país inteiro e desafia Deodoro: "Daqui só sairei envolto nos farrapos da Bandeira republicana". A consciência nacional se agiganta e o ditador, impotente, é forçado a renunciar.

Nossa Ordem sabia ainda que Floriano Peixoto nutria o melhor conceito sôbre o impoluto republicano. Indagaram, certa vez, do Marechal de Ferro quem seria o seu sucessor: "Não tenho, nem terei candidato, mas se o tivesse seria o major Lauro Sodré".

Nossa Ordem conhecia, por fim a atuação retilínia de Lauro Sodré, quando Senador pelo Pará, de 1897 a 1902. E era bem recente na memória dos Maçons o gesto cívico do Distrito Federal em 1903, nma campanha relâmpago de 7 dias, elegendo-o Senador Carioca, porque o Govêrno Federal de então tudo articulara para derrotá-lo em seu Estado natal.

A ordem Maçônica, nesse ano de 1904, sabia tudo isso o sagrou seu Guia e Condutor na eleição para Grão-Mestre e repetiu o gesto em quatro pleitos sucessivos, tendo-o consigo, nessa eminência, durante quase 13 anos.

Quero dar-vos uma mostra do conceito com que foi recebido Lauro Sodré na Maçonaria, como Grão-Mestre. Dí-lo o insigne Dario Veloso, escritor de raro mérito e um dos grandes Obreiros daquela época. Foi por ocasião do Congresso Maçônico, instalado em 30 de abril de 1904, sob a presidência do General Quintino Bocaiuva. Lauro Sodré era um dos partícipes do certame e tinha sido eleito Grão-Mestre, mas ainda não se empossara. Assim se pronunciou aquela grande e nobre voz da terra paranaense: "A saudações que, com tanto brilhantismo, acaba de erguer o nosso ilustre Ir.: Gr.: Secr.: do Gr.: Or.: de São Paulo (era o Ir.: Neves Junior), pondo em nítido relêvo a personalidade impoluta do Dr. Lauro Sodré, Sob.: Grão-Mestre recentemente eleito, leva-nos a conceituar desde já o nosso pensamento, reunindo às palavras do ilustre Gr.: Sec.: do Gr.: Or.: de São Paulo a expressão sincera de nossos sentimentos para com aquela que é — mais que uma esperança para a nossa Ordem — a garantia de sua vitalidade, a garantia de sua missão nestes tempos de dúvidas e hesitações, garantia de ordem e de progresso! Sim, senhores! Sabemos todos quão impecável é a linha daquele caráter, quão lúcida a luz daquela inteligência, quão nobre a conduta daquela alma, quão rija a fibra daquela vontade, quão digna a atitude cívica daquele cidadão!

Foi para saudá-lo também, que pedi a palavra; para saudá-lo em nome dos Ir.: do meu Estado e, ainda, em nome da mocidade republicana, que tem em Lauro Sodré um fulcro das instituições vigentes e desejaria vê-lo à frente dos destinos da Pátria Brasileira!

Então, a lei seria prestigiada, à sombra da liberdade de consciência não medraria o sofisma e a República seria mais forte porque seria dignificada.

Não me posso omitir, senhores! Calar o pensamento dos DDeleg.: Paranaenses que vêem em Lauro Sodré uma vontade consciente ao serviço da Pátria, seria faltar ao cumprimento de um dever, seria olvidar a luta que, há cerca de dez anos se perpetua naquele Estado, em prol da Instituição Maçônica e em prol da liberdade de consciência contra o sofisma e contra o êrro dos sectários do obscurantismo!

Aqui vimos, na certeza de receber uma palavra de ordem, a bem da Instituição, da Pátria e da Humanidade!

Aqui vimos dizer ao Sob.: Grão-Mestre, que logo presidirá os destinos da Maçonaria na Pátria Brasileira:

— Mestre, orientai-nos e vos seguiremos; indicai-nos o pôsto e defendê-lo-emos com denodo. O passado garante, seremos in-

flexíveis. Combateremos sem tréguas e, se tombarmos na luta, esmagados pela fatalidade das circunstâncias, morreremos como os hoplitas da Grécia histórica, — a face serena, o olhar sereno, na paz da consciência dos que não se curvam, dos que não se dobram e têm o dever como uma religião!

Que belo tombarmos assim, envoltos na bandeira branca de nossa Ordem, levados à vitória por aquêle cujo caráter imáculo brilha como um sol e cuja inteligência fulge na irradiação de tudo que é grandioso, magnânimo e supremo! Salve!”

Lauro Sodré agradeceu, de pronto, a esta homenagem de carinhosa subordinação. E proferiu, entre outras, estas palavras expressivas de altivez e humildade:

Vós não errastes quando, referindo-vos a mim, vos persuadistes de ter diante de vós um homem de bem. Meu passado (e talvez seja esta a causa única de meu orgulho) é de acatamento às leis, é de um caráter nunca manchado, de uma consciência nunca corrompida, que nunca trilhou outra vereda, senão a vereda do dever cívico.

É um caráter que nunca teve hesitação, senão nesses momentos difíceis da vida, quando é preciso refletir para ver o verdadeiro caminho a seguir, a fim de servir à Pátria, à Família e à Humanidade. Dessa hesitação participo agora, nesta hora em que o meu espírito, verdadeiramente emocionado, se sente desejoso de beijar tantas mãos amigas benfazejas e também sente o profundo receio da pequenez de seus recursos.

Eu sempre tive medo de assumir cargo de tamanha responsabilidade e em documento que se tornou público, eu declarei sinceramente aos meus Iir.: os meus receios de aceitar sôbre meus ombros o difícil encargo da Suprema Magistratura da Maçonaria Brasileira.”

Os receios de Lauro Sodré não tinham, evidentemente, nenhum fundamento. Ao assumir o Grão-Mestrado, aos 46 anos de idade, já era um estadista consumado.

Seu govêrno, no Grande Oriente do Brasil, foi luminoso e frutífero. Não o cotejei com outros, mas foi dos de primeira plana, assim no campo operativo, como na orientação espiritual.

Lauro Sodré fez imprimir, desde logo, nova feição ao “Boletim” do Grande Oriente. — Foi criada a famosa Seção Geral, com três partes: Ciências e letras; Doutrina maçônica e Informações várias.

Uma vasta difusão de conhecimentos se operou, através dessa seção: importantes estudos sobre política, filosofia e religião; biografias; trabalhos notáveis sobre o livre pensamento e o ultramontanismo; a igreja e a liberdade; a laicidade do ensino; os frades de São Bento; os bens de mão-morta; a paz mundial. Informações variadas de todo o movimento maçônico internacional. E desassombrados artigos sobre acontecimentos marcantes do exterior e do Brasil, como o fusilamento criminoso de Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, em 1909, na Espanha e o desaparecimento misterioso da menor Idalina, em 1911, em São Paulo, confiada aos padres do Orfanato Colombo.

Com o apoio dos demais órgãos do governo maçônico, Lauro Sodré produziu, entre outras, as seguintes grandes realizações:

Criação do Grande Oriente do Amazonas e o Tratado de Paz e Amizade entre o Grande Oriente da República Argentina e o Grande Oriente do Brasil, em 1904; a nova Lei Mágnã do Grande Oriente, promulgada em 24/2/1907, a famosa "Constituição Lauro Sodré"; o Tratado de 1907, de Aliança e Amizade, entre o Sereníssimo Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil e o Sereníssimo Grande Oriente Lusitano Unido, — Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa o Congresso Maçônico Nacional de 1909, com 10 teses políticas, 8 sociais e 6 litúrgicas; o Congresso Maçônico do Paraná, em 1911; a criação do Grande Capítulo do Rito de York, em 1913 e o estreitamento de relações com a Grande Loja Unida da Inglaterra; a convocação do Congresso Maçônico Nacional, de 1914, com três seções: filosófico-científica; político-social; e maçônica: doutrina e liturgia; o famoso Apêlo Pro-Paz, em 1914, a tôdas as Potências Maçônicas do Universo; a criação do Quadro de Honra das Oficinas, em 1914; a criação do Rito Brasileiro, nesse mesmo ano; o ensino primário obrigatório para filhos de maçons, em 1915; o registro do patrimônio maçônico, em 1916 e mais: organização do Gabinete de Insígnias e a criação do Cassino Maçônico, "ponto de reunião e de convívio dos maçons e suas famílias".

Tôdas as datas mágnas do Brasil e do mundo eram objeto de comemoração oficial, além dos feriados nacionais (o 15 de Novembro era para Lauro Sodré "a grande data", comemorava-se o 20 e o 28 de Setembro, sendo o 20 de Setembro sob os auspícios da Loja "Fratellanza e o 28 de Setembro à responsabilidade da Loja "Visconde do Rio Branco". Também o dia 18 de Maio, data da abertura do Congresso da Paz, em Haia, era festivo no Grande Oriente.

E não só isso: são documentos notáveis de Lauro Sodré as mensagens de Ano Novo, saudando o Povo Maçônico, e as Mensagens juninas à Sob.: Assembléia. Estas eram sempre precedidas de uma introdução político-filosófica.

Não me furto ao prazer de transcrever um trecho da Mensagem de 1911 à Sob.: Assembléia, em que salientava a missão da Maçonaria:

“Ela se esforça, dizia êle, para que “a verdadeira luz esclareça a consciência humana, para que a razão seja só o guia seguro das nossas ações, eliminados os êrros do fanatismo e de superstição, fatores de tantas calamidades sociais; para que a ciência reine como soberana, desfeitas as fantasias e os sonhos da teologia e da metafísica; para que o direito domine, onde o despotismo imperava; para que a paz seja a lei, que reja os destinos dos povos cultos, emancipados dos errôneos preconceitos, de que as guerras internacionais derivam. E mais adiante:

“Há de nos caber, igualmente, intervenção oportuna e necessária na solução dos problemas sociais, que no momento agitam tôdas as nações em tôda a parte formulados, desafiando a atividade dos publicistas, as cogitações dos estadistas e preocupando todos os homens políticos”.

E terminava: “A Maçonaria deve fazer a larga política dos princípios, contribuindo para que representantes de suas doutrinas tenham palavra e voto nas Assembléias legislativas e nos Conselhos municipais da República”.

Irmãos! Retende a frase que eu acentuei: “a larga política dos princípios”. É perfeita.

Um Grão-Mestre assim era por todos querido e venerado.

O episódio de sua prisão, em virtude dos acontecimentos de 14 de novembro de 1904, com o levante da Escola Militar que saiu à rua sob seu comando e o do general Travassos, que faleceu na luta, êsse episódio, antecipado pela resistência popular à lei da vacina obrigatória, serviu para atestar a eminência de seu prestígio na Ordem. A Soberana Assembléia estêve à altura da grande crise: Sá Peixoto, Grão-Mestre Adjunto, hesitante, apesar de deputado federal, considera-se impedido. A Sob.: Ass.: concede-lhe plenos poderes para nomear substituto e é escolhido o Ir.:33 General Francisco Glicério, que assume as funções de Grão-Mestre Interino. Em 3 de abril de 1905, a Sob.: Ass.: sob a presidência de Francisco Glicério, aprova uma vigorosa Resolução, estabelecendo:

1.º As leis e as tradições da Ordem não consideram delito maçônico o chamado crime político.

2.º As leis e as tradições da Ordem impõem à Maçonaria Brasileira o dever de, prestigiando com a sua confiança o Sob.: Gão-Mestre, prestar todo o auxílio à sua defesa, devendo envidar todos os esforços para que cesse o constrangimento, em que êle se acha. E, em seguida, o Grande Oriente levou ao seu Grão-Mestre, perseguido e prêso a bordo de um vaso da armada (a escuna "Florian") e submetido a Conselho de Guerra, a manifestação inequívoca de inquebrantável solidariedade.

Lauro Sodré reassumiu as suas funções maçônicas em 4 de setembro de 1905. Nesse dia foi pôsto em liberdade. Sua chegada ao cais constituiu uma apoteose e o Grande Oriente engalanou-se para recebê-lo e o conservou amorosamente, como a um nune tutelar, durante mais de um decênio, até quando foi empossado, pela segunda vez, Governador do Estado do Pará, em 1.º de fevereiro de 1917.

Ao chegar Lauro Sodré em sua terra natal, nesse ano de 1917, o Povo Maçônico daquele Oriente tributou-lhe extraordinária manifestação de aprêço, no Teatro da Paz. A sua Loja-Mãe, a "Harmonia", lá estava e uma criança declamou o seguinte soneto:

Há no régio esplendor desta solenidade
Uma tão soberana e augusta majestade,
Que mal se pode ter no peito o coração...

Olhai o céu: fulgura! Há luz em profusão:
Vibra no éter, a terra invade e as almas
E nossas almas, batem palmas!

E por que tanta luz no céu e luz na terra?
— Responde-nos então tudo que a vida encerra,
Como uma só voz, num mesmo altivo som:
"É a glorificação justíssima de um bom!"

Ó Mestre! Aquela obscura, humílima Oficina,
Em cujo Templo ouvistes a doce voz de Hiram,
Vos manda pela voz fiel duma menina,
Suas benções de Mãe, seus afetos de Irmã!

Senhoras e Senhores! Irmãos!

Eis em traços rápidos a personalidade extraordinária de Lauro Sodré, em nossa Instituição.

Ele necessita de um biógrafo, que o estude simultaneamente na Ordem Maçônica, e na Vida Pública, para que se eternize o valor incomparável de sua personalidade sempre votada ao interesse da Pátria estremecida.

Raros, muito raros brasileiros, podem ostentar uma vida pública semelhantemente fecunda.

Durante 40 anos representou o povo brasileiro, de 1891 a 1930, porque Lauro Sodré foi por duas vezes Governador e três vezes Senador pelo Estado do Pará e uma vez Senador pelo Distrito Federal. Em 1932 tentou realizar a pacificação entre São Paulo rebelado e o Governo Federal e, em 1934, aos 76 anos, empreendeu no Pará a sua derradeira Campanha democrática, atendendo aos apelos do povo de sua terra e pacificando-a, com uma candidatura de conciliação a Governador. Dez anos mais tarde, aos 16 de junho, falecia no Rio de Janeiro.

Protótipo do patriotismo e do amor à República, encarnação do desinteresse e da pureza, Lauro Sodré constitui, sem dúvida, um exemplo fecundo e perpétuo às novas gerações.

Exaltemo-lo, dentro e fora da Maçonaria.

Um maçom brilhante, Pinto da Rocha, chamou-o "um homem de Plutarco" e um profano eminente, Miguel Couto, proclamou-o "o maior dos republicanos".

Magalhães Lima, culto e reto Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano, assim se manifestou:

"Lauro Sodré é um homem de seu tempo, é um espírito cosmopolita, que pode enfileirar-se, sem desdouro, ao lado dos benfeitores da humanidade.

Os seus livros "Palavras e Atos" e "Ciência e Opiniões" constituem dois verdadeiros evangelhos da democracia. Deles transparecem, em nimbos de luz, a tolerância, a bondade, e mais ainda do que a bondade, a indulgência, que caracteriza os verdadeiros apóstolos. Em tudo o que faz e em tudo o que escreve, nos seus belos discursos, como nos seus brilhantes artigos, afirma-se o poder de sua consciência, o grande poder espiritual, em volta do qual gravitam todos os fatos e todos os fenômenos sociais. O que, no fundo, sintetiza a prodigiosa obra de Lauro Sodré é, efetivamente, essa aspiração social, que consubstancia um novo ideal de

solidariedade humana, ideal emancipador, para o qual se encaminhavam irresistivelmente as sociedades modernas”.

Austregésilo de Ataíde, que não é da Arte Real, assim se pronunciou por ocasião de sua morte, quando o Brasil se cobriu de luto:

“A convicção republicana, que era nele, antes de mais nada, uma atitude filosófica, moldou-o no desprendimento e na firmeza de uma vida exemplar.

Envolvido nas lutas mais ferozes, de tôdas saiu ilibado e ainda os inimigos de maior rancor não tinham para denegri-lo, entre os apôdos e invectivas usuais nos debates facciosos, senão o seu nobilhante apêgo à doutrina e à esmerada dignidade de sua fé política.

Pode-se tomar a sua longa existência a um minucioso exame e ao longo de 86 anos, muito mais de 50 dos quais na refrega, ver-se-á a plena inteireza do caráter”. E finaliza-se:

“Com a sua vida, pode-se escrever tôda a história da República no Brasil. E felizes os regimes que podem identificar a sua crônica no serviço público com os traçados retilíneos de vida tão limpa e fecunda”.

Vou concluir, Senhores, Senhoras. Irmãos.

De tudo quanto li sôbre Lauro Sodré, o que mais me impressionou foi uma frase de sua Mensagem ao Povo Paraense, despendendo-se, ao término de seu período governamental.

Peço-vos que a guardeis em vossa memória, em louvor de Lauro Sodré. Essa frase dá a medida do Santo Varão, que é o nosso homenageado desta hora. Disse êle em sua Mensagem: “Em 7 anos de govêrno, por minha causa, não entrou a dor em nenhum lar”.

Esta frase poderia se insculpir como um versículo da Bíblia no pórtico desta Loja Maçônica, que ostenta o seu nome glorioso. E quando algum estrangeiro vos perguntar: — “Quem foi Lauro Sodré?”, deveis reponder com orgulho:

Foi um brasileiro exemplar, cuja vida se consagrou aos princípios do Bem, desde o Dever até a Honra e, por isso, vive, ressurecto, na memória das gerações!” (39)

Lauro Sodré vivia empolgado com seu Rito, convencido de que êle seria ótima contribuição para a grandeza ainda maior da

Maçonaria Brasileira. Estava certo de que, fazendo a renovação que prometia, conservaria as gloriosas e eternas tradições que que a revestem.

Reeleito Grão-Mestre pela terceira vez, a 27 de maio de 1913, dentro em pouco tratou do reconhecimento e adoção do Rito. Assim, na sessão ordinária do Conselho Geral da Ordem, realizada em 21 de dezembro de 1914, sob a presidência do pod.: ir.: 33.: senador Lauro Sodré, Sob.: Gr.: Mestr.: da Ord.: estava em discussão. Presentes os poderosos irmãos, membros efetivos senador Lauro Sodré, dr. Ticiano Daemon, coronel Eugenio Pinto, dr. Horta Barbosa, dr. Monteiro de Souza, dr. Octacílio Camará, Carlos Duarte, dr. Floresta de Miranda, dr. Loureiro de Andrade e dr. Firmo Braga, depois de discutidos diversos assuntos e “finda a ordem do dia, o pod.: ir.: Eugenio Pinto, Gr.: orad.: interino, pedindo a palavra, expõe ao Cons.: as vantagens que auferirá a Maçonaria no nosso país com a adoção do novo rito, que se propõe a colaborar conosco na obra cada vez mais necessária e mais nobre a que se dedica no mundo inteiro a nossa Ord.:

A Constituição especial e privativa do novo rito é uma afirmação dos seus propósitos progressistas, que o coloca em lugar digno ao par dos demais ritos que se agremiam sob a suprema direção do Gr.: Or.: do Brasil e suas leis.

Depois de longa exposição do assunto, cuja oportunidade patenteia, termina o ir.: Gr.: Orad.: apresentando a seguinte proposta, que é aprovada com aplausos pelos presentes, depois de algumas observações, contrárias à medida, feitas pelo pod.: ir.: Carlos Duarte:

“1.º — Fica o Sob.: Gr.: Mestr.: autorizado a decretar o reconhecimento e adoção pelo Gr.: Or.: do Brasil do novo rito maçônico, que sob a denominação de RITO BRASILEIRO, solicita essa distinção.

2.º — O RITO BRASILEIRO gozará das mesmas regalias concedidas aos demais ritos reconhecidos pelo Gr.: Or.: do Brasil, e, como estes, prestando obediência às leis da nossa Ord.: será regido no que concerne às suas funções litúrgicas pela sua Constituição especial e privativa, respeitado o art. 34 do Reg.: Ger.:

3.º — A Grande Loja do Rito Brasileiro, intermediária das relações entre os iir.: e entre estes os altos poderes

da Ord.: fica autorizada a funcionar nos termos da Constituição do rito. "Anunciada a aprovação desta proposta, o mesmo ir.: Gr.: Orad.:" prossegue na apresentação de outros assuntos em pauta. (40)

Já no dia 23, surgiu o decreto que aprovava o reconhecimento e incorporação do Rito entre os que compunham o Gr.: Oriente do Brasil.

Decreto n.º 500

Lauro Sodré, Grão Mestre da Ordem Maçônica no Brasil;

Faz saber a todos os maçons e oficinas da Federação, para que cumpram e façam cumprir, que em Sess. efetuada no dia 21 de dezembro deste ano, o Il.: Cons.: Ger.: da Ord.: aprovou o reconhecimento e incorporação do RITO BRASILEIRO entre os que compõem o Gr.: Or.: do Brasil, com os mesmos onus e direitos, regido liturgicamente pela sua Constituição particular, respeitado o dispositivo do art. 34 do Reg.: Ger.:, ficando autorizada a funcionar a sua Gr.: Loj.:, intermediária das relações entre os Ilr.: do Rito e entre estes e os Poderes Maçônicos de que trata o art. 4.º do Reg.: Ger.:, o que é promulgado pelo presente decreto.

O pod.: ir.: Gr.: secr.: Ger.: da Ord.: é encarregado de fazer a publicação deste decreto.

Dado e traçado na Gr.: Secret.: Ger.: da Ord.:, na cidade do Rio de Janeiro, aos 23 dias do 10.º mês do ano de 5914, v.: 1.: — 23 de dezembro de 1914, e.: v.:

Lauro Sodré, 33.:

Gr.: Mestr.: da Ord.:

Ticiano Corregio Daemon, 33.:

Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:

A.O. de Lima Rodrigues, 33.:

Gr.: Chanc.:" (41)

No dia 22 de maio de 1916, Lauro Sodré, pela 4a. vez foi eleito Grão-Mestre e a 1 de fevereiro de 1917, foi empossado pela 2a. vez Presidente do Pará.

Como se vê, o prestígio e o valor do grande político e do grande maçom eram imensuráveis. Duas eleições, duas vitórias muito mais incontestáveis e brilhantes porque foram reeleições.

Mas a Constituição do Grande Oriente não permite que os membros efetivos das grandes oficinas chefes de rito fixem residência fora da sede do Grande Oriente.

A propósito, deliciemo-nos com a “mensagem lida perante a Sob.: Assembléia Geral do Gr.: Or.: do Brasil, em 2 de junho de 1917, pelo Grão-Mestre adjunto em exercício, do Grão-Mestrado contra-almirante Verissimo José da Costa, 33.:”, que nos detalha o episódio da substituição do Sob.: Gr.: Mestr.:

“Tendo o nosso Sob.: Gr.: Mestr., o exmo. sr. general Lauro Sodré, assumido o alto cargo de presidente do Estado do Pará, para o qual fôra eleito e empossado em 1 de fevereiro do corrente ano, por esta causa, em telegrama a mim dirigido, renunciou ao cargo de Grão Mestre, o que imediatamente levei ao conhecimento do Cons.: da Ord.:

Conquanto a Constituição Maçônica seja taxativa em seu art.: 38, que diz:- “Será de tres anos o periodo normal de duração do mandato do Grão Mestre e do seu substituto, o Grão Mestre Adjunto, terminando com a posse dos sucessores e devendo FAZER-SE NOVA ELEIÇÃO PARA QUALQUER DOS CARGOS SEMPRE QUE SE DER VAGA NOS DOIS PRIMEIROS ANOS DO PERIODO NORMAL DA DURAÇÃO DO MANDATO, o Cons.: Ger.: da Ord., em uma de suas sessões do mês de março do corrente ano, fez um apelo ao Sob.: Gr.: Mestr., pelo telegrama seguinte: “Conselho Geral reunido primeira vez depois recebimento vosso telegrama faz apelo v. ex. continuar como até aqui cargo Grão Mestre até fim trienio. Saudações fraternais”. Assinado: VERISSIMO COSTA.

Dias depois recebi em resposta o seguinte telegrama: “Grato honroso apelo considero impossivel retirada renuncia cabendo poderes Ordem resolver como for acerto conveniência para todos. Saudações”. Assinado. LAURO SODRÉ.

Em vista do exposto, e mesmo por ser taxativa a última parte do artigo citado e ainda a la. disposição do art.: 59 da Constituição, que diz: PERDERÁ O LUGAR DE MEMBRO DAS GRANDES OOF.: CHEFES DE RITO O QUE FIXAR RESIDÊNCIA FÓRA DA SÉDE DO GRANDE ORIENTE, o muito poderoso e ilustre Supr.: do 33.: e último grau do Rito Escossês Antigo e Aceito, em sua sessão de março, decidiu, depois de um grande de-

bate, considerar vago o cargo de Grande Comendador e por isso pedir a execução urgente dos citados artigos da Constituição.

Em virtude dessa decisão, o Conselho Executivo do Gr.: Or.: do Brasil deliberou congregar os altos poderes maçônicos, juntamente com os vven.: das lloj.: do Poder Central, para que em uma sessão especial eles fossem cientificados do que se dera e pedir-lhes indicassem um nome, ou nomes de iir.: que tivessem prestígio bastante no país e na Federação Maçônica do Brasil e fossem capazes de bem dirigir os seus destinos. Foi então que entre eles surgiu o nome do benemérito cidadão, ilustre presidente do Estado do Rio de Janeiro, o exmo. ir.: dr.: Nilo Peçanha, que foi aclamado unanimemente pelos nossos iir.: que fizeram parte dessa sessão extraordinária.

Imediatamente fiz levar ao conhecimento da Federação a indicação feliz do nome do exmo.sr.dr. Nilo Peçanha, tendo antes por uma comissão especial, composta dos poderosos iir.: Horta Barbosa, Eugenio Pinto e Ticiano Daemon, levado ao seu conhecimento a indicação do seu nome para o alto cargo de Grão Mestre da Maçonaria Brasileira.

Na comunicação feita a todos os orientes da Federação, não deixei de dar toda a liberdade aos respectivos eleitorados maçônicos para bem votarem em quem eles entendessem capazes de dirigir o Grande Oriente do Brasil. Resta-me agora congratular-me com essa Sob.: Assembl.: pela indicação acertada que em tão boa hora foi feita e ainda mais por ter o exmo. sr. dr. Nilo Peçanha gentilmente aceitado o cargo de Gr.: Mestr.: da Maçonaria Brasileira.

De acordo com a nossa lei básica, decretei a eleição para o dia 1 de junho corrente, nas lloj.: da Feder.: devendo ter sido observadas as formalidades previstas no Cap.: III do Tit.: V do Reg.: Ger.: Assim como essa Sob.: Assembl.: reunir-se-á, em sessão extraordinária, em 2 de julho próximo, afim de resolver sobre o parecer da Com.: Centr.: relativo à apuração geral da eleição.

A posse do Gr.: Mestr.: eleito terá lugar em assembl.: do povo maçônico, determinando-se previamente o dia". (42)

Só em outubro de 1916 a Assembléia Geral reconheceu, consagrou e autorizou o Rito Brasileiro.

Lemos no Boletim do Grande Oriente:

"Assembléia Geral

Extrato da ata da sess.: ord.: em 16 de outubro de 1916, e.: v.:

Presidência do ven.: ir.: dr.: Manoel Fernandes de Sá

Antunes, 1.º vig.:

Presentes os vven.: iir.: representantes dr. Sá Antunes, Ferreira Caldas, Antonio Cinelli, dr. Liberalino de Albuquerque, Delphim Espozel, major Geofre Proença, José Ferreira, Silva Guimarães, dr. Ticiano Daemon, tenente Vicente Del Filpo, Almirante Lima Franco, José M. de Pinho, capitão Avelino Martins, Pereira Pinto, Julio Cardador, Eduardo Coelho, Manoel F. Rodrigues, Silva Figueiredo, Francisco Dotti, Manoel F. Gomes, Gonçalves de Miranda, capitão Marinho da Cruz, Hildebrando Filho, Raul da Silva, dr. Castelo Branco Filho, Corrêa Pinto, Aurelino de Magalhães Junior, coronel Cesar Panaim, dr. Spinola de Athayde, dr. Hugo Martins, Alfred Oliver, Paulo Bazzarelli, Tito Tortori, dr. Gonçalves Pecego, Corrêa Quintella, Duarte Estrella, Moreira de Andrade, Alfredo Gestal, dr. Abilio Maia, João P. Vieira, coronel Sampaio Ribeiro, capitão Mattos Silva, Verissimo de Andrade, dr. João de Aquino, Adrião Accacio, José A. B. de Farias, dr. João Bastos, Julio C. Machado, Ferreira de Sá, dr. Loureiro de Andrade, dr. Gastão Vitoria, capitão Freitas Magalhães, Alberto J. Anselmo, tenente Caetano Ferreira, Lopes Jaraba, capitão Senand Belém, dr. Aristeu de Andrade, José Richezza, Horta Barbosa, major Cardoso Thompson, Henrique Meyer, Miguel Pappaterra, Angeli Torterolli e dr. Castro Pacheco, que assinaram o respectivo livro e preenchidos os lugares de 1.º e 2.º vvig.: orad.:, secr.:, hosp.:, mestr.: de ccerim.: e cobr.: pelos vven.: iir.: Ferreira Caldas, Antonio Cinelli, dr. Liberalino de Albuquerque, Delphim Espozel, major Geofre Proença, José Ferreira, e Silva Guimarães, são abertos os trabalhos.

Expediente

“Pr.: do sob.: gr.: mestr.:, em exercício, remetendo o decreto n.º 500 de 28 de dezembro de 1914, do sob.: gr.: mestr.:, afim de, aprovando-o, a Sob.: Assembl.: Ger.: reconheça, consagre e autorize o Rito Brasileiro, por estar em harmonia com os princípios maçônicos, cumprindo-se assim o preceito do n.º 13 do art. 35 da Constituição de 24 de fevereiro de 1907. — aprovado”. (43)

É um erro tipográfico a data de 28 de dezembro. Em realidade o Decr. foi assinado em 23 de dezembro.

Até a posse de Nilo Peçanha, que ocorreu a 21 de julho de 1917, para se ver reeleito a 20 de maio de 1919, quem governou os destinos do Grande Oriente foi o contra-almirante Verissimo José da Costa, Grão-Mestre adjunto.

Nilo Peçanha, que ocupara a presidência da República em 1909, em consequência da morte do presidente Afonso Pena, de quem era vice-presidente, ficou no Grão-Mestrado até o dia 24 de outubro de 1919, quando renunciou ao cargo para se dedicar à sua campanha à presidência da República.

Em homenagem às suas excepcionais qualidades de maçom, pelo decreto n.º 632, Nilo Peçanha foi declarado Grão-Mestre Honorário.

No Grão-Mestrado, Verissimo se interessou bastante pelo Rito Brasileiro porque sabia-o de grande valor para a Maçonaria. Querendo vê-lo gozando de todos seus direitos maçônicos, a 17 de outubro de 1916, baixou o decreto n.º 536, que reconhecia, consagrava e autorizava o Rito, conforme homologação da Assembléia Geral.

Eis o

“Decreto n.º 536

O contra-almirante Verissimo José da Costa, Gr.: maestr.: da Ordem, em exercício:

Faz saber a todos os maçons e oof.: da Federação, para que cumpram e façam cumprir, que:

Usando do direito que lhe dá o art. 39 n.º 8, IN FINE, da Constit.: e de conformidade com a resolução da Sob.: Assembl.: Ger.: de 16 de outubro do corrente, EX-VI do n.º 13 do art.: 35 dessa Constit.:

Resolve

Art. 1.º — Fica reconhecido, consagrado e autorizado o Rito Brasileiro criado e incorporado ao Gr.: Or.: do Brasil pelo decr.: n.º 500 de 23 dezembro de 1914.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

O pod.: ir.: gr.: sec.: ger.: da Ordem é incumbido de fazer a publicação do presente decreto.

Dado e traçado na gr.: secr.: ger.: da Ord.: na cidade do Rio de Janeiro, aos 17 dias do 8.º mês do ano de 5916, v.: l.: — 17 de outubro de 1916. e.: v.:

Verissimo José da Costa, 33.:

Gr.: maestr.: da Ordem em exercício

Ticiano Corregio Daemon, 33.:

Gr.: secr.: Ger.: da Ord.:

Eugenio Pinto, 33.:

Gr.: chanc.:” (44)

No ano seguinte, 1917, o Boletim do Grande Oriente publicava na “Ordem do dia

O Il.: Cons.: Ger.: da Ord.: resolve:

— Aprovar, EX-VI do art. 34 do Reg.: Ger.: a Constituição do Rito Brasileiro com todos seus Institutos, Regulamentos, Rituais e Estatutos, para complemento necessário à execução dos ddecr.: ns. 500, de 23 de dezembro de 1914 e 536, de 17 de outubro de 1916”. (45)

A 13 de junho de 1917, o Grão-Mestre Verissimo da Costa adotava e incorporava ao patrimônio do Grande Oriente a Constituição do Rito Brasileiro, “acorde ao resolvido pelo Conselho Geral” pelo

“Decreto 554

O contra-almirante Verissimo José da Costa, Grão-Mestre da Ordem em exercício;

Faz saber a todos os maçons e oficinas da Federação, para que cumpram e façam cumprir, que como corolário dos ddecr.: nos. 500, de 23 de dezembro de 1914 e 536, de 17 de outubro de 1916, o il.: Cons.: Ger.: da Ord.: em sua sessão de 5 do corrente mês, adotou, EX-VI do art.: 34 do Reg.: Ger.: a seguinte

Resolução

Art.: único — Fica adotada e incorporada ao patrimônio da legislação do Gr.: Ori.: do Brasil a CONSTITUIÇÃO DO RITO BRASILEIRO, contendo sua Declaração de Princípios, Estatutos, Regulamentos, Rituais e Institutos.

O pod.: ir.: Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.: fará a publicação deste decreto.

Dado e traçado na Gr.: Secretaria Ger.: da Ord.: na cidade do Rio de Janeiro, aos 13 dias do 4.º mês do ano de 5917, v.: 1.: — 13 de junho de 1917, e.: v.:

Verissimo José da Costa, 33.:

Gr.: Mestr.: da Ord.: em exercício

Ticiano Corregio Daemon, 33.:

Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:

Eugenio Pinto, 33.:

Gr.: Chanc.:” (46)

A propósito dos títulos oferecidos a Lauro Sodré pelo Grande Oriente, Verissimo da Costa, dias antes de entregar a Chefia da Ordem a Nilo Peçanha, leu a mensagem seguinte perante a Soberana Assembléia Geral.

“Recompensa Maçonica

Firmado no § 2.º do art.: 231 do Reg.: Ger.:, o Poder Executivo decretou a concessão do título de GRANDE BENEMÉRITO DA ORDEM ao muito pod.: Ir.: general Lauro Sodré, por ser a mais elevada distinção conferida pela Maçonaria Brasileira a serviços especiais, extraordinarios, e relevantes, prestados ao ideais maçônicos. Peló art.: 221, do mesmo Reg.: Ger.: foi igualmente decretado ser considerado Gr.: Mestr.: Honorário da Ord.: aquele il.: Ir.:

A direção sábia que foi dada ao Grande Oriente do Brasil, durante 12 anos consecutivos, pelo nosso muito querido Ir.: general Lauro Sodré, possuidor de um coração tão bondoso, tão caritativo, a uma instituição como esta, que trilha o caminho da beneficência, é um ato irremunerável, é um ato que a Ordem não pode pagar, ainda que a gratidão seja extraordinaria, ainda que o reconhecimento seja, como é, profundamente sincero e absolutamente imorredouro!

A Maçonaria tem por divisa: a verdade, a caridade e o amparo. Foi respeitando este princípio que o coração do nosso muito pod.: Ir.: general Lauro Sodré verteu sobre os nossos esforços o bálsamo do impulso que mais fortificou

as aspirações da Maçonaria Brasileira, e que ela agradecida colocou em suas mãos os diplomas de Grande Benemérito da Ordem e de Gr.: Mestr.: Hono.:

Não é pois uma remuneração que se possa dizer condigna com a filantropia de tal coração, mas é um protesto, o único e o mais importante que faculta o Reg.: Ger.: desta instituição, protesto de entranhada gratidão e de verdadeiro reconhecimento!

Que o Supremo Arquiteto do Universo escreva no livro dos purificados o nome daquele que lutou e luta pela prosperidade dos Ir.: indigentes e pelo amparo dos orfãos e das viúvas desvalidas.

Esta inconcussa prova de gratidão que a Maçonaria oferece ao muito pod.: Ir.: general Lauro Sodré, é a única de que dispõe para que esse nome figure sempre no honroso quadro dos GGr.: BBen.: da Ordem Maçônica no Brasil".
(47)

Insinuam os maus maçons, os misonieistas que, se Lauro Sodré não fosse Grão-Mestre o Rito Brasileiro não existiria. Disse-nos o professor Alvaro Palmeira que "Lauro Sodré gozava de grande prestígio, dentro e fora do Grande Oriente, mas acredita-se que, se mesmo Lauro Sodré não fosse o Grão-Mestre, não haveria impugnação ao Rito Brasileiro, pois por ocasião da proposição e aprovação dos Decretos referidos, no Conselho Geral e na Assembléia Geral, só houve um voto contrário, o de Carlos Duarte, membro do Conselho, que achava "desnecessário mais um Rito."

Lauro Sodré, como vimos, assinou apenas o primeiro decreto. Os dois seguintes foram da autoria do Grão-Mestre Verissimo José da Costa. Se houvesse oposição, Verissimo teria somente uma maneira de agir ou, seja, ignorando-o, esquecendo-o. Não foi o que aconteceu. Reconheceu-o, consagrou-o, autorizou-o conforme homologação da Assembléia Geral, adotou-o e incorporou ao patrimônio do Grande Oriente a Constituição do Rito Brasileiro, de acordo com o resolvido pelo Conselho Geral.

Ele não ambiciona qualquer supremacia, não deseja crescer em prejuízo de outro Rito. Não veio ocupar a vaga de nenhum, simplesmente porque nunca haverá vagas. Deseja apenas conviver, coexistir, quer trabalhar, colaborar com todos os Ritos. Enfim, quer um lugar ao sol.

Inteligente e culto, Lauro Sodré jamais pensaria em criar um Rito verde e amarelo porque sabia que seria inexequível.

Para ajudá-lo na feitura de sua grande obra encontravam-se no "Conselho Geral da Ordem maçons da altitude de Eugenio Pinto, Grande Orador desse Conselho Geral, Ticiano Corregio Daemon e Mario Behring, que ao Rito não se opuseram, porque o achavam acorde aos cânones da Maçonaria Universal", diz-nos Alvaro Palmeira.

Surgido em 1914, o Rito foi se oficializando sem pressa, como se viu. Depois ficou em pausa por várias razões como o brutal desenvolver da 1.ª Grande Guerra de 1914-1918, que deixou o mundo inteiro em dolorosa expectativa, a condenável intolerância dos maçons rotineiros e misoneistas que viam o Rito com desconfiança e má fé e porque ainda não estava constituída a Oficina-Chefe, isto é, o Supremo Conclave.

Este foi instalado com o nome de Conclave a 17 de fevereiro 1941, solenidade efetuada pela Comissão nomeada pelo Grão-Mestre pelo Ato n.º 1636, de 6 desse mês. O Rito Brasileiro já se achava praticamente funcionando. O capitão Otaviano Bastos alto funcionário fazendário federal, foi a pessoa indicada para a formação desse Conclave. Também não havia Rituais, nem para os 3 Graus Simbólicos. Só em 1940 Otaviano Menezes Bastos "que já era um dos maiores conhecedores de Maçonaria e seria um nome proeminente no Conselho Geral e uma das eminências da Maçonaria no Brasil", no juízo de Alvaro Palmeira — redigiu e imprimiu o Grau 1. Palmeira redigiu e imprimiu o Grau 2, "adotados pelo Conclave dos Servidores da Ordem e da Pátria e o Grau 3, que não chegou a ser impresso.

Em junho de 1941, o Conclave já era chamado para apreciar e resolver o pedido da Loj.: Cap.: "Gonçalves Ledo", ao Or.: de Belo Horizonte, para adotar o Rito Brasileiro, em substituição ao Adonhiramita em que trabalhava.

Quando o Rito Brasileiro surgiu em 1914, veio com 33 graus, sendo os 3 Graus Simbólicos obrigatórios e as 5 Ordens de Altos Graus, conforme a Constituição de 1917 e que eram: Cavaleiro do Rito — Paladino do Dever — Apóstolo do Templo — Defensor do Bem Público e Servidor da Ordem e da Pátria. Essas Ordens "denunciam a inspiração do Rito York Americano", como reconhecem Alvaro Palmeira, Rizzardo Da Camino, (48) e Kurt Prober.

(49) Em realidade, ha certa influência do Rito Escosses, mas “convém lembrar que os principais fundadores do Rito tinham o grau 33 escossês”, assinala Alvaro Palmeira.

Em 1919, Otaviano Bastos republicou a Constituição do Rito. Além dos 3 Graus Simbólicos, havia 4 Títulos de Honra, correspondentes aos Graus 18, 21, 30 e 33, respectivamente: Cavaleiro do Rito — Paladino do Dever — Apóstolo do Bem Público e Servidor da Ordem e da Pátria.

“Desde o início, a nomenclatura dos 30 Altos Graus se afastou inteiramente da nomenclatura escacesa. Em 1968 foi adotada a nomenclatura até hoje vigente e os quatro Títulos de Honra transladaram-se para as quatro Oficinas Litúrgicas: Sublimes Capítulos — Mestres e Cavaleiros, graus 4 a 18, Grandes Conselhos — Missionários, graus 19 a 30, Altos Colegios — Guardiães do Bem Público, e do Civismo, graus 31 e 32, e Supremo Conclave — Servidor da Ordem e da Pátria, grau 33.”

Mas a Maçonaria não escapou nem escapará jamais da ação nefasta dos intolerantes, dos invejosos, dos vaidosos, não fosse ela uma Sociedade de homens. Esse sofrimento vem desde tempos de que não ha memória.

Nos anos de 1940-1942, o Rito Brasileiro foi gravemente prejudicado pela rivalidade entre Otaviano Bastos “então Grande Principal do Rito e Rodrigues Neves, então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, este querendo usurpar as funções de direção do Rito.”

O Rito Brasileiro nunca foi deista como o Rito Escocês.

Deista é o partidário do Deísmo. Deísmo é o sistema dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina, creem em Deus, mas um Deus sem os atributos morais e intelectuais e considerado somente como a força infinita, causa cega de todos os fenômenos do Universo.

Desde 1914 o Rito se declarou teista, como o Rito de York.

Teista é o partidário do Teísmo. Teísmo é a doutrina religiosa que admite a existência de Deus e sua ação providencial no Universo.

A atividade do Rito Brasileiro nesta fase também não foi de grande relevo. A data de sua criação não se perde nos longes do tempo e já ha controvérsia quanto a fundação de sua primeira Loja. A publicação seguinte do Boletim n.º 12, de dezembro de 1919, dirime qualquer dúvida.

"Assembléia Geral

Presidência do Pod.: Ir.: 33.: Coronel Francisco Cabral da Silveira, 1.º Vig.:

Expediente

Pr.: da Loj.: Prov.: do Rito Brasileiro, fundado em Recife, Estado de Pernambuco, remetendo a nominata de sua administr.: interina.- Falam sôbre êsse assunto os PPod.: Iir.: Octaviano de Bastos e Dr. Rodolpho Macedo". (50)

Seria esta a primeira Loja do Rito, fundada talvez no Grão-Mestrado de Nilo Peçanha. Depois surgiu a Loja Ypiranga, em S. Paulo, em 1928, no Grão-Mestrado de Octavio Kelly, pelo decreto n.º 916, de 8 de dezembro de 1928.

Antes, em 1921, o Grande Oriente de S. Paulo, que se tornara independente, rompendo com o Grande Oriente do Brasil, publicou rituais para os 3 Graus Simbólicos, intitulando-os do Rito Brasileiro. Não tiveram êxito "porque eram cópia servil dos rituais escocêses," diz Alvaro Palmeira.

Constituíam esse Grão-Mestrado independente os Iir.: José Adriano Marrey Junior, Arthur Graça Martins, Vitor Sacramento, Pedro Ernesto de Oliveira, Antonio do Carmo Branco.

Muitos maçons que julgavam sem conhecimento de causa, levianamente, não aceitavam o Rito Brasileiro.

E a luta para a implantação do Rito Brasileiro continuou, apesar dos pesares.

Em reunião do Conselho Geral da Ordem realizada a 5 de junho de 1940, com a presença dos Membros Efetivos, dr. Porfírio Sécca, dr. Erasmo Lima, Mario Pinto, dr. Alvaro Palmeira, Pedro de Paiva, dr. Marcelo Moreira, dr. Arthur Pillar (Procur.: Ger.: da Ord.:), dr. Raul Holt, dr. Humberto Chaves, Coronel Nicolau Matarazzo e Coronel Joaquim Antunes, 1.º Vice-Presid.:, são abertos os trabalhos.

Depois do Expediente, em "Bem Geral da Ordem fala o dr. Palmeira, fazendo considerações a respeito do Rito Brasileiro afim de propôr seja constituída uma Comissão que estude a atualização do projeto existente. Então o Presidente nomeia para a Comissão os Iir.: dr. Alvaro Palmeira, Raul Holt e Mario Pinto". (51)

Um mês depois, a 5 de julho o Conselho Geral da Ordem se reuniu e a Bem Geral da Ordem, falou o Ir.: Capitão Otaviano Bastos afim de agradecer sua nomeação para o Conselho "e formular um projeto de lei, autorizando o Gr.: Mestrado a ativar o funcionamento do Rit.: Brasileiro e que é, pelo Altar, despachado às CCom.: de Legislação e Finanças".

Na Ordem do Dia "o Ir.: Capitão Otaviano Bastos procede à leitura da Constituição do Rit.: Brasileiro, que é aprovada com algumas emendas. O Cons.: aprova, também, o projeto de lei, que obtivera parecer favorável da Com.: de Legislação, dispondo:

"O Gr.: Mestr.: fica autorizado: a) A ativar o funcionamento do Rit.: Brasileiro, de conformidade com sua Constituição e a iniciar a formação de seu "Conclave", nomeando seus primeiros fundadores; b) A estimular a instalação da primeira Of.: do Rito dispensando todas as taxas a que estiver sujeita e, bem assim, os emolumentos dos tres primeiros pprof.: que nela se iniciarem: c) A conceder favores idênticos às OOf.: que passarem a funcionar segundo o Rit.: Brasileiro, dentro do prazo de 180 dias, renunciando o regimem capitular; d) A providenciar junto ao "Conclave", para que aos maçons capitulares dessas OOf.: sejam concedidos títulos do Rit.: Brasileiro, correspondentes aos altos ggr.: possuidos, com o fim de constituirem os respectivos corpos." (52)

No dia 3 de agosto de 1940, pelo Ato n.º 1617, do Grão Mestrado Geral da Ordem e "de conformidade à resolução tomada em sess.: ordinária de 22 de Julho passado, pelo Cons.: Ger.: da Ord.: resolve nomear os IIR.: Antonio de Oliveira Brito, capitão Otaviano Bastos, dr. Alvaro Palmeira, dr. Alexandre Brasil Araujo, dr. Romeu Gibson, Pedro Ramos e dr. Oscar Argollo afim de procederem à formação do "Conclave" do Rit.: Brasileiro". (53)

Mas o Grão-Mestre Joaquim Rodrigues Neves estava interessadissimo em que o Rito Brasileiro ficasse logo instalado regularmente. Assim, sabedor de que a comissão que nomeara para a formação do "Conclave" havia cumprido satisfatoriamente suas atribuições, em janeiro de 1941, assinou o Ato 1636 que "nomeia os seguintes IIR.: para constituirem a com.: Instaladora do Conclave dos Servidores da Ordem e da Pátria do Rito Brasileiro — Presidente — Capitão Otaviano de Menezes Bastos — Membros — Coronel dr. Arthur Paulino de Souza, dr. José Marcello Moreira, dr. Capitulino dos Santos Junior e dr. Aristides Lopes Vieira".(54)

E com a atualização proposta pelo Ir.: Palmeira e aceita pelo Conselho Geral da Ordem, o Rito Brasileiro vai seguindo seu destino que o levará para a frente e para o alto. No dia 22 de abril de 1941, esse Conselho novamente se reúne e, na Ordem do Dia o Ir.: Alvaro Palmeira “cientifica o Cons.: da regularização no Rit.:

Brasileiro da Loj.: Brasil, que terá lugar no dia 30 do vigente mês, pelo que os membros deste Corpo são convidados a comparecer ao ato”. (55)

Em julho de 1941, no dia 10, o Grão-Mestre J. Rodrigues Neves baixou o decreto n.º 1259, onde se mostrou fraternal e generoso quando aumentou para 10 o número dos tres primeiros pprof.: que teriam dispensados os emolumentos cabíveis ao se iniciarem. Eis o decerto:

“De acordo com a resolução que o Cons.: Ger.: da Ord.: tomou em sua sess.: ordinária de 20 de junho findo:

Decreta: Art.: único — O Gr.: Mestrado Ger.: da Ord.: fica autorizado: a) a dispensar os emolumentos das dez primeiras iniciações que se efetuarem na primeira Loj.: que adotar o Rit.: Brasileiro; b) a relevar todas as taxas a que estiverem sujeitas as LLoj.: que, dentro do prazo de 180 dias, a partir de 1 de junho do corrente ano, passarem a funcionar segundo o Rit.: Brasileiro”. (56)

Apesar de todas essas alterações e emendas na Constituição do Rito, ele ainda não satisfazia quanto à conciliação da Tradição com os Novos Tempos. Para isso era necessário refundir a nomenclatura e sua parte adjetiva.

Assumindo o Grão-Mestrado, o professor Alvaro Palmeira resolveu fazer certas alterações que julgou necessárias baixando o Decreto 2080 cuja justificativa explica as razões da reorganização. “Foi, na Maçonaria, a correspondência ao “aggiornamento” de João XXIII, em relação à Igreja Católica Romana”

Mas o Rito Brasileiro não tomava força e vigor de que necessitava para, gloriosamente, avançar, crescer, ocupar o lugar que lhe fôra destinado. Havia algo impedindo seu crescimento, toldando seu horizonte. Seus primeiros anos de vida foram precários, mofinos, graças à má vontade dos Iir.: bitolados, presos à rotina, misoneistas apegados ao passado com “um respeito egípcio” (57), com uma fidelidade fanática. São os que julgam intocável a Maçonaria, são os que rejeitam tudo “a priori”.

Acanhadamente surgia aqui, ali, além, uma Loja do Rito e, sem mais nem menos, abatiam colunas ou simplesmente mudavam de Rito porque não encontravam ambiente favorável ou por falta absoluta de Rituais e da Oficina Chefe.

Após sua fundação, rebentou a 1ª. Guerra Mundial e as atenções dos maçons responsáveis por sua implantação definitiva se desviaram para objetivos outros.

Quando Nilo Peçanha, em 1919, era Grão-Mestre Geral, foi impressa sua primeira Constituição, sendo seu relator o Ir.: Otaviano Bastos. Aí o Rito surgiu com 33 Graus.

Mas cada Grão-Mestre ia reconhecendo a Loja que preenchia as exigências da Constituição da Ordem e do Rito. Assim, foram fundadas, pelo Dec. 916, de dezembro de 1928, a Loja Ipiranga, ao Oriente de S. Paulo. Em 1940, a Loja Brasil, no Poder Central e a Loja Gonçalves Ledo, em Belo Horizonte. A Loja Cruzeiro do Sul V, ao Oriente de Teresina, em 1949. Ainda no poder Central, em 1956, a Loja Renovação. A Loja Fraternidade e Progresso III, em 1959, em Petropolis e em S. Paulo, nesse mesmo ano, a Loja Alvorada. Em Natal, em 1958, fundaram a "Loja Cletetino Câmara", que, "num esforço de real merecimento, chegou a publicar, por conta própria, em 1966, um Ritual do 3.º Grau, adaptando-o do escocês, para suprir então a omissão que havia", esclarece-nos mestre Alvaro Palmeira. Em 1961, nascia a Loja. Quatorze de Julho V. Salvo alguma omissão, estas foram as conquistas dos Grão-Mestres de Octávio Kelly, Moreira Guimarães. Rodrigues Neves e Cyro Werneck de Souza e Silva. Entretanto tiveram vida fugaz ou mudavam de Rito, pelas razões citadas e pela ausência de um grupo efetivamente dedicado.

O Rito Brasileiro, moribundo, seguia seu destino incerto, claudicante, quando em 1962, surgiu a campanha para a substituição do Grão-Mestre Cyro Werneck, que terminava seu mandato. O nome mais cotado era o do professor Ir.: Alvaro Palmeira, que relutava em aceitar a indicação de seu nome para o alto cargo. Mas os argumentos foram tais e tão convincentes que terminou admitindo-a. Candidato único teve eleição tranquila em 1963.

Como diz a sabedoria popular, botou a Casa em ordem durante sua gestão. Ao fim de seu governo, o Grande Oriente possuía 710 Lojas em atividade, sendo 601 no Rito Escocês Antigo e Aceito, 54 no Rito Francês ou Moderno 35 no Rito Adonhiramita, 12 no Rito de York, 4 no Rito Schoroeder e apenas 4 no Rito Brasileiro

então, recém implantado. Como diz ele, “o Grande Oriente não é só uma federação de Lojas, é também uma federação de Ritos”. Restaurou as Finanças. As relações maçônicas foram intensificadas com quase todo mundo. O Ir.: Nicola Aslan, Grande Secretário Geral de Cultura e Orientação levou a efeito enorme trabalho na Secretaria. Além de selecionar milhares de livros da Biblioteca Maçônica, fichou-os e, em seguida, reabriu suas portas que permaneciam há anos criminosamente fechadas à curiosidade das pessoas que leem. Na gestão do Ir.: Alvaro Palmeira o GOB aumentou seu patrimônio, adquiriu e construiu prédios, resguardou de demolição o Palácio Maçônico do Lavrado, depois de longos entendimentos com o Governo do Estado. A Administração que substituiu a esta, cabia satisfazer detalhes para que o edifício seja conservado para sempre.

Obedecendo o lema “descentralização dentro da unidade”, instalou o Grande Oriente da Bahia, em 1964, o Grande Oriente do Maranhão, em 1966, o Conselho de Veneráveis do Distrito Federal. Estreitou as relações maçônicas internas e celebrou Tratados com o Supremo Conselho do Rito Escossês Antigo e Aceito, com o Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas e com o Supremo Conclave do Rito Brasileiro, que é o seguinte:

“O Grande Oriente do Brasil, Potência Simbólica e Soberana e o Soberano Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro, ambos com sede à rua do Lavrado 97, ao Vale do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, hão por bem afirmar por este Instrumento a Amizade e a Aliança, que devem existir entre as referidas Potências.

Art. 1.º — O Soberano Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro (nas demais cláusulas denominado apenas de Soberano Supremo Conclave) reconhece o Grande Oriente do Brasil como única Autoridade regular, legítima e soberana, exclusiva, no Brasil, para os tres graus simbólicos.

Art. 2.º — Por seu lado, o Grande Oriente do Brasil reconhece o Soberano Supremo Conclave como única Potência regular, legal, legítima, soberana e Chefe do Rito, com exclusiva Autoridade e jurisdição no Brasil.

Art. 3.º — O Soberano Supremo Conclave, por este Instrumento, abre mão do direito de fundar Lojas Simbólicas e de iniciar nos tres primeiros graus do Rito.

Art. 4.º — Por seu lado, o Grande Oriente do Brasil compromete-se, no Rito Brasileiro, a só fundar Lojas Simbólicas e só iniciar nos tres primeiros graus.

Art. 5.º — Todo Maçom, membro de qualquer Oficina da Jurisdição do Soberano Supremo Conclave é obrigado a pertencer a uma Loja da Jurisdição do Grande Oriente do Brasil que pratique os graus simbólicos do Rito, figurando como membro Ativo de seu Quadro, em pleno gozo de seus direitos maçônicos, observada a disposição do Artigo 7.º.

Art. 6.º — Cada um dos Altos Corpos contratantes rege-se pelas leis que adota, e é inteiramente independente na aplicação de taxas às Oficinas, Altos Corpos e Maçons de sua respectiva Jurisdição, sem interferência de um na economia privativa do outro.

Art. 7.º — Qualquer das Altas Partes Contratantes é soberana, dentro de suas próprias leis, para suspender, excluir, expulsar ou eliminar Obreiro de sua Obediência, devendo a suspensão, exclusão, expulsão ou eliminação ser comunicada imediatamente à outra Alta Parte, para sua apreciação.

Art. 8.º — O Grande Oriente do Brasil excluirá de sua Jurisdição todo Mçom que se filiar ou ingressar em qualquer Oficina de Altos Graus, estranha à Jurisdição do Soberano Supremo Conclave e das demais Jurisdições das Oficinas Chefes do Rito, reconhecidas pelo mesmo Grande Oriente. Por sua vez, o Soberano Supremo Conclave procederá de igual modo em relação a qualquer Irmão, que se filiar ou ingressar em Loja Simbólica fora da Jurisdição do Grande Oriente do Brasil.

Art. 9.º — Reserva-se o Soberano Supremo Conclave o direito, inerente às suas funções de Grande Oficina Chefe do Rito, exclusiva Reguladora e Guardiã de seus Arcanos, de formular a doutrina ortodoxa dos Rituais dos tres graus simbólicos, assim como dos Rituais Especiais às variadas cerimônias litúrgicas, que além das de iniciação, também se praticam no Simbolismo, fornecendo ao Grande Oriente do Brasil cópias autênticas de seu trabalho, para consideração dessa Potência.

Art. 10.º — Nas sessões econômicas das Lojas Simbólicas, os Obreiros do Quadro, de grau de Mestre ou superior, posporão aos nomes as siglas M.: M.:

Nessas sessões os Irmãos visitantes poderão assinalar o Alto grau, que possuírem, o que, entretanto, nenhuma prerrogativa especial lhes conferirá.

§ 1.º — Nas sessões magnas (salvo as de iniciação, passagem a Companheiro, exaltação a Mestre, filiação e regularização) é lícito aos Obreiros do Quadro e Irmãos visitantes, que possuam grau superior ao de Mestre, comparecer revestidos de suas insígnias e pospor aos nomes os respectivos graus.

§ 2.º — Um Irmão visitante, no caso de representar o Soberano Supremo Conclave ou Alto Corpo da Obediência Litúrgica, gozará das honras e prerrogativas do protocolo, inerentes ao seu grau e qualidade.

Art. 11.º — Para garantir de um lado a unidade da Família Maçônica Brasileira, e de outro a independência das Altas Partes contratantes, estas, por força deste Tratado:

a) — Funcionarão no mesmo edifício possuindo, porém, cada uma os Templos e Salas destinadas aos seus trabalhos maçônicos e administrativos;

b) — manterão os funcionários administrativos próprios, necessários aos seus serviços;

c) — organizarão as tabelas de emolumentos e os respectivos orçamentos anuais, de receita e despesa;

d) — elaborarão as leis, rituais e regulamentos de seu uso particular e competência, e mais efeitos maçônicos;

e) — terão escrita financeira e patrimonial independentes.

Art. 12 — Os rituais dos graus simbólicos e demais rituais do simbolismo constituem renda exclusiva do Grande Oriente do Brasil.

Art. 13 — A renda dos emolumentos do Rito Brasileiro, relativa à elevação de graus, acima do de Mestre e respectivos cartões, pertence exclusivamente ao Soberano Supremo Conclave, que a arrecada diretamente.

Art. 14 — Fica a cargo do Grande Oriente do Brasil a administração dos bens móveis e imóveis da Ordem Maçônica, bem como a manutenção, conservação e policiamento do edifício em que funcionam as Altas Partes contratantes.

Art. 15 — As duas Altas Partes Contratantes só reconhecerão Maçons a elas pertencentes, que estejam no gozo dos direitos maçônicos ou que pertençam a Potências Maçônicas reconhecidas

por uma das Partes. Obrigam-se, ainda à mútua comunicação de reconhecimento de outras Potências. Permutarão igualmente as respectivas publicações oficiais.

Art. 16 — O Soberano Supremo Conclave e as Oficinas de sua Obediência só concederão elevação de graus de sua competência e expedirão Certificados, Diplomas, Breves, Patentes e Carteiros de Identidade Maçônica aos Maçons que provarem sua regularidade no Grande Oriente do Brasil, devendo todos possuir atualizado o Cadastro Geral da Ordem, em uso nessa Potência Simbólica.

Art. 17 — O Grande Oriente do Brasil comunicará ao Soberano Supremo Conclave a fundação de novas Lojas Simbólicas do Rito Brasileiro e a expedição da respectiva Carta Constitutiva, e também a incorporação ou reincorporação de Lojas Simbólicas e a regularização de Maçons do Rito Brasileiro. Por sua vez, o Soberano Supremo Conclave comunicará ao Grande Oriente do Brasil a nomeação e dispensa de seus Delegados, a expedição de Patentes e Cartas para Sublimes Capítulos, Grandes Conselhos e Altos Colégios necessários aos trabalhos do Rito em todo o território nacional.

Parágrafo único — O Soberano Supremo Conclave determinará às Lojas Simbólicas, que orgnizem seus Sublimes Capítulos, tendo administração, escrita e economia própria, completamente independente e separadas da Oficina Base.

Art. 18 — Os Diplomas, Breves e Patentes dos graus 4 a 33 têm registro exclusivo na Grande Secretaria da Magna Reitoria.

Art. 19 — É lícito ao Soberano Supremo Conclave enviar às Lojas Simbólicas do Rito Brasileiro da Jurisdição do Grande Oriente do Brasil publicações ou instruções exclusivamente de natureza litúrgica ou referentes ao Rito Brasileiro.

Art. 20 — A execução de todas as cerimônias litúrgicas do Simbolismo compete ao Grande Oriente do Brasil. A instalação de Veneráveis Mestres e a Sagração do Templo, poderão ser realizadas pelo Soberano Supremo Conclave.

Art. 21 — Em obediência ao princípio da completa separação entre os governos da Maçonaria Simbólica e da Maçonaria Filosófica, as Altas Partes contratantes têm por incompatíveis:

a) — Qualquer dos cargos de Grão-Mestre Geral e Grão-Mestre Adjunto com qualquer dos cargos de Grande Primaz e Grande Regente;

b) — Qualquer dos cargos de Grandes Secretários Gerais do Grande Oriente do Brasil com qualquer dos cargos de Grande Secretário da Magna Reitoria e Grande Chanceler da Magna Reitoria;

c) — Qualquer dos cargos de Grão-Mestre Estadual, Grão-Mestre Estadual Adjunto e Grande Secretário Estadual com qualquer dos cargos de Delegado Litúrgico, Grande Prior e Egrégio Mestre.

Parágrafo único — A posse em cargo considerado incompatível, pelo Maçom que já estiver em cargo do Grande Oriente do Brasil ou do Soberano Conclave, importará na perda do cargo, que vinha exercendo.

Art. 22 — Quando um Alto Corpo Litúrgico convidar o Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil a comparecer a qualquer cerimônia, permissível pelo alto grau que possua, será ele recebido conjuntamente com o Grande Primaz, o mesmo ocorrendo nas Lojas Simbólicas. Analogamente se procederá com as demais Dignidades de uma e de outra Potência.

Art. 23 — As Altas Partes contratantes reconhecem e acatam reciprocamente a legislação vigente em ambas as Jurisdições, mas só se obrigam expressamente aos dispositivos do presente Trabalho.

Art. 24 — Em protocolos adicionais, assinados em conjunto pelo Grão-Mestre Geral e pelo Grande Primaz, serão solucionados, de comum acordo, os casos omissos.

Art. 25 — O presente Tratado vigorará por tempo indeterminado, podendo ser denunciado por qualquer das Partes, por meio de Prancha dirigida ao Grão-Mestre Geral ou ao Grande Primaz, conforme o caso, com antecedência de 12 (doze) meses.

Art. 26 — Este Tratado entrará em vigor a partir de sua ratificação pelo Soberano Supremo Conclave para o Rito Brasileiro e pela Soberana Assembléia Federal Legislativa do Grande Oriente do Brasil.

Os Grandes Secretários Gerais do Grande Oriente do Brasil e do Soberano Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro ficam encarregados da publicação e notificação do presente Tratado a todas as Oficinas, Altos Corpos e Maçons da Federação e às Potências Maçônicas estrangeiras. E, assim, justos e contratados, firmam o presente o Grão-Mestre Geral, o Grande Secretário Geral da Administração, o Grande Secretário Geral das Relações Ma-

çônicas e o Grande Secretário Geral da Guarda dos Selos do Grande Oriente do Brasil, e o Grande Primaz, Grande Secretário e Grande Chanceler do Rito Brasileiro.

Dado e traçado no Salão Nobre do Palácio Maçônico, à rua do Lavradio n.º 97, na cidade do Rio de Janeiro (Estado da Guanabara), Brasil, no 4.º dia da Luz de Sivan do ano mundis 5968 (10 dias do mês de junho de 1968 da Era Vulgar).

- Ass.) Alvaro Palmeira**
O Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil
- Ass.) Adhmar Flôres**
O Grande Secretário Geral de Administração
- Ass.) Humberto Chaves**
O Grande Primaz do Soberano Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro
- Ass.) Arivaldo Ramos**
O Grande Secretário Geral do Soberano Supremo Conclave
- Ass.) Eugenio Macedo Matoso**
O Grande Secretário das Relações Maçônicas

SELADO E TIMBRADO POR NÓS:

- Ass.) Giacomono Ruscigno**
O Grande Secretário da Guarda dos Selos
- Ass.) Milton Gomes da Silva**
O Grande Chanceler Adjunto do Soberano Supremo Conclave

Ratificado pela Soberana Assembléia Federal Legislativa na Sessão do dia 27 de junho de 1968, E.: V.:" (58)

O Grão-Mestre Alvaro Palmeira criou a Mútua Maçônica, pensando carinhosamente na família dos IIR.: Cutivou, cheio de boa vontade e espírito cristão, suas relações com a Igreja Católica, sendo elas bem cordiais em vários Orientes. Seu trabalho foi enorme e fecundo e enumerá-lo seria um nunca acabar.

Quizeram depois reelegê-lo, dada a magnitude de sua obra. Não aceitou os apelos vindos de Lojas e Corpos como o que lhe foi feito na séde do Grande Oriente de S. Paulo pelo Grão-Mestre Estadual, em seu nome e em nome dos Grão-Mestres de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cento e

cincoenta Veneráveis de Lojas presentes juntaram seus pedidos, mas vão. Não aceitou tão generosos e honrosos apelos dos IIR.: por ser contrário à renovação de longos mandatos. O de Grão-Mestre é de cinco anos. Muito extenso.

Mas ele não se descuidou um instante do Rito Brasileiro. No meio desse trabalho de gigante, cuidava dessa nova Potência a qual reservava e reserva carinho infinito. Com justeza julga que a "Maçonaria não tem pátria, mas os maçons a têm. O maçom não é nem pode ser um apátrida".

Antes do Rito Brasileiro funcionavam no Brasil cinco Ritos europeus. Foram eles que trouxeram para nós a Maçonaria. Nós lhes somos profundamente gratos.

A França tem os Ritos Francês ou Moderno e o Adonhiramita. A Grã-Bretanha tem o Rito York — ou Inglês ou Real Arco — e o Escossês Antigo e aceito. É preciso não esquecer que este e todos os "Escossêses" foram criados na França. O Rito York, levada para os Estado Unidos, ali domina como o maior. Na Alemanha funciona o Rito Alemão de Hamburgo ou Schroeder. Não era nada de extraordinário que o Brasil tivesse seu Rito, ele o maior país do Mundo Latino e um dos maiores do mundo. "Com o Rito Brasileiro o Brasil Maçônico afirmou a sua maioria. Ato irreversível, porque necessário", afirma mestre Palmeira.

Assim, antes de terminar seu mandato, baixou o Decreto n.º 2080, de 19 de março de 1968, E.: V.:, nestes termos:

DECRETO N.º 2080 e LOJAS DO RITO

DECRETO N.º 2.080 DE 19 MARÇO DE 1968. E.: V.:

RENOVA EM SEUS SUPERIORES OBJETIVOS O ATO N.º 1.617, DE 3 DE AGOSTO DE 1940 E.: V.: COMO O MARCO INICIAL DA EFETIVA IMPLANTAÇÃO DO RITO BRASILEIRO.

O professor Alvaro Palmeira, Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, na forma do art. 71, II da Constituição

A gênese do Rito Brasileiro

1. Considerando que o Grande Oriente do Brasil é hoje, pelo número de suas Lojas, a maior Potência Maçônica da latitudes e a terceira em todo o mundo;

2. Considerando que o Rito Brasileiro foi reconhecido pelo Grande Oriente do Brasil e incorporado (Decreto n.º 500, de 23 de dezembro de 1914), reconhecido, consagrado e autorizado (Decreto n.º 536, de 17 de outubro de 1916, de conformidade com a Resolução da Soberana Assembléia) e adotada e incorporada sua Constituição (Decreto n.º 554, de 13 de julho de 1917) — o que decerto consttuia, já então uma clara afirmação de maioridade maçônica;

3. Considerando que houve duas tentativas para a implantação efetiva do Rito, uma em 1921 em São Paulo e outra em 1940 na Guanabara, publicando-se na oportunidade alguns Rituais e fundando-se algumas Lojas:

4. Considerando que à revelia desses movimentos, um tanto ou quando obstaculizados, surgiram em épocas diferentes, em diversos Orients, Lojas do Rito Brasileiro, e últimamente várias outras, mas fracassaram, pela falta de Rituais completos e ausência de govêrno no Filosofismo do Rito:

5. Considerando que em 1940 foi baixado pelo Grão-Mestrado Geral um Ato, o de número 1.617, de 3 de agosto, nomeando 7 irmãos para constituírem o núcleo do Corpo máximo do Rito Brasileiro (Supremo Conclave) e em 1941 outro Ato o de número 1.636, de 6 de fevereiro, designando a Comissão encarregada de regularizá-lo:

6. Considerando que depois de 1940 vários Irmãos de relêvo foram agraciados com o mais alto título do Rito, mas o Supremo Conclave, logo adiante, adormeceu, por motivos vários:

7. Considerando que recentemente foram regularizadas no Rito Brasileiro em 1956 a Aug.: Loja Renovação, no Poder Central; em 1957 a Aug.: Loja Fraternidade e Progresso III, ao Oriente de Petrópolis e nesse mesmo ano a Aug.: Loja Alvorada, ao Or.: de São Paulo, — compelidas depois a mudarem de Rito, assim como a Aug.: Loja Quatorze de Julho V. ao Oriente de Belo Horizonte, que não se pôde instalar no Rito, pelos motivos já referidos:

8. Considerando que o vigente Regulamento Geral da Ordem refere-se em seu artigo 24 ao Rito Brasileiro (Regulamento Geral ed. de 1953):

A inevitável posição da Maçonaria Universal

9. Considerando que o Rito Brasileiro, por seu conteúdo é hoje mais do que ontem, uma necessidade da Ordem Universal integrando na Maçonaria contemplativa a Maçonaria militante, isto é harmonizando o estrutural com o temporal:

10. Considerando que em um inquérito recente, realizado nos Estados Unidos da América, (sem dúvida um dos sustentáculos da Tradição) entre 1.500 maçons da maior evidência, 74% responderam afirmativamente à necessidade de uma reformulação da Maçonaria para que ele possa corresponder às exigências da época em que vive (vide "Boletim" do Grande Oriente do Brasil, mês de março-maio de 1961, reproduzindo a revista "Die Bruderschaft" de maio de 1960):

11. Considerando que qualquer inovação no comportamento do trabalho maçônico não pode, porém, jamais horizontalizar o peculiar e alto conteúdo doutrinário da Instituição:

12. Considerando que a Maçonaria, sem perder esse caráter principal, intrínseco e característico de Instituição Iniciática de formação moral e filosófica, deve entretanto estar presente ao estudo dos problemas da civilização contemporânea e neles inter-

vir superlativamente, para que a Humanidade possa encaminhar-se sobre o suporte da Fraternidade, a um mundo de Justiça. Liberdade e Paz, porque não há antagonismo entre a Verdade e a Vida:

13. Considerando que no Rito Brasileiro todos esses problemas podem fraternalmente ser debatidos, tendo em vista que um dos fins do Rito é a formação da cultura político-social dos Obreiros, paralela à indispensável cultura doutrinário maçônica para que os Maçons possam sentir, captar e dirigir o espírito de cada século:

14. Considerando que a falta de objetivos públicos tem corrido para a formação de organizações paramaçônicas profanas, como o Rotary, Lion's, etc., onde os maçons aplicam o inato pendor de bem-fazer, mas desvinculados do suporte da Tradição, o que impede rendimento maior e melhor:

15. Considerando que a Igreja Católica nos apresenta, hoje, um exemplo marcante de que é possível a uma Instituição milenária atender à contingência do momento que passa, sem perder a imanência das fontes primevas da Doutrina:

16. Considerando que a Tradição não significa a abstenção, nem exige o imobilismo, que em 1717 se inaugurou a fase atual da Maçonaria e assim essa fase já têm dois séculos e meio, que sem renovação não há vida e o que se faz necessário é desenvolver um humanismo maçônico essencialmente dinâmico: "o que importa é partir e não ter chegado" (Saint-Exupéry, em "Citadelle"):

17. Considerando que na realidade "o Maçom vive com o seu século, constroi para o seu século e se ele não deve perder jamais de vista os Princípios Fundamentais, que são à razão de ser da Ordem, ele sabe contudo que a aplicação desses Princípios à realidade varia com o contexto histórico da época, e que os tempos novos exigem atitudes novas" (Alexandre Chevalier, Grão-Mestre do Grande Oriente de França em "Centre de Documentation" janeiro fevereiro de 1966):

18. Considerando que esse conceito de evolução, sem ferir a ortodoxia, está sendo afirmado, fora da linha latina, por outras Potências coirmãs, como recentemente a Grande Loja de Israel quando afirma "temos sido durante reclamados para um aumento de nossas atividades cívicas, numa forma digna para uma Ordem, que tem os objetivos e o futuro da Franco-Maçonaria" (editorial da revista "Haboneh - Hahofsch" órgão oficial, novembro de 1967):

19. Considerando que nessa mesma revista há uma proclamação do M.: R.: Irmão Doyne Inman, Grão-Mestre da Grande

Loja de Wisconsin (EUA), acentuando que o patriotismo é uma qualificação essencial da Franco-Maçonaria” e esta “o suporte da autoridade legal e dos altos ideais sobre os quais a Nação foi fundada”:

A inata vocação do Grande Oriente do Brasil

20. Considerando que foram exclusivamente as atividades cívicas e de alto significado político-nacional, desde a Independência em 1822 até hoje (exercidas a deslodo dos cânones primordiais) que deram o brilho, a honra e a grandeza do Grande Oriente do Brasil, com o aplauso da Nação Soberana:

21. Considerando que, mesmo antes da Independência, a consciência dos Maçons do Brasil os conduzia inelutavelmente ao supremo trabalho em prol da Liberdade e da Justiça Social às custas, muitas vezes do sacrifício máximo, como Tiradentes e os republicanos de Pernambuco de 1817. — o que ocorreu também gloriosamente em outras terras latinas, — mas essas magnas atividades só cabem, **com autenticidade**, num Rito que, como o Brasileiro, impõe a prática do Civismo em cada Pátria para uma crescente dignificação da vida pública e social, — e não foi outro o pensamento dos pioneiros de 1914, quando fundaram o Rito, liderados pelo nobre e inclito Lauro Sodré:

22. Considerando que esse caráter construtivo do Rito Brasileiro absolutamente não excede os parâmetros da Maçonaria, porque se, em verdade, a Maçonaria é supranacional, ela não é, porém, desnacionalizante ou em outras palavras: se a Maçonaria não tem Pátria os maçons a têm:

23. Considerando, dest’arte que é fácil vencer os obstáculos da rotina e da incompreensão, tanto mais quanto o Rito Brasileiro, sem incompatibilidade conviverá fraternalmente com todos os Ritos regulares, não vem tomar o lugar de nenhum deles mas preencher uma visível lacuna:

24. Considerando o atual desejo insistente de numerosos Irmãos, em vários Orientes, de trabalharem no sistema do Rito Brasileiro, mantendo todavia sua fidelidade e gratidão aos Ritos tradicionais:

Hic et nunc

25. Considerando que o assunto não permite delongas, tanto mais quanto a Humanidade atravessa uma fase de mudança de civilização e o futuro invade violentamente o presente:

26. Considerando mais que o Maçom deve conduzir e não ser conduzido e, por isso, a Maçonaria não pode continuar insensível ou, melhor estranha ao vertiginoso desafio da vida contemporânea, como fôrça esgotada, — ou defrontá-lo fortuitamente ao sabor dos acontecimentos:

27. Considerando por fim que é mister produzir o “fiat” inicial do processo de implantação regular do Rito Brasileiro e essa alta e bela incumbência a assume o Grão-Mestre Geral. com a aprovação unânime do II.: Conselho Federal da Ordem:

D E C R E T A:

Art. 1.º — Fica constituída uma Comissão Especial, composta de 15 PPod.: Irmãos, com relevantes e notórios serviços à Ordem, para rever, com plenos poderes a Constituição do Rito Brasileiro, publicada pelo Grande Oriente do Brasil em 1940. E.: V.: em face dos manifestos ulteriores do referido Rito. de modo a pô-lo rigorosamente acorde as exigências maçônicas da Regularidade internacional, fazê-lo de âmbito universal, separar o Simbolismo do Filosofismo e constitui-lo ser real veículo de renovação da Ordem conciliando a Tradição com a Evolução:

Art. 2.º — A Comissão Especial, acima referida, composta dos EEm.: IIr.: Almirante Benjamin Sodré, Grão-Mestre Geral Honorário, e Erasmo Martins Pedro, Grão-Mestre Geral Adjunto, Deputado Federal e mais os PPod.: IIr.: (por ordem alfabética): Professor Adhmar Flores, Alberto Alves Sarda, Dr. Alvaro de Melo Alves Filho. Ardvaldo Ramos, Cândido Ferreira de Almeida. Dr. Edgard Antunes de Alencar, Professor Eugênio Macedo Matoso. Dr. Humberto Chaves, Dr. Jorge de Bittencourt, Professor Jurandyr Pires Ferreira, Dr. Norberto Santos, Dr. Oscar Argolo (vindo do Supremo Conclave de 1940) e General Tito Ascoli de Oliva Maya, constituirá o núcleo inicial do Supremo Conclave e terá o prazo de um mês para a revisão pretendida.

Art. 3.º — O atual Grão-Mestre Geral, por ser um dos remanescentes do adormecido Conclave de 1940 e também porque a projetada Constituição obviamente envolverá matéria pertinente ao Filosofismo mas com implicações no Simbolismo, será o assessor da referida Comissão.

Dado e traçado no Gabinete do Grão-Mestrado Geral da Ordem, na cidade do Rio de Janeiro (Guanabara), em 19 de março de 1968, E.: V.:

A notificação e a publicação do presente Decreto ficam a cargo dos PPod.: IIR.: o Gr.: Secr.: Geral de Administração para as Lojas, Delegacias e Grandes Orientes Estaduais e o Gr.: Secr.: Geral de Relações Maçônicas para as Potências co-irmãs do Simbolismo e do Filosofismo.

O Grão-Mestre Geral, a) Professor Alvaro Palmeira; O Gr.: Sec.: Ger.: de Adm.: a) Professor Adhmar Flôres; O Gr.: Secr.: Ger.: de RRel.: MMAç.: a) Professor Eugênio Macedo Matoso. SELADO E TIMBRADO: a) Manuel Rodrigues Alves Filho, Gr.: Secr.: da Guarda dos Selos." (59)

(Ao tempo em que foi baixado este Decreto (março de 1968). não havia em funcionamento no Grande Oriente do Brasil nenhuma Loja do Rito Brasileiro. O Rito achava-se adormecido).

Sem renovação ha vida, repete sempre o Gr.: Instrutor do Rito Brasileiro.

Constituída a grande comissão, todos se esforçaram para pôr o Rito em ordem porque já está Legal, Regular e Legítimo. Essa comissão de 15 maçons ilustres, entre outras obrigações, iria cuidar de reimplantação regular do Rito, gosava de plenos poderes para rever a Constituição do Rito publicada pelo Gr.: Or.: do Brasil, em 1940, tudo como determina art. 1.º desse Decreto. O professor Alvaro Palmeira se designou Assessor da mesma comissão e, como tal, orientou o trabalho, inclusive a redação da nova Constituição do Rito, de 25 de abril de 1968.

Ha quem diga que o Grão-Mestre Lauro Sodré pensara em fazer um Rito nacional. Não é verdade, afirmam seus amigos e colaboradores. Ele e estes sempre quizeram-no de "âmbito universal", porque essa universalidade é condição de regularidade. Palmeira intervindo, deu somente maior ênfase a essa exigência. O Rito reinstalado em 1968, é o mesmo de 1914-1971 e de 1940-1942. Apenas foi refundida a nomenclatura e a parte adjetiva com a finalidade de conciliar a Tradição com os Novos Tempos.

Numa de nossas longas e proveitosas conversas com o professor Palmeira sobre a MAÇONARIA DO ESPECIAL RITO BRASILEIRO de José Firmo Xavier, ele nos disse que "o Rito não prosperou, por conter preceitos de irregularidade, como a só admissão de brasileiros natos". Tal exigência consta do art. 3.º, Capítulo 1.º, quando diz: "Abraça sem distinção de classe a todos os brasileiros natos que quizerem Jurar a Santa Fraternidade e gozar dos benefícios que ela oferece".

O nacionalismo maçônico que querem atribuir a Lauro Sodré não procede porque, embora ele não fosse um “expert” em Maçonaria, se cercara de maçons de alto gabarito, cujos nomes estão anotados acima, que não consentiriam tal absurdo.

Não tivemos a ventura de ler a Constituição que o Ir.: Otaviano Bastos, outro luminar da Maçonaria, publicou ou republicou em 1919. Entretanto, lemos com o interesse que dispensamos às coisas sérias, o folheto “Rito Brasileiro — Ritual de sess.: ordinária” publicado nesse ano. (60) É documento precioso para quem faz História. Assim, vamos transcrever “ipsis litteris” alguns trechos mais interessantes sob o ponto de vista maçônico.

“Disposições e Decorações

O local de reunião chama-se CENACULO

As paredes são decoradas de VERDE

O texto representa a CONSTELAÇÃO DO CRUZEIRO

Os altares são octogonais com decorações VERDES E AMARELAS

A sala de reunião tem a forma de um RECTANGULO

No alto das col.: symbolicas ha um RESPLANDECENTE
COM O GLOBO TERRESTRE

Abaixo do dorcel do Presidente vê-se o OLHO LUMINOSO
E A BANDEIRA BRASILEIRA.

“O Vigilante senta-se no occidente junto a balaustrada direita —; o Chancellor à frente da Col.: J e o Thesoureiro a frente da B —; o Secretário no oriente, a direita do Presidente —; o Mestre de Cerimon.: a esquerda, junto a balaustrada, no oriente —; o Introdutor a direita do Chancellor —; o Cobridor archivista a porta do cenaculo e o 2.º Mestre de Cerimon.: a esquerda da balaustrada no occidente.

Tudo mais como Rito Francez

Cargos

LUZES -: Presid.: , Vigil.: , Secret.: , Thes.: e Chancel.: (: 5)

FUNCIONARIOS :- Mestre de Cerim.: , 2.º Mestre de Cerim.: ,
Introdut.: , Archiv.: , Cobridor (: 4)

Corpos

- 1.º Cenáculos ou oficinas — (gr.: 1 a 3)
- 2.º Capítulos
- 3.º Gr.: Capítulo

Graus

- Gr.: 1, INCIPIENTE ou Aprendiz
- Gr.: 2, ADEPTO ou Companheiro
- “ 3, PRINCIPAL ou Mestre

Títulos de Honra

CAVAL.: TEMPLARIO — direito: poder ser representante.

CHEFE LITURGICO — direito: poder ser escolhido para o Cons.: Geral da Ord.: ou Tribunal de Justiça.

DEFENSOR DA ORDEM — direito: poder ser delegado, membro honorario e official de honra.

Gr.: DEF.: da ORD.: — direito: occupar qualquer cargo.

Exigencias

Para ser Caval.: — conhecer a liturgia, historia maç.: e o Reg.: Geral.

Para ser Chefe : — Dissertação sobre as socied.: secretas, lutas maçônicas — Valor da Maç.: — Cod.: e proc.: e penal.

Para ser Def.: :- Sig.: toques e palavras de 1/18, formalidades e cerimoniaes maç.: — A Maç.: e o Brasil, Ritos e CConst.: maç.:

Grande Defensor da Ordem — Ter sido Luz e obter a unanimidade dos demais defensores.

Estes títulos obedecem a ordem hierarchica.

Particularidades

SIGNAL DE ORDEM — Igual ao escossez, gr.: 1.

SAUDAÇÃO — Idêntica a do francez g.: 1.

Do Rito — A saudação romana.

TOQUES — os do gr.: 3

PALAVRA SAGRADA — a do gr.: 3 escossez

PALAVRA DE PASSE — Brasil

MARCHA — Caminhar desembaraçadamente com os dedos da mão direita no ombro direito até o **Vigilante**, a quem se faz o signal romano e ao Presidente a saudação precedida do signal romano.

BATERIA — 1-11.

ACLAMAÇÃO — Sciencia, Razão, Brasil.

IDADE — a do gr.: 3.

SIGNAL DE OBEDIENCIA — Crusar as mãos.

Durante a sessão existe uma **FALA** do **PRESIDENTE** nestes termos:

—“Ir.: Mestr.: de Cer.: que é preciso para ser maçon no rito Brasileiro?

MR.: CERIMONIA

“Provar ter capacidade civil, moral, boa conduta; compreender os fins maçônicos, poder executa-los, ser de preferência brasileiro, proposto, aceito e iniciado, além das exigencias do Código Maçônico”.

Sem dúvida, a expressão **SER DE PREFERENCIA BRASILEIRO** foi a razão de haverem acusado **Lauro Sodré** de querer um Rito nacional. Para “pô-lo rigorosamente acorde às exigências maçônicas de Regularidade internacional, fazê-lo de âmbito universal, separar o Simbolismo do Filosofismo e constituí-lo em real veículo de renovação da Ordem, conciliando a Tradição com a Evolução”, foi que o Grão-Mestre **Alvaro Palmeira** baixou o Decreto n.º 2080, mestrado acima.

Mas o Rito Brasileiro não veio competir, como supõem os que, do Rito, só conhecem o título, com nenhum outro e, sim, coexistir, convier, trabalhar dentro de infinita harmonia e fraternidade com todos os coirmãos. Respeita e acata escrupulosamente os Landmarques e a Tradição maçônica. Tem condição e categoria para ser praticado em qualquer parte do mundo. **URBI ET ORBE** — em toda parte — é um de seus lemas. Não tem a veleidade de pretender ser maior do que nenhum outro. Quer, isto sim, gosar do sagrado direito de ter um lugar ao sol, ele que **AB INITIO** desde o começo nasce para todos. Qualquer Loja Simbólica que deseje aceitá-lo, os maçons inativos — “o estado de inativo, que de per si já é uma ofensa à Maçonaria — (61) ou os desencantados com o ramerrão de outros Ritos, os profanos que

aspiram entrar para a Ordem com o sentido de servi-la e ser útil a si, à família e à pátria, todos os homens "livres e de bons costumes", são bem-vindos no Rito Brasileiro. Ele está inteiramente de acordo com as exigências maçônicas da Regularidade Internacional e apartou o Simbolismo do Filosofismo. O Rito Brasileiro é um veículo de renovação da Ordem, tendo o cuidado de conciliar a Tradição com a Evolução.

O Grande Oriente do Brasil, até a Constituição de 1951, era uma Potência Mista. Não havia divisão entre Simbolismo e Filosofismo. O Grão-Mestre Geral acumulava as atribuições de Grande Comendador, Grande Primaz e Grande Inspetor das Oficinas-Chefes de Rito.

Após nove anos de sua implantação, o Rito Brasileiro se impôs à consciência do povo maçônico do Brasil. As Lojas vão se instalando com frequência por todos os Estados da Federação, como se verá em seguida.

A Magna Reitoria inicial tinha como Grande Primaz de Honra o Ir.: Almirante Benjamim Sodré. O primeiro Grande Primaz de ofício, o Ir.: dr. Humberto Chaves, teve como sucessor o Ir.: dr. Adhmar Flôres, ambos de saudosa memória. O atual Grande Primaz é o Ir.: dr. Cândido Ferreira de Almeida. O cargo de Grande Regente — substituto eventual do Grande Primaz — é ocupado, desde o início, pelo Ir.: dr. Jurandy Ferreira. O cargo de Grande Instrutor do Rito é desempenhado, desde 1968, pelo Ir.: professor Alvaro Palmeira, "responsável por sua regularidade maçônica e pela exação dos Rituais".

E lá se vai o Rito Brasileiro, com toda a força e vigor, conquistando Lojas por este Brasil a dentro. São Lojas que se fundam no Rito, são Lojas que, nascidas noutro Rito, adotaram o Brasileiro, posteriormente.

Aqui está a relação, talvez incompleta, das Lojas do Rito Brasileiro situadas em diversos Estados. Dizemos assim porque, sem dúvida, ao ser publicado este trabalho, novas Lojas surgiram aqui, ali, além.

AMAZONAS — Vitória Régia — Or.: de Manaus

MARANHÃO — Urbano Pinheiro — Or.: de S. Luis

MATO GROSSO — Ordem, Trabalho e Progresso — Or.: de Naviraí
— Fraternidade e Segredo — Or.: de Campo Grande

GOIÁS — Minerva IV — Or.: de Goiânia

— Guimarães Natal — Or.: de Goiânia.

GOIÁS — Aprendizes do Bem — Or.: de Piranhas
 Harmonia e Verdade — Or.: de Santa Helena
 Alvorada de Aragarças — Or.: de Aragarças
SÃO PAULO — América — Or.: de Santo André
 Convenção de Itú — Or.: de Itú
MINAS GERAIS — General Moreira Sampaio — Or.: de Belo Horizonte..
 Monte das Oliveiras — Or.: de Oliveiras
 Luz e Liberdade — Or.: de Itapecirica
RIO DE JANEIRO — Fraternidade e Civismo — Or.: Poder Central
 Arariboia — Or.: de Niterói
 Dignidade e Justiça — Or.: de Campos
 Barão de Tefé — Or.: de Itaguaí
 Dezoito de Setembro — Or.: de S. João de Meriti
 Estrela de Paracambi — Or.: de Paracambi
 União, Ordem e Progresso — Or.: de Campo Grande
 Monte Castelo — Or.: Poder Central
 Pioneiros do Progresso — Or.: Poder Central
 Duque de Caxias II — Or.: Poder Central
ESPÍRITO SANTO — Vale do Itapemirim — Or.: de Marataizes
ALAGOAS — Dezembargador Barreto Cardoso — Or.: de Maceió
BAHIA — Gonçalves Lêdo V — Or.: de Ilhéus
 Acrópole Sertaneja — Or.: de Caetité
 André Rebouças — Or.: de Salvador
 Castro Alves — Or.: de Salvador
 Cônego Januário — Or.: de Serra Dourada
 Cruzeiro do Sul — Or.: de Guanambi
 Deus, Caridade e Justiça — Or.: de Itamarajú
 16 de Junho — Or.: de Feira de Santana
 16 de Julho — Or.: de Itapebi
 Estrêla Flamejante — Or.: de Riacho de Santana
 Frei Caneca — Or.: de Santa Maria da Vitória
 Joaquim Nabuco — Or.: de Salvador
 Leonardo da Vinci — Or.: de Macaúbas
 Padre Roma — Or.: de Itanhem
 14 de Junho — Or.: de Santo Amaro da Purificação
 14 de Agosto — Or.: de Riachão de Jacuípe
 28 de julho — Or.: de Itabuna
 Conde de Linhares — Or.: de Francisco do Conde
 Fraternidade 5 de Novembro — Or.: de Eunápolis
 Profeta Issa — Or.: de Teixeira de Freitas
 Força e União de Porto Seguro — Or.: de Porto Seguro
 25 de Dezembro — Or.: de Alagoinhas

**LOJAS QUE FUNCIONAM NO RITO BRASILEIRO NO
MOMENTO AFASTADAS DO G O B. MINAS GERAIS — Estrela
do Oeste de Minas — Or.: de Divinópolis**

Labor e Civismo — Or.: de Cataguases

**LOJA FUNDADA NO RITO BRASILEIRO QUE. POSTERIOR-
MENTE ADOTOU O RITO MODERNO**

SÃO PAULO — Alfeu Cesar Pedrosa — Or.: de Marília

**LOJA QUE ADOTOU O RITO BRASILEIRO, TORNANDO
POSTERIORMENTE AO RITO ESCOCÊS**

SÃO PAULO — Estrela da Síria — Or.: de São Paulo

**LOJA FUNDADA NO RITO BRASILEIRO, SOB A JURISDI-
ÇÃO DO GRANDE ORIENTE INDEPENDENTE**

MINAS GERAIS — Cavaleiros da Liberdade — Or.: de Juiz de Fora

TRIANGULO QUE ADOTA O RITO BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO — Dedo de Deus — Or.: de Magé

Solidamente implantado em todas essas Lojas Simbólicas, 16 Sublimes Capítulos, 7 Grandes Conselhos 1 Conclave Autônomo e 1 Supremo Conclave, pode-se afirmar, sem medo de êrro, que o Rito Brasileiro já ocupa o lugar de segunda Potência Filosófica, dentro do Grande Oriente do Brasil, “a maior Potência Maçônica da latinidade e a terceira em todo o mundo”. (60)

No Grão-Mestrado do Ir.: Alvaro Palmeira, o Grande Oriente celebrou Tratado de Amizade e Aliança Maçônica com o Supremo Conclave do Rito Brasileiro, como vimos cumprindo dispositivo constitucional. Esse Tratado foi ratificado pela Assembléia Federal Legislativa, sob aclamação, com o plenário de pé, a 27 de julho de 1968, afirma o Grande Instrutor do Rito, com justificado orgulho.

Hoje, as atribuições estão bem e claramente demarcadas. As Lojas Simbólicas do Rito pertencem à obdiência do Gr.: Or.:. Aí se encontram à venda os Rituais Simbólicos — Aprendiz, Companheiro e Mestre. Os Rituais e Manuais dos Altos Graus são encontrados no Supremo Conclave do Brasil Rito Brasileiro, inclusive Estatuto, Constituição e Regulamento Especial.

Sem dúvida, todas essas Lojas foram fundadas com amor, com verdadeiro espírito maçônico, obedecendo às exigências da Ordem. Todas são grandes em nosso afeto e, certamente muitas são gran-

diosas em suas instalações. Umas mais ricas, outras menos faustosas, mas dignas do apreço e admiração dos Iir.: Não é a magnificência de sua construção que faz da Loja a maior e a melhor da Fraternidade. É o trabalho, é o desvelo, é a assiduidade da presença de seus filhos que a elevam em dignidade.

O poeta e escritor inglês, nascido em Bombaim, Ir.: Rudyard Kipling, numa dessas horas indefiníveis de saudade, escreveu delicioso poema sobre sua distante e amada Loja Mãe. Descreveu-a assim, numa estrofe, em tradução livre Ir.: Alvaro Palmeira.

.....
.....
"Pequeno o Templo e pobre:
Numa planície desnuda,
uma casa velha, aberta sobre
a rua antiga, solitária e muda.
Aos lados do Altar dois bancos e diante,
simbolizando a ara de granito,
uma coluna truncada de madeira...
Para cumprir estritamente o Rito
tinhamos o bastante,
E eu era, na Loja, o Segundo Vigilante."

Noutra estrofe disse transbordante de nostalgia.

.....
"Recordando minha Loja, sinto desejos
de voltar a estreitar fortemente a mão
de meus Irmãos brancos e daquele outro Irmão
de côr, que chegara de terras africanas.
Poder entrar de novo no Templo pobre
de minha Loja-Mãe, na desnudez
daquela casa velha, aberta sobre
a rua antiga, solitária e muda;
ouvir o Guarda do Templo, sorridente,
anunciar minha chegada e ver-me em frente
do Venerável Mestre, a quem servi
como Segundo Vigilante". (62)

Todas que aqui se alinham honrando e engrandecendo o Rito Brasileiro, e as que vierem merecem a homenagem de nosso bem-querer e de nosso respeito. Não importa que sejam imponentes ou iguais à "casa velha" de nosso grande poeta. O que vale é o bem e o que de bom os Iir.: fazem ali dentro Praza aos ceus

que, dentro em breve seja encontrada em cada canto do Brasil, do Continente, do mundo, uma Loja do Rito Brasileiro elevando mais a Maçonaria Universal.

Como dissemos, todas as Lojas são de nossa afeição, mas a Loja Labor e Civismo, do Or.: de Cataguases, nas Minas Gerais, nos merece um pouco mais de atenção. Além das razões afetivas, que são poderosas — quer queiramos ou não — vimo-la nascer, crescer, rumar para a frente e para o alto com um entusiasmo de estarrecer o homem mais cético.

De vez em vez, maçons, protegidos por um poder efêmero, se desmandam por se julgarem, talvez, pequenos monarcas absolutistas reinando nas Lojas e no próprio Grande Oriente do Brasil. E a Maçonaria sofre uma agressão que a deixa ferida por algum tempo. Por pouco tempo, louvado Deus, porque, no meio deles ha Ir.: honestos, imbuídos dos ideais maçônicos que se levantam, bravamente reagem à insídia e apagam a cicatriz insensata.

Foi o que aconteceu na Loja Cataguasense. O Venerável desregrou-se e um grupo de onze obreiros saiu para fundar outra Loja onde fosse possível o império dos mandamentos maçônicos. O desentendimento — sempre desaconselhado — desta vez foi paradoxalmente excelente, porque a Maçonaria e o Rito Brasileiro ganharam uma Loja. Não foi apenas mais uma Loja e, sim, uma grande Loja perfeita.

O Ir.: Telmo de Assis Amand, que ha muito sonhava com uma Loja com tal característica, uniu-se ao professor Lysis Brandão da Rocha e deram início aos trabalhos preparatórios para a fundação da nova Oficina. E se reuniam os 11 idealistas em casa deste, daquele no Club do Remo, aqui, ali, além, tais novos e resolutos inconfidentes à procura da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade maçônica.

Na Inconfidência Mineira também foram onze os sonhadores destacados pela argúcia dos homens da Alçada. Parece que o destino do homem dessas montanhas é lutar desesperado pela Liberdade, única razão que o homem possui para suportar risonho as agruras deste vale de lágrimas.

Após trabalho estafante, estudos, planos, sonhos orientados pelo Ir.: Lysis que, PAR DROIT DE CONQUÊTE, assumiu a liderança do movimento, fundaram a Loja, a 24 de agosto de 1967, no Club do Remo, com a presença dos fundadores Lysis Brandão da Rocha, Telmo Assis Amand, Manoel Afonso da Costa Cruz, Raul de Souza Queiroz, Wilde Pereira Amorim, Laudenor Carrera, Geraldo Luis Mota Carvalho, Itamar Portilho Martins, Waldir Henriques, João

Oliveira Barroso, Paulo Pessoa de Souza, apesar de também fundador, não esteve presente, por motivo de força maior. Recebeu o nome de Augusta e Respeitável Loja Simbólica Labor e Civismo, título lembrado pelo Ir.: Lysis e aceito pela unanimidade dos IIR., o mesmo acontecendo com a ideia do distintivo, executado pelo engenheiro Almar Sigoliano Siqueira.

Tivemos oportunidade de dizer, na Loja Labor e Civismo, em noite de gala: "Victor Hugo escreveu num de seus maravilhosos livros, (63) que a solidão faz homens de talento, quando não os embrutece e os torna idiotas. Na solidão, o olhar do homem de talento adquire profundidade. E acrescentou que na Caldéia antiga, havia homens assim. Em certos momentos, a opacidade do pastor se tornava transparente e deixava ver o mago que havia em seu interior.

Em minhas andanças sempre agradáveis, porque tranquilas sempre, a Cataguases, tive a ventura de, um dia, conhecer um cidadão solitário. Nos escassos mas prolongados contatos que mantivemos, senti essa profundidade descoberta por Victor Hugo, em seus inquietos olhos azuis. Pressenti, **CURRENTE CALMO** — sem muita reflexão — que era o homem de talento que a solidão forjara. Esse extraordinário poeta de França escreveu também que ha um limite entre o pensador e o sonhador. **O PENSADOR IMPÕE, O SONHADOR OBEDECE.**

O homem de talento que encontrei sonhava em voz alta. E seu sonho, quando nos defrontamos na mais cordial das apresentações, já era uma idéia em plena, estonteante fulguração. Era o sonhador cumprindo as determinações positivas do pensador. E essa idéia era tão envolvente — embora me parecesse inexequível no primeiro impácto, tão grandiosa era — que me senti fascinado. E passei a admirar o idealista e a adotar, a amar a idéia.

Na praça, em sua casa, na rua, no café, onde estivéssemos, eu o observava encantado. Seus gestos, suas palavras eram nervosos, mas seu pensamento permanecia retilíneo, governado por absoluto equilíbrio. Ele falava e aquele pugilo de homens que o cercava, obedecia com alegria e entusiasmo, porque integrados em seu sonho. E eu via a idéia maravilhosa ir se tornando realidade, como num esplêndido passe de mágica, porque quem a impulsionava era um líder nato. E o comandante de gigantes de quem lhes falo é a figura, fabulosa por todos os títulos, do professor Lysis Brandão da Rocha e a idéia, hoje, radiosa realidade, a Loja Labor e Civismo.

Esta unidade do Rito Brasileiro plantada na deliciosa Cataguases, é um milagre de força de vontade, é a realização do saber

querer, a materialização do saber poder. Tudo lhes era fácil? Não, senhores, tudo era infernalmente difícil. Mas na luta silenciosa e gigantesca, aquela plêiade de homens arrancava não sei como, pedaços de céu para a elevação de seu Templo. E isso é belo, porque ciclópico.

Sou daqueles que julgam que a boa, a sã Maçonaria se pratica tanto num Templo grandioso como na rusticidade de uma caverna. O Rito Brasileiro pretende ser o veículo da Renovação Maçônica, conciliando a Tradição com a Evolução. E isso arrebatava todos meus aplausos porque ainda não pude compreender futuro sem passado, nem hoje sem ontem". "Nunca se fez nada tão grandioso, tão importante, tão responsável, tão prestigiado em tão curto lapso de tempo. Quatro anos bastaram para que a Loja Labor e Civismo fosse construída e conhecida, acatada, prestigiada em todo o Brasil. Quarenta e oito meses foram suficientes para construir para a eternidade. Isso por que? Porque um grande sonhador teve a ventura de escolher sua coesa equipe de trabalho, de sonho e de amor".

E sem alarde, todas as providências iam sendo tomadas, pranchas foram enviadas ao Grande Oriente de Minas Gerais para que o mesmo encaminhasse ao Conselho Federal da Ordem a petição para o fundamento provisório e regularização da nova Loja. Dias depois a autorização foi publicada no Boletim daquele Oriente, órgão semanal de n.º 24/67, de 11 de novembro de 1967. A Loja, criada para funcionar no Rito Moderno ou Francês, foi instalada a 1 de junho de 1968 e só realizou duas reuniões litúrgicas nesse Rito.

Como até então não tivesse sido possível conseguir seu Templo, ela iniciou seus trabalhos na Loja 27 de Abril, Oriente de Leopoldina.

Nessa altura, o professor Lysis veio ao Grande Oriente do Brasil, a chamado do Grão-Mestre professor Alvaro Palmeira. Regularizada e após entendimentos com o Grão-Mestre, passou a trabalhar no Rito Brasileiro, ainda com Ritual mimeografado. Por ocasião desse encontro, já estavam fundadas as Lojas Arari-boia, de Niterói e a Fraternidade e Civismo, do Rio, duas das oito Lojas fundadas pelo Ir.: Alvaro Palmeira. Esta última é considerada a primeira do Rito Brasileiro.

E a 1 de junho de 1968, na Loja 27 de Abril, ocorreu a regularização em sessão magna ou, seja, a primeira reunião ritualística. As anteriores se realizaram em casa do Ir.: Lysis, já eleito Venerável provisório. Sua primeira sessão no Rito Brasileiro ocorreu a 6 de agosto de 1968.

Mas, o Ir.: Lysis era um dínamo a serviço da Maçonaria. Com o Ritual de Aprendiz impresso, a Labor e Civismo fez suas tres primeiras iniciações a 6 de setembro de 1968, na Loja 27 de Abril. Os iniciados foram o dr. Ely Barbosa, Erasmo Pinto de Souza e José Miranda Pinheiro. Nessa mesma data a Augusta Loja Castro Alves, ao Oriente de Salvador, Bahia, iniciou seus tres primeiros Aprendizes.

Sem nenhum Ir.: rico de pecúnia, a luta pelo Templo próprio continuava sem descanso até que, a 22 de dezembro desse ano, foi instalado no local que, hoje, é de sua propriedade. Nessa sessão ocorreu a segunda iniação que trouxe para o Quadro da Loja mais cinco obreiros que foram Ary Marques de Carvalho — José Faria — Mario Sérgio Cardoso — Célio Pinto de Souza e Lanino Eneas Sofanoff. A comissão instaladora estava composta pelos IIR.: Onofre de Castro Neves, Venerável da Loja Verdadeira Caridade, Or.: de Carangola — Acyr Gonçalves, Venerável da Loja Fraternidade Ubaense, Or.: de Ubá — Adavio Pires de Almeida, Venerável da Loja 27 de Abril, Or.: de Leopoldina.

A primeira Diretoria da Loja Labor e Civismo ficou assim constituída: Venerável — Ir.: Lysis Brandão da Rocha. 1.º Vig.: — Telmo Assis Amand. 2.º Vig.: — Geraldo Luis Mota Carvalho. Orador e Tes.: — Raul de Souza Queiroz. Secretário — Itamar Portilho Martins. Chanc., Hosp., Mestr.: de Cor.: — Wilde Pereira Amorim. DDiac.: — Laudenor Carreras e Waldir Henriques. Cob.: o Guarda do Temp.: — João de Oliveira Barroso.

No início, o Venerável era o Ir.: dr. Manoel Afonso da Costa Cruz. Falecendo prematuramente, o Ir.: professor Lysis, que era Orador, foi elevado ao Venerato e o Ir.: Raul de S. Queiroz ocupou também o cargo que vagara.

Mas o Ir.: Lysis e sua gente dedicada não descansavam porque sonhavam com uma grande Loja. E porque queriam alcançar grandes objetivos, tudo ali obedecia rigorosamente aos mandamentos da Constituição e Regulamentos Maçônicos. Em 28 de julho de 1969, já era fundado e instalado o Sublime Capítulo Vila Rica e, em menos de quatro meses depois ou, seja, a 13 de novembro, fundava-se o Supremo Conselho Tiradentes.

Dado o trabalho desses homens de vontade inquebrantável e alto espírito maçônico, a Loja Labor e Civismo conquistou largo prestígio e respeito nas Minas Gerais — porque não dizer — no Brasil inteiro. Em 25 de junho de 1971, a Loja foi reconhecida de utilidade pública, pela Lei Municipal n.º 658.

OUTRA CONVULSÃO NA CÚPULA

Quando “tudo vai pelo melhor neste mundo”, (64) quando certos maçons, que passam a vida inteira a pregar as maravilhas da Paz, da Lealdade, da Verdade, da Justiça, da Retidão, da Sabedoria, da Temperança, da Franqueza, da Tolerância, da Prudência, da Probidade, da Discrição, da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade, de repente, dão demonstrações de que essas virtudes sublimes de nada valem, não são mais do que palavras ocas, vãs e sem sentido.

No Rito Brasileiro se diz que “tudo está em nós mesmos: será a Belesa, que criares; a Bondade, que tiveres; a Verdade, que pregares”. (65)

Esses profundos ensinamentos são absolutamente inexpressivos na hora da ganância e da vaidade. E caímos no desprimor das lutas internas, lutas que, por vezes, são tão violentas e despropositadas que extravasam para o mundo profano onde, para nossa honra, jamais deveriam chegar. Mas chegaram.

Foi assim em 1973. Os dois candidatos — figuras proeminentes da Maçonaria — eram o dr. Osmane Vieira de Resende, Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil e o dr. Athos Vieira de Andrade, Grão-Mestre de Minas Gerais. O dr. Osmane, além do alto cargo que ocupava, veio para a disputa do voto como candidato oficial ou, seja, a pessoa por quem o Grão-Mestre tudo faria para vê-lo ocupando a vaga que iria deixar. Essa situação privilegiada aumentava suas possibilidades de vitória.

O povo, em sua maliciosa sabedoria, afirma que — Governo é Governo — e que o Governo sempre vence. Tal fato já trás alguma alteração, certo traumatismo no estado psicológico do eleitor. Cremos que o primeiro erro dessa eleição foi a presença do candidato oficial. Ele não deve existir. O prezado Ir.: e colega deveria vir para a luta despidido dessas vantagens.

Ha 48 anos, em 1930, fez-se uma revolução no Brasil e uma das razões foi exatamente o candidato oficial à presidência da República, dr. Julio Prestes de Albuquerque, que o presidente Washington Luis Pereira de Souza queria como seu sucessor. Na época, se dizia que o presidente trazia o nome do candidato no bolso do colete. O candidato da oposição era o dr. Getulio Dorneles Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, como o dr. Julio era presidente de S. Paulo.

Foi a eleição da fraude e da violência....” o espetáculo não poderia ser mais desolador. As “eleições” presidenciais evidenciaram o triunfo da ata falsa. Diga-se a verdade: ata falsa de um e de outro lado”, disse o dr. João Neves da Fontoura, um dos líderes da oposição. (66) Julio Prestes foi aclamado como vencedor, por exigência teimosa do presidente Washington Luis, com quasi o dobro de votos dados ao dr. Getulio Vargas. Depois foi o que se viu. Até hoje não se sabe nem se saberá quem realmente venceu pelo voto.

O Presidente da República, como o Grão-Mestre do G.O.B. — guardadas as devidas proporções, mas usando a mesma dignidade — devem presidir as eleições com imparcialidade absoluta, como verdadeiro e digníssimo magistrado. O “parti pris” nunca leva à tranquilidade de consciência.

Realizadas as eleições no Grande Oriente, os candidatos, como era de se prever, não se entenderam na contagem dos sufágios. Como em 1930, acusavam-se de fraudes na votação de ambos os candidatos. Hoje como ontem, não sabemos quem venceu por votos. Explodiu desastrosamente a 8a. dissensão na vida da heróica Maçonaria Brasileira, de consequências imprevisíveis. “A confusão era geral”. (67) De repente, pareceu que a Disciplina e a Prudência e a Compostura voltavam a imperar entre os IIR.: desavindos. Houve a convocação dos Orientes para um entendimento entre cavalheiros. A reunião, que seria a 27 de maio de 1973, não aconteceu, em verdade, porque...

Bem. Aqui estacamos diante da porta sigilosamente fechada do salão onde os Grandes concertariam um entendimento. Nada vimos, não ouvimos nada. Só sabemos o que consta do depoimento que dez Grãos-Mestres escreveram. Vejamos.

PROCLAMAÇÃO

**AOS GRANDES ORIENTES ESTADUAIS, AS LOJAS MAÇÔNICAS
E AOS MAÇONS DO BRASIL.**

Os Grão-Mestres Estaduais abaixo assinados, cumprem o imperioso dever de levar ao conhecimento do Povo Maçônico o seguinte:

1) Atendendo convocação telegráfica do Soberano Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, compareceram ao Rio de Janeiro, nesta data, como membros da Soberana Congregação, para "APRECIAR GRAVIDADE ACONTECIMENTOS PREJUDICIAIS ORDEM", resultantes do último pleito eleitoral maçônico;

2) Em reunião efetuada às 15,00 horas no Palácio Maçônico do Lavradio, sob a presidência do Soberano Grão-Mestre, Dr. Moacir Arbex Dinamarco, enquanto aguardavam um diálogo fraterno e honesto, com o encontro de soluções condizentes com os altos designios da Maçonaria, foram surpreendidos, na abertura dos trabalhos, com a fala daquela autoridade eivada de termos agressivos e completamente divorciada do espírito maçônico;

3) Nêsse pronunciamento inicial, o Soberano Grão-Mestre acusou os maçons que não apoiaram as candidaturas oficiais, de serem portadores de "PAIXÕES MALSAS", constituindo um "GRUPO DE DESCONTENTES" participando de "UMA CONJURA ANTI-MAÔNICA", consertada "NA SENDA DA SUBVERSÃO" e "AO ARREPIO DA VERDADE", em "INSÓLITA INSURREIÇÃO", empunhando o "PUNHAL DA TRAIÇÃO" e instilando a "PEÇONHA DA FALSIDADE", sob "o EMBUSTE E A MENTIRA".

4) Face a tão graves e descabidas acusações, e tendo em vista os episódios ocorridos nas comemorações do Sesquicentenário de fundação do Grande Oriente do Brasil, ocasião em que também sofreram idêntico tratamento, pelo simples fato de usarem da mais sagrada prerrogativa maçônica, a de se manifestarem livre-

mente no processo de escolha de seus dirigentes. Os Grão-Mestres Estaduais, profundamente ofendidos, sentiram-se, novamente, sem condições de diálogo, para o qual foram convocados, sendo moralmente levados — embora a contra gosto — a deixarem o recinto da reunião;

5) — Após este incidente, em outro local e em demorada reunião — já agora com a presença do Grão-Mestre de São Paulo, Ir. Danilo José Fernandes — na qual foram considerados e discutidos todos os aspectos e possíveis implicações de tão deprimentes acontecimentos, resolveram, os que esta subscrevem, trazer à lume a presente proclamação, com o objetivo de não só relatar o ocorrido, como também para advertir ao povo maçônico brasileiro, que se acautele das presumíveis consequências que poderão advir do desequilíbrio reinante no PODER CENTRAL, as quais, fatalmente, significarão um golpe mortal ao postulado máximo de nossa sublime instituição, ou seja: LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE;

6) Por estas razões, os signatário que representam mais de 2/3 (dois terços) das Lojas e maçons brasileiros, em obediência aos princípios maiores da ORDEM, conclamam os Irmãos que se congreguem em torno dos respectivos Orientes Estaduais e das autênticas lideranças regionais, objetivando o fortalecimento dessas Unidades, para que de sua AUTOMIA E INDEPENDÊNCIA, possam, como POTENCIAS SIMBÓLICAS E SOBERANAS, com dignidade e altivez, exercer as prerrogativas e os direitos maçônicos que lhes são inerentes, tanto no seio da ORDEM, como no relacionamento com as autoridades e órgãos constituídos de nossa Pátria.

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1973 — E.: V.:

Nessa mesma noite, declararam-se afastados do Grande Oriente do Brasil para, dias depois, fundarem o Colégio de Grão-Mestres da Maçonaria Brasileira, dirigido por um Presidente e sediado em Brasília.

Em vista desse fato, calamitoso por todos os pretextos e para que o Rito Brasileiro, em Minas, em franca e gloriosa ascensão, não estacionasse ou descaísse, para bem do Rito e da Maçonaria, fundou-se, a 10 de fevereiro de 1974, o SUPREMO CONCLAVE Autônomo DO RITO BRASILEIRO, instalado ao Oriente de Cataguases, na Loja Labor e Civismo, a 13 de julho de 1974. A Magna Reitoria por ocasião de sua instalação era constituída pelos IIr.: Lysis Brandão da Rocha — Gr.: Primaz. Elvio Heleno de Azevedo — Gr.: Regente. Rosenvald Hudson de Oliveira — Gr.: Orador. Telmo Assis Amand — Gr.: Secretário. Telmo Assis Amand — Gr.: Tesoureiro. Carlos Estanislau Garcia Esteves — Gr.: Mestr.: de Carimônias. Onofre de Castro Neves — Gr.: Cobridor.

Em junho de 1973, o Ir.: professor Alvaro Palmeira, Grão-Mestre Geral Honorário do Grande Oriente do Brasil e Grande Instrutor do Rito Brasileiro — que estava presente à malfadada reunião — deu a público esta prancha:

“Aos Irmãos desavindos e, em especial, aos Irmãos já separados

O RUMO CERTO

— O coração do homem comum tem as três dimensões positivas de todo corpo sólido: comprimento, largura e altura. Mas o coração do homem-maçom deve ter, inerente, uma quarta dimensão imensurável: a justiça. — Nas ocasiões de dúvida, eu me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, e vejo claro o rumo, que devo seguir.

1. Intervenho na crise atual por que passa o Grande Oriente do Brasil compelido pela necessidade de responder a numerosas pranchas, recebidas de Lojas e Irmãos, pedindo-me orientação. Agradeço-lhes a confiança.

Sinto-me desencantado e amargurado, pelo espetáculo de fragmentação de nossa Ordem. Vejo turvas e sujas as águas do Amor e da Verdade, que deveriam correr límpidas e puras, — e surgirem os sofistas da fraternidade, que eu ingenuamente pensava já estivessem, de há muito, banidos de nosso meio. Acrescente-se a escandalosa publicidade profana, enxovalhando a Instituição, fazendo-a decair verticalmente no conceito geral do País.

Não quero, nem devo, agravar o dissídio, já instalado. Não me cabe julgar os responsáveis pela decadência espiritual desta hora infeliz. Nem nomear aqueles que me parece haverem trocado o Espírito Maçônico pelos avantesmas da ambição, da prepotência e da malignidade. Nem indicar os ignaros tecelões que urdiram e desceram esse pesado pano negro atrás do proscênio do Sesquicentenário da Independência e com ele tisonaram as comemorações jubilosas de nossa gloriosa Instituição.

Todos eles (lembro-me de Tagore) “carregam a lâmpada às costas e não lançam adiante senão a própria sombra”. E quantos são vaidosos!, a quem se aplica o que disse o grande Da Vinci: “Pouca sabedoria dá aos homens presunção e empáfia, muita dá

modéstia e comedimento. Assim as espigas vazias elevam a cabeça soberbamente, enquanto as espigas cheias se inclinam com humildade para a terra, a mãe generosa."

Lembrem-se os Irmãos: o Grande Oriente do Brasil não são os maçons de uma hora, muito menos os maus maçons. Todos passam (e quantos já vi passarem!) e, refazendo-se do mal que lhe causaram, a Instituição, qual Fênix imortal, retoma na eterna extensão do tempo o curso vitorioso de sua vida, "que sempre se renova, como a secreta força da natureza na primavera".

Para as obras do Bem há sempre um outro amanhã.

2. A insatisfação maçônica em vários Orientes, a excitação em outros e mesmo a decisão do rompimento, com a desintegração, derivam de um fato concreto e material. Não há nenhum princípio doutrinário em causa, nem estão em cheque quaisquer valores fundamentais, mas apenas o resultado numérico da apuração das eleições para o Grão-Mestrado Geral. O total apurado é realmente inexpressivo, mas mesmo assim é afirmado como bastante e suficiente para o provimento da Suprema Investidura: 3.236 votos válidos, somados os dois candidatos (!), sendo 2.129 para um e 1.107 para outro, computados em apenas 149 Lojas; em outras 91 Lojas, 595 votos, de ambos, foram anulados, tendo havido 19 votos em branco. Total geral da apuração, 3.850 votos, em 240 Lojas. Tão só.

Estão suspensas no ar três perguntas: E as demais 600 Lojas da jurisdição? omitiram-se todas? Os Mestres-Maçons ativos e regulares são só 3.850? A massa dos votantes não era considerada muito acima de 10.000, tendo em vista os milhares de Mestres-Maçons que pagaram a cota de atividade em 1972?

Nunca houve fato tão insólito e surpreendente nos anais das eleições gerais do Grande Oriente do Brasil: basta compará-lo com a apuração das eleições de 1968.

Peço vênica para usar um termo da época: a proclamação dos resultados, acima referidos, em 18 de maio P.P., foi um "impacto". Apenas não foi um impacto positivo. Mas como todo impacto, necessita de urgentes esclarecimentos e, no caso, o Muito Ilustre Superior Tribunal tem o dever de apresentá-los inequívocos, explícitos e inquestionáveis, para elucidar e pacificar, em face da legislação eleitoral vigente. O ato de posse do novo Grão-Mestre, a verificar-se em 24 do corrente, não modifica os termos da questão.

É oportuno lembrar que só os peixes mortos são levados ao sabor da corrente. Não os maçons. E todos sabemos que a simples suspeita da derrogação da justiça conturba a paz. Não há Paz sem Justiça.

3. Está em jogo indubitavelmente a unidade do Grande Oriente do Brasil. Frente a essa conjuntura, tudo o mais é secundário. Em resguardo dessa unidade, tudo deve ser feito, dentro da lei. É o dever supremo.

Constitucionalmente, no Grande Oriente do Brasil, só o Superior Tribunal tem a atribuição de apurar as eleições; as apurações particulares não são válidas. Se o Superior Tribunal apurou mal, ou apurou pouco, a nossa lei interna admite recursos. Se a inconformação ou a discordância ainda continuarem, a providência derradeira (punitiva e infligida) é o Tribunal profano para decidir a inapelavelmente. É admissível essa providência, porque só há crime maçônico (artigo 17 § 5.º da Lei Penal Maçônica), quando um Irmão postular perante os Tribunais profanos, “sem provocar, previamente, a conciliação maçônica”.

Os separatistas têm o dever elementar e urgente de provocar e compelir, de qualquer modo, o aparecimento da provada. Eles não cumprirão absolutamente o dever, se permanecerem no cómodo terreno das alegações e acusações, para nele fracionarem a Ordem. Nenhum Irmão ou Loja deve admitir e, muito menos, efetivar a separação, se os Grão-Mestres Estaduais, responsáveis por ela, não intentarem realmente conhecer a Verdade eleitoral, porque a omissão deles significa haverem desertado do verdadeiro objetivo do prélio.

Aliás, “a investigação da Verdade” é um dever maçônico. Uma vez, porém, confirmada a Verdade (do Tribunal Maçônico) ou retificada a Verdade (no Tribunal profano), porque só há uma Verdade, todos os Maçons e Lojas a ela se devem submeter, sem exceção nem discrepância. Nossa Cadeia de União não pode ser quebrada.

4. Fui Grão-Mestre Geral da Ordem no quinquênio 1963-1968. Criei para o Grande Oriente do Brasil dois “slogans”: o Grande Oriente é “a Potência Original e Tradicional da Maçonaria no Brasil” e o Grande Oriente é “a maior Potência Maçônica do mundo latino”.

Há no Brasil, desde 1927, duas correntes maçônicas Soberanas e Regulares: o Grande Oriente do Brasil, de jurisdição nacional e

as Grandes Lojas, cada uma delas em sua jurisdição estadual. Naquela época (1927), Mario Behring, era Grande Comendador do Rito Escocês, conseguiu espertamente para as Grandes Lojas, que então se fundaram com Lojas dissidentes do Grande Oriente, o reconhecimento de Grandes Lojas dos Estados Unidos da América, detendo o Grande Oriente o reconhecimento da Europa, inclusive o da Grande Loja Unida da Inglaterra, que é a matriz da Maçonaria Contemporânea.

Não há no Brasil ambiente nem campo para uma terceira corrente maçônica, quer estadual, quer nacional. Não há possibilidade de vida para nenhuma Potência, que queira perpetuar-se como terceira força. Qualquer nova Potência, que se forme, será irregular e espúria. Não logrará nenhum reconhecimento exterior, porque o terreno já está ocupado e delimitado. Passado o impulso inicial, a organização irregular tenderá naturalmente a deperecer, salvo caráter especialíssimo.

Em 1945, quando institui a Grande Loja do Brasil, e em 1948, quando criei o Grande Oriente Unido, opondo-me com um grupo de Irmãos idealistas ao Anti-Maçom, que conspurcava o Supremo Malhete, — tivemos a preocupação de dizer que então nos afastávamos do Grande Oriente do Brasil (onde eu vira a Luz em 1920), para melhor servi-lo, e voltaríamos às suas Colunas tão logo tivessem cessado os motivos do dissídio.

Sempre repetíamos em todos os documentos que era provisória a separação. Com devotamento e limpeza, crescíamos sempre: realizávamos o milagre da dinâmica do provisório. Sempre mantivemos viável a ponte da reunião, para enlaçar o campo interciso. Por isso jamais tentamos estabelecer relações com quaisquer Potências Maçônicas do exterior ou do País. E assim nenhuma dificuldade tivemos, em 1956, de retornar ao Grande Oriente do Brasil, trazendo conosco 51 Lojas, que vieram robustecer e engrandecer as Colunas de nossa Casa-Mãe.

5. É esse o rumo certo, que traço nesta hora grave ao Irmãos, que se afastaram ou que se vão afastar da Obediência do Grande Oriente do Brasil: que o façam provisoriamente, até que sejam claramente reconhecidos os exatos fundamentos da apuração elei-

toral. (*) Se, porém, os líderes da cisão, que se consideram esbulhados, não propuserem no juízo competente a reparação de seu direito, — não há porque segui-los ou apoiá-los. E que ninguém jamais, a qualquer tempo, procure os umbrais de outra Potência, já estabelecida, para o exercício da Arte-Real. É o Grande Oriente do Brasil o repositório da História e da Tradição maçônicas em nossa Pátria.

Poder Central, no Oriente do Rio de Janeiro, GB, no
"Dia Nacional" do Grande Oriente do Brasil, 17/6/73 E.: V.:

* Já no prelo este trabalho, recebemos um impresso do Superior Tribunal Eleitoral contendo, além da apuração das 240 Lojas, já referida anteriormente, mais a "Votação Não Computada", abrangendo 412 Lojas, sendo 109 Lojas por terem as atas sido encaminhadas ao Tribunal fora do prazo, 125 Lojas por estarem em débito com a Gr.: Secr.: Geral de Finanças e 178 Lojas por terem participado da sessão eleitoral obreiros cujos cadastros estavam vencidos.

As 412 Lojas não computadas estão citadas nominalmente, com os respectivos Orientes, e consideradas como infringentes de artigos do Regul. Geral da Ordem e da Resolução n.º 4 do Superior Tribunal, baixada em 27 de julho de 1972.

OS CISMAS NO G.O.B.

Mas esse cisma não foi o primeiro nem será o derradeiro, sem dúvida, porque onde está o homem estão a Ambição, a Intolerância e a Vaidade — VANITAS VANITATUM ET OMNIA VANITAS — vaidade das vaidades e tudo é vaidade, tão combatidas por nós. A Maçonaria Brasileira vem sofrendo os efeitos desses malefícios — e graças ao Supremo Arquiteto do Universo os vence e vencerá, sempre com galhardia — desde seus inícios.

O Grande Oriente do Brasil não completara oito meses de vida quando surgira a primeira cisão.

Sobre a “Nova Ordem dos Cavalheiros da Santa Cruz”, ha quem cometa certo equívoco. Organização político-partidaria, sem caráter maçônico, foi instalada por José Joaquim da Rocha, a 2 de junho de 1822. Seus membros eram denominados “Colunas do Trono” e “nada tem em comum com o “Apostolado”, organização política com caráter maçônico, que somente foi instalado a 2 de fevereiro de 1823, quando o Grande Oriente já havia suspenso os seus trabalhos”. (68) Teixeira Pinto nega a José Bonifácio de Andrada e Silva a criação da “Nova Ordem...” “porque sabemos ser José Bonifácio completamente leigo em matéria de estrutura e funcionamento dos sistemas maçônicos em uso na época. Pela leitura da ata da Ses.: N.º 9 (uma das poucas a que compareceu) é fácil verificar que ele, como Gr.: Mestr.: servia unicamente como figura decorativa, pois, com evidente quebra das boas normas ritualísticas, o Ir.: 1.º Vig.: (Gonçalves Ledo) fica “sentado a seu lado para o coadjuvar”. (69)

“A 2 de fevereiro de 1823, foi que a “Nova Ordem...” — naturalmente com o intuito de preencher o lugar vago com o insólito encerramento dos trabalhos do Grande Oriente — deliberou modificar a sua estrutura e transformar-se em “Apostolado”, aduzindo ao seu título inicial essa denominação.” “A reforma foi elaborada com o concurso de Antonio Carlos de Andrada Machado

que era profundo conhecedor dos variados sistemas adotados". (70) por várias sociedades secretas existentes em Pernambuco. Foi fundado o "Apostolado" com os ritos e denominações dos Carbonários da Itália; notável incongruência", diz John Armitage. (71)

José Bonifácio lançou mão do "Apostolado" não foi "com o intuito de preencher o lugar vago com o insólito encerramento dos trabalhos do Grande Oriente", como supoz Teixeira Pinto. Rocha Pombo esclarece que, "quando aqueles conjurados no Grande Oriente ameaçaram o prestígio dos contrários, tomou José Bonifácio afoitamente a deliberação de criar o "Apostolado, sociedade secreta em competição com a maçonaria." "O "Apostolado destinava-se a dar os dois proveitos. Criando um centro poderoso de força política, ele conseguiria impôr-se ao imperador e aos liberais". Enganou-se porém deploravelmente". (72)

Melo de Moraes Pai conta que "Jose Bonifácio, desesperado com esta surpresa, para contrabalançar o poder maçônico, arremontou a sua antiga sociedade tenebrosa (!) chamada Apostolado com o fim de guerrear os maçons do Grande Oriente e convidou desde logo o Príncipe Regente para presidente do Apostolado com a denominação de Archonte-Rei". (73) D. Pedro I aceitou, apesar de ser Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. A "surpresa" indicada por Melo de Moraes foi a elevação de d. Pedro ao Grão-Mestrado, sem seu conhecimento, apesar de ser o Grão-Mestre na ocasião. Em dezembro de 1863, o Ir.: Joaquim Saldanha Marinho entendendo que as coisas no Grande Oriente do Brasil não aconteciam como de seu desejo, lançou manifesto declarando fundado novo Grande Oriente apoiado por sete Lojas desertoras do Grande Oriente do Brasil. Recebeu o nome de Grande Oriente do Vale dos Beneditinos, por estar sediado numa casa da rua assim denominada. Pregava a liberdade dos escravos, os ideais democraticos etc. Eleito Grão-Mestre, ali ficou até 1882, dezembro, quando, depois de longos entendimentos com o dr. Francisco Cardoso Jr., Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, assinaram o documento que se chamou "Bases da União da Família Maçônica do Brasil". Nesse mês foi aprovado o acordo pelos dois Grandes Orientes. Em janeiro de 1883, a União dos dois Grandes Orientes aconteceu em Assembléia Geral realizada no Vale do Lavradio.

Com grande desprendimento e compreensão o dr. Saldanha Marinho resignou o cargo de Gr.:Mestr.: que ocupara durante 20 anos. Humilde e nobremente reconheceu e hipotecou todo respeito e apoio a autoridade do Grão-Mestre Geral da Ordem o Ir.:

dr. Francisco Cardoso Junior. Em 1893, foi cindida com a fundação do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, do qual o Supremo conselho ainda perdura.

Quando Grão-Mestre, Mario Behring baixou o decreto n.º 742, de 2 de novembro de 1927, criando as Soberanas Grandes Lojas Estaduais. Em 1924, foi a criação do Grande Oriente do Nordeste. Em 1945, Alvaro Palmeira, como afirma em sua declaração acima, instituiu a Grande Loja do Brasil. Em 1948, ele criou o Grande Oriente Unido, cujo desfecho o Grande Instrutor narrou em seu RUMO CERTO. Quando se pensava que o povo maçônico vivia na santa paz do Senhor, surgiu o caso que redundou na criação do Colégio dos Grãos-Mestres, não se levando em conta os pequenos arrepios sem maior significação.

Indubitavelmente para todas essas cisões sempre é alegado forte motivo. Para o Ir.: Alvaro Palmeira e seus companheiros foi a presença do Anti-Maçon "que conspurcava o Supremo Malhete".

Baseado no amor que dedico à Maçonaria, gostaria que os dissidentes de hoje voltassem com mais força e vigor às Colunas do Grande Oriente do Brasil, logo que as razões do desentendimento tivessem desaparecido. Que tal dolorosa divisão seja provisória como foi a da Grande Loja do Brasil e a do Grande Oriente Unido.

Em seu "Argumento biológico" a comissão especial do Grande Oriente do Brasil (Base fundamental) já escrevia, isso em abril de 1935: "Por aí se vê que a Maçonaria ainda não se expandiu no Brasil, ainda não adquiriu o desenvolvimento capaz de ESPONTANEAMENTE produzir a sua divisão em Corpos Soberanos. Antes disso, podem existir, como existem, esses Corpos Superiores e Independentes, mas a sua soberania é de fato uma soberania anódina, pois não dimana da força e pujança internas.

Somos em todo o Brasil um organismo que, subdividido, mais ainda se enfraquecerá. Esse é o princípio sempre verificado, assim na vida animal, como nas instituições humanas. Só se reproduz, por divisão, sem dano, os organismos fortes.

Reunamos, pois, os órgãos esparsos do corpo maçônico do Brasil. Restauremos a nossa Unidade, dentro da Federação.

Comissão Especial do Gr.: Or.: — Dr. Alexandre Brasil de Araujo 33.:

Tenente coronel Joaquim José Antunes 30.:
Dr. Alvaro Palmeira, 18.:"

Para os Maçons do Rito Brasileiro, o Ritual em cada Alto Grau é a Tradição imutável. O Manual é a Evolução accidental razão porque é revisto quinquenalmente. Ele “é a atitude do Maçom frente ao mundo contemporâneo”. O Rito é o enlace da Tradição com a Evolução. É bigênito e labuta para renovar a Maçonaria, dentro do Brasil e fora dele. O Rito, sem dúvida, manterá absoluta fidelidade à Tradição, mas não abre mão do direito de agir num mundo que sofre constante e alucinante Evolução.

Ao reinstalar o Grande Oriente do Brasil, em 1831, José Bonifácio, prevendo o futuro, deu-lhe a legenda NOVAE SED ANTIQUAE — antiga, porém nova — preservada até hoje.

O Rito Brasileiro cresce a olhos vistos. Avoluma-se sem que seja necessário usar o método detestável da catequese. O cidadão se inicia ou se filia, integra-se no Quadro do Rito por vontade própria, levado por sua inteligência, suas tendências e seu ideal, por sua decisão soberana.

“Não queremos honras, nem poderes, nem gloria. O que pedimos — diz Pietro Ubaldi — é compreensão. O que nos interessa é o bem de todos. A nossa oferta pode ser utilizada por todas as religiões. Já por uma destas, que não entendeu, a oferta foi repelida. Mas não parou o seu caminho, por isso, antes continuou andando, porque ninguém pode parar uma obra de Deus. E ela continuará andando, de um hemisfério para o outro, viajando de povo em povo, de Nação em Nação, mudando de lugar e de lingua, atravessando formas mentais e civilizações diferentes, mas em cada país deixando um marco de sua passagem, trabalhando com paixão e esperando com fé, até que fatalmente irá encontrar quem a entenderá. Esta é a história do caminho e aceitação de toda idéia nova no mundo”. (74)

É deveras impossível tratar-se do Rito Brasileiro atual sem se citar, a todo instante, o professor Alvaro Palmeira. Sem dúvida é um monstro de sabedoria maçônica. Para escrevermos esta pequena História, tivemos a honra de tomar seu precioso tempo, por várias vezes. Não foram palestras vadias e sem consequências. Foram aulas que despretenciosamente, numa “nonchalance” admirável, sem aquele ar de “magister dixit” — o mestre disse — nos deu graciosamente. O Rito Brasileiro hodierno é ele.

Alberto Alves Sarda — grande maçom e dos maiores, senão o maior Mestr.: de CCr.: que já vimos atuando em todos os Ritos, era um dos 15 daquela comissão nomeada pelo Grão-Mestre Alvaro Palmeira, com plenos poderes para rever a Constituição — numa

das centenas de longas conversas que mantivemos na varanda de nossa casa, teve a sublime coragem de afirmar que, praticamente essa comissão nada fez. Tudo foi obra do Grande Instrutor.

Este Ir.: tem carradas de razão. O professor Palmeira, em 1940, colaborou na revisão da Constituição do Rito Brasileiro e em 1968, reimplantou-o. Instrutor Geral do Rito, teve sob sua responsabilidade todos os Rituais, tanto do Sibilismo como os dos Altos Graus, ou seja, os de números 1, 2, 3, 4, 9, 14, 18, 22, 26, 30, 31, 32 e 33. O Ir.: Palmeira é mestre do ritualismo. Além dos citados e muitos outros, escreveu Ritual Especial da Pompa Fúnebre, Ritual de Confirmação do Casamento, Ritual de Exaltação (bodas) de Casamento, Ritual de Homenagem à Esposa do Maçom, Ritual Rosa-Cruz da Extinção das Luzes, Ritual Rosa-Cruz da Luz Reconquistada, Ritual de Adoção (de infantes), Ritual de Adoção (de jovens). Ele dividiu esses Rituais porque julga que as linguagens diferem nas idades, etc. Escreveu todos os Documentos do Rito Brasileiro, a partir de 1968. Já são 37. Nesse ano baixou o Decreto reimplantando o Rito e fez sua Constituição. Em 1940, era Servidor da Ordem e da Pátria, do Rito. Tem escrito abundantemente na sua divulgação e em sua defesa. Para melhor fazê-lo, fundou o excelente jornal o SEMEADOR que, após o n.º 19, teve que sustar sua publicação por motivos alheios à sua vontade. Ocupou todos os cargos dentro da Maçonaria.

Em 1920, foi iniciado, com a idade mínima, na Loja Fraternidade Española, do Rito Moderno, no Oriente do Rio de Janeiro. Mais tarde, essa Oficina fundiu-se com a coirmã Luis de Camões. Em 1934, era Membro Efetivo do Gr.: Cap.: do Rito Moderno. Nesse ano foi um dos Membros da Comissão Especial do Grande Oriente para estudar a unificação com as Grandes Lojas Estaduais. Foi a primeira Comissão constituída para tal fim. Em 1935, colaborou como Gr.: Orador da Assembléia na elaboração do Tratado entre a Grande Loja Unida da Inglaterra e o Grande Oriente do Brasil. Nesse ano foi o autor do Decreto 1120, excluindo da Ordem os filiados a doutrinas antimaçônicas da direita e da esquerda. Em 1937, foi Membro Efetivo do Conselho Geral da Ordem. Em 1939, era Membro Efetivo do Supremo Conselho do Rito Escocês. Em 1940 instituiu os Conselhos dos Veneráveis e a Comissão Orientadora da Doutrina Maçônica. Criou o Departamento do Domínio Maçônico e o Instituto Maçônico de Cultura e Mérito, em 1941. No ano seguinte foi eleito Grão-Mestre Adjunto, com votação maior do que o Grão-Mestre. Presidente da Assembléia Geral em 1943 e Benemerito da Ordem nesse ano.

"Em 1944, a atuação antimaçônica do então Grão-Mestre Geral — sucessor do General Moreira Guimarães" — diz Alvaro Palmeira — fez que ele "abandonasse o Grande Oriente do Brasil," "provisoriamente", "para sustentar os ideais da Ordem", conforme a "Coluna Gravada" que enviou a todas as Lojas, em 25.04.1944. Fundou então, o Movimento Maçônico Restaurador, nesse ano, e a Grande Loja do Brasil, em 1945. Tais "iniciativas tiveram repercussão internacional."

O fato foi assim registrado pelo **Diccionario Enciclopédico de La Masoneria**, vol. III. **"Desde el año 1927 la Masoneria Brasileña se halla dividida, habiendose abandonado aún más sus diferencias y pleitos de familia, a raíz de la fundacion em mayo de 1945, de la Gran Logia del Brasil, formada por MM.: desidentes del Gran Oriente del Brasil."**

"Em seguida — acresce o Ir.: Palmeira — contribuiu decisoriamente para afundação do Grande Oriente Unido (1948), e levou a termo a incorporação das Lojas Simbólicas da Grande Loja do Brasil ao Grande Oriente Unido (1950), convertendo-se aquele Corpo numa Grande Loja de Veneráveis Mestres. O Grande Oriente Unido funcionou primeiramente no Meier, no Templo próprio da Ben.: Loja Cairu e depois na Travessa das Belas Artes, 13-15, no centro da cidade, em prédio hoje demolido. Em 24 de junho de 1955, foi eleito Grão-Mestre do Grande Oriente Unido. Em dezembro de 1956, retornou ao Grande Oriente do Brasil, incorporando à tradicional Potência o Grande Oriente, com 51 Lojas.

A propósito de um artigo que Oliva Maya escreveu em seu **O NOVO MAÇOM**, Alvaro Palmeira lhe enviou carta em que dizia, entre outras coisas:

"Realmente o processo da unificação entre o Grande Oriente Unido e o Grande Oriente do Brasil nenhuma dificuldade podia oferecer. Chegada a questão ao necessário ponto de maturidade, parti a ouvir diretamente as Lojas da Jurisdição e fi-lo em tres Conclaves, alcançando-se a unanimidade. Isso feito, o que restava era apenas a tramitação legal e burocrática..

Tudo liberalizamos em prol da unificação: reincorporaram-se ao Grande Oriente do Brasil 31 antigas Lojas, que dele haviam saído e incorporaram-se 20 Lojas novas, extinguindo-se, em resultado, a Potência. Entregamos também ao Grande Oriente do Brasil a Sede Central, com os seus Templos corretamente instalados, os bens moveis, o numerário existente no Grande Cofre

e também o arquivo, documentos, alfaias e mais efeitos maçônicos. E, naturalmente, todos nos despimos de nossos cargos e funções.

Em o último número de MONITOR MAÇÔNICO, dizia: "A Compensação para esse holocausto, que voluntariamente perpetramos, queremos-la em moeda ideal, isto é, em espírito de fraternidade, mutuando os Irmãos, entre si, o bem-querer e a confiança. Só a generosa solidariedade maçônica frutifica em bençãos.

Todos nós somos iniciados, isto é, "sensíveis ao bem". Cada um, fiel ao solene Compromisso, dê a seu Irmão, sem reservas, o que de melhor e mais nobre tenha em sua alma, para sustentar, no tempo, o atributo essencial da Instituição. É o aproveitamento do transitório para edificar o eterno.

O Grande Oriente Unido está confiante de que o novo clima, instaurado no Grande Oriente do Brasil, propiciará, crescentemente, novas vitórias do Espírito Maçônico. É a esperança luminosa, que acalentamos, neste passo histórico da vida da Instituição no Brasil. Cremos, firmemente, que em pouco, a Maçonaria, selecionada no recrutamento de seus aprendizes, depurada dos egoístas e fariseus, renovada em seus métodos e objetivos, unida na solidariedade de seus Irmãos, vivificada no exemplário de sua doutrina, ha de reconstituir-se no Brasil em magnífica força operativa, presente à solução dos problemas nacionais e humanos, não faltando à sua destinação suprema, nesta época de uma civilização em mudança (in MONITOR MAÇÔNICO, setembro-dezembro de 1956, Documentos para a História Maçônica do Brasil).

Esse ideal da Maçonaria Renovada temos de atingi-lo. A Maçonaria é tradição, mas tem que ser também evolução, para a sua supervivência, através do futuro.

No panorama geral da Maçonaria, considerado no tempo e no espaço, a incorporação do Grande Oriente Unido no Grande do Brasil perde as dimensões, que a bondade do estimado Irmão tanto ampliou. Realmente, é um belo, sim, mas um simples episódio de ação maçônica.

Receba o agradecimento e o abraço fraternal de Alvaro Palmeira". (75)

O fato — belíssimo, diga-se de passagem — a que se refere o Ir.: T. A. de Oliva Maya, é o decr. n.º 1767, de 22 de dezembro de 1956, que "aprova o convênio para incorporação e reincorporação no Grande Oriente do Brasil de Lojas do Grande Oriente Unido", "baseados no Tratado ajustado em 27 de fevereiro de 1954,

entre os Eminentes Irmãos Benjamim Sodré e Leonel José Soares que, na ocasião exerciam o Grão-Mestrado das duas Potências". Assinaram esse decr. Cyro Werneck de Souza e Silva, Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil e Alvaro Palmeira, Grão-Mestre do Grande Oriente Unido.

Após esse gesto, Palmeira considerou-se "simples Mestre Maçom do Grande Oriente do Brasil".

Criou nas Sessões das Lojas, o Quarto de Hora de Estudos. É Membro Honorário da Academia Maçônica de Letras. Conseguiu ver introduzida no programa oficial da "Semana de Caxias", pelo Exército, a Sessão anual de Pompa Cívica, comerativa, do Grande Oriente do Brasil. Ao deixar o Grão-Mestrado, fizeram-no Grão-Mestre Honorário e Grande Benemérito da Ordem. É Presidente de Comissão do Regulamento Geral. Recebeu depois as Condecorações de Pedro I, a Estrela da Distinção Maçônica e a Cruz da Perfeição Maçônica.

Enumerar tudo que o professor Alvaro Palmeira fez pela Maçonaria seria um nuca acabar. Entre as muitas condecorações que possui, conta-se a medalha de ouro comemorativa dos 250 anos da fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra. O Ir.: Palmeira fundou oito Lojas, foi Venerável de tres, filiando-livre de 17 Lojas.

O filiando-livre foi uma classe especial de Maçons, extinta desde a Constituição de 1962. O Maçom ativo de uma Loja, a quem uma outra quizesse conferir alta distinção, elegia-o para seu Quadro como filiando-livre. Tal fato lhe dava todos os direitos de maçom ativo, sem nada se lhe exigir, nem mesmo frequência ou contribuição pecuniária.

É benemérito de sete Lojas e dos Institutos Conselheiro Macedo Soares (Abrigo Maçônico) e do Instituto Educacional S. José da Escócia, de Poços de Caldas. É Grande Benemérito de duas Lojas e Honorário de oito. O medalheiro do Ir.: Palmeira é impressionante. Placas de ouro e de prata são 13. Medalhas e medalhões em ouro, prata e em bronze e em metal dourado ou prateado, 52. Medalhas de Graus, 12. Salvo erro ou omissão, esse é o CURRICULUM VITAE-maçônico de nosso Grande Instrutor. Seu CURRICULUM VITAE — público também é invejável. Em 1914, com apenas 15 anos de idade, fez concurso e foi nomeado Auxiliar de Ensino em escolas primárias. Concluiu o curso Normal em 1918 e foi nomeado Professor-Adjunto no ano seguinte. Como jornalista exerceu a função de diretor da revista O ENSINO, da Liga de Professores do Rio, fundada por ele. Atuou como cro-

nista pedagógico de A PATRIA e diretor de A VOZ DO POVO, diário trabalhista. Em 1921, era professor do Ensino Técnico. No ano seguinte, era Vice-Diretor da Escola Técnicos-Profissional Visconde de Mauá e em 1926 formou-se em medicina. Médico, foi nomeado Diretor da Escola-Técnico Profissional Visconde de Mauá. Em 1934, ocupava a cadeira de professor do Colégio Souza Marques, de Ciências Naturais, Biologia e História da Civilização. Nesse ano foi eleito Vereador. Diplomado em Medicina Militar, Traumatologia e Psiquiatria de Guerra, em 1942, por ocasião da II Grande Guerra, recebeu a patente de Capitão-Médico. Na Secretaria de Educação foi Chefe de Distritos, Diretor de Departamentos, Presidente de Honra de todos os Circulos de Pais e Professores das Escolas Públicas do Rio de Janeiro, isso em 1960. Foi Diretor Técnico do Colégio Souza Marques e, desde 1969, é Vice-presidente da Fundação Técnico Profissional Souza Marques, tendo, por vezes, exercido a Presidência. É Benemérito da Sociedade Brasileira de Geografia, da Sociedade Italiana de Beneficência, Diretor do Instituto Brasil-Mexico, etc. etc. As distinções de que foi alvo são cerca de 20, entre elas a Condecoração Nacional da Ordem Mexicana da Águia Azteca, outorgada pelo Governo do Mexico, Medalha Militar da Campanha do Atlântico Sul, do Ministério da Aeronáutica do Brasil, Condecoração de Mestre de Brasilidade, pela Ordem das Cinco Estrelas, com a outorga do Colar e da Placa, Coruja de Ouro da Cultura Universal, pela Sociedade Brasileira de Filosofia, etc. etc. Trabalhos escritos tem cerca de 50.

Como se observa por este apanhado incompleto da atividade de mestre Alvaro Palmeira desde os 14 anos de idade, tem sido uma luta contínua, incansável em prol do Ensino, da Educação e da Maçonaria. Mas o monstro da sabedoria não parou. Prossegue trabalhando diariamente na Fundação Técnico-Profissional Souza Marques, zelando pela Maçonaria e instruindo a nós os IIR.: do Rito Brasileiro, aos IIR.: de todos os Ritos com desvelo e vigor entusiasmantes.

Quando deixou o Grão-Mestrado, em junho de 1968, estava convencido de que a Maçonaria não podia continuar alienada da vida contemporânea, presa a idéias de 1717, como o que era bom há dois séculos e meio, fosse ainda bom para os nossos dias. Julga que o Rito Brasileiro pretende abrir ou iniciar um novo período na História da Maçonaria Universal. Contesta que a reestruturação de março de 1968 foi calcada sobre o Rito Escocês Antigo e Aceito. Antes desse Rito, houve Ritos Maçônicos de 33 Graus, como o Rito Primitivo de Namur, fundado em 1770, que teve longo

tempo de vida. Absolutamente não provém do Rito Escocês o Cobridor de cada Grau — Sinais, Toques e Palavras — do Grau 4 ao Grau 33 do Rito Brasileiro.

O Cobridor deste Rito são Sinais, Toques e Palavras da Maçonaria Universal e constam do "Tuiler General de la Franc Maçonnerie" ou "Le Manuel de l'Inicié", de Ragon. O Cobridor de Ragon vem de 1861 e só 14 anos depois, em 1875, no Congresso de Lausanne o Rito Escocês Antigo e Aceito adotou esse mesmo Cobridor e modificou as Grandes Constituições de 1786. Está lá no art. 4.º das Resoluções do Congresso de Lausanne. De resto, o primeiro Cobridor de 33 graus é o de De l'Aulnaie, de 1813, diz Alvaro Palmeira.

Convém lembrar que todos os Cobridores de Altos Graus, não importa o número desses Graus, eram chamados "escocêses". Por que? Porque foi Miguel André Ramsay, o introdutor e inventor de Altos Graus na Maçonaria. Em 1728, pretendeu introduzir na Grande Loja de Londres os Altos Graus. Repellido, foi para a França onde sua inovação teve aceitação. Ramsay era um "cavaleiro escocês", partidário dos Stuarts. Seus Altos Graus eram conhecidos pelo nome de Graus escocêses. Com sua permanência em França, em 1728, surgiu um Rito escocês de 33 Graus, o de Neville, que teve vida efêmera. A expressão "Graus escocêses" passou a ser sinônimo de "Altos Graus".

Frederico II, em 1786, quando quiz formar o Rito Escocês Antigo e Aceito de 33 graus, juntou cinco Ritos dito "escocêses" ou, seja, cinco Ritos de Altos Graus.

Ha quem diga que a origem imediata do Rito Escocês Antigo e Aceito de 33 graus se encontra no Rito de Perfeição ou de Herdon de 25 graus, criado em 1758, na França pelo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente. Por suas próprias falhas e por ter caído em mãos de homens inescrupulosos, o Rito de Perfeição entrou num período de obscurantismo, onde os graus eram vendidos a quem quizesse comprá-los. Ficou esquecido. Nesse período ruim, "surgiu também o curioso mito de Frederico o Grande, entre os maçons judeus. É certo que o rei da Prussia era Chefe Supremo do Rito, pois nas Atas da Grande Loja de Perfeição de Albânia (Nova Iorque), fundada em 1767, se requereu à Loja em 3 de setembro de 1770, que preparasse o seu relatório para ser enviado a Berlim, como, também, em 1785, certo Solomon Bush, Deputado Grande Inspetor da América do Norte, escreveu ao monarca uma carta solicitando o reconhecimento de uma Loja por ele consagrada. E posteriormente se alegou que o

Rei, em seu leito de morte, ratificou as Grandes Constituições 1.º de maio de 1786, contendo as leis que ainda vigoram no Rito Escocês; que ele constituiu pessoalmente o grau 33.º e delegara seus poderes, como Soberano da Maçonaria, a nove irmãos em cada país.”.

Mais adiante: “A verdade é que Frederico jamais tomou parte ativa no Rito de Perfeição, nem ratificou as Constituições e nem criou o grau 33.º, e mesmo a maioria dos Supremos Conselhos atuais rejeita que as Constituições tenham derivado sua autoridade do referido monarca. Não obstante, por consenso unânime dos maçons, as Grandes Constituições de 1786, permanecem como a lei do Rito em todos os Supremos Conselhos legalmente derivados de Charleston e Alberto Pike, uma das maiores autoridades do Rito Escocês, as aceita como genuínas”. (76)

Não existe nenhuma semelhança nas denominações dos Graus do Rito Brasileiro com os do Rito Escocês Antigo e Aceito. Acima do de Mestre, os Altos Graus obedecem à filosofia do Rito.

O art. 38.º da primeira Constituição do Rito Brasileiro, aprovada em abril de 1968, determina que ela “poderá ser emendada, decorrido um ano de sua vigência, nos pontos porventura falhos, em sua execução”. Decorridos 8 anos, foram promulgados pelo Decr. n.º 136, de julho de 1976, ouvida a Magna Reitoria, a nova Constituição mais o Estatuto e o Regulamento Especial, de autoria do Soberano Grande Primaz do Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, dr. Cândido Ferreira de Almeida.

O Rito Brasileiro abandonou todas “as incongruências e ridicularias das velhas denominações de Graus”, na expressão do Ir.: Palmeira.

Vejamos como ocorrem as coisas no Rito Brasileiro. O art. 7.º da Constituição, diz: “Os graus do Rito Brasileiro distribuem-se pelas várias Oficinas Litúrgicas da Hierarquia e destinam-se:

- I — à cultura moral, nas Lojas Complementares (Câmaras dos graus 4 a 14) e nos Sublimes Capítulos (Câmaras dos 15 a 18);
- II — à cultura artífica, científica, tecnológica e filosófica, nos Grandes Conselhos (Câmaras dos graus 19 a 30);
- III — à cultura cívica, nos Altos Colégios (Câmaras dos graus 31 32);
- IV — à síntese humanística do Rito, no Supremo Conclave (Câmara do grau 33)

Para ilustrar esta asserção, damos um quadro comparativo das denominações dos graus. Os Graus 1 — 2 — 3 — têm a mesma nomenclatura em todos os Ritos, como sabemos.

GG.: Rito Brasileiro

- Graus de Mestres (4 a 14)
- 4 — Mestre da Discrção
(Grau de Iniciação)
- 5 — Mestre da Lealdade
- 6 — Mestre da Franqueza
- 7 — Mestre da Verdade
- 8 — Mestre da Coragem
- 9 — Mestre da Justiça ou da Re-
tidão (Grau de Iniciação)
- 10 — Mestre da Tolerância
- 11 — Mestre da Prudência
- 12 — Mestre da Temperança
- 13 — Mestre da Probidade
- 14 — Mestre da Perseverança
(Grau de Iniciação)
- Graus de Cavaleiros (15 a 18)
- 15 — Cavaleiro da Liberdade
- 16 — Cavaleiro da Igualdade
- 17 — Cavaleiro da Fraternidade
- 18 — Cavaleiro Rosa-Cruz ou da
Perfeição (Grau de Iniciação)
- Graus de Missionários
(19 a 30)
- 19 — Missionário da Agricultura e
da Pecuária
- 20 — Missionário da Indústria e do
Comércio
- 21 — Missionário do Trabalho
- 22 — Missionário da Economia
(Grau de Iniciação)
- 23 — Missionário da Educação
- 24 — Missionário da Organização
Social
- 25 — Missionário da Justiça Social
- 26 — Missionário da Paz (Grau de
Iniciação)
- 27 — Missionário da Arte
- 28 — Missionário da Ciência
- 29 — Missionário da Religião
- 30 — Missionário da Filosofia. É o
Kadosch Filosófico. (Grau de
Iniciação)
- Graus de Guardiões
- 31 — Guardião do Bem Público
(Grau de Iniciação)
- 32 — Guardião do Civismo (Grau
de Iniciação)
- 33 — Servidor da Ordem e da
Pátria (Grau de Iniciação)

Rito Escocês Antigo e Aceito

- Mestre Secreto
- Mestre Perfeito
- Secretário Intimo
- Preboste e Juiz
- Intendente dos Edifícios
- Mestre Eleito dos Nove
- Ilustre Eleito dos Quinze
- Sublime Cavaleiro Eleito
- Grão-Mestre Arquiteto
- Cavaleiro do Real Arco
- Grande Eleito da Abóboda Sagrada
ou Sublime Maçon
- Cavaleiro do Oriente ou da Espada
- Príncipe de Jerusalém
- Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
- Excelente Perfeito Cavaleiro
Rosa-Cruz
- Grande Pontífice ou Sublime Es-
cocês
- Soberano Príncipe da Maçonaria
ou Mestre AD VIDAM
- Naoquita ou Cavaleiro Prussiano
- Cavaleiro do Real Machado ou
Príncipe do Líbano
- Chefe do tabernáculo
- Príncipe do Tabernáculo
- Cavaleiro da Serpente de Bronze
- Escocês Trinitário ou Príncipe
de Mercê
- Soberano Comendador do Templo
de Jerusalém ou Gr.:
Comendador do Templo
- Cavaleiro do Sol ou Príncipe
Adepto
- G.: Escocês de Santo André da
Escocia ou Patriarca dos
Cruzados
- Cavaleiro Kadosch

- Gr.: Inspetor Comendador
- Sublime Príncipe do Real Secredo
- Soberano Grande Inspetor Geral

Vê-se por aí a diferença de nomenclatura dos Graus de ambos os Ritos.

Em toda parte e também na Maçonaria existe aquele indivíduo que está contra tudo que é novo, que moleste suas convicções. Não tenta examinar a nova idéia para ver até onde é útil, perfeita. Não possui sugestões para corrigir aquilo que parece inadequado. É o misoneísta. Está apegado à rotina, mesmo que a tradição seja negativa, errônea, ultrapassada. Não quer ser encomodado em sua pasmosa tranquilidade. E raciocina:-

— Se isto se faz há duzentos anos é porque está certo. Por que mudar?

Muita gente confunde tradição com rotina. Tradição é a transmissão de uma geração para outra de sua cultura, de sua crença, de seus ideais, de suas conquistas, tanto na área da ciência como da arte e seus costumes. Rotina já é o hábito de agir segundo o uso, sem atender ao progresso. É o apego à prática usual, repetição cheia de monotonia da mesmice cuja idade se perde no tempo.

No decorrer dos séculos, quanta coisa mudou porque já não era exequível? Isso se observa em todas as atividades humanas. Como o Rito Brasileiro surgiu renovado, as Cassandras se assanharam e deram asas às profecias que, infelizmente, muita gente, de início, acreditou. E diziam, sem prévio exame, que o Rito era apenas “mais um Rito” no meio de tantos... Será o título — Rito Brasileiro — que assanha a malquerença dessa gente que afirma cretinamente, sem conhecimento de causa, “apriori” que, se é brasileiro não presta?

O Rito Brasileiro pretende abrir — e sem dúvida abrirá — novo período na gloriosa e sofrida História da Maçonaria. Esse é o único Rito que forma integralmente o Homem-Maçom. Os velhos Ritos formam o Homem-Maçom apenas sob o aspecto moral — a Loja é “um Centro de união”, no dizer de Anderson, em 1723. O Rito Brasileiro sonha bem mais alto. Ele quer o Homem-Maçom formado sob o aspecto moral, cultural e cívico. É a Loja tridimensional.

O Rito Brasileiro é Evolução, é Renovação. Nem todos aceitam qualquer modificação, baseados no conceito que diz que toda inovação causa mais dano e perturbação do que benefício pela sua atualidade. São os empedernidos. A Maçonaria tem que ficar naquele STATUS QUO anterior. E o dr. Dalcho, numa citação de Nicola Aslan, diz: “A Antiguidade é cara ao coração de um Maçon; inovação é traição, que mina a venerável estrutura da Ordem”.
(77)

«COMPREENDER ANTES DE ACREDITAR»

As origens da Maçonaria, pelo que lemos, se perdem no sem-fim, como já dissemos. A montanha de séculos que colocam à sua frente, sinceramente, nos assusta, por mais verdadeira que ela seja. Não conseguimos conceber 200 mil séculos antes de Cristo, para o surgimento da Ordem. Não compreendemos sua origem no Paraíso Terrestre como não entendemos a existência desse recanto bucólico criado para as horas vadias de Adão, Eva e seus descendentes. Não somos misoneistas. Talvez o mal seja de nossa inteligência que não alcança tão distante. Cremos, entretanto, ser bem provável ter se originado em priscas éras, quando da construção do fabuloso Templo de Salomão. A Casa do Senhor surge como um marco provável, palpável. Este filho de Davi iniciou seu governo no ano 970 AC, com 20 anos de idade. Reinou 40 anos e morreu em 931 AC. (78) No quarto ano de seu reinado, no mês de Ziv (este é o mês 2.º, ele deu início à construção do Templo. (79)

Mas não vamos divulgar nossas lucubrações nem fazer crer no que cremos vamos singelamente divulgar as conclusões dos estudiosos de matéria tão fascinante. Não citaremos aqui o esforço mirabolante e super-humano que alguns gastaram para localizar suas origens. Já nos ocupamos do assunto, pela rama, no início deste trabalho.

Valhamo-nos de um estudo de nosso mestre Alvaro Palmeira revelado no Seminário de Mestres-Maçons.

“A Maçonaria Universal tem uma longa História e atravessou, até aqui, tres periodos: 1 — Maçonaria Primitiva; 2 — Maçonaria Operativa; 3 — Maçonaria Especulativa ou Atual.

O 1.º Período durou milênios, em suas 9 fases sucessivas: Mistérios Persas ou magos e Hindus ou brâmanes, 100 séculos antes de Cristo; Mistérios Egípcios de Isis e Osiris; Mistérios Gregos dos cabires da ilha da Samotrácia; Mistérios Gregos de Ceres ou

Deméter, em Eleusis; Mistérios Judaicos de Salomão (Hiram-Abi, o Templo); Mistérios Gregos de Orfeu; Mistérios Gregos de Pitágoras, em Crotona (6.º século a. C.); Mistérios dos Essênios, em Engadi, junto ao Mar Morto (iniciação de Jesus Cristo) e Mistérios Romanos, desde o 8.º século A.C., Numa Pompílio, até o 5.º século depois de Cristo.

O 2.º Período histórico durou vários séculos: é a Antiga Maçonaria, ou Maçonaria dos Construtores, ou Maçonaria Operativa. Seu Documento é a Constituição de York, do ano 926; seu último Documento é o chamado "Manuscrito Antigo", de 1686. É o período das Corporações Maçônicas, que foram, por vezes, protegidas pelos Papas e deles dependentes.

A Maçonaria Operativa teve Santos Padoeiros: os Quatro Santos Coroados, depois São Tomaz, São Luis, Santa Bárbara e por fim São João; este ainda se mantém na fase atual: "De onde vindes?" — "De uma loja de São João".

A Maçonaria Operativa construiu na Grã-Bretanha e na Europa continental 120 igrejas, 75 catedrais, 10 abadias, mosteiros, conventos, palácios, basílicas, torres, mercados, etc. A Gr.: Loja de Strasburgo era a Gr.: Lola-Mãe.

O 3.º Período é o atual: é a Maçonaria Espetaculativa, em que elementos estranhos à arte de construir foram aceitos nas Corporações (depois Lojas). Iniciou-se o 3.º Período em 1717 com a fundação da Grande Loja de Londres: já dura dois séculos e meio. Tem como suporte as Constituições de Anderson, de 1723". (80)

Porque aqueles maçons apegados ao passado não admitem inovações, teremos que estacionar quietinhos no tempo. Parece que têm preguiça de dar uma olhadela na História ou só admitem a Evolução porque ninguém lhes despertou a atenção sobre sua existência inexorável, desde que o mundo é mundo. Esses Irmãos não aceitam o Rito Brasileiro porque ele chegou se dizendo corajosamente Renovador e isto assustou os sonolentos espectadores que teimam em fazer parte do fabuloso espetáculo que é vida, Assistem cochilando e quando despertam vão espantados e impacados da sagrada ira, àquela mudança de cena que não estava no "script"..

Se já houve tres períodos na vida da Maçonaria, por que deter a Evolução e se crie o quarto período?

"É preciso, diz o professor Palmeira, considerar que tudo quanto houve ou se fez até aqui na Maçonaria foi obra exclusivamente humana, realizada conforme a conjuntura e as limitações culturais da época. A centana de Ritos e os milhares de Rituais não provieram do Céu, descidos do Supr.: Arq.: do Universo; não houve nenhum Moisés maçônico a receber a Revelação no Monte Sinai. E se os Ritos e os Rituais do século 18 foram obra de maçons, porque não admite que no século 20 outros maçons em face da impressionante cultura de nossos dias, não possam produzir obra de melhor quilate"? (81)

Apesar de milenar — ou por isso mesmo, talvez — a Maçonaria tem obscuridades que uma teimosa nebulosa nos impede a visão para o fato real. Um deles é sabermos se Jesus foi de fato maçom. As opiniões divergem ao infinito. Alvaro Palmeira, descrevendo o 1.º Período, diz: "Mistérios dos Essênios, em Engadi, junto ao Mar Morto (iniciação de Jesus Cristo)".

Para os cristãos, Jesus já nasceu sábio e santo. Vejamos o que diz o Evangelho, segundo Mateus: "Ora o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo:- José, filho de Davi, não temas receber à Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; E dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados." (82)

Segundo S. Lucas: "Disse-lhe então o anjo:- Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus; E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho e pôr-lhe-as o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trôno de Davi, seu pai". (83)

Tudo nele é glorificado. Antes de nascer já tinha o nome de Jesus, nome derivado do grego Jesua ou Josua que, em hebraico significa Deus é Salvação. Por sua onipotência e onisciência recebeu o cognome de Cristo, tradução grega de Messias, que em hebraico quer dizer ungido.

Não contestamos nada. Queremos entender e por isso pesquisamos. Temos sagrado respeito a todas as religiões porque cremos que todas levam ao mesmo princípio: Deus.

Já dizia S. Paulo em sua Epístola aos Romanos: "Realmente, não ha senão um só Deus"... (84) E como santo Agostinho, segundo Papini, sou "desejoso de compreender antes de acreditar". (85)

Diversos autores chamam Jesus de "Iniciado Essênio". Adelino de Figueiredo Lima diz: "O grande Iniciado Essênio quisera conciliar os vendilhões do templo com a pureza da religião pregada pelo profeta Elias e sofrera..." Diz também: "É que entre as colunas do pórtico da sinagoga, surgira a figura do grande pensador. Iluminava-a como sempre uma espécie de luz divina! Resplandecia-lhe a fisionomia de inteligência e de bondade. Apenas os olhos tristes e a palidez da fronte acusavam a tortura dos seus graves pensamentos". "Não era o descendente do grande rei Davi; era, porém, um dos grandes iniciados dos Essênios". (86)

Os Essênios formavam uma comunidade monacal de antiquíssimos judeus que só aparecem na História quasi dois séculos A.C. Verdade que depois se espalharam em agremiações por diversas regiões do Egito e da Judéia. Usavam sinais e palavras para se reconhecerem entre si. Suas reuniões eram secretas e não admitiam a presença de profanos. No cristianismo dos primeiros tempos havia muitos hábitos, atitudes, iniciações muito parecidos com o usual na Maçonaria de nossos dias. Segundo o Ir.: Joaquim Gervásio de Figueiredo, o que sabemos sobre isso devemos a "Filon, o Judeu, ao historiador judeu Josefo e a Plinio, o Antigo, todos seus contemporâneos, e ultimamente ao Documento de Damasco, descoberto no começo do século XX numa GENIZAN, no Cairo, publicado por Salomon Schechter, em 1910 e apresentado à Universidade de Cambridge com o título de "Fragments of a Zadokite Work", bem como a uns rolos descobertos em 1947 por alguns beduínos mercadores junto ao Mar Morto, dos quais o principal é o "Manual de Disciplina". "Seus membros mais eruditos expunham as Escrituras, mas especialmente por meio de "Símbolos e parábolas" e foi entre eles que privou Jesus Cristo". (87) Devem ser anteriores ao 2.º século A.C. Levavam vida simples, eram contemplativos, não sacrificavam animais, não admitiam a escravidão. O que era de um era de todos. Muitas de suas cerimônias foram incorporadas ao Cristianismo — Santa Eucaristia — e à Maçonaria — Rosa-Cruz de Heredon. Praticando o misticismo, essa velha seita esteve longo tempo em Engadi ao lado do Mar Morto e Lago Maoris, no Egito.

Esse autor esclarece que, certamente devido a seus mistérios, pouco se sabe sobre os cultos exotéricos e hábitos e costumes ex-

ternos desse povo... “tinham também seus Mistérios conhecidos e partilhados tão-só pelos seus iniciados, dentre os quais esteve o próprio Jesus Cristo”. (88)

Os Essênios se dividiam em Neófitos, Irmãos e Perfeitos. Tais qualificativos, mais tarde, foram incorporados à terminologia evangélica, no Cristianismo antigo, em seitas místicas e que, em Maçonaria são os Aprendizes, Companheiros e Mestres. Possuíam rituais muito parecidos com os usados na Arte Real. Guardavam grandes virtudes, amavam a um só Deus, contrários à idolatria e ao politeísmo e eram extremamente caridosos. A seita também não recebia mulheres. Dizem historiadores que seus dogmas, sinais e palavras são de origem essênica.

O pretexto dessa caminhada é saber por onde andou, onde esteve durante aqueles 18 anos que permaneceu ausente da Galiléia, Samária, Judéia.

Os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas nem João o discípulo que, quando Jesus disse:-... “em verdade, em verdade vos digo: um de vós me ha de entregar”, João, “recostando-se ele sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: “Senhor, quem será”? (89) Segundo os comentários sobre o Evangelho de S. João, “a intenção do autor não é tanto escrever uma biografia de Jesus, mas levar a fé em Cristo aos corações dos leitores”. Mais adiante diz o comentarista:- “graças ao grande número de indicações geográficas, topográficas e cronológicas, o leitor sabe onde se encontra Jesus”. (90)

“Nos dias de Cristo havia na Palestina as escolas dos essênios, nazarenos, saduceus (que também se diziam zadoquistas), fariseus, às quais pertenceram, respectivamente, Jesus, João Batista, Caifás, S. Paulo”.(91) A “Sociedad produjo a San Juan Batista y a Jesus, fundadores a su vez de nuevas sociedades, que durante las guerras de los bárbaros del Norte, en la Italia, etc. conservaron intacta y con toda su pureza las doctrinas masónicas”. (92)... “segun éstas, Dios había hecho nacer libres a todos los hombres; reconocer por tanto la condición de esclavo en algún ser racional, hubiera sido ir contra sus leyes. Por esto predicaron el dogma de la redención, que más tarde Jesus llegó a hacer triunfar”. (93)

Referindo-se a Jesus, disse João Batista:- “E eu não o conhecia, mas o que me mandou batizar com água, esse me disse:- Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo”. (94) É possível que estivessem entre os essênios em épocas diferentes. Ou em outra comunidade.

João Evangelista também não esclarece por onde andou Jesus durante aqueles longos anos. Quando diz: - "E retirou-se outra vez para além do Jordão para o lugar onde João tinha primeiramente batizado: e ali ficou", quer certamente se referir à tentativa dos judeus de o prenderem. (95)

Aos 12 anos, depois de tres dias de procura, porque seus pais ignoravam onde ele estava, "o encontraram no Templo, sentado no meio dos doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas". (96)

Tambem João Batista desapareceu por longo tempo, mas sabia-se onde estava. "Entretanto, o menino crescia e fortificava-se em espírito. E permaneceu no deserto até o dia em que se manifestou diante de Israel". (97)

Após a estadia de Cristo entre os doutores no Templo, para os Evangelistas Sua vida se apagou para reaparecer fulgurante com seus milagres estonteantes, suas parábolas cheias de sabedoria — de uso dos essênios sua prisão sem sentido, seu martírio inarrável e sua morte num instrumento de ignomínia e suplicio, incompreendida por Pilatos e sua mulher Prócula que o aconselhara: -... "não te metas com esse justo". (98) Depois do sacrifício do Salvador, a cruz se engrandeceu, se purificou, se santificou. De instrumento brutal de ignomínia tornou-se objeto de culto, símbolo de redenção dos cristãos.

Para nós maçons a cruz é um símbolo de imensa expressividade. Apresenta-se sob 7 formas. A cruz em que foi sacrificado Jesus é a cruz Latina ou Cruz de Cristo ou Cruz da Paixão. "consta de vários graus maçônicos, inclusive do Rosa-Cruz brasileiro usa a Cruz na dalmática. Quando é radiante, constitui a insignia do Comendador dos Templários, segundo o sistema americano.

"Cruz de Santo Antonio: em forma de T (tau). É a última letra do alfabeto hebreu. Traduz potência, usa-se como símbolo de poder. É também chamada cruz patibulata ou comissa ou cruz de dois braços. Os malhetes do Verável Mestre e dos Vigilantes, nas Lojas, têm a forma de Cruz comissa, porque esses Irmãos ocupam cargos de governo. O Grão-Mestre pode usar a Cruz de Santo Antonio ou comissa dentro de um círculo, significando poder geral na Jurisdição. "Cruz ansata ou egípcia: também em forma de T, mas coroada por um pequeno círculo ou oval. Quando no círculo está enroscada uma serpente, traduz, imortalidade. Muito usada na maçonaria egípcia e aparece no grau Rosa-Cruz. "Cruz de Santo André: em forma de X. É a insignia do Grão-Mestre da Grande Loja da Escócia e é conhecida pelos Irmãos grau 29 do

Rito Escocês. "Cruz grega, de 4 braços iguais. Dela se originaram a Cruz de Malta e a Cruz teutônica. A Cruz de Malta é branca, a Teutônica é vermelha e constituíram os distintivos dessas duas ordens militares-religiosas.

Ambas as cruzes (de Malta e Teutônica) compõem-se de ramos iguais, que se vão alargando no interior para o exterior; as extremidades podem apresentar uma chanfradura triangular. Têm, assim, 8 pontas. Para um Cavaleiro de Malta as 8 pontas recordam as 8 bemaventuranças. A Cruz Teutônica é hoje emblema dos Cavaleiros Kadosch; outrora, porém, os Kadosch usavam a Cruz latina ou da Paixão. Os Kadosch filosóficos do Rito Brasileiro não usam Cruz.

"Cruz de Lorena ou Cruz episcopal — é de dupla travessa, o ramo principal atravessado por dois braços desiguais, sendo o braço superior mais curto que o inferior. Usam-na os Oficiais do Grande Acampamento dos Cavaleiros Templários dos Estados Unidos e é o sinete de todos os Irmãos do grau 33. No Rito Brasileiro a ponta do ramo principal é uma seta.

Cruz papal ou patriarcal — é tríplice travessa, sendo maior a do meio e iguais a superior e a inferior. Usada pelo Grão-Mestre e pelos Grãos-Mestres ex-Veneráveis do Grande Acampamento dos Cavaleiros Templários dos Estados Unidos. É o sinete do Grande Comendador do Rito Escocês. No Rito Brasileiro a ponta ramo principal do sinete do Grande Primaz é uma seta". (99)

Mas autores afirmam a presença de Cristo nos Templos e mosteiros dos sábios essênicos porque trouxe toda sua sabedoria e caridade e costumes, o amor à Paz, o amor ao próximo, o desprezo pela riqueza. Como eles, adotou o celibato. "Julga-se que os essênios foram os precursores ou inspiradores dos Monjes e eremitas, que se afastavam dos grupos humanos e iam viver isolados em cavernas e grutas nas montanhas, vivendo de contemplações místicas e exemplo de sobriedade de toda sorte". "Quando Tito tomou Jerusalém, a seita foi desbaratada e seus adeptos perseguidos, com certeza mudando-se para outras nações onde lhes fosse possível continuar a exercer seus ritos e mistérios, muito do agrado de todo mundo, pois ensinavam que a alma é imortal e que nos espera depois da morte uma recompensa dada por Deus aos que sempre praticaram boas obras e foram justiceiros". (100)

A Maçonaria possui muita coisa dos essênios. Para ser iniciado devia passar por tres anos de provas. Se no fim, saísse

triunfante, jurava servir a Deus fielmente, ser justo, procurar a verdade, amá-la e defendê-la e “perder antes a vida que revelar a nenhum profano os segredos da Sociedade”. Depois disto lhe entregavam um martelo e um avental branco e então era considerado membro da Sociedade. (101)

Mas esse período da vida de Jesus é um encantamento. Parece que, depois de um estágio entre os essênios, ha indícios de que também habitou entre os sábios do Tibet, no Himalaia, passagem essa que está rigorosamente registrada nos arquivos da Maçonaria egipcia daqueles monges. Em tal documentação está anotada sua estadia entre eles. Diz Raul Silva que “ha alguns anos, um nosso Ir.: russo, de nome Nicktowysk, compulsando esses documentos da antiguidade, neles encontrou a permanência de Jesus, durante anos, no convento do Tibete, sendo ali conhecido com o nome de Profeta Issa. “Naturalmente concluida a sua maravilhosa iniciação, tendo ao seu dispôr as faculdades todas com que poderia desvendar todos os segredos, mesmo os mais recônditos arcanos da vida, Jesus desce do Himalaia e regressa à Palestina, realizando a sua gloriosa tarefa de aproximação do gênero humano ao Supremo Arquitecto.

“Durante tres anos, pregou o Evangelho da Verdade e da Justiça, assombrando a humanidade então com os seus prodígios e cimenta a obra de Deus com o seu martírio, deixando aos séculos futuros o ternário invensível da Liberdade, Igualdade e Fraternidade: tres columnas inextinguíveis que amparam os habitantes do Globo Terráquio e que os integralizará totalmente, quando souberem compreender as sublimidades da divina doutrina do Perdão, do Amor e da Caridade”. (102)

Ernest Renan, apoiado nos Evangelistas, em Isaias, em Josefo, no Talmud, em Strabo, em Antonio Martir, em Justino, no Ecclesiastes, em Plinio e muitos outros autores da antiguidade, já nos oferece outra versão.

Conta que a cidade de Nazaré, onde não nasceu Jesus não difere muito do que é hoje. “As ruas onde brincou quando criança, vemo-las ainda em pedregosos atalhos, em pequenas encruzilhadas que separam as casas”. A residência de José é possível que “se assemelhasse às pobres Lojas, alumniadas apenas pela luz que entre pela porta, e que servem ao mesmo tempo de oficina, de cozinha, de quarto de dormir, mobiliadas com uma esteira, algumas enxergas deitadas no chão, um ou dois vasos de barro e uma caixa pintada”.

“O horizonte da cidade é estreito”, mas quem se livrar daquele “montão de casas edificadas sem estilo”, e subindo, alcançar a planura festejada por uma brisa perene que envolve as habitações mais altas, depara com perspectiva maravilhosa. “Tal foi o horizonte de Jesus. Este círculo encantado, berço do reino de Deus, por alguns anos lhe figurou o mundo”. Sua vida quase não se distanciou dos limites familiares à sua infância. “Esta natureza, a um tempo risonha e grandiosa, foi toda a educação de Jesus” (103) Sem dúvida aprendeu a ler e a escrever, mas pelo método do Oriente, que constava em fazer a criança segurar um livro e repetir, repetir todo seu conteúdo em cadência com os colegas até que o decorasse. Foram poucas as escolas ilustres que Jesus cursou, as escolas dos escribas ou SOFERIM (talvez as não houvesse em Nazaré) nem conquistou nenhum dos títulos “que dão aos olhos do vulgo os direitos do saber”. Jesus falava “o dialeto siríaco misturado com o hebreu que então se falava na Palestina”. Sendo a cultura graga condenada pelos doutores da Palestina, é quase certo que Ele não aprendeu grego. “Nada conheceu fora do judaísmo; seu espírito conservou aquela franca ingenuidade que sempre enfraquece uma instrução ampla e variada. Mesmo no seio do judaísmo, permaneceu estranho a muitos esforços às vezes paralelos aos seus”. (104)

Conhecia os Essênios ou Terapeutas de Filon, ramo dos Essênios, com seu ascetismo, mas nunca soube dos ensaios esplêndidos de filosofia religiosa abordados pela escola judaica de Alexandria, cujo grande intérprete era seu contemporâneo Filon. Há várias semelhanças entre os dois. As máximas encantadores de amor a Deus, de caridade, de “descanso em Deus” são como um eco entre o Evangelho e os escritos do Ilustre pensador Alexandrino, provém das tendências comuns que as necessidades do tempo inspiravam a todos os espíritos elevados”.

O grande Hillel tinha princípios que certamente Jesus conhecia. Cincoenta anos A.C., Hillel criara aforismos semelhantes aos dele. Dono de um caráter cheio de brandura, pobre e humilde, opositor intransigente aos hipócritas e sacerdotes, “Hillel foi o verdadeiro mestre de Jesus, se é permitido falar de mestre quando se trata de tão alta originalidade”. Seu caráter singular se declarou prematuramente. Dizem que sua prolongada moradia no deserto logo se constituiu outra escola para ele. Entretanto o Deus de lá não era o seu: “Era, quando muito, o Deus de Jó, severo, terrível e desamorável”. (105) Tornava à sua Galiléia amada e ali reencontrava seu Pai Celeste onde naquela paz bucólica sonhavam com a salvação de Israel.

Com a morte de José, que não chegou a ver Jesus cumprir sua grandiosa missão, passou a ser "Maria a cabeça da família". Considerando-se "estrangeiro em Nazaré", mudou-se para a pequena cidade de Caná, porventura sua terra natal. É provável que Jesus tenha fixado residência, aí, por algum tempo de sua mocidade e onde iniciou seu trabalho glorioso. Foi carpinteiro como seu pai. "Esta circunstância nem era desprezível nem molesta. O costume judaico exigia que o homem dedicado aos trabalhos intelectuais aprendesse um ofício. Tinham-nos os mais famosos doutores". (106)

Como se desenvolveu a idéia de Jesus no decorrer dessa etapa longa e obscura de sua existência? "Por que meditações se estreou na carreira profética? Ignoramo-lo, porque a sua história veio ao nosso conhecimento no estado de narrações mal coordenadas e sem cronologia exata".

Essênios e Terapeutas se fixaram em grande número, próximo ao país de João, na margem oriental do Mar Morto. Jesus e João Batista eram primos, eram jovens, quasi da mesma idade e se uniram sob o mesmo ideal. Batista tinha mais experiência por ser mais velho. Esse relacionamento fraterno, mais tarde foi o início de um plano perfeito, executado pelos Evangelistas e que teve por objeto dar como primeira base à missão sobrenatural de Cristo o testemunho de João. Seu prestígio era, tão grande, que todos acreditavam impossível existir na terra melhor e maior abonador. Mas João Batista não abandonou sua extraordinária posição diante do povo. Jesus, reconhecendo-o como seu superior, expandiu suas idéias com muita timidez, durante a temporada que esteve a seu lado: Embora sua enorme originalidade, Cristo, durante algumas semanas, se limitou a imitar seu predecessor. Não via bem o caminho a seguir. Vendo o grande crédito que João dera ao batismo, "julgou-se obrigado a fazer como ele: batizou, e seus discípulos batizaram também. Sem dúvida, acompanhavam o batismo de prédicas análogas às de João".

Após a prisão de João, Jesus recomeçou sua pregação. depois da prisão de João, as primeiras palavras que se lhe atribuem não são mais do que a repetição de uma das frases familiares ao batista. Muitas outras expressões de João se encontram textualmente nos seus discursos".

Jesus abandonou as proximidades do mar Morto e do Jordão, só depois da prisão de João, que ocorreu por volta do verão de 29. Retornou à Galiléia, sua pátria verdadeira, "madurado por

importante experiência, depois de haver colhido no contato com um homem grande, que muito diferia dele, o sentimento de sua própria originalidade”.

Mas a vida de Jesus, como a vida dos homens excepcionais, está florida de lendas fascinantes e enternecedoras, bem a nosso gosto.

Não ha instituição, por maior que seja, que não repouse sobre uma lenda. O único culpado, em tal caso, é a humanidade que quer ser enganada”. (107)

“Não ha dentro da exegese maçônica, de sua literatura e pesquisas históricas, quem não situe Cristo como um dos esteios da Ordem, um iniciado e um Mestre. Contudo, não vemos Jesus glorificado nas datas festivas e memorativas da Maçonaria Simbólica, em suas sessões rituais, em suas instruções aos neófitos. Ora, se toda a vida do supliciado do Calvário é uma feira de exemplos de virtudes maçônicas, admirável exemplário de amor ao próximo, de prática da caridade que se faz com a direita de forma que a mão esquerda não saiba; se a Maçonaria adotou as mais belas virtudes cristãs doutrinadas pela palavra convincente de Jesus, não compreendemos que seu nome se mantenha discreto e apagado de nossas sessões e solenidades, num esquecimento que chega a ser indifereçável ingratidão e injustiça àquele que nos serve de modelo”. (108)

Temos nos referido a Jesus, S. João Batista, o Precursor, S. João o Evangelista, o Apóstolo, mas alguma coisa está por esclarecer.

Em todas as Lojas o presidente pergunta ao visitante.

— “De onde vindes, meu Ir.:”?

— “De uma Loja.: de S. João, Vener.: Mestr.:”

No Rito Moderno ou Francês a resposta é esta.

— “De uma Loja Justa e Perfeita. Ven.: Mestr.:”

Creemos que na maioria — senão na maioria — de nós maçons perdura a pergunta:

— Que S. João será esse? S. João Batista, o Precursor? S. João o Evangelista, o Apóstolo? S. João Crisóstomo? S. João de Boston? S. João de Deus? S. João da Escócia, S. João de Jerusalém? Qual deles é o São João de cuja Loja vem o visitante?

Na abertura dos trabalhos no Rito Brasileiro, o Ven.: Mestre diz. — “Em nome do Sup.: Arq.: do Univ.: e de S. João, nosso padroeiro, está aberta...”

A certa altura ele pergunta “porque são as Lojas Maçônicas denominadas “Lojas de S. João”? e vem a explicação. “São João (São João Evangelista), o discípulo dileto de Jesus, foi o último patrono das Corporações de Construtores ou Lojas da Idade Média. A tradição Maçônica tem muita relação com a Tradição Juanítica ou mística do Cristianismo, que é também reflexo das Tradições e Mistérios persas, egípcios, gregos e jundáicos anteriores” (109) Sabemos agora que o padroeiro do Rito Brasileiro é S. João Evangelista. Será ele também o padroeiro das “Lojas de S. João”?

Mas S. João Batista, o Precursor e S. João Evangelista são duas figuras grandiosas e edificantes em todas os sentidos e que orgulham a Maçonaria se qualquer deles fosse o patrão da Loja de onde vêm purificados os que visitam outras Lojas.

Mas seria o Apóstolo e Evangelista João? Mesmo este foi contestado como sendo o autor do Evangelho que trás seu nome. Santo Irineu afirma que ele é o próprio Apóstolo, “discípulo do Senhor que repousou sobre o peito dele” (110) A maior prova de que João, apóstolo, é o mesmo evangelista, está na última cena ocorrida ao pé da cruz onde Cristo estava crucificado, fato só registrado por ele. “E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena.

Ora Jesus, vendo ali Sua mãe, e o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe:- “Mulher, eis aí o teu filho.

Depois disse ao discípulo:-Eis aí tua mãe” (111

É ele o autor do Evangelho? Em 1820, o alemão Carlos Teófilo Bretschneider publicou um livro na Alemanha negando essa autoria. E criou-se a “Questão Joanésia”. Aí se dizia que o autor do Evangelho era outro João, não o Apóstolo. Mas a tradição é mais forte ou as provas a favor foram mais convincentes e S. João ficou sendo em realidade o autor do Evangelho.

Quem ler os 4 Evangelhos — já não dizemos com fé, mas com atenção — verificará que S. João não pensou em escrever a biografia de Cristo, mas incutir no leitor a fé em Jesus. Narra recordações de fatos vistos e sentidos de maneira muito pessoal. S. João — parece — não se preocupou muito com os milagres mas, sim, com os discursos de seu Mestre. Deu acento teológico

a seu Evangelho. Discípulo de S. João Bastista, convidado por Jesus a segui-lo, seguiu-o a mando do anacoreta.

Na época das infundáveis perseguições e crueis martírios que sofriam os adeptos da Ordem, ela caiu bastante, até que a paz voltasse a reinar entre os homens. Nessa altura, foi celebrado um "Concílio Maçônico, na cidade de Benjamim, decidindo-se então despertar de novo a Maçonaria, deliberando-se enviar uma deputação de irmãos mais eminentes a S. João, o Evangelista, nessa ocasião bispo de Éfeso, rogando-lhe aceitar o cargo de Grão-Mestre. Esse Venerável irmão respondeu que, achando-se já em avançada idade, temia que suas forças não permitissem cabal desempenho a tão árdua tarefa, naqueles tempos de lutas contra um resto de perseguições; porém que o seu grande amor à Ordem fazia com que aceitasse o pesado cargo." (112)

Ha quem considere o Evangelho de S. João como o "cume e o coração, o Santo dos Santos do Novo Testamento e de qualquer outra religião possível. É o Evangelho do teólogo, o Evangelho espiritual"... (113)

Também sofreu a perversidade dos homens. Açoitaram-no impiedosamente em Jerusalém e, segundo a tradição, em Roma, jogaram-no dentro de uma caldeira de água fervente, isso quando imperava Domiciano. Milagrosamente saiu ileso dali.

Depois de escrever o Evangelho, o Apocalipse e tres epistolas, morreu sob o peso dos anos, o que lhe valeu o apelido carinhoso de "Ancião".(114)

Dizem também que o Evangelho de S. João tem certa correlação com manuscritos antigos em linguas hebráica, aramáica e grega descobertos em 1947, junto ao Mar Morto, na Palestina e chamados documentos de Cunrân. Encontraram íntima dependência das idéias de S. João com relação aos monges daquela comunidade judaica.

Semelhanças literárias e de idéias não devem levar o leitor a conclusões precipitadas. O Evangelho de S. João tem características pessoais e não há como negar as origens dele, de suas raízes que é o Antigo Testamento.

A propósito de Cunrân, faremos rápida referência sobre um trabalho de Carlos T. Fritsch, professor de Antigo Testamento do Seminário Teológico de Princeton, que reputamos de certo modo esclarecedor. Chama-se "Os Rolos do Mar Morto" e vem publicado no Dicionário da Bíblia de John D. Davis.

Em 1948, foi dado à publicidade, uma das mais importantes descobertas sobre assuntos bíblicos, ocorrida em 1947. Por acaso, o pastor árabe Moâmede ad-Dib entrou numa caverna às margens do Mar Morto e descobriu numerosos rolos de pergaminho, envolvidos em panos de linho escondidos em vasos cilíndricos. Tais rolos estiveram nas mãos de vários professores em diversos conventos, em muitos países. Eram fragmentos do Livro da Profecia de Isaias, rolos de Hino da Gratidão, etc

Depois de descrever com detalhes as cavernas, o local do Mar Morto onde se encontram as ruínas silenciosas como ruínas, inclusive um cemitério com cerca de mil sepulturas — detalhes detalhes que não vêm ao caso — diz que, após ser dada a licença para as explorações arqueológicas, foram feitas escavações em 1949, 1951, 1953, 1956. Muita coisa preciosa foi encontrada nesses 5 períodos. O edifício principal deve ter sido construído por volta do ano 110, A.C. Aquela comunidade provavelmente fora destruída pelos romanos no governo de Vespasiano, segundo o historiador Josefo e por um terremoto ocorrido no ano 31 A.C., no reinado de Herodes, o Grande, cujos sinais ficaram indeléveis nas paredes e alicerces das casas. Os exploradores encontraram à volta de Cumrân onze cavernas, todas guardando por séculos, os manuscritos bíblicos e documentos outros. Seis milhas adiante dessa comunidade encontraram mais 39 cavernas. Só as de números 2 e 3 continham manuscritos. Em 1952, os beduínos encontraram a caverna número 4, ao lado de Cumrân Uádi, que continha cerca de 300 manuscritos. Muitos estavam estragados pelos ratos, pelos romanos, pelos pássaros e pelo tempo. Mesmo assim, recuperaram cerca de 20.000 fragmentos. "Todos os livros do Antigo Testamento estão presentes nesses manuscritos, exceto o livro de Ester."

O povo que vivia ali era da seita judaica dos essênios cujos costumes e ensinamentos são descritos com detalhes por Josefo e por Filo. Segundo seu Manual de Disciplina, esse grupo romperia com o judaísmo ortodoxo dominante na época e fora para o deserto, ou seja, Cumrân, "cumprindo-se o que diz o profeta Isaias no versículo 3, capítulo 40, do seu livros, para assim preparar o caminho ao ungido do Senhor e à vinda do seu reino aqui na terra". Sua disciplina era bastante rígida e distribuíam entre eles riqueza e conhecimentos. Seu presidente, um MEBAQUER, distribuía medidas disciplinares quando necessário, presidia aos ritos de iniciação dos novatos. A entrada nessa comunidade era absolutamente voluntária. Os ritos de iniciação, que "cobriam

vários anos, eram bastante severos; e também a vida de seus membros era duma disciplina militar bastante rija”.

Na comunidade de Cumrân havia dois principais que eram o batismo e a refeição comunal. “Ao que tudo indica, o batismo era o rito de iniciação, administrado depois de o noviço haver feito certo adestramento preliminar de tres anos. As muitas purificações observadas pelos membros da comunidade, notadamente antes de cada repasto, simbolizavam a purificação interior do coração humano pelo Espírito”. Um dos ritos mais interessantes da gente de Cumrân era o repasto comunal, cuja descrição vem com detalhes curiosos num dos rolos encontrados em Cumrân.

O professor Carlos T. Fritsch dá a tradução desse documento que começa descrevendo o festim do Messias com sacerdotes e homens de nomeada, cada qual segundo sua ordem, etc. A refeição dos essênios era certa proclamação “litúrgica do vindouro banquete messiânico, quando os Messias de Deus repartiriam o pão e o vinho com o Seu povo”. Jesus usa esse motivo á refeição sacramental que tomou com seus Apóstolos. Jesus — o Messias e o Cordeiro Pascoal — reuniu na derradeira Ceia as duas tradições judaicas do repasto essênico e da festa da Pascoa. Juntando as palavras — “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue” — Jesus certamente fez do “sacramento cristão da Ceia do Senhor uma ordenança integralmente única e totalmente diferente de qualquer rito do judaísmo”.

Os cumrâmitas amavam a Bíblia e a estudavam em profundidade. O Manual de Disciplina diz que havia tres turmas que se revejavam cada noite quando grupos diferentes meditavam nas Sagradas Escrituras. Supunham que o Mestre da Retidão, das pessoas mais importantes da comunidade tinha visão especial do Antigo Testamento e o interpretava com autoridade provida de Deus.

Esses documentos descobertos em Cumrân trazem grandes benefícios para o estudo do Antigo e do Novo Testamento. Antes de 1947, os manuscritos hebraicos mais antigos que possuíamos eram mais ou menos do século X da era cristã. Agora são mil anos mais velhos e para surpresa nossa, confirmam os outros de onde foi obtido o Antigo Testamento. “Nesses documentos encontramos, em vocábulos e formas hebraicas, grande parte da terminologia do Novo Testamento. A fraseologia do evangelho segundo João, como, por exemplo — “filhos da luz e filhos das trevas” — e outras mais expressões — percebe-se aqui que é de origem judaica. A organização da Igreja Primitiva, como a temos descrita nas Cartas Pastorais, tem muita coisa em comum com

a organização da comunidade cumrãmita. A influência dos ensinamentos cumrãmitas sobre João Batista, Jesus e Paulo pode notar-se, muito clara, em muitos pontos. A natureza escatológica da dita comunidade, i. é, a sua fervorosa crença na vinda próxima e iminente do Messias (ou dos Messias), e a iminência da derradeira grande batalha contra os exércitos das trevas, em tudo se assemelham ao espírito que então reinava na Igreja Primitiva e nos ensinamentos de Jesus e do apóstolo Paulo.

A comunidade de Cumrã infelizmente nunca chegou a conhecer a Jesus como o Cristo, ou Messias, e sucumbiu nas cinzas ardentes da destruição provocada pelos legionários romanos. Mas a Cristandade avançou na conquista do mundo, porque achava o Messias prometido aos antigos por Deus, mediante os seus profetas. Cumrã nunca ouviu o eletrizante som das Boas-Novas, nem conheceu o poder de vidas convertidas, nem a glória e a radiância que dimanam de cada uma das páginas do Novo Testamento, pelo fato de jamais ter visto Cristo. Todavia, não podemos deixar de admirar o devotamento e a dedicação desses soldados de Deus que buscaram uma região deserta para ali passar uma vida de disciplina e serviço a Deus, aguardando a sua revelação final na gloriosa Pessoa do Messias". (115)

Geralmente S. João Batista e S. João Evangelista são considerados Patronos da Maçonaria, razão porque são festejados pelas Lojas e Grandes Lojas. Acontecem essas festividades na época dos solstícios. São chamadas festas Solsticiais. Assim, S. João Bat. é festejado a 24, de junho e S. João Evangelista a 27 de dezembro. Elas vêm do tempo das iniciações primitivas e se realizavam pomposamente na Grécia, no Egito.

Como o Precursor foi também das grandes figuras humanas, relembremos rapidamente sua vida gloriosa cheia de ensinamentos.

E naquele canto do mundo, hoje tumultuado por tanto desamor e tanto crime, vivia, lá no fundo dos séculos, um casal de velhos tristes mas conformados com o que lhes oferecia o Senhor. Eram o sacerdote Zacarias e sua mulher Isabel.

Ser estéril constituía sua amargura porque a esterilidade era considerada, segundo o Velho Testamento, opróbio, desonra ou castigo de Deus. E naquele desconsolo iam vivendo quando, num dia em que Zacarias exercia seu ofício do culto, surgiu-lhe o anjo Gabriel, que o assustou, pelo inesperado. Acalmou-o, dizendo.

“Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração; tua mulher Isabel te parirá um filho e pôr-lhe-ás o nome de João”.
(116)

E Gabriel lhe disse o quanto seria feliz e as maravilhas que João faria para converter muitos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. Mas Zacarias tinha seu contentamento envolto em dúvidas, porque insistia em dizer que eram velhos demais para terem filho. E o anjo lhe explicou que falava em nome do Senhor e que, para Ele tudo era possível. E impoz-lhe uma condição. Ficaria calado até o dia em que tudo se consumasse. De imediato o sacerdote não conseguiu proferir qualquer palavra. A língua enrolava e ninguém entendia o que tentava dizer. Tempos depois Isabel concebeu e ficou feliz porque Deus lhe tirara a causa de seu opróbrio. Quando estava no 6.º mês de gestação, o anjo Gabriel surgiu diante de Maria, mulher do carpinteiro José e disse.

— “Ave, ó cheia de graça! O Senhor é contigo!”

Lê-se a Bíblia e fica-se maravilhado com os fatos que aconteciam naqueles longes no tempo. E nos perguntamos porque tais coisas não acontecem nos dias tumultuados de hoje. Por que Deus não faz mais milagres? Ou os faz e nós somos tão desatentos e tão estúpidos que não percebemos?

O anjo lhe explicou que ela daria à luz um filho que se chamaria Jesus. E Maria, assustada, deixou escapar esta exclamação que é um encanto de inocência, de ingenuidade e de pureza.

— “Como se fará isso, pois eu não conheço varão?” (117)

Gabriel esclareceu que o Espírito Santo viria sobre ela e o poder do Altíssimo envolveria sua sombra. Não precisava de homem. E, para provar que tudo era fácil para o Senhor, revelou que sua prima Isabel, apesar de bem mais idosa e apesar de estéril, já estava no sexto mês de gravidez.

Perturbada e feliz, correu à casa de Isabel e, ao saudá-la, o menino saltou em seu ventre e ela ficou repleta do Espírito Santo. E, com a graça do Senhor, teve o filho que se chamou João. Só então Zacarias recobrou a fala e explicou a todos o que ocorrera no Templo.

João, depois de crescido e forte, se internou no deserto e lá viveu como anacoreta até o dia em que, depois de, sem dúvida, viver entre os essênios, se manifestou diante de Israel.

Herodes, o Grande, quando soube que nascera Jesus, mandou massacrar todas as crianças do país, porque não sabia qual delas seria o Messias anunciado. Mais tarde, morreu tranquilo, supondo morto aquele que diziam ser o rei dos judeus. Assumiu o governo da Galiléia e da Peréia, como tetrarca, seu filho Herodes Antipas. Casado com filha de Aretas IV, rei da Arabia, um dia, foi a Roma prestar contas a seus superiores, porque estava sujeito aos imperadores romanos. Lá encontrou-se com Herodiades, sua sobrinha e cunhada, esposa de Herodes Filipe, seu irmão. Apaixonou-se por ela e se tornaram amantes. Sua mulher, sabendo disso, magoada, abandonou-o e voltou para casa de seu pai.

Herodes Antipas soube das pregações de João e se inquietou pelas verdades contundentes que dizia.

E ele continuava pregando no deserto da Judéia, metido em suas vestes de pele de camelo. Sua alimentação era frugal, pois se nutria de gafanhotos e mel silvestre. Pregava e batisava, razão de seu nome Batista. Dizia, referindo-se a Jesus.

— “Esse é o que ha de vir depois de mim, que foi preferido a mim, de quem eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos”. (118)

Quando os sacerdotes, enviados de Jerusalém, lhe perguntaram se ele era o Elias esperado, respondeu prontamente que não era o Cristo. Também não era profeta. Era “a voz do que clama no deserto”, que vinha aplainar o caminho do Senhor, como queria o profeta Isaías. Um dia, quando João estava com seus discípulos, disse-lhes, ao vê-lo passar.

— “Eis aí o Cordeiro de Deus”.

E os discípulos o seguiram.

Jesus falando dele dizia que toda aquela gente que ia ao deserto não pretendia ver uma “cana abalada pelo vento” nem “um homem trajado com vestidos delicados” porque “os que andam com preciosos vestidos e em delícias, estão nos paços reais. Mas que saistes a ver? um profeta? sim, vos digo, e muito mais do que profeta.” E afirmava que “entre os nascidos de mulheres, não ha maior profeta do que João Batista”. (119) Dizia que ele fora enviado para preparar o caminho de Jesus.

Herodes Antipas, fraco, tímido, embora temesse João Batista, respeitava-o pela sua sabedoria. Mas o pregador sabia demais e comentava o que não devia, observava Herodiades. Não o matava

por temor do povo que o seguia e adorava. Estava certo de que era Jesus que escapara daquela matança horrenda autorizada por seu pai ou ressuscitara. João Batista, alheio a tudo, continuava a censurar o tetrarca pela união ilícita que mantinha com sua cunhada. Tais advertências não lhe agradavam muito menos a Herodiades, mulher de temperamento forte, que passou a odiá-los. E tanto apelou para seu amante que este acabou mandando prendê-lo e, algemado, foi jogado no cárcere. Não satisfeita, queria vê-lo morto, calado para sempre.

Durante o banquete de aniversário de Herodes Antipas, este pediu que a linda Salomé, filha de Herodiades e Herodes Filipe, dançasse para ele. E ela dançou com tal arte, com tanta beleza, com tal sensualidade que Herodes, apaixonado pela jovem dançarina, deslumbrado, jurou diante toda a corte e os nobres da Galiléia ali presentes, que lhe daria o que pedisse Até a metade de seu reino, se desejasse.

Herodiades achou que era a oportunidade de se vingar de João Batista. Com a liberdade de pedir, forçou a filha a exigir a cabeça do prisioneiro excepcional, a quem o rei ouvia deliciado, seus ensinamentos na prisão. Queria-a ali, naquele instante, numa bandeja. Herodes não esperava pedido tão insólito e macabro. Decepcionado, triste, cumpriu a promessa porque palavra de rei não volta atrás. E, para alegria da odienta Herodiades, momentos depois chegava às mãos de Salomé horrorizada, a cabeça do Precursor numa bandeja de prata cheia de sangue. Imediatamente a moça entregou-a à sua mãe. O presente era dela. Recebeu-a com alegria diabólica porque "a figura de Herodias, essa sombria Macbeth bíblica, deflagrando no átrio do palácio um dos dramas mais tremendos da História, tinha uma fascinação sinistra." (120)

RENOVAÇÃO

O evolucionismo existe e existirá sempre até a extinção do último homem que pensa. O Rito Brasileiro é a evolução.

Numa conferência proferida pelo Ir.: Alvaro Palmeira, no Palacio do Maçônico do Lavradio, em 1972, leu uma página de Pietro Ubaldi, considerado um dos grandes pensadores de nosso tempo sobre Evolucionismo, que transcrevemos pelos ensinamentos que contém.

“O existir do nosso Universo não se pode realizar senão enquanto é um transformismo, vir-a-ser contínuo. Quem fica parado morre, abandonado, deixado para trás no caminho geral. Mas progredir exige esforço, ao qual é cômodo renunciar.

A Verdade não é uma posição psicológica definitiva e estática, mas é um conhecimento relativo em evolução. O Absoluto pertence a Deus, não ao homem. As próprias verdades reveladas não podem ser senão proporcionadas à capacidade de entendimento dos povos, que as recebem. Por isso elas não representam senão suposições humanas, relativas e progressivas, ao longo do caminho da Evolução.

A Verdade não é inércia, mas pesquisa e conquista contínuas. Uma Religião (ou qualquer Instituição), para se manter viva, não pode permanecer cristalizada na repetição do que foi dito, sempre estacionária no ponto de partida, ADORMECIDA LÁ ONDE NASCEU. Acontece então que, para que a vida não morra parada no caminho, o pensamento emigra para fora e vai seguindo novas formas de pesquisa, superando assim o passado envelhecido, e avançando por outros caminhos, meios e instrumentos, progredindo por sua conta.

Chegou a hora para todas as religiões e (instituições) renovarem, se elas não quiserem deixar-se superar, ficando esquecidas e mortas. Seguir repetindo os velhos usos e formas, sem agitar

o pensamento e o espírito, equacionando e resolvendo os problemas novos que estão surgindo na mente humana, significa ficar abandonado, fora do caminho da Vida, que avança.

Isso não quer dizer destruir o passado. Conservar é necessário, mas é necessário também continuar evoluindo: não só da repetição do velho, mas também da pesquisa e criação do novo. Uma Religião ou doutrina pode afirmar-se também no terreno de seus inimigos, quando ela lhes oferece um produto de valor que eles não possuem, explicações e soluções que eles não souberam atingir, uma contribuição útil que eles podem aproveitar para si. De outro modo, tudo fica fechado com espírito sectarista no âmbito estreito de seus adeptos, seguidores e componentes do grupo, repetindo de cor velhas coisas de seu enclausurado conhecimento. E o mundo, fora daquele grupo, dirá que ele está morto, porque nada produz.

A cristalização leva à velhice e à morte. Para sobreviver e se fortalecer, é preciso avançar, trabalhando no espírito. Sem renovação não ha vida". (121)

A Igreja Católica Romana estava parada no tempo, necessitada de uma reforma, longos anos. Muitos cardeais assim julgavam, mas nem um tinha a sagrada disposição de o fazer. Entre eles havia um com o espírito repleto de idéias novas. Era um renovador à espera da oportunidade para despertar a Igreja quieta em seu sono profundo. Era Angelo Roncalli. Quando Nuncio Apostólico em França, no governo de De Gaulle, mansamente, diplomaticamente, deu início a seu "desideratum". "Torna-se amigo de ministros maçons, laicos e anticlericais. Sua casa abre-se a encontros conviviais em que figuram pessoas inimigas entre si, no plano político, mas companheiros de mesa juntamente com Roncalli." (122) Feito cardeal por Pio XII, foi nomeado Patriarca de Veneza. Seis anos depois, faleceu esse Papa e ele seguiu para Roma. Era o Conclave. A assembléia se dividiu. Como não chegavam a um acordo sobre quem ocuparia a cadeira de S. Pedro, fazem-no candidato e, para surpresa sua, é eleito. Tudo feito dentro daquele sigilo que organizações como essa e a Maçonaria exigem...

Quando surgiu na janela na praça de S. Pedro, a multidão gostou dele por sua figura, seu semblante tranquilo de homem gordo, pelo seu modo de camponês, meio bonachão. Seu pontificado foi febril, agitado. Era a Renovação que chegava.

"Escolhe o nome de João XXIII, assim agindo de maneira já revolucionária, ele que era tido por um papa de transição,

que não deveria promover na Igreja nenhuma mudança. João, o nome, para restituir-se ao Batista e ao Evangelista, XXIII, a fim de cancelar um antigo equívoco histórico sobre um pontífice de igual nome e que depois se torna antipapa.” (123) Roncalli pensava em “Baltazar de Cossa “que tomou o título de João XXIII assassinou Alexandre V para lhe suceder no trôno pontifício”. Seu reinado foi de 1410-1415, cometeu crimes e foi deposto pelo Concílio de Constança. (124)

Quando escrevia a primeira encíclica, o cardeal secretário de Estado, lendo as páginas escritas, chamou-lhe a atenção, com o respeito devido, que estava usando palavras que nem no dicionário Palazzi havia. O papa respondeu sorrindo:

—“Bem, deveremos reformar muitas coisas. Quer dizer que reformaremos também o Palazzi”. (125)

Pio XII anotara algumas reformas, mas julgava a iniciativa perigosa para a Igreja. Guardou-as à espera de oportunidade mais favorável. João XXIII não temeu realizá-las. Começou a nomear cardeais de todas as raças, como africanos, japonês, filipino. Recebeu — tal gesto foi considerado revolucionário — “na chave ecumênica o primaz da Igreja Anglicana. Contemporaneamente encontrava-se com outros irmãos separados e viabilizava estudos sobre sociedades esotéricas e iniciáticas e as suas relações com a Igreja. “Praticamente deu início então ao processo que teria levado á superação da excomunhão contra a Maçonaria”. (126) Sem dúvida, João XXIII quiz varrer a testada de seu intolerante antecessor Clemente XII, nascido Lourenço Corsini, que, durante seu pontificado — 1730-1740 — mostrou sua extraordinária má vontade para com a Maçonaria a ponto de excomungá-la em 1738.

É necessário não esquecer que a Maçonaria, em priscas éras, gosava de excelente convivência com a Igreja Católica.... “no período em que existiu a Maçonaria Operativa, ela estava ligada à Igreja, tinha um cunho nitidamente cristão, houve papas protetores e santos padroeiros”. (127)

Em 1717, a instalação da Maçonaria Especulativa e sua aceitação imediata pelo povo maçônico, estremeceu a amizade existente entre as duas Instituições. A Igreja não compreendia que nas Lojas podessem se reunir protestantes, judeus e católicos. “Na época, protestante era quasi sempre sinônimo de maçom.” O papa Clemente XII, não admitindo essa convivência fraterna excomungou a Maçonaria em 1738, pela bula CONSTITUIÇÃO IN EMINENTI. Era contra o segredo inviolável.” Refere-se ao “crescente pro-

gresso da Maçonaria” e é preciso obstruir a larga estrada”. O papa não alinha nenhum argumento de valor contra a Maçonaria, muito menos doutrinário, mas diz haver “outras causas justas e razoáveis, por nós conhecidas,” sem dizer quais sejam. O que não o impede de condenar e proibir as Lojas, e os fieis não podem frequentá-las, sob pena de excomunhão”. (128)

Mas esse papa não foi o único a levar sua intolerância a tais extremos. Foi apenas o primeiro.

Numa relação das principais perseguições à Maçonaria, colhe-mos os nomes dos papas que não compreenderam que a Maçonaria é ecumênica, que a Maçonaria não é religião e que a Maçonaria deixa a cada Ir.: a liberdade de preferir sua crença religiosa. Os condenadores são:

“1738 — 28 de abril — Clemente XII condena a Maçonaria pela Enc. EMINENTE APOSTOLATUS EPECULA.

1751 — 11 de maio — O Papa Benedito XIV condena a Maçonaria pela Const. APOSTOLICE PROVIDAS.

1821 — 13 de setembro — O Papa Pio VII condena a Maçonaria pela Bula ECLESIAN A JESUCHRISTO.

1825 — 13 de março — O Papa Leão XII, condena a Maçonaria, pela Enc. QUOD GRAVIORE.

1832 — 15 de agosto — O Papa Gregório XVI, condena a Maçonaria pela Enc. MIRALVOS.

O Papa Pio VIII, condena a Maçonaria pela Enc. TRADITI.

1846 — Novembro — O Papa Pio IX condena a Maçonaria pela Enc. QUI PLURIBUS.

1865 — setembro — O Papa Pio IX, condena a Maçonaria pela ALOC. CONC. MULTIPLICIS INTER.

1869 — 12 de outubro — O Papa Pio IX condena a Maçonaria pela AL. CONST. APOSTOLICAE SEDIS.

1873 — 25 de maio — O Papa Pio IX manda ao bispo de Pernambuco uma carta apostólica concitando a obediência contra a Maçonaria.

1873 — Novembro — O Papa Pio IX expede novas instruções de combate à Maçonaria.

1876 — 29 de abril — O Papa Pio IX condena a Maçonaria pela Enc. EXORTE IN ESTA.

1884 — 20 de abril — O Papa Leão XIII condena a Maçonaria pela Enc. HUMANUS GENUS, também chamada DE SESTA MUSSONUM.

1891 — 20 de junho — O Papa Leão XIII condena a Maçonaria pela Let. PROCLARA GRATULATIONIS. (129)

Pio VIII, cujo curto reinado iniciado em 1829, já em 1830 ele morria, teve uma virtude, para honra sua. Condenou o tráfico de escravos que desonrava o Brasil.

O papa Pio IX, que mostrou tanto ódio à Maçonaria, foi maçom. Seu papado que se estendeu de 1846 a 1878, conseguido “por la fuerza social y politica de la Masoneria,” se constituiu numa constante, incansável, feroz perseguição a Arte Real.

Luis Umbert Santos em sua “Literatura Masonica Contemporanea”, diz, numa citação do Ir.: A.T. Cavalcante de Albuquerque: ... “Pio IX fué elevado al alto cargo de Papa por la fuerza social y politica de la Masoneria”. Mais adiante: “La Masoneria italiana, em justificada actitud, por conducto de Victor Manuel, Gran Maestro del Gran Oriente de Italia y Rey de la Peninsula, decreta em el año 1865 su expulsión de la Orden según el siguiente balaustre”, “Un hombre llamado Giovanni Ferreti, que recibió el bautismo de la Masoneria, que nos juró solemnemente su amor y compañía y que después coronado Papa y Rey bajo el nombre de Pio Nono, ha renegado ahora de sus antiguos hermanos y ha excomulgado a todos los miembros de la Orden de los Libres Masones. Por lo tanto, el citado Giovanni Ferreti queda desde hoy expulsado de la Orden por PERJURO.” (130)

Giovanni Ferreti Mastai pertenceu à Loja Eterna Cadena, de Palermo, Como Ir.; Ferreti foi recebido na Loja Fidelidade Germânica, de Nurenberg, portador que era de uma credencial autenticada com o selo da Loja Perpetua, de Napoles. ... “foi arcebispo de Spoleto em 1827, bispo de Imola em 1832 e foi elevado a cardeal, em 1840, e eleito Papa em 1846. Confrontando-se as datas, verifica-se que, em 1839, quando o Irmão Ferreti foi fraternalmente recebido na Loja Maçônica na Alemanha, já era bispo.” (131)

Em 1864, juntou todas as bulas e encíclicas contra a Maçonaria e publicou o SYLLABUS. A Loja Eterna Cadena, filiada a

Grande Loja de Palermo, a 26 de março de 1846, considerando-o traidor, expulsou-o depois de convidado a se defender.

Em 1961, João XXIII inspirado por seu grande e elevado espírito, escreveu a encíclica **MATER ET MAGISTRA**, obra fabulosa onde “seu espírito explode num abraço de entusiasmo pelo mundo, pelo povo: Cristo é de todos, inclusive daqueles que o repelem; o Evangelho é de todos. E o mundo responde a esse abraço entusiasta com um calor raramente conhecido em semelhantes ocasiões. A **MATER MAGISTRA** deu alento às vozes que se preparavam para o anunciado concílio, deu coragem e força à Igreja, fez redescobrir com amor as coisas antigas, daquela tradição autêntica de que o Papa João, não obstante certas campanhas da imprensa terem tentado contrabandear o seu contrário, não se afastou jamais”. (132)

É isto que o Ir.: Alvaro Palmeira e seus seguidores pretendem, guardadas as devidas e racionais proporções. Renovar a Maçonaria sem destruí-la em seus grandes valores do passado. Para isto aí está o Rito Brasileiro.

Temos infinita admiração, profundo entusiasmo por esse Papa cheio de amor à humanidade sem rumo e que debaixo daquela humildade assombrou o mundo com sua coragem e seu talento.

Ha tempos, recebemos do Ir.: Alberto Alves Sarda esta mensagem que transcrevo “*ipsis verbis*”.

“Oração escrita por S.S. o Papa João XXIII, poucos dias antes de sua morte, e que deveria ser rezada em todas as Igrejas Católicas.

Signore e Grande Arquitetto, ci umiliamo ai Tuci piedi...

Senhor e Grande Arquitetto do Universo, nós humilhados a teus pés invocamos o teu perdão pela heresia que, no decorrer dos séculos, nos impediu de reconhecer em nossos irmãos maçons os teus fieis prediletos. Temos lutado contra a liberdade de pensamentos, pois não tínhamos compreendido que o primeiro dever de uma religião, como justamente afirmou o “Concílio” consiste em reconhecer o direito de não crer em Deus. Temos também, perseguido todos os que pertencendo à mesma Igreja havia aberto caminho à verdade, filiando-se às “Lojas” com sereno desprezo às injúrias e ameaças.

Acreditamos louca e cegamente que um sinal da cruz pudesse ser superior a tres pontinhos, postos em pirâmides. De tudo nos

arrependemos amargamente, Senhor, e te imploramos de nos fazer ter, juntamente com o teu perdão, também um compasso que sem dúvida alguma sobre os nossos altares de compensado (?) estaria bem melhor que os velhos crucifixos "Amem".

NOTA DO TRADUTOR:

Esta tradução foi literalmente transcrita de a "Tribuna Italiana," de 8/10/66, deixando aos leitores a sua devida interpretação, coletado pelo Irmão Luso ARNALDO P. SIMÕES."

Mais tarde, lendo a alentada obra do Ir.: Renato de Alencar, encontramos essa comunicação com o título — "Oração aos Maçons" — que o autor diz publicada pelo "Jornal Maçon" de Salvador, n.º 31, de abril de 1972, Ano IV.

Como o confrade Renato de Alencar, para ela "chamamos a atenção de todos os Iir.: e profanos que se interessam pela evolução por que passa toda a Humanidade em matéria religiosa". (133)

João XXIII morreu com aquela tranquilidade de quem sabe que praticara algo de bom e de belo neste impreterível vale de lágrimas.

Mas em toda parte moram os descontentes, os chamados tradicionalistas. João XXIII como Jesus não teve a ventura de agradar a todos. Na Igreja Católica, depois daquele trabalhão todo, em que o grande Papa lutou contra os que detestavam a evolução, surgiu um líder da estagnação. É o bispo Marcel Lefébvre. Está contra tudo, não aceita nada do que fez João XXIII, ou seja, as reformas do Concílio Vaticano II, que viveu dias angustiosos de 1962 a 1965. O cardeal francês não admite que se toque na tradição — para ele sagrada — dos rituais católicos, esquecido de que não surgiram assim. já constituem uma evolução de rituais anteriores. Por que estagnar nesse passado? Por que esse pavor de mudar?

A intransigência de Lefébvre já levou o papa Paulo VI a proibí-lo de resar missa. Ele não deu a menor importância à ordem de seu superior hierárquico. Continúa rezando-as. É o começo da desordem. Seria um novo antipapa? Já houve cerca de 50... O papa chamou-o ao Vaticano e, com tolerância pouco católica, conversaram, o rebelde foi aconselhado, a velha ovelha ternamente se viu tangida ao aprisco suave. Não melhorou em nada a situação porque agora teima em ordenar 14 novos padres. S.S. advertiu-o várias vezes. O arcebispo está irredutível. Paulo VI,

para manter sua autoridade, através de seu porta voz, já declarou que será excomungado caso insista nas ordenações. Em seu Seminário em Econe, na Suíça, realizará as cerimônias no dia de S. Pedro, 29 de junho, queira ou não o papa. Se este não cumprir o que prometeu, ficará com sua autoridade profundamente ferida, porque um "diretor do Seminário tradicionalista da Suíça afirmou:" As advertências do Vaticano não nos impressionam. Não é a primeira vez que recebemos ameaças, elas vêm de dois anos. Não ha nada de novo nelas". (134)

Para adiar as ordenações do dia 29 e evitar sua expulsão, o cardeal Lefébvre propoz ao Vaticano 4 reivindicações: "Em primeiro lugar, que o Papa dê autorização para que continúi rezando a missa segundo o rito tri dentino (abolido pelo Concílio Vaticano II, na década de 60". Quer "que o Vaticano levante as restrições canônicas impostas ao seminário de Econe e, também, à Irmandade Sacerdotal de S. Pio X — fundada por ele e declarada ilegível pelo Vaticano em junho de 1975. Por fim os tracionistas reivindicam do Vaticano a reinterpretação de todos os decretos conciliares". (135) Aconteceu que tais exigências não foram aceitas "sob nenhuma hipótese", informou o porta voz oficial do Vaticano Romeu Panciroli, que leu esta notas aos jornalistas: "No último dia 20 de junho, o Papa Paulo VI enviou carta a Monsenhor Lefébvre, rogando-lhe que não cometa um novo ato — sumamente grave — de desobediência à autoridade eclesiástica. O Papa espera que o Espírito Santo ilumine o prelado e o ajude a tomar a única decisão digna de um Bispo, que é a de submeter-se filialmente à autoridade responsável pela Igreja". E caso contrário — acrescentou Panciroli — a ruptura será irreversível". (136) A Rádio Vaticano, comentando o caso, diz que "a infidelidade é um dos grandes pecados do nosso tempo e quem incorre nesse erro provoca dolorosos afastamentos e volta a crucificar Jesus Cristo". (137)

E o arcebispo teimoso ordenou 14 sacerdotes e 16 diáconos, no dia 29 de junho de 1977, num desafio pasmoso a Paulo VI e numa desobediência total ao estabelecido como dogma por sua Igreja. E agora, Sumo Pontífice? Vai reduzi-lo a leigo? Excomungá-lo, sem dúvida? Que sanções canônicas outras aplicará? Uma cisão a mais na Igreja? Ou prudentemente deixará que o tempo cure a ferida?

Entretanto o inquieto cardeal francês não ficou de rosário nas mãos humildemente esperando o castigo que o Papa ofendido achasse por bem impôr-lhe. Consumadas as ordenações, deu uma volta pela América Latina à cata de adeptos. Quando o navio que

o conduzia aportou em Santos e no Rio, falou à imprensa. Argucioso, sentiu que todos “os bispos brasileiros denotam claramente suas tendências esquerdizantes”. Como bom tradicionalista não esqueceria a Maçonaria. Disse:- “Um pacto de não agressão foi concluído entre a Igreja e a Maçonaria. Isto é o que se encobriu sob o nome de AGGIORNAMENTO, de “abertura ao mundo”, de ecumenismo”. (138) Recusou o título de líder dos tradicionalistas porque se sente apenas um tradicionalista, “um bispo católico apostólico romano” que quer rezar missas em latim, como mandam a tradição e o finado Pio V. Se ele se referiu a esse Papa, é bom lembrar que ele reinou de 1566 a 1572...

Esse “pacto de não agressão” só existe na sua cabeça enca-necida. Segundo d. Vicente Scherer, “ele tem uma visão unilateral e neurótica, o que impossibilita convencer ou dialogar com uma pessoa com tais características”. (139)

A Maçonaria nunca cogitaria de um pacto desse tipo porque jamais agrediu a Igreja Católica ou outra qualquer religião. Ela aceita de coração limpo todas as Fés sem perguntar seus nomes. A Igreja Católica, sim, pois no decorrer dos anos tem atacado, agredido, excomungado impiedosamente, sem caridade, por seus cardeais e papas de mentalidade igual à sua. Esse pacto é uma descarada intrujice de S. Eminência.

O purpurado francês admite que “sempre ocorreram erros na história da Igreja, alguns tolerados. Mas quando o erro compromete a unidade da Igreja, ela passa a sofrer e entrar em processo de decomposição de sua estrutura física. Nós devemos salvá-la”. (140) Para ele, Paulo VI erra quando fortalece as decisões do Concílio Vaticano II. O Concílio é a união da Igreja com a desordem e “desordem é violência contra a tradição”. Para ele Paulo VI é cismático. Esse Concílio ao dar contra à tradição e ao romper com a Igreja do passado, é um concílio cismático.” Cismático não é o Concílio e sim Marcel Lefébvre. Não acredita no valor de sua excomunhão, se ela vier. Segue a linha da tradição “porque lá é onde está a verdade. A verdade está comigo”. Julga que, “se continuar o atual rumo da Igreja, o mundo caminhará em direção do comunismo”. (141) O cardeal é contra o liberalismo. É contra o Concílio porque é liberal. E nós que, cheios de entusiasmo, vemos no Papa João XXIII um sábio, um espírito avançado, liberal, humano, um bom, para o cardeal Lefébvre ele não é mais do que “o primeiro a abrir a porta para todos esses erros, por sua fraqueza. Era um homem para quem todo mundo era bom e não via mal em nenhuma parte”. (142) Foi mau porque consentiu que introduzissem idéias liberais no Concílio. Afirma que prefere

ficar com os 280 papas anteriores porque “se eu estou enganado, Igreja errou por 20 séculos.” (143) É contra a Renovação. O cardeal d. Vicente, de Porto Alegre, é quem tem razão quando disse:- “Eu tenho pena dele”. (144)

Mas deixemo-lo falar, como liberais que somos. É um direito que tem, embora não sejamos obrigados a aceitar suas ideias.

Entretanto parece que, ou ele se acomodou ou forte cortina de silêncio envolve seus atos e palavras.

Paulo VI — sucessor de João XXIII — que voou milhares de quilômetros procurando desesperadamente impor a Paz entre os homens e que continha os impulsos do cardeal tradicionalista, morreu a 6 de agosto de 1978. Elegeram Giovanni Battista Montini, que pedia a todos que rezassem para que não fosse o escolhido. Tinha medo. Em homenagem a João e a Paulo tomou o nome de João Paulo I, prometendo levar avante a obra de ambos. Dele o mundo só guardou sua fisionomia simpática e um riso bonito, tranquilo em que se pressentia uma alma cheia de bondade. 33 dias fugazes de papado e é encontrado sem vida em seu leito. Em suas mãos estava aberto o livro *Imitação de Jesus-Cristo*, talvez no capítulo — “De la méditation de la mort”. (144a)

Começando tudo de novo, dias depois, aconteceu um fato que surpreendeu o mundo. Os cardeais não conseguiram chegar a acordo em torno do nome de um italiano. E o impasse fez que se quebrasse uma praxe de 450 anos. Foi eleito o cardeal da “cortina de ferro”, o polonês Karol Wojtyla que, homenageando o recém-falecido adotou o nome de João Paulo II. Sem dúvida, a renovação da Igreja continuará.

E tudo parecia seguir como Deus era servido quando estampidos vindos do Vaticano espantaram o mundo. Um jovem turco, na Praça de S. Pedro, dera dois tiros no Papa João Paulo II, atingindo-o no abdome. Época violenta esta que vivemos. Eleito a 16 de outubro de 1978, em julho de 1980, numa viagem estafante, visitou-nos por vários dias, para alegria do Brasil. Agora, a 13 de maio de 1981, às 5 e 17 hs. da tarde, alguém ou alguma organização terrorista o quer eliminar. Dizem que ele teria perguntado atônito. — “Por que eu?”

E também perguntamos surpresos.

— Por que João Paulo II?

Esperamos que o Supr.: Arq.: do Univ.: o ajude a sobreviver desse atentado sem qualificativo.

Ir.: ha quem não entenda porque o Rito Brasileiro é ANTIGO E ACEITO, quando é o derradeiro a se incorporar à Ordem. ANTIGO era o construtor livre, o que não pagava impostos. ACEITO é o Ir.: admitido nas Lojas ou corporações, exercendo profissão não relacionada com a arte de construir. ACEITO, em Maçonaria, quer dizer adepto, admitido, iniciado, recebido. No Rito Escocês é juntado o vocábulo porque, em 1739, muitos Irmãos se desentenderam na Grande Loja de Londres e de lá se retiraram, para criarem uma Grande Loja, agora unidos com remanescentes de outras corporações de pedreiros construtores. Eram regidos pela Constituição de corporação de Obreiros de York. Mais tarde, Ir.: discordantes deram à Grande Loja de Inglaterra o título de Rito Moderno “e adotaram para si o de GRANDE LOJA DO REGIME ESCOCÊS ANTIGO. Tendo posteriormente conseguido serem reconhecidos pelas Grande Lojas da Escócia e da Irlanda, acrescentaram ao seu título E ACEITO. Daí a origem da denominação “Rito Escocês Antigo e Aceito”.(145)

“Frederico II, ao instituir o Rito Escocês Antigo e Aceito, em 1786, adotou o número de Graus do Rito Primitivo de Namur, fundado em 1770 (vide “Grandes Constituições Escocêsas”, edição oficial de 1964, página 39). O Rito Brasileiro fez o mesmo, quando estabeleceu a sua hierarquia, dando, porém, a esses Altos Graus (do 4 ao 33) nomenclatura consentânea à época atual”. (146)

O Ir.: Alvaro Palmeira explica que o subtítulo “Maçons Antigos, Livres e Aceitos” que, nos documentos oficiais, vem em seguida ao título “Rito Brasileiro”, “foi estabelecido em obediência à Tradição (sub specie aeternitatis), que é uma coluna do Rito; a outra é a Evolução (sub specie temporalitatis); Maçonaria Amigável, ou o lema do Grande Oriente do Brasil: NOVAE SED ANTIQUAE”. Essa legenda criada por José Bonifácio de Andrade e Silva ao reinstalar o Grande Oriente do Brasil, e um convite para a Renovação. Ele assumiu o sagrado compromisso de lutar pelo Progresso da Maçonaria. Como resposta, surgiu o Rito Brasileiro.

O Relatório do Grão- Mestre Alvaro Palmeira apresentado à Soberana Assembléia Federal Legislativa, no dia de S. João Batista, 24 de junho de 1968, tem um fecho primoroso que se deve ler, meditar e executar.

Em 1921, o Ir.: Percy Kelet, Grão-Mestre da Grande Loja de Manitoba, Estados Unidos, prevendo que a Primeira Grande Guerra tinha aberto um novo ciclo histórico onde certamente entraremos,

cobrou uma participação ativa da Maçonaria na decisão dos problemas fundamentais do homem. Fala Percy Kelet: "O objetivo maçônico não é suscetível de ser atingido somente pelo cumprimento rigoroso das cerimônias do Ritual. Nossa verdade e nossa moral devem encontrar uma aplicação prática nos trabalhos de elevação da sociedade humana. Não podemos desprezar as grandes correntes de pensamento e ação, que nos rodeiam. Nossa confraternidade tem por obrigação produzir frutos. Se aos olhos da humanidade, a Maçonaria não se afirmar, na realidade, como um poder construtivo, ha de ir, fatalmente, caindo no desapeço e no esquecimento, que tem extinto tantas outras instituições. Estamos na véspera do dia em que as Instituições como a nossa, ou terão de desempenhar um grande papel, ou desaparecerão."

E o Ir.: Alvaro Palmeira deixava o Grão-Mestrado, que tanto ilustrou, dizendo: "Kelet estava em 1921, na véspera do dia. O dia, porém, já chegou.

A Igreja Católica sentiu o arrebol dos Tempos Novos e reviu a sua atitude, frente aos problemas nacionais e humanos. A Maçonaria precisa fazer também a sua revisão e inovar sobre bases autênticas, mantida a Tradição milenária. O Grande Oriente do Brasil não deve desprezar a atitude pioneira que lhe cabe de direito.

A Humanidade precisa da Maçonaria para que o Bem prevaleça, porque só ha Bem sobre o suporte da Fraternidade. Ha meio século se está configurando o mundo de amanhã. Precisamos todos contribuir para que, à entrada do terceiro milênio, tenha o mundo, efetivamente, a Liberdade, a Paz e a Justiça".

O Rito Brasileiro, apesar de seu "título gentílico", é de âmbito universal, regular, legal e legítimo. Pode funcionar em qualquer país como os Ritos tradicionais. Um dia — talvez não esteja tão distante — ele estará além fronteiras, cumprindo seu sonho de conciliar a Tradição com a Evolução para grandeza da Maçonaria e para a inauguração do 4.º período.

Todo renovador é combatido ferozmente pelos homens sem idéias nem ideal. Quando o Grão-Mestre General Tomáz Cavalcanti, em 1920, quiz que o pavilhão nacional estivesse presente nas sessões magnas, teve que lutar bravamente contra os tradicionalistas que se negam a ver que tudo está mudando à sua volta.

Repetimos. O Rito Brasileiro pretende renovar e, sem dúvida, renovará a Maçonaria brasileira e universal, dadas sua estática e sua dinâmica.

A Constituição do Rito Brasileiro diz: “Art. 8.º — Os Graus Simbólicos do Rito Brasileiro são de conteúdo: no Grau de Aprendiz exalta-se a Fraternidade Humana; no de Companheiro proclama-se a exelência do trabalho; no de Mestre afirma-se o princípio de que a Vida nasce da Morte.

Art. 9.º — Os Altos Graus do Rito visam à formação integral do Homem-Maçom, em seu tríplice aspecto: § 1.º — Nas Lojas Complementares e nos Sublimes Capítulos vê-se o Homem como **SER INDIVIDUAL** e nele se apreciam: o pensamento, a afetividade, a atividade, os valores morais e a Perfeição como ideal maçônico (O Cavaleiro Rosa-Cruz ou o Cavaleiro da Perfeição).

§ 2.º — Nos Grandes Conselhos considera-se o Homem como **VALOR SOCIAL** e sua atuação na Agricultura e na Pecuária, na Indústria e no Comércio, no Trabalho e na Economia, na Educação, na Organização, na Justiça Social, na Paz, na Arte, na Ciência, na Religião e na Filosofia (Kadosch Filosófico). § 3.º — Nos Altos Colégios salienta-se o Homem como **CIDADÃO** e estuda-se a Liberdade e a Autoridade, a Família e a Pátria; o Governo; a Opinião Pública; os Partidos Políticos; o comportamento cívico positivo e negativo; a dinâmica nacional; o princípio de que não ha direitos contra a Nação (Guardião do Civismo).

§ 4.º — No Supremo Conclave consolida-se a formação dos Graus anteriores, através da síntese do Humanismo Maçônico (Servidor da Ordem e da Pátria). (147)

O Rito Brasileiro é conservador e renovador. “O Rito é conservador, porque acata os Landmarques e demais preceitos tradicionais da Maçonaria e afirma expressamente a crença no Deus Criador e em sua Glória, isto é, afirma a **FONTE TEISTA** da Franco-Maçonaria Primitiva, **TAL COMO O RITO DE YORK**, ambos de Maçons Antigos. Livres e Aceitos, conforme os seus Rituais, tendo por base a Maçonaria de S. João, — o que significa dizer que o Rito Brasileiro vai mais longe, em sua pureza, do que a reforma atribuída ao Rei da Prússia, a qual, em verdade, encravou-se no deísmo porque simplesmente “reconhece uma **FORÇA superior**” e “proclama a existência de um **PRINCÍPIO CRIADOR**”. Paralelamente o Rito Brasileiro é renovador, porque junta a Maçonaria Contemplativa à Maçonaria Militante, isto é coapta a Tradição com a Evolução.” (148)

O brasão do Supremo Conclave do Brasil é o Triplice Triângulo dentro de um círculo, com a legenda superior — **URBI ET ORBI** — e a inferior — **HOMO HOMINI FRATER**.

MAÇONARIA SIMBÓLICA DE S. JOÃO

Definir é explicar, expor com precisão o significado de uma palavra, de qualquer coisa e nem sempre é fácil. Nestas breves palavras vamos tentar fazê-lo. De resto, nosso propósito não é cuidarmos em profundidade do simbolismo e, sim, dos graus simbólicos. Passamos por ele pela rama, apesar da fascinação que nos desperta.

Simbólica é a reunião de símbolos pertinentes a uma profissão, a uma religião, a um povo, à determinada época. É uma ciência que se propõe a explicar os símbolos. "A ciência dos símbolos, que foi a mãe das ciências, tornou-se a linguagem da Maçonaria, dando-lhe um caráter peculiar que a identifica e a distingue de qualquer outra associação e que lhe dá esses atrativos que lhe asseguram a adesão de seus discípulos e a perpetuidade." (149)

Simbolismo é a expressão ou a interpretação por meio de símbolos. É uma das características da Maçonaria Universal. Diz Octaviano de Menezes Bastos: "Todas as proposições teológicas, políticas ou científicas, assim como as religiões que se formaram nas primeiras idades, todas foram eminentemente simbólicas, porque os símbolos supriam com grande eficácia a deficiência da linguagem que é simbólica também, porque as palavras não são mais que símbolos convencionais por meio dos quais damos expressão às nossas idéias. Por isso quanto mais antiga é uma ciência ou uma religião, mais rica em simbolismo". E mais adiante: "O método da filosofia antiga é o grande arquétipo da moderna, inspirando-se em alto grau na ciência simbólica e sugerindo que o homem aprende melhor por meio de comparações que por quaisquer outros métodos". (150)

A Maçonaria — já disseram — é "a ciência da Moral velada por alegorias e ilustrada por símbolos". Octaviano M. Bastos diz que "despojar a Maçonaria do simbolismo, seria privá-la da seiva que a alimenta e condená-la a uma morte imediata". (151)

“O simbolismo realmente iniciático é esquemático e tem sido a linguagem inalterável, universalmente usada desde a mais remota antiguidade pelas ciências e artes “sacerdotais” para proclamar e perpetuar certas verdades eternas, essenciais à vida humana. Foi posteriormente transmitido às sociedades secretas, que o mantiveram intacto através dos séculos e adversidades. Mercê desses esquemas simbólicos, é-nos possível reencontrar atualmente as antigas informações sobre a Iniciação da alma nos mistérios da vida”. (152) O simbolismo EMBLEMÁTICO tem um sentido moral a inferir-se por analogia. Por exemplo: a régua representa a conduta retilínea, a cor branca lembra a pureza, a inocência, uma ferramenta sugere o trabalho, etc.

“O simbolismo maçônico, alma e vida da Instituição, derivou dos símbolos primitivos, dos da arte de construir e dos que foram encontrados em muitas associações esótericas: cabala, hermetismo, etc. adaptados a uma doutrina espiritual e moral”. (153) Como se vê, o simbolismo maçônico é composto de símbolos de procedências as mais diversas.

São muitos e essa quantidade se deve aos maçons franceses. Entre eles podemos citar da Roma simbolizando, a união dos maçons por um ideal. O Pelicano, símbolo do amor e abnegação, a Estrela Flamejante, símbolo da iluminação, o Ramo da Acácia, símbolo da imortalidade e inocência. O Sol, a Lua, as Colunas B e J, a Água, o Fogo, o Ar, o Vitriol são símbolos herméticos. Temos o Triângulo, o Delta Luminoso, o Tau, simbolizando o poder, os Tres Pontos, símbolo da discrição, as espadas, a Palavra Perdida, a Águia, o Cálice das Amarguras, as Cruzes e tantos e tantos outros que não citamos porque a oportunidade não é esta.

No dizer de M.F. dos Santos, “o símbolo é uma linguagem que comunica o incomunicável...” (154)

Vamos disreter sobre a base do Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, que é a Maçonaria Simbólica de S. João ou Maçonaria Azul, sobre a qual cresce a hierarquia de 30 altos graus. São de beleza extasiante os ensinamentos que ela encerra. Verão como se renova, evolui sem agredir a Tradição. O Artigo 4.º de sua Constituição diz que “o Rito Brasileiro é teísta, afirma a crença em um Deus Criador. Proclama a Glória do Supremo Arquiteto do Universo e a fraternidade dos homens, filhos do mesmo Pai”. Já no § 1.º, do Art. 2.º, diz: “Constitui um dos altos objetivos do Rito o incentivo e a prática do Civismo em cada

Pátria". O Art. 7.º diz: "Os Altos Graus do Rito Brasileiro distribuem-se pelas várias Oficinas Litúrgicas da Hierarquia e destinam-se:

I) — à cultura moral, nas lojas Complementares (Câmaras dos Graus 4 a 14) e nos Sublimes Capítulos (Câmaras dos Graus 15 a 18)

II — à cultura artística, científica, tecnológica e filosófica, nos Grandes Conselhos (Câmaras dos Graus 19 a 30);

III — à cultura cívica, nos Altos Colégios (Câmaras dos Graus 31 a 32);

IV — A síntese humanística do Rito no Supremo Conclave (Câmara do Grau 33."

§ 1.º — Em toda a ensinança do Rito, sobretudo nas Cerimônias Iniciáticas, estarão sempre presentes os Símbolos da construção universal, para vivência da Tradição milenária e esotérica da Maçonaria.

§ 3.º — Todo Grau terá ainda, à parte, uma instrução correspondente, acorde aos conhecimentos atuais da Cultura humana. Quinquenalmente essa instrução será revista, para manter-se atualizada". (155)

Como todos os outros, o prédio maçônico do Rito é composto pela Sala dos Passos Perdidos onde nós e os Visitantes podemos falar, rir, fumar, passear, fazer tudo que é proibido dentro do Templo. Na parede principal do Átrio está o escudo brasileiro. O Templo é um local de culto e veneração porque recebeu as luzes da Sagração. Tudo é mais ou menos igual aos outros Templos. Como ornamento temos a estátua de Minerva — Sabedoria, Sapiencia — pousada sobre coluna coríntia.

São fantásticas as histórias das divindades de antigos povos. São deuses, semideuses e heróis. Mitologia é a ciência dos mitos e a interpretação da história fabulosa dessas entidades. Os mistérios das cerimônias e do culto observados pelos pagãos quando os reverenciavam. É fascinante voltar-se até às raízes dos espíritos incultos à procura da origem dos mitos. Faz-se essa viagem maravilhosa e verifica-se que ela se perde na poeira dos séculos. E como não é fácil descobrir-se o que houve nos longes do tempo, sonha-se, imagina-se, conjectura-se um, com sorriso benevolente nos lábios céticos, outro de cenho cerrado como sábio intérprete da Esfinge.

Ha quem julgue os mitos como racontos imaginados de fatos históricos, dos deuses e dos reis ou de herois que deixaram gratas ou terríveis recordações e que foram divinizados depois de mortos. Essa interpretação é do filósofo grego Evêmero, do IV século A.C. A Igreja, baseada em tal teoria, passou a condená-los, afirmando que esses deuses do paganismo não eram mais do que homens, indignos de serem adorados. Esqueceu-se de que seus santos foram homens também... A interpretação alegórica dos mitos vem da Grécia. Criada pelos filósofos jônios, foi seguida no século III, por Porfírio e Plotino. Aí as divindades eram a personificação de elementos e forças físicas ou de idéias morais. Os séculos foram passando e as teorias que interpretavam a criação dos mitos se modificavam. Veiu a interpretação ANIMISTA ou, seja, tudo que se movia tinha vida. Depois surgiu a interpretação ANTROPOMÓRFICA onde a divindade é imaginada com a figura humana. Em seguida veiu a MITOLOGIA COMPARADA onde foram mostradas semelhanças entre cultos religiosos de povos que se ignoravam. Mais tarde, afirmaram que os deuses e herois pagãos eram originários do culto ao Sol. Outros quiseram provar que havia certo relacionamento das formas mitológicas com a poesia primitiva, nascida sobre fundo oriental. Apelaram para a LINGÜÍSTICA. Julgaram que os mitos se originavam na linguagem. E criaram o MÉTODO FILOLÓGICO. Completando tal teoria, surgiu outra que dizia que o pensamento humano, além de ser representado por palavras, podia sê-lo por elementos figurados. E foi criado o SISTEMA ICONOGRÁFICO. E concluíram que os gregos, por meio dos mitos e das lendas, interpretavam os vários monumentos religiosos que receberam dos povos com que tiveram contatos. Mais recentemente alguém afirmou que as fórmulas de invocação e os ritos surgiram muito antes dos mitos. Estes são originários daqueles. É o sistema religioso.(156)

Afinal ficamos tranquilamente onde estavam.

A Mitologia, para nós, é a esplêndida e fascinante história dos deuses, semideuses e herois que viveram e sofreram no fundo dos milênios. Sem explicações. Sem por quês. Homens comuns deificados depois de mortos. Deuses humanizados ou, como quer a corrente antropomórfica, deuses criados com a efígie humana. Foi Deus quem criou o homem, ou foi o homem quem criou o Deus à sua imagem? Nada importa. O fato é que a Mitologia seguirá séculos em fora, sem interpretações, simbólica, linda, fascinante. Talvez deixando na gente, tímida, recôndita vontade de ser um pequeno semideus.

Agora um esboço da história de Minerva, a deusa da Sabedoria.

O nascimento de Minerva ou Palas — a Atena dos gregos — foi verdadeiramente mitológico. O todo poderoso Jupiter, após devorar a deusa Metis, ou a Prudência, sua primeira mulher, foi acometido de invencível dôr de cabeça. Como não cessasse, apesar de todas as tentativas, de todas as falas dos oráculos, desesperado, recorreu a Vucano, seu filho coxo e feio, mas extremamente habilidoso. Após ouvir as queixas e lamentações de seu fabuloso pai, de um golpe, abriu o divino crâneo. E, para espanto de todos, saiu dali a deusa Minerva, linda, adulta, toda armada e em condições de defender eficientemente Jupiter, na revolta dos Gigantes.

Essa revolução ocorreu depois da guerra dos Titans. Os Gigantes eram os poderosos filhos do Céu e da Terra. De estatura e força monstruosas, tinham as pernas e pés em forma de serpentes, com braços e cinquenta cabeças. Seu objetivo era destronar Jupiter do céu. Para lá chegarem, colocaram o Ossa sobre o Pelion e o Olimpo sobre o Ossa, tres montes. O deus dos deuses estava agoniado porque velho oráculo lhe dissera que os Gigantes só seriam derrotados se os deuses tivessem o socorro de um mortal.

E aqueles monstros atiravam os rochedos contra os deuses, como quem atira pedras. Parecia que queriam dar nova face ao mundo. Os que caíam no mar, formavam ilhas e os que tombavam em terra se transmudavam em montanhas. Era um novo caos. Aliás ha quem diga que “o Caos não é pois a desordem, a confusão. É a possibilidade de tudo”. (157) Aconselhado por sua filha Minerva, Jupiter decidiu-se a obedecer ao oráculo e chamou Hercules que, de acordo com os outros deuses, ajudou a destroçar os recalcitrantes Gigantes Hipólito, Taon, Alcioneu, entre muitos outros. Só o terrível Tifon deu mais trabalho do que todos os demais juntos. E a paz voltou àquele céu das intrigas e das maravilhas.

Minerva era sábia mas era deusa e, como deusa, também se desentendia com seus pares. Assim, teve sério desentendimento com Netuno, seu tio, por haver dado seu nome à cidade de Atenas. Para resolver o impasse, Jupiter convocou 12 deuses. Depois de muitas reuniões, ficou estabelecido que a cidade receberia o nome daquele que produzisse a coisa mais útil a ela. Netuno, com seu tridente, deu violenta pancada no chão e surgiu garboso cavalo. Minerva tocou a terra com sua lança e nasceu uma oliveira belíssima. Ganhou a aposta.

Virgem e casta, Minerva não vacilou em disputar o prêmio de beleza com Venus e Juno, duas beldades do Olimpo. Tal prêmio fora criado pela Discórdia. No dia do casamento de Tetis e Peleu, a que não foi convidada, essa deusa maléfica atirou sobre a mesa da casa da noiva o pomo de ouro, com a inscrição — A mais bela! — Frente à questão tão milindrosa, Jupiter, para não se comprometer, enviou as tres deusas ao monte Ida, em companhia de Mercúrio, para serem julgadas por Páris, filho de Priamo, rei de Troia e de Hocuba. Para ser vitoriosa, Minerva não vacilou em querer subornar Páris, oferecendo-lhe virtude e saber. Nada adiantou porque o prêmio foi adjudicado a Venus, em realidade a mais bela. Minerva e Juno, inconformadas e melindradas, se uniram e trabalharam para a desgraça dos troianos.

Jupiter dispensava excepcional ternura por sua filha Minerva. Muitas de suas prerrogativas supremas deu a ela. Minerva prolongava a vida dos mortais a seu bel talante, dava a quem ela quizesse, o espírito de profecia, ao mortal de sua preferência ela conseguia a felicidade depois da morte. Um simples sinal de sua cabeça e tudo se cumpria irrevogavelmente. Sua promessa era infalível. O divino Ulisses foi, muitas vezes, conduzido por Minerva em suas viagens infinitas. Quando queria, se dignava ensinar às filhas de Pândaro a sutil arte de evidenciar-se nos trabalhos próprios de mulheres. Foi ela quem embelezou o manto de Juno e fez construir o navio dos Argonautas, segundo seu desenho, e colocou na popa o páu falante, cortado na floresta de Dodona. Esse madeiro orientava a rota, anunciava os perigos e ensinava os meios de evitá-los.

Inúmeras cidades se colocaram sob sua proteção, mas a que era mais favorecida era Atena, à qual dera seu nome. Aí seu culto era perpétuo. Tinha seus altares, as mais belas estátuas, as festas solenes e o templo da Virgem, de esplendorosa arquitetura — o Partenon. A estátua de ouro e marfim, com cerca de 12 metros, era obra de Fidias genial. Durante as festas solenes de Minerva — as Panatenéias — todos os povos da Ática compareciam a Atenas. Antes, duravam um dia. Depois se prolongaram e se dividiram. Eram grandes e pequenas Panatenéias. As grandes ocorriam de 5 em 5 anos e passeava-se em Atenas num navio maravilhosamente ornado com o deslumbrante véu de Minerva, obra das damas atenienses. Nessa época eram sacrificadas grandes vítimas. Cada tribo da Ática, por exemplo, imolava um boi cuja carne era distribuída entre o povo. As pequenas aconteciam anualmente. Eram disputados os prêmios de corrida, de luta e de poesia ou música.

As estátuas de Minerva mostram-na de beleza simples, quasi descuidada, com ar grave, marcado de nobreza, de força e de magestade. Sua nobre cabeça está sempre ornada por um capacete. Em uma das mãos trazia a lança, o broquel na outra e sobre o peito descançava a égide. Sua atitide é resoluta como a de uma guerreira, mas seu ar, além de grave, é meditativo e o olhar está como que embrenhado no longínquo ou mergulhado em altas concepções.

O dragão e o mocho eram os animais consagrados à deusa da Sabedoria.

Geralmente Minerva e Palas são consideradas a mesma divindade. Os gregos chegam a juntar os dois nomes — Palas Atena. Poetas ha que afirmam que não podem ser confundidas. E explicam. Palas, chamada Tritônia, de olhos verde-gaio, filha de Tritão, fôra incumbida de educar Minerva.

Não deem, entretanto, tanta importância às contradições porque a Mitologia está cheia delas.

Ambas se divertiam nos exercícios das armas. Um dia se desentenderam, se desafiaram e partiram para o combate. Ainda sem a destreza de Palas, Minerva seria fatalmente ferida, não fosse seu zeloso pai colocar a égide diante dela. Palas, ao vê-la, apavorou-se e, recuando com os olhos fitos no escudo divino, foi mortalmente ferida por sua rival. Mas Minerva não demorou a se arrepender. E para se consolar da grande mágua, mandou esculpir uma estátua de Palas com a égide sobre o peito.

Neste Templo Maçônico, Minerva orna o Oriente, um pouco atrás do Altar dos Perfumes, junto aos degraus que levam ao Sólido do Venerável.

Como ensina o Ritual do Rito — Grau de Aprendiz-Maçom — a “Sapientia é a Sabedoria, representada pela estátua de Minerva. Simboliza a procura da Verdade, móvel superior do verdadeiro Maçom”.(158)

É um dos pilares que sustentam nossa Loja.

Junto à grade que separa o Oriente do Ocidente, lá está o Pavilhão da pátria, objeto de veneração como o Estandarte da Ordem. “Um dos ideais do Rito Brasileiro é fazer com que os Maçons sirvam ativamente à Humanidade, ATRAVÉS DA PÁTRIA, onde nasceram ou onde se acolhem.”(159)

Nosso Rito tem a preocupação de sempre recordar os grandes vultos Maçons da História do Brasil. Assim, na Sala dos Passos Perdidos devem ser vistas as efígies de Tiradentes, o precursor da Maçonaria no Brasil, Pedro I, o fundador do Império, o duque de Caxias, o pacificador da Pátria e Deodoro da Fonseca, o proclamador da República, entre outros.

No Templo encontra-se também a estátua de Hercules — Força ou Salus — que se ergue sobre uma coluna dórica. É outro pilar que sustém nossa Loja.

Hercules ou Heracles, como querem os gregos, é das belas e empolgantes figuras da Mitologia. Homero o julgou Herói porque se distinguiu pela força, pela coragem e pelos feitos. Hesíodo já achava que Herói era o filho de um deus e uma mortal. Hercules satisfaz perfeitamente a ambas concepções, por ser filho de Jupiter, rei do Olimpo, e Alcmene, mulher de Anfítrion. Não estranhem. Jupiter era o pai, o rei dos reis e dos homens. Possuía o poder, o direito de se unir à mulher que lhe aguçasse o apetite sexual ou satisfizesse o interesse de seu reino.

Anfítrion, um dia, por descuido, matou seu tio Eletrion, rei de Micenas e pai de sua prima Alcmene. Retirando-se de Argos, sua pátria, foi para Tebas onde desposou a prima. Tendo, porém, que vingar a morte do cunhado, partiu para umas ilhotas do mar Jônio. Sabendo-o nessa expedição, Jupiter, tomando suas feições, uniu-se a Alcmene, tornando-a mãe dos gêmeos Hercules e Ificlo. Logo depois de nascido, Hercules provocou o ódio da deusa Juno contra Alcmene. Querendo destruir o Herói, para atingir sua mãe, a deusa enviou dois terríveis dragões para devorar os gêmeos. Corajosamente Hercules os reduziu a pedaços. Diante disso a deusa poderosa se acalmou e, a pedido de Minerva, amamentou-o para fazê-lo imortal. E o leite de Juno, vigorosamente sugado pelo Herói, “espalhou-se no céu e formou a Via Látea”.(160)

Rapaz, Hercules, que significa — Gloria de Héra ou de Juno — foi instruir-se. Radamanto ensinou-o a atirar o arco. Castor foi seu mestre de combate armado. O Centauro Quirón ensinou-lhe Astronomia e Medicina. Lino, filho de Ismênio, lecionava instrumentos tocados com o arco. Mas Hercules desentoeava muito. Repreendido pelo mestre, violento como já era, atirou-lhe o instrumento na cabeça, matando-o instantaneamente. De altura incomum, sua força era fabulosa. Um dia, sentindo fome, não vacilou em matar um boi e comê-lo.

Num apólogo, Pródico diz que Hercules recolheu-se a um lugar êrmo para pensar em que se ocuparia no futuro. Em pleno êxtase, lhe surgiram duas mulheres de grande estatura que o queriam conquistar com promessas. Uma, a Virtude, vestida de branco, era belíssima. Seu rosto magestoso mostrava-se pleno de dignidade, nos olhos havia pudor e seus gestos eram modestos e tranquilos. A outra, a Volupia, ostentando roupas suntuosas, tinha olhos ousados e tentadores. Hercules preferiu a Virtude que, no caso, é sinônimo de Valor.

Apesar dessa escolha, o Herói já foi apresentado sentado entre Minerva, de capacete e lança e Venus, precedida de Cupido. Simbolizavam a Virtude e a Volupia.

Escolhendo Hercules o mais duro, trabalhoso e perigoso modo de vida, foi apresentar-se a Euristeu, rei de Micenas, sob as ordens de quem teria que cumprir as mais absurdas e violentas tarefas. Euristeu sofria de inveja da reputação de Hercules. E tais ciumes ainda eram uma vingança de Juno. E a vingança é o prazer dos deuses...

Euristeu era filho de Estênelo e de Micipe. Quando o filho desta nascesse, nasceria também o de Alcmena. Jupiter prometeu que, o que nascesse primeiro, teria domínio sobre o outro. Juno, para vingar-se de Alcmena através dele, adiantou o nascimento de Euristeu. Esse príncipe, temeroso de ser destronado por Hercules, tudo fez para inutilizá-lo. Daí, os trabalhos fabulosos que o mandava executar, daí a perseguição teimosa que lhe devotava. Para que o Herói não o perturbasse, as tarefas eram sempre fora de Micenas.

Os trabalhos que Hercules teve de executar foram perigosos, difíceis e, para efetuá-los usou sempre a Força que Jupiter lhe dera.

Começou por combater o enorme leão que vivia numa floresta próximo de Neméia, cidade da Argólida, destruindo tudo ali. Hercules tinha 16 anos. Destemido, atacou a fera, que resistiu impávida a todas as flechas de sua aljava e quebrou sua clava de ferro. Depois de esforços inúteis, agarrou-o com suas poderosas mãos, estrangulando-o. Com suas unhas sólidas arrancou-lhe a pele que, daí em diante, foi sua veste e seu escudo.

Em Argos havia o lago de Lerna, lamaçal profundo onde vivia uma hidra pavorosa. Possuía dez ou vinte ou cinquenta cabeças, conforme os autores, com a particularidade de, ao lhe cortarem

uma delas, outra nascia imediatamente. Hercules teria de matá-la porque devastava audaciosamente os rebanhos. Era tão perigosa que, se uma flecha umedecida em seu sangue, atingisse alguém, o mataria fulminantemente. O Herói partiu para o combate num carro guiado por Iolas, seu sobrinho, filho de Ificlo. Juno, percebendo que ele triunfaria outra vez, poz sob seus pés feroz caranguejo que o mordeu num pé. Hercules o esmagou e a deusa atirou-o aos céus, formando a constelação de Câncer. Hercules, com um só golpe decepou todas as cabeças do monstro.

Na montanha Erimanto, na Arcádia, morava um javali que destruía tudo nos arredores. Incumbiram-no de matá-lo. Não o matou. Trouxe-o vivo para Euristeu que, ao vê-lo, foi esconder-se sob uma cuba de bronze. Furioso, o príncipe mandou o Herói apoderar-se da corça de pés de bronze e cornos de ouro, que vivia nos declives e vales do monte Menalo, também na Arcádia. Era tão rápida na carreira que ninguém conseguira apanhá-la. Sabendo-a dedicada á deusa Diana, evitou atravessá-la com suas flechas. Perseguiu-a em correrias esfalfantes até que a prendeu no instante em que ela atravessava o Ladon. Ainda na Arcádia, foi incumbido de destruir os monstruosos pássaros que havia no lago Estinfale. Suas asas, cabeça e bico eram de ferro e suas unhas enormes e aduncas. Adestrados por Marte, atiravam dardos de ferro contra os que os atacavam. Eram tantos e de tal tamanho que, quando em vôo, suas asas tapavam o sol. Minerva veio em auxílio do Herói e lhe deu címbalos de bronze, próprios para espantá-los. Hercules com eles atraiu-os para fora da floresta e matou-os todos a flechadas.

E lá ia nosso Herói cumprindo gloriosamente seu destino.

Na ilha de Creta havia um touro bravio que Netuno enviara contra Minos. Hercules o domou e o levou a Euristeu que, deixando-o fugir, foi arrasar a planície de Maraton. Após luta extenuante, conseguiu matá-lo.

Diomedes, rei da Trácia, filho de Marte e Cirene, criava tremendos cavalos, alimentados com carne humana e que vomitavam fogo. Essa carne era, de preferência, de todos os estrangeiros o rei pilhava em seus domínios. Hercules vingou-os todos pois, apoderando-se de Diomedes, deu-o à voracidade dos cavalos. Em seguida, prendeu as feras e levou-as a Euristeu. Abandonados no monte Olimpo, foram devorados por animais mais ferozes do que eles. Nessa expedição, Hercules construiu na Trácia a cidade de Abdero, em memória de seu amigo, que tinha esse nome,

devorado pelos cavalos de Diomedes. Em seguida, foi combater as Amazonas poderosas, mulheres guerreiras que viviam do saque e da caça. Quando em guerra, sua rainha usava espartilho guarnecido de pequenas escamas de ferro, amarrado com um cinturão. Geralmente estavam a cavalo, mas também combatiam a pé. Cheias de glórias e de conquistas brilhantes, frutos de sua coragem, quando Hercules chegou a seus domínios, tinham Hipólita como rainha. A incumbência que Euristeu lhe dera era a de trazer o cinturão famoso. O Herói fez outra coisa. Matou Migdon e Amico, irmãos de Hipólita, que a defendiam, desbaratou as Amazonas e obrigou-a a casar-se — elas que não se casavam com ninguém — com Tesen, amigo de Hercules.

As estrebarias de Áugias, rei da Élide, guardavam 3 mil bois e havia 30 anos que não eram limpas. Sabendo da presença de Hercules em seus Estados o rei propoz lhe dar um décimo de seu rebanho, se limpasse os estábulos. Aceita a proposta, ele desviou o curso do rio Alfeu, fazendo-o passar através deles. A enxurrada levou o esterco, o ar purificou-se, as estrebarias ficaram limpas, mas Áugias negaceou no cumprimento do combinado, enviando o Herói a seu filho Fileu, que deu razão a Hercules. Este ficou mais revoltado quando soube que o rei expulsara o filho para a ilha Duliquia. Ludibriado, saqueou Élide, matou Augias e entregou o trôno a Fileu.

Gerion, segundo o poeta Hesíodo, era o mais forte dos homens e rei da Erítia, região de Espanha. Esse gigante de tres corpos tinha, para guardar seus rebanhos, um cão de duas cabeças e um dragão com sete. Hercules matou Gerion e seus guardas e se apoderou dos bois.

No jardim das Espérides, filhas de Atlas, havia as famosas maçãs de ouro. O Herói roubou-as. Salvou Teseu do Inferno onde estava preso. Era incansável. Exterminou os Centauros. O gigante Anteú, filho de Netuno e da Terra vivia no deserto da Líbia. Prometendo a seu pai que construiria, em sua homenagem, um monumento só de crâneos humanos, desafiava a todos para a luta. Matava-os facilmente. Hercules, desafiado, lutou com ele e o derrubou várias vezes. Cada vez que caía no chão a Terra o ajudava a reerguer-se. O Herói, percebendo isso, estrangulou-o no ar, entre seus braços.

O rei Busiris, que se divertia matando estrangeiros que chegavam a seu país, mandou piratas raptarem as filhas de Atlas, famosas por sua beleza. Hercules soube, matou os enviados, salvou as Atlântidas e foi matar Busiris.

São inumeráveis os trabalhos de Hercules. Citá-los todos seria prolongar esta biografia.

Depois de aliviar Atlas, que vergava sob o pêso dos céus, depois de livrar Hesione do monstro que ia devorá-lo e salvar Prometeu da águia que lhe devorava o fígado, separou as duas montanhas chamadas colunas de Hercules, no estreito de Gades, atual Gibraltar.

Cansado das perseguições de Juno, feriu-a garvemente com uma flecha de 3 pontas. Plutão, rei dos Infernos, duro, feio e mau, na sombria morada dos mortos, foi tão seriamente atingido por uma flechada do Herói, que teve de subir ao céu para ser curado pelo médico dos deuses.

Quando da realização dos jogos olímpicos, Hercules se apresentou para disputá-los e ninguém ousou lutar com ele. Jupiter, transformando-se em um atleta, apresentou-se para o combate. Como a peleja não se decidisse, apesar das longas horas de disputa, o deus dos deuses se deu a conhecer e felicitou o filho por sua indômita bravura.

Quanto às mulheres que enfeitaram a vida agitada e gloriosa do Herói, foram dezenas. Só as filhas de Téspio, rei da Etólia, que possuiu, foram cinquenta. Não satisfeito, quando chegou ao céu, levado por seu pai, lá se casou com Hebe. Quanto ao número de filhos que deixou, a Mitologia não guardou, tantos foram eles.

O homem, em sua levandade inata, ama e possui todas as mulheres que lhe provocam os desejos e as vai deixando pelos caminhos, mas acabará seguramente escravo ou vítima, raramente senhor do amor de uma delas. Foi assim com Hercules.

Vencendo a rude luta que entreteve com Aqueló, Djanira, filha de Enéas, rei de Cálidon, na Etólia, foi entregue ao vencedor, que partiu com ela para sua pátria. A meio do caminho, o rio Eveno cresceu tanto que Hercules teve de aceitar os préstimos do Centauro Nesso, que se propoz atravessá-la. O Herói atravessou primeiro. Ao chegar à outra margem, verificou que Nesso forçava a moça a fugir com ele. Furioso, atirou-lhe uma flecha embebida de sangue da hidra de Lerna. Antes de morrer, o Centauro, tirando sua túnica ensanguentada, disse à apaixonada Djanira que, se quizesse conservar seu amado a seu lado, bastava fazê-lo vestir a túnica e jamais se separariam. A princeza amorosa e confiante, aceitou e prometeu usá-la quando necessário. Pouco depois ela soube que Hercules estava preso aos encantos de Iole, na Eubéia.

Enciumada e não querendo perder seu amor, enviou-lhe a túnica de Nesso, pelo escravo Lichas, acompanhada das palavras mais afetuosas. De nada suspeitando, alegre, jogou a veste sobre os ombros. O veneno que continha, imediatamente fez sentir sua ação funesta. Tudo tentou para se desvencilhar do emplasto terrível, que colara em seu corpo, como se fizesse parte dele. Enlouquecido, estraçalhava a túnica e, com ela, estraçalhava suas carnes. Naquele desespero, soltava gritos lancinantes que se perdiam nos longes de Eubéia. Imprecações contra sua inocente e apaixonada mulher retumbavam pelos céus. Em sua angústia, apoderou-se de Lichas e o atirou ao mar, onde se transformou em rochedo. Vendo suas carnes dilaceradas, ossos à mostra, sentiu que chegava seu fim. Sangrando por todos os lados, o Herói amado por toda gente, preparou uma fogueira no monte Eta, estendeu sua inseparável pele de leão de Neméia, deitou-se encima, poz a clava sob a cabeça e mandou seu amigo Filocteto atear fogo e, depois, guardar suas cinzas. Acesa a fogueira, um raio o atingiu e o consumiu instantâneamente, para purificar o que de mortal havia nele. Jupiter, em seguida, arrebatou-o ao céu e o colocou entre os semi-deuses. Djanira, ao saber da morte de seu Herói, suicidou-se, tamanha foi a dôr que sofreu.

É este o Hercules cuja estatueta se ergue sobre coluna dórica, assim como a de Minerva pousa sobre uma coluna coríntia. Hercules representa a Força ou Salus. Simboliza o segundo pilar que sustenta nossa Loja.

“Pela Força, que vos dará a energia necessária para realizardes o ideal maçônico”. “Salus é a Força, representada pela estátua de Hercules. Simboliza a Ação, no serviço da humanidade”. (161)

Como se recordam, são tres os pilares que sustentam nossa Loja ou, sejam, a Sapiencia, Salus, Stabilitas que, abreviadamente é S.: S.: S.: Venus é o terceiro pilar. É o símbolo da “Beleza Moral” que confere estabilidade ao caráter”. Venus — a Afrodite dos gregos — é a sensualíssima deusa do amor, da Graça e dos Prazeres. É das divindades mais fascinantes da antiguidade. Com sua pluralidade de poderes, presidia os jardins e o crescimento de tudo. Na Idade Média, Venus era sinônimo de amor carnal, contrastando com o amor espiritual em que os materialistas não crêm. Sua origem está envolta em mistério profundo e, por isso, é das mais discutidas e diversificadas.

Saturno, num dia de horrível mau humor, levantou a mão criminosa contra seu augusto pai Urano, seu sangue aqueceu as

vadias ondas do mar, misturou-se com elas e, dessa mistura surpreendente, nasceu a deusa Venus. E surgiu divina, do seio nacarado de uma madrepérola. Por essa estranha origem, chamaram-na Anadómene ou a "saída das águas".

Homero, imenso poeta grego, querendo tornar menos bela e original sua procedência, afirmou que Zéfiro a levou para a ilha de Chipre e deixou-a aos cuidados das Horas, filhas de Jupiter e de Temis. Hesíodo afirma que eram tres: Eunômia, a Boa Ordem; Dikeia, a Justiça e Irene, a Paz. Educada por essas divindades, Venus só poderia ser um primor de bons costumes. Outros, sem imaginação nem poesia, não complicam seu nascimento, apesar de Deusa e dizem simploriamente que ela é filha de Jupiter e Dionéia, filha de Netuno, irmão do deus dos deuses.

Mas importa pouco saber como nascera ela. Os segredos do reino de Júpiter são invioláveis. Sabemos que ela, sendo deusa celeste e deusa marinha, é a suprema deusa da beleza e dos prazeres, mãe das Graças, dos Amores, dos Jogos e dos Risos. Bela como era, Júpiter, senhor absoluto do Olimpo, reservou-a para seu filho Vulcano e deu-a como esposa. Entretanto ela sentia imperiosa necessidade de amar, não fosse a deusa dos Amores. Assim, passou a namorar Marte, seu meio irmão porque filho de Júpiter e Juno, o que constituiu grande escândalo na corte celeste e motivo de risos não muito discretos, como deveriam ser em se tratando de deuses.

"Na figura de Afrodite os gregos representavam sua sabedoria em relação à vida e à morte. Sabiam que a vida é um curto círculo de juventude, depois uma idade de pleno poder e, por fim, a velhice. Nem com a ajuda dos deuses seria possível alterar essa realidade". (162)

Venus se tornou a grande amorosa do Olimpo. Unia-se arroubadamente a quem despertasse o interesse de seu instinto inquieto. Amou doidamente ao jovem Adonis, seduzida por sua formosura. Após o nascimento de seu filho Eros ou Cupido ou Amor, apaixonou-se por diversos mortais. Suas uniões com habitantes do céu, da terra, do mar foram incontáveis, para glória de seu temperamento.

O segredo de suas infinitas vitórias amorosas estava num cinto onde encerrava as graças, os atrativos, o sorriso sedutor, a fala doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio mais expressivo e a entontecedora eloquência dos olhos. Porque Venus possuía os olhos mais lindos do Olimpo. E todas as deusas desesperavam

na ânsia de possuir, por horas, ao menos, tão poderoso e divino cinto. Juno, para reavivar a paixão de Júpiter por ela, pediu emprestado esse tesouro maravilhoso.

Depois de sua aventura com Marte, a sempre jovem deusa, por desfastiu ou a procura de novas aventuras amorosas, retirou-se para Pafos. Escondeu-se nos bosques do Cáucaso. Todo o Olimpo saudoso e preocupado a procurava em vão. Um dia, uma velha que a vira, denunciou aos deuses perplexos seu esconderijo.

Venus era um mundo de volúpia e graça, mas também era manancial perigoso de vingança. Enraivecida, transformou a pobre velha faladora em rochedo silencioso e manso. Era extraordinariamente linda. A vitória que alcançou sobre Minerva e Juno, naquele concurso da mais bela — apesar das rivais exigirem que ela abandonasse o temível cinto — foi incontestável. Ela ficou tão profundamente grata a Páris, que facilitou-lhe o rapto de Helena e protegeu o quanto pôde os troianos contra os gregos e a deusa Juno. Venus sabia também ser agradecida.

Seu amor com Adonis foi o mais constante. A origem desse jovem, com efeito é um obra de deuses. Sua mãe, para fugir à cólera paterna, refugiou-se na Arábia, onde os deuses a transformaram na árvore da mirra. Na época do nascimento de seu rebento querido, a árvore de abriu e surgiu o escultural Adonis. Recebido pelas Ninfas, estas o alimentaram no bucolismo das grutas vizinhas. Adolescente, foi para a Fenícia, onde a divina Venus teve a ventura de vê-lo e amá-lo intensamente. Ela era dos extremos. Apaixonada, abandonou tudo. Sua morada em Citera, de Amatonte, de Pafos, despresou o amor dos deuses para acompanhar o belo Adonis na caça nas florestas do monte Líbano.

O desprezado Marte não compreendia a preferência da deusa por um simples mortal. Desesperado, rebentando de ciúmes, resolveu vingar-se de sua amada. Metamorfoseou-se em furibundo javali e, na mata onde caçava seu rival avançou sobre ele, mordendo-o numa perna. Venus pressentiu a desgraça, correu em seu socorro, mas chegou tarde demais. Adonis morreu envolto na ternura de seus braços divinos. Inconsolável, depois de muito chorar a morte do amado, transformou-o em anêmona, flor efêmera e delicada da primavera.

Outra versão da morte de Adonis diz que o javali que o mordeu foi enviado por Diana, para se vingar de Venus, causadora da morte de Hipólito, que desdenhara dela.

A vingança é o prazer dos deuses, repetimos.

Antes, aconteceu que Adonis, por vontade soberana dos deuses, afundou nos Infernos. Ali, onde residiam esplêndidas mulheres, foi amado jusiamente por Prosérpina, filha de Júpiter, esposa de Plutão, rainha do império das sombras.

As deusas com seus amores, seus ciumes e suas vinganças faziam que a vida no Olimpo fosse uma divina confusão. Venus soube dessa inusitada ligação e queixou-se a Júpiter. O deus maior, que também adorava barafundas, para dar solução razoável ao caso das filhas decidiu, com risonha sabedoria, que 4 meses do ano ele passaria com Venus e os outros com Prosérpina. Murmurava-se que essa solução se deveu ao fato da rainha dos Infernos ser esposa de Plutão, irmão de Júpiter...

Intrigas celestiais...

"Sob o véu dessa fábula pode-se reconhecer em Adonis a Natureza em suas diversas fases e diferentes aspetos. Na primavera, mostra-se bela e fecunda; no inverno, aparece com o mesmo esplendor e a mesma fecundidade". (163)

Venus nem sempre era a doce deusa das Graças, dos Risos e dos Prazeres. É, por vezes, extraordinariamente vingativa e impiedora quando atingida em sua vaidade e prejudicada em seus amores. Febo, o Sol, por ser indiscreto, ao denunciar a Vulcano seus amores com Marte, foi implacavelmente perseguido por ela, a ponto de torná-lo infeliz em quasi todos os amores. Diomedes, num gesto infeliz, feriu-a diante de Troia. Para se vingar, Venus fez que sua mulher Egiate perdesse a compostura e se apaixonasse por muitos homens. O mesmo castigo sofreu a musa Clio que, imprudentemente censurara seu amor com Adonis. Hipólito, cheio de orgulho, desdenhou de seus atrativos e foi castigado. Cupido, seu adorado filho, de índole amável, era tão cruel quanto sua divina mãe.

Venus presidia os casamentos, nascimentos e especialmente a galantaria. A rosa lhe era consagrada. Tinha preferências pela maçã e a romã. Entre as árvores destacava a murta. Tinha especial simpatia pelo cisne e pelo pombo. Em sua honra eram sacrificados o bode, o varrão, a lebre e raramente animais de grande porte.

Habitualmente é representada nua ou seminua, jovem, sorridente, sempre linda, ora emergindo das ondas, ereta, o pé sobre uma tartaruga, ou montada num cavalo marinho, com resplendente cortejo de Tritões e de Neréidas. Outras vezes, num carro atrelado

a dois pombos mimosos ou a dois cisnes galantes. Amada por todos os povos, inúmeros templos foram erguidos em sua homenagem em Chipre, em Pafos, em Amadonte, na ilha de Citera, por este mundo afora, até em nossas Lojas onde é Stabilitas, que espande sobre uma coluna Jônica. Ali estão o Vaso das Purificações — Mar de Bronze — a Pedra Bruta e a Pedra Polida.

Como os outros Ritos, os Graus básicos simbólicos são Aprendiz, Companheiro e Mestre, que estão sob a jurisdição da Potência Simbólica Regular e os Altos Graus sob a jurisdição do Supremo Conclave do Rito. A finalidade da Câmara das Reflexões é a mesma em todos os Ritos. Nas paredes ha inscrições bem sugestivas para o neófito pensar. A entrada do Templo existem duas colunas, cada qual com seu significado. Representam as colunas do Templo de Salomão, fundidas na planície do Jordão, onde também se fundiram os vasos sagrados desse monumento pelo Mestre Hiram Abif. A composição de uma Loja do Rito Brasileiro é mais ou menos igual às Lojas de outros Ritos. No Rito Brasileiro, o Mestr.: Maçom, eleito Venerável de sua Loja, tem que ser Mestr.: Instalado, isto é, deve ter recebido antes a instrução ritualística de um Conselho de Mestres Instalados. Neste Rito os Iir.: se reúnem em banquete maçônico nos dias festivos prescritos pela Autoridade Superior e nos dias 24 de junho e 27 de dezembro, consagrados respectivamente a S. João Batista e a S. João Evangelista. Na impossibilidade de se realizarem nos dias determinados, poderão os banquetes acontecer na data mais próxima. São as festividades solsticiais do inverno e do verão, lembrando o Precursor e o Apóstolo.

O culto ao Pavilhão Nacional nos Templos Maçônicos foi instituído em 1920 e regulamentado em 1959, conforme Dec. n.º 1834. O Rito Brasileiro instituiu o quarto de hora de Cultura Maçônica e Geral. Se não houver Irmão inscrito para apresentar algum trabalho, o Ven.: dará instrução aos Obreiros sobre filosofia, simbolismo, liturgia, história e qualquer outro assunto, desde que não seja debate ou crítica de ato da Autoridade Pública e discussão sobre assuntos políticos-partidários.

Tudo na Maçonaria é simbolismo. Sem ele a Arte Real se tornaria simples instituição profana sem maior interesse. No Rito Brasileiro, o lado esquerdo desnudo do iniciando representa seu desejo de dar seu coração aos Iir.: A venda dos olhos significa as trevas e os preconceitos do mundo profano e a necessidade que têm os homens de procurar a Luz entre os iniciados. O pé direito calçado com uma alpercata indica o respeito que o profano deve

guardar pelo Templo sagrado da Maçonaria. Tal uso é milenar. No Livro Sagrado ha referência a ele. É um ensinamento do Supr.: Arq.: do Univ.: quando apareceu a Moisés, numa sarça de fogo, sobre o monte Horeb, dizendo:

— “Não te chegues assim: tira os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é uma Terra Santa”. (164)

As viagens que o candidato faz, tem um significado. Na primeira ele representa uma criança que deve ser conduzida e amparada com cautela.

Os óbices e dificuldades que encontrará pelos caminhos não são poucos. Isso e mais os ruídos representam o segundo elemento, o ar, símbolo da vitalidade, emblema natural e próprio da vida humana, com suas agitações e calmarias. Simboliza o progresso de um povo, na vida da humanidade. É seu avanço coletivo em busca da perfeição social. Embora os tropeços e obstáculos, tem seu despertar vitorioso porque a Evolução é dádiva do Criador à Criação. Ao iniciar a segunda viagem, ele ouve:

— “Meu discípulo, segui-me” ...dito por seu guia. O chão que pisa é mais plano, menos perigoso. Certo tinido o acompanha até o fim do trajeto. Aí a prova da água é uma lembrança das antigas iniciações em que a purificação simbólica da alma era feita pelo batismo do corpo na água. Tal prática era parte indispensável do cerimonial. A água em que o iniciando mergulha as mãos, é também uma imagem do oceano. Para nós ele é o símbolo do povo, a cujo serviço se dedica o maçom. Sua instabilidade e fúria mostram bem os caprichos diversos e vinganças crueis de um povo exaltado, enfurecido. Suas grandes correntes são como as da opinião popular, quando esclarecida. Servir ao povo não é cortejá-lo e sim, instruí-lo e engrandecê-lo.

Na última viagem, o candidato já é amigo. De braço dado com seu guia, esse percurso é um passeio, dada a tranquilidade em que é feito.

Na viagem anterior ele se purificou pela água quando lavou as mãos nas águas do Mar de Bronze, para que sempre se lembre de que jamais elas serão instrumento de más ações. Agora é a purificação pelo fogo.

Purificado por esses dois elementos, está simbolicamente livre de toda imperfeição profana. O Fogo, cujas chamas sempre simbolizaram aspiração, fervor e zelo, lembrará ao candidato e a

todo maçom o dever de pretender a excelência da verdadeira glória e trabalhar com devotamento e exaçaõ pelas causas que defender, seguindo o que ordena sua consciência.

O tempo de trabalho de uma Loja de Aprendiz-Maçom vai do meio dia à meia noite. É reminiscência dos Antigos Mistérios. Zoroastro ou Zaratustra dos gregos, fundador do mazdeismo ou este lhe foi revelado por Ormazd, "o Senhor Onisciente", reunia secretamente seus discípulos ao meio dia e os dispensava à meia noite. Grande religião da Pérsia antiga — dois princípios lutam eternamente: a vida e a morte e o bem e o mal — ainda subsiste em seu país. Zenda-Avesta é seu livro sagrado.

Para o Rito Brasileiro, as Lojas maçônicas se chamam "Lojas de S. João" porque S. João Evangelista, o discípulo amado de Cristo, foi o derradeiro patrono das Corporações de Construtores ou Lojas da Idade Média. A Tradição Maçônica tem grande relação com a Tradição Juanítica ou mística do Cristianismo, que é reflexo das Tradições e Mistérios persas, egípcios, gregos e judaicos anteriores. Os números que compõem uma Oficina deste Rito são os mesmos em todo Universo Maçônico: 3 - 5 - 7. O número 3, porque foram 3 os MMestr.: na construção do Templo de Salomão. 5, porque este é o número dos sentidos. A vista para ver os sinais, o tato para sentir o toque e reconhecer os IIR.: nas trevas como na luz e o ouvido para ouvir a palavra. O 7 compõe uma Oficina porque são sete as ciências que antigamente formavam a sabedoria. Claro que, hoje, apenas a gramática, a retórica, a música, a lógica, a aritmética, a geometria e a astronomia, não satisfariam as necessidades da vida hodierna. O progresso do homem não se interrompe e cada vez anda mais acelerado. O avião, o rádio, a televisão encurtaram as distâncias entre os povos. As viagens siderais, a energia nuclear iniciam nova fase da Civilização. Se tudo muda, por que a Maçonaria ha de ficar estática?

O símbolo mais expressivo do Gr.: de Aprendiz, em relação ao neófito é a Pedra Bruta que terá de desbastar, para seguir na carreira maçônica. A idade do Aprendiz é de 3 anos porque esse era o tempo, antigamente, necessário para seu preparo no trabalho do maço, do cinzel e da régua, sua ferramenta. O avental é o símbolo da fraternidade. Lembra que todo maçom deve trabalhar em busca da verdade e aperfeiçoamento da humanidade. Prove-niente do Egito antigo, é das mais importantes vestimentas maçônicas. Sem ele o maçom não pode trabalhar no Templo de qualquer Rito, seja qual fôr seu cargo. Apenas nas sessões dos Altos Graus é dispensado porque simbolicamente o obreiro já

não exerce esse tipo de trabalho. O Aprendiz usa avental branco e sem adornos, com a abeta triangular levantada. O Companheiro usa o mesmo mas com a abeta dobrada sobre a parte quadrangular do avental. Ao chegar a M.: M., aí seu avental já tem bordados e não é tão branco.

A numerologia tem grande significado na Maçonaria. O número 3 domina o Grau de Aprendiz. É o triângulo equilátero. A bateria, a marcha e sua idade ou seja, 3 pancadas, 3 passos, 3 anos. Esses 3 anos dizem respeito aos 3 primeiros números ou Princípios Matemáticos do Universo. Número um é a Unidade do Todo, o número 2 é a Dualidade da Manifestação e o número 3 é Ternário da Perfeição. O símbolo máximo, o Delta Luminoso, que é essencialmente um triângulo, é um Ternário. A Tese, a Antítese e a Síntese é um notável ternário que se traduz por Afirmação, Negação e Solução. 3 são os atributos da Divindade ou seja, a Onipresença, a Onisciência e a Onipotência. 3 são as fases da Vida: nascer, existir, morrer. 3 é o Tempo: passado, presente, futuro. 3 é o Universo: espaço, matéria e movimento. 3 é a Natureza: animal, vegetal e mineral. Os filósofos da antiguidade tinham em grande conta o número 3. 3 são as cores primitivas: amarelo, vermelho e azul. 3 as dimensões: comprimento, largura e espessura. Em nossa Loja, 3 são as Luzes: Venerável, 1.º e 2.º Vigilantes. 3 os flagelos que combatemos sempre: a ignorância, a ambição e a hipocrisia. O trinómio que a Maçonaria adotou da Revolução Francesa de 1789 — Liberdade, Igualdade, Fraternidade — “lema emancipador e regenerador das classes sociais. Nas religiões também existe o ternário. No Trimurti indiano: Brama, Vishnu e Siva. No Egito: Isis, Osiris e Horus. Na Gnose: o Princípio, o Verbo e a Substância. No Cristianismo: o Padre, o Filho e o Espírito Santo. 3 são as Virtudes teologais: a Fé, a Esperança e a Caridade. O ternário aparece abundantemente na Mitologia, nas Ciências e nas Artes. 3 era o número preferido de Pitágoras.

Nossa Oficina tem a forma de um quadrilongo, seu comprimento vai do Oriente ao Ocidente, sua largura vai de norte a sul, sua altura vai da terra ao céu e sua profundidade vai da superfície ao centro da terra. Isso porque a Maçonaria é universal e o universo uma Oficina.

Expressivo símbolo iniciático de nosso Rito é a Escada de Jacó, que representa a ponte de ascensão da Terra ao Céu. O Aprendiz está exatamente no 1.º degrau. Sua subida depende de seu esforço e anseio de perfeição. Ao longo da Escada ha 3 símbolos. Na base está representada a Fé, no centro está a Esperança

e no tópo está a Caridade. A Escada coroa-se pela Estrela Radiante, de 7 pontas, inscrita num Círculo, símbolo do Spr.: Arq.: do Univ.:

No Rito Brasileiro trabalhamos com o Livro da Lei — a Bíblia — aberta na página adequada. Depois de lido um versículo, o Orador coloca sobre ela o Esquadro e o Compasso. Sobre o Altar dos Juramentos fica até o encerramento, quando o Orador vem fechá-lo com o ritual adequado. O Livro da Lei é a Grande Luz da Loja, representa o Código de Moral outorgado aos homens pela inspiração do Spr.: Arq.: do Universo. Usamos a Bíblia, mas o Livro da Lei é o Livro Sagrado de cada religião, onde os crentes afirmam existir as verdades pregadas por seus profetas. Assim, o Juramento deve ser pregado sobre o Livro Sagrado da crença do iniciando. Os princípios básicos da Maçonaria mandam que se respeite a crença de cada um.

Nossa Loja é sustentada por 3 pilares, como já vimos: Sapientia, Salus e Stabilitas ou abreviadamente S.: S.: A Sabedoria é o Venerável da Loja, a Força é o 1.º Vigilante e a Beleza o 2.º Vig.: Constituem as 3 Luzes da Oficina, os 3 Pilares simbólicos do Templo de Salomão. Para alguns, os tres pilares são as esposas de Jupiter: Metis, a mais sábia, Temis, a mais justa e Eurínome, a mais bela.

Como todos os Ritos, o Brasileiro tem por base a Maçonaria Simbólica e é único que condilia a Tradição com a Evolução. A iniciação maçônica não é um renascimento e sim, uma tomada de nova posição na vida, no sentido do Bem.

Embora a Tolerância seja a virtude essencial dos maçons, não é absoluta. Tem limites. Caso contrário, seria condescender com o erro. A Tolerância não exclui a firmeza. Para sermos fortes em nossos combates temos a Solidariedade. Mas também ela não é ilimitada. A Solidariedade maçônica age dentro da Cadeia da União. O Ir.: necessitado de ajuda, é digno de nosso apoio. Se trilhou o caminho do mal, não pode aspirar nosso auxílio porque, caindo, partiu o elo da fraternidade. Se faz o bem e sofre injustiças, se trabalha honradamente e é infeliz, se é rico mas sofre desgraças, pode contar com a solidariedade maçônica. O maçom não pode ser solidário com o crime nem o vício. Em igualdade de circunstâncias, entre o profano e o Irmão, damos preferência ao Ir.: Se o profano tem mérito, valor moral, capacidade de trabalho, cultura, o maçom não vai desprezá-lo pelo simples fato de não pertencer à Irmandade. Glória ao mérito. Usamos a Justiça recíproca ou seja, todos devem dar e receber.

Se o Ir.: está necessitado de apoio, recebe-o com a obrigação de retribuí-lo, logo que seja possível e quando necessário.

Arthur Ramos, tratando das "sociedades secretas" existentes na África, cita as associações importantes entre os YORUBA. A sociedade de EGUNGUN é o espírito de pessoa morta que torna à terra em forma humana, às vezes em grupos cheios de algasarra. Todos esses espíritos "recrutam membros para as suas respectivas" sociedades secretas. "Os membros da sociedade OGBONI formam um tribunal importante, cujas decisões são redeadas de grande segredo. Os sócios da sociedade EGUNGUN aparecem em "travesti" que escondem completamente a sua identidade. "E mais adiante: "As funções destas sociedades secretas são várias. Elas dirigem os cultos funerários"... Continúa: "Ha também, nestas sociedades, uma proteção reciproca para os seus membros, a exemplo do que ocorre nas sociedades do tipo da Maçonaria dos países europeus". (165)

Todos temos alguma coisa a dar à Loja. Uns dão inteligência, outros dão metais, outros ainda dão dedicação. Feliz a Loja onde os Iir.: podem dar esse tríptico donativo.

A Maçonaria tem uma infinidade de sinais, mas o sinal do Rito Brasileiro é, sem dúvida, o mais expressivo. É a mão estendida representando um apelo à fraternidade.

O juramento de honra sobre a Taça Sagrada também é de grande importância. O batismo de sangue não é um símbolo da purificação. É o batismo do heroísmo e do sacrificio do martir. Lembrará o sangue derramado pela violência e a tirania, em todas as épocas. Isso levará o maçom à tolerância e à defesa dos sagrados direitos da consciência.

Já dissemos que a Maçonaria vem da mais alta antiguidade e que pelos séculos que se sucederam até hoje ela vem passando por profundas transformações, conservando entretanto muita coisa dos tempos da obscuridade. "Os antropologistas não confinam seus estudos apenas ao passado, mas têm investigado os ritos iniciatórios de numerosas tribos selvagens existentes tanto na África como na Austrália, e os têm encontrado possuírem gestos e sinais ainda em uso entre os Maçons. Entre os habitantes da Índia e da Síria têm sido encontradas impressionantes analogias com nossos ritos maçônicos, entremeados com suas filosofias religiosas, de uma maneira que torna inteiramente impossível a idéia de que tivessem sido copiados de fontes européias. Os Maçons estudiosos de maneira alguma esgotaram os fatos que ainda se

podem descobrir neste interessantíssimo campo de pesquisas, porém mesmo com nossos atuais conhecimentos é evidente que ritos análogos aos que chamamos maçônicos existem entre os mais antigos do globo, e podem ser encontrados sob uma forma ou outra em quase todas as partes do mundo". (166)

No 1.º Grau foi trabalhada a PEDRA BRUTA, símbolo da imperfeição, em que o Aprendiz se encontrava. Ali deve ter aprendido a corrigir seus defeitos, seus erros, seu egoísmo e ter aprendido a amar a Verdade e a amar seus Irmãos. Afirmam os egípcios que a "iniciação perfeita é o fim da vida profana". Mas como não podemos viver vida contemplativa, devemos amar o trabalho e no 2.º Gr.: o Companheiro vai trabalhar na PEDRA POLIDA. No Rito Brasileiro esse Gr.: "é consagrado à exaltação do trabalho construtivo e ao estímulo da solidariedade maçônica. Ambos são iluminados pelo sentimento superior da espiritualidade, emanado da Estrela Radiante". (167)

"Ninguém poderia negar a aliança íntima que sempre existiu entre os sistemas filosóficos e o simbólico". (168)

Na Oficina de Companheiro o Ir.: Orador atua como no Grau de Aprendiz, por ocasião da abertura dos trabalhos. Enquanto lá o Livro da Lei é aberto na página onde lê o 1.º versículo do Salmo 133, aqui ele, de pé, lê Atos, XX, 34, tudo de acordo com o ritual. Como na Loja do 1.º Grau, ele só é fechado ao terminarem os trabalhos. Em ambas as Lojas, os trabalhos são iniciados em nome do Supremo Arquiteto do Universo e de S. João Evangelista, nosso padroeiro. Depois de cumpridas outras exigências é consentida a entrada do Aprendiz que pretende receber o grau de Companheiro.

Na antiguidade de nossa Ordem, o Aprendiz trabalhava ininterruptamente durante tres anos para conquistar o Grau 2. Com a evolução, hoje, terá que provar merecimento, trabalhando com devotamento. Quando, como candidato, entrou na Loja sem nada ver e nos trages adequados, foi para que sentisse o quanto as brevas da ignorância e do fanatismo prejudicam o homem e para aprender que o luxo é um veio deslumbrante e que o maçom não deve ter vaidade nem orgulho. As "circunvoluções ritualísticas" efetuadas em Loja pelos Aprendiz, Companheiro e Mestre são viagens simbólicas. Elas nos relembram os "Antigos Mistérios Menores do Egito e da Grécia que as usavam para ministrar aos candidatos ensinamentos alusivos a determinados e sempre reiterados fatos universais que regem a vida humana". "Assim, toda

iniciação maçônica implica a idéia de viagem. A viagem em busca da luz; a viagem em busca de conhecimentos e a viagem em busca da palavra do Mestre". (169) E nesta resposta sábia de Jseus, quando Tomé lhe perguntava qual o caminho a seguir. "Eu sou o Caminho, e a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". (170) As viagens tem grande significação em Maçonaria. Quando ele recebe a luz, que lhe é dada com grande esplendor, verifica a maneira e o entusiasmo com que os Irmãos estão prontos a derramar seu sangue a seu favor, desde que seja fiel aos juramentos prestados e defenda a Ordem contra os inimigos e perjuros. O neófito deve se compenetrar de que o coração do maçom tem que ser sempre justo e verdadeiro.

O Rito Brasileiro consagra o 2.º Grau ou Grau de Companheiro "à exaltação do trabalho construtivo e ao estímulo da solidariedade maçônica. Ambos não iluminados pelo sentimento superior da espiritualidade, emanado da Estrela Radiante". (170) O Aprendiz faz 5 viagens simbólicas. A primeira representa um ano que o Companheiro empregará aperfeiçoando-se na prática de cortar e lavrar a pedra bruta que desbastou quando Aprendiz com o malho e o cinzel. Por mais perfeito que seja ele não pode sozinho terminar sua obra porque os molhes de pedra do Templo que eleva à glória do Supr.: Arq.: do Univ., carecem de penoso trabalho do maço e fixa a aplicada direção do cinzel na execução do traçado dos Mestres. A segunda viagem simboliza o segundo ano, onde o Comp.: deve conseguir os elementos práticos da Maçonaria, ou seja, a arte de traçar linhas sobre o material desbastado e aplainado, conseguindo isso com a régua e o compasso. A terceira viagem — terceiro ano — já permite ao Companheiro a direção, transporte e arrumação do material trabalhado com a régua graduada e a alavanca. Esta, em lugar do compasso é o emblema do poder que multiplica a potência do esforço e permite o desempenho de trabalhos importantes. Simboliza a quarta viagem o quarto ano onde o Companheiro deve ocupar-se da elevação do edifício, preocupando-se com a colocação do material reunido para levar a termo a obra maçônica. Ela ensina que apenas o zelo, a aplicação, a inteligência que o Companheiro mostrou em seus trabalhos, podiam elevá-lo acima dos Irmãos sem seu zelo e sua instrução. Na quinta viagem o Companheiro está instruído nas práticas manuais e vai, nesse 5.º ano, dedicar-se ao estudo teórico. É preciso não esquecer de que não é o bastante estar no caminho da Virtude. Para ali permanecermos e alcançarmos a perfeição — a grande meta — muitos esforços temos que despender. Em seguida o Aprendiz é convidado a contemplar a Estrela Misteriosa

e que nunca a afaste de seu espírito. Ela não é apenas o emblema do Gênio que conduz o homem às belas ações. É o símbolo do fogo sagrado com que nos dotou o Sup.: Arq.: do Univ.: sob cujos raios devemos distinguir, amar e praticar a Verdade, a Justiça e a Equidade. Ela renova na Loja de Companheiro a visão do Delta resplendente também de luz, fonte das Verdades Eternas. Depois de outras cerimônias ritualísticas, é feito o Juramento e o Aprendiz passa ao Gr.: de Companheiro-Maçom.

O Companheiro é o paladino do trabalho e o faz com alegria e zelo porque está consciente de que foi o esforço milenar do homem que criou a Civilização. O trabalho é um dever social e moral. Dignifica e enobrece, qualquer que seja ele. Devemos seguir o caminho traçado pelos Grandes Mestres para que sejamos capazes de conhecer os altos trabalhos maçônicos. O Companheiro repara as imperfeições dos edifícios, não se esquecendo de tolerar os defeitos de seus Iir.: e corrigi-los, dando exemplos bons e segura orientação. Em seguida ele recebe as instruções cabíveis e são encerrados os trabalhos.

“O Grau de Mestre, em sua significação superior, consagra o princípio de que a Vida nasce da Morte, e é sempre ressurrecta pelos Cinco Pontos de Perfeição. Em sua acepção direta, exalta o cumprimento do dever, com o sacrificio da própria vida”. (172)

O Templo agora é todo forrado de preto salpicado de lágrimas brancas. Ha uma seriedade funérea em tudo, realçada pela presença de um ataúde. Sob o dossel está a Estrela Flamígera.

A Loja de Mestre é chamada CAMARA DO MEIO. A maior inspiração que se tem é a inspiração da honra, que não cede com o perigo da morte. Ali os Mestres estão á procura da Palavra, perdida com a morte imprevista de nosso Mestre Hiram Abif. Essa Palavra encerra a Verdade e a Justiça, e vamos procurá-la invocando a ajuda do Supr.: Arq.: do Univ.: O Ir.: Orador, no Altar dos JJur.: abre a Biblia e lê o Eclesiastes XII, 7-8, tudo segundo o Ritual. Um ramo de acácia orna o Altar dos Perfumes. Ela é o símbolo da Mestria porque floresce gloriosamente por toda parte. “Sua madeira é incorruptível e simboliza a pureza da Instituição; sua casca repele todo inseto destruidor; suas folhas, inclinadas durante a noite, se elevam à aparição do Sol, como o neófito se desenvolve depois de receber a luz.” (173)

Cumprido o Ritual, o Companheiro que terminou seu tempo e pretende ser exaltado ao Grau de Mestre, entra sob suspeita

de ser um daqueles que deverão ser punidos pela morte de Mestre Hiram Abif. É submetido a minucioso interrogatório.

Para ilustração, vamos contar a história de Hiram Abif. Davi, rei de Israel, pretendendo elevar um Templo ao Supr.: Arq.: do Univ.: acumulou tesouro incalculável. Fugindo do caminho da Virtude, perdeu a proteção do Eterno. Com sua morte, subiu ao trôno seu filho Salomão.

Hiram, rei de Tiro, depois de vencer várias guerras e erguer Templos aos deuses, como o que dedicara a Hercules, oferecera a Davi toda a madeira do monte Líbano necessária à construção de um palácio, em troca de certa aliança. Com a morte do rei profeta, o rei Hiram renovou o pacto de amizade com Salomão, mandando-lhe fabulosa embaixada, com os votos de glorioso reinado. Salomão enviou então, a Hiram, esta carta: "Continúa a fazer o que fizeste a Davi, meu pai, a quem enviaste cedros para a construção de uma residência. Eis que construo uma Casa ao Nome de Javé, meu Deus para lhe dedicar e queimar perfumes diante dEle e oferecer continuamente os pães da proposição, como ofertar os holocaustos matutinos, vespertinos, sabáticos e mensais e das festas de Javé, nosso Deus: Obrigações perpétuas de Israel. A Casa que construirei deverá ser grande, porque nosso Deus é maior que todos os deuses. Mas, quem ousará edificar-lhe uma Casa, visto que o céu e o céu dos céus não o podem conter? Quem sou eu para erguer uma Casa senão para queimar oferendas diante dEles?"

Enviai-me agora, um homem habil para trabalhar o ouro e prata, o bronze e ferro, a púrpura vermelha, o carmesim e a púrpura violeta, que saiba fazer gravuras e trabalhe com os homens hábeis que estão comigo em Judá e em Jerusalém, os quais Davi, meu pai, preparou. Enviai-me também, do Líbano, madeira de cedro, de cipreste e sândalo; porque sei que teus servidores sabem cortar as madeiras do Líbano. Meus servos estarão com teus servos para me preparar madeira em abundância, porque a Casa que construirei será imensa e maravilhosa. Aos cortadores que trabalharem a madeira, a teus servos darei, por alimento, vinte mil coros de frumentos, vinte mil coros de cevada, vinte mil batos de vinho e vinte mil batos de azeite."

Hiram, rei de Tiro, respondeu-lhe assim: "No amor que Javé tem para com Seu povo, Ele proclamou-te rei sobre eles". "Bendito seja Javé, Deus de Israel, que criou o céu e a terra e deu ao rei Davi um filho sábio, prudente e inteligente, o qual construirá um templo a Javé um palacio para si!"

Envio-te um hábil e inteligente homem, Hiram, filho de uma mulher danita e de um pai tírio, sábio trabalhador no ouro e prata, no bronze e ferro, nas pedras e madeiras, na púrpura vermelha e púrpura violeta, no carmesim e no linho fino, e sabe fazer todas as espécies de gravuras e projetar todo plano que lhe fôr proposto, de conformidade com os teus artífices e com os artífices de meu senhor Davi, teu pai. Que meu senhor envie, agora, a meus servos, o frumento, a cevada, o azeite e o vinho prometidos. E cortaremos as madeiras do Líbano, segundo tuas necessidades; enviá-la-emos a ti através do mar, em balsas, até Jafa e tu as farás subir até Jerusalém". (174) Isso, em 1013 A.C. Josefo, o mais conceituado autor que escreveu sobre o reinado de Salomão, diz que Hiram reinou 34 anos. Morerí e outros, baseados na mesma escritura, afirmam que foram 60 anos que aquele monarca ocupou o trôno. Escritores chamavam Hiram de Chiram e era filho de Ur (fogo) e de uma das filhas de Dan. Em outras passagens da Bíblia, diz-se que era da tribo de Neftali, versão mais aceita entre maçons. Tradicionalmente é chamado Hiram-Abi (pai elevado) e lhe dão o sobrenome de Adonhiram, de onde se origina a Maçonaria Adonhiramita. (175)

Quando foi da questão dos bispos, Cândido Mendes de Almeida, senador pelo Maranhão, fez um discurso no Senado "sobre o voto de graças", "oração que corre impressa em folheto, com título especial", como se fora um planfeto contra a denominada política religiosa do Gabinete."

O visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, respondeu ao parlamentar maranhense, no dia 17 de maio 1874. A propósito do Templo de Salomão, disse o Presidente do Conselho de Minisstros: "O Templo de Salomão, cuja alegoria o nobre Senador considerou como uma das suas pedras de escândalo, não é senão a primeira manifestação do dogma de um só Deus verdadeiro, UMA RECORDAÇÃO ALUSIVA às obras de arte dos antigos pedreiro livres, um símbolo do templo moral e universal em que a civilização crítica deve reunir toda a humanidade. Todos esses símbolos são tirados da História Sagrada, e, pois, não sei como os que não se dedignam de usar da mitologia criada pelo paganismo, até veem uma blasfêmia na expressão SUPREMO ARQUITETO DO UNIVERSO, como se Deus não fosse o criador do mundo, e por essa fórmula não se adore a sua sabedoria, o seu poder e a sua bondade". (Apoiados) "Enfim, Sr, Presidente, tudo o que sei da Maçonaria é que suas máximas são o amor de Deus, do próximo e da virtude". (176)

Hiram Abif é uma figura interessantíssima do simbolismo maçônico. "O grau de Mestre baseado na lenda de Hiram é, sem dúvida, o mais profundo e instrutivo da Franco-Maçonaria". Vamos narrá-la, embora saibamos que não é aceita por muitos maçons "que se empenham ainda em negar ou mistificar o alto ensinamento ou interpretação filosófica que encerra". (177)

Salomão resolveu erguer o Templo em Jerusalém, "digno da grandeza e da excelsa magestade do Soberano Arquiteto dos mundos". (178) Cumprindo o prometido, o rei Hiram permitiu a retirada de todo o cedro e o pinheiro de que Salomão necessitava, ao tempo em que recebia o tributo anual combinado. O rei de Jerusalém arregimentou 30.000 operários e enviou ao Líbano, divididos em tres turnos, lenhadores esses sob o comando de Adonhiram. Organizou um corpo de trabalhadores para a mecânica dos transportes composto de 70.000 homens e outro de 80.000 canteiros para lavrarem a pedra, sob as vistas de 3.300 mestres que orientavam povo e trabalhadores. Sete anos depois de trabalho constante e ininterrupto, o Templo foi construído. "Depois levantou as colunas no pórtico do Templo; e levantando a coluna direita, chamou o seu nome Jachin; e levantando a coluna esquerda, chamou seu nome Boaz. E sobre a cabeça das colunas estava a cabeça das colunas estava a obra de lírios. E assim se acabou a obra das colunas". (179) Com a sabedoria e ciência que possuía para trabalhar em cobre, Hiram levantou duas colunas com 18 covados e cercada uma por um fio de 12 covados. Fez dois capiteis de fundição de cobre, com 5 covados de altura, para colocar na cabeça das colunas. "E via-se como uma espécie de rede e de cadeias entrelaçadas umas nas outras com admirável artifício. Ambos os capiteis das colunas eram fundidos; havia 7 ordens de malhas num capitel e outras 7 no outro capitel. E rematou as colunas com duas ordens de romãos ao redor de cada uma das malhas, para cobrir os capiteis que estavam no alto: e o mesmo fez também no segundo capitel. Os capiteis porém, que estavam no alto das colunas no pórtico, eram fabricadas em feitio de açucena e tinham 4 covados". (180) Tudo ali era de metal, especolunas com duas ordens de romãs ao redor de cada uma das maravilhas do mundo. Quem quizer sentir a grandiosa obra de Mestre Hiram em seus detalhes, leia a Bíblia Sagrada no Segundo Livro das Crônicas, segundo uns ou no Livro Primeiro ou no Livro Terceiro dos Reis, segundo outros, todas as obras destinadas a adornar o Templo foram fundidas numa esplanada próximo ao Jordão.

Hiram distribuiu seus obreiros em tres classes: Aprendizizes, Companheiros e Mestres, dando a cada um o salário de acordo com a habilidade que os distinguia. Os Aprendizizes se reuniam, para receber seu pagamento na coluna B, os Companheiros, na coluna J e os Mestres na Câmara do Meio. "A porta da câmara do meio estava à banda direita da casa, e por coracois se subia à do meio"... (181)

E assim, o monte Moria, em Jerusalém, onde o Senhor apareceu a Davi, ficou alindado com o Templo magestoso. (182)

Entretanto, 15 Companheiros, percebendo que as obras chegavam ao fim, sem que lhes fosse possível alcançar o Grau de Mestre, por não haverem cumprido o tempo necessário, resolveram arrancar à força os sinais, palavras e toques do grau de Mestre Hiram. Necessitavam deles para em outros países, poderem passar como tais e receber o salário correspondente. Doze Companheiros, pensando melhor e sentindo as más consequências desse gesto, desistiram do plano elaborado. Tres persistiram e resolveram agredir Hiram com aquela finalidade.

Agora surge a dúvida quanto a seus nomes. No Ritual do século VIII são Sebal, Oterlut e Stokin. E em vários graus maçônicos: Abiram, Romvel e Gravelot. Giblon, Giblas e Giblos. Haben, Schterke e Austersfurth. Finalmente, nos Rituais Simbólicos e, entre eles o Rito Brasileiro são Jubelas, Jubelos e Jubelum. O matador foi Jubelum, também chamado o "parrecida".

"Os tres golpes que abateram Hiram existem como ato religioso, como se vê no cerimonial católico da morte dos papas: um Dignitário pontifício, com malhete de marfim, dirige-se ao morto, golpeis-o levemente em ambas as fontes e no meio da testa, exortando-o a que se levante, cada vez que golpeia. Se o Papa não responde ao terceiro apelo, oficialmente está morto". (183)

Como dizíamos, segundo um grau maçônico, os tres Companheiros Hobbhen, Sterké e Austerfluth, sabendo que Hiram diariamente ia orar no Templo enquanto os obreiros descansavam, cercaram-no, um em cada uma das tres portas: Sterké, na porta do Sul, Austerfluth na Oeste e Hobbhen na de Este. Emboscados, aguardaram que Hiram terminasse sua prece e saísse por uma das portas. Descuidado, tranquilo, dirigiu-se para a porta de Este, onde encontrou Hobbhen que lhe pediu a palavra de Mestre. Hiram se negou a dá-la, explicando que seu tempo de Companheiro não fora cumprido. Só depois disso mereceria o aumento de salário. Mesmo assim, a palavra só seria dada na presença dos reis de

Israel e de Tiro, porque este foi o juramento feito entre os tres. Revoltado com tal resposta, Hobbhen deu-lhe forte golpe na nuca com uma régua de 24 polegadas, com que se armara. Hiram fugiu até a porta do Sul e lá encontrou Sterké que, barrando seus passos, fez a mesma exigência. Hiram se negou a fazer sua vontade e o mau Companheiro deu-lhe violenta pancada sobre o coração com um esquadro de ferro. Estonteado com mais essa agressão, Hiram reuniu as forças que lhe restavam e partiu vacilante para a porta do Oeste, tentando salvar-se saindo por ela. Vã esperança. Ali lhe surgiu Austerfluth exigindo a palavra de Mestre. Ainda dessa vez Hiram se negou a dar, recebendo por isso violenta pancada na frente com um martelo. Caiu morto a seus pés. Isso lá pelo ano 1032 A.C.

Reunidos os tres após o crime, se perguntaram qual a palavra de Mestre e nem um sabia porque Hiram mantivera o segredo até a morte. Desiludidos e desesperados ante o crime sem sentido e sem valia, pensaram em esconder os sinais que pudessem denunciá-los. E esconderam o corpo do Mestre sob um monte de escombros. À noite, o levaram para fora de Jerusalém e o enter-raram longe, no cume de uma montanha.

No dia seguinte, estranhando a ausência de Hiram para a inspecção dos trabalhos, fato incomum, os obreiros comunicaram o ocorrido a Salomão, que imediatamente mandou dar várias buscas, sem resultado. Os 12 Companheiros que sabiam do plano e desistiram dele, suspeitando que os tres o tivessem levado avante, revestiram-se com o avental branco e de luvas, em sinal de sua inocência, apresentaram-se a Salomão e lhe revelaram tudo que fora planejado. O rei, apreensivo, fez que esses 12 obreiros fossem procurá-lo. Se o encontrassem teriam por prêmio o aumento desse grau. Na esperança de que a palavra não fora arrancada de Hiram antes de sua morte — se é que tal desgraça ocorrera — ficou combinado que a primeira palavra dita ao ser encontrado o corpo, seria daí por diante a palavra de Mestre. Cinco dias de buscas inúteis, os Companheiros voltaram à presença de Salomão. Tudo fora em vão. Sem desanimar, Salomão enviou nove Mestre, que se espalharam pelas montanhas, em várias direções, chegando no segundo dia ao cume do monte Líbano. Foram mais afortunados que os Companheiros. Um deles, extenuado de tanto andar resolveu descansar. Sentado, observou que um pouco adiante havia terra remexida recentemente. Chamou os outros e resolveram removê-la. Com espanto, encontraram um cadaver que sem dúvida, era de Hiram Abif. Sem se atreverem, por respeito, a levar adiante suas indagações, cobriram-no com a mesma terra que

havia tirado e, para reconhecer o lugar cortaram um galho de ACACIA e o plataram encima. Imediatamente foram dar a triste notícia a Salomão. Contristado, não teve dúvidas de que se tratava do grande arquiteto Hiram-Abif. Sem perda de tempo, ordenou que os nove Mestres voltassem à sepultura e de lá, com todo cuidado, retirassem o corpo e o levassem a Jerusalém piedosamente e procurassem a palavra de Mestre e não aceitassem a primeira que pronunciassem, como fora combinado.

Revestidos com os aventais e luvas brancas lá se foram os nove Iir.: cumprir a ordem de seu rei. Quando tiraram toda a terra e ficou o corpo descoberto, os Mestres não contiveram um grito de horror. Nove dias depois de assassinado e sepultado, o corpo já se encontrava em plena decomposição. Diante disso, exclamaram ao mesmo tempo: M.: B.: — “a carne se separa dos ossos!” — Um dos Mestre pegou o dedo index da mão direita do cadaver, pronunciando a palavra B.:, mas o braço caiu inerte ao longo do corpo. Outro pegou no dedo polegar da mesma mão e disse a palavra J.:, mas tal tentativa não foi mais feliz que a primeira. Um terceiro Mestre segurou o pulso do morto formando garra passou a mão por cima do ombro direito e o levantou pelos cinco pontos da maestria, dizendo: M.: B.: — “a carne se separa dos ossos”.

O sepultamento de Hiram-Abif foi magestoso. Salomão fez inhumá-lo no santuário e sobre a sepultura mandou colocar uma placa triangular, de ouro, onde estava gravada a antiga palavra (ihaouha). Depois da solenidade, todos voltaram para seu trabalho e Salomão tratou de encontrar os assassinos de seu amigo arquiteto. Tinha que castigá-los exemplarmente.

A ausência dos tres Companheiros e dos instrumentos que faltavam denunciavam os matadores. Ficou logo designado pelo abominavel nome de Abibalac (parrecida), o mais comprometido no assassinato. Nessa altura, apresentou-se um desconhecido, à porta do palácio, Levado à presença do rei, em segredo, denunciou onde estavam escondidos os malfeitores. Salomão, não querendo confiar a um estranho missão tão delicada, à noite, convocou o Conselho extraordinário dos Mestres e declarou que necessitava de nove deles para uma incumbência especial que exigia atividade e valor. Sabia da disposição e zelo de todos, mas não queria dar preferência a nenhum. Seria tirada a sorte e o nome que saísse primeiro, este seria o chefe da missão. Colocou o nome de todos numa urna e, no escrutínio saiu primeiro o nome de Johaben. Es-

colhido o chefe, os outros foram designados sucessivamente. Depois Salomão, apenas com os Eleitos, encerrou-se em lugar apropriado e comunicou-lhes a descoberta que acabava de fazer por intermédio daquele desconhecido. Combinadas as medidas que tomariam para lograr o objetivo proposto, os Eleitos fizeram o juramento de vingança pela morte de Hiram, adotaram por palavra de reconhecimento o nome do mais culpado e deixaram a cidade antes do amanhecer. Não convinha serem vistos por ninguém. Percorreram mil caminhos estranhos e escabrosos, guiados pelo desconhecido. Depois de andarem 27 milhas além de Jerusalém, ao lado do rio Joppa, chegaram a uma caverna próxima ao mar, chamada de Ben-Acar (filho da esterilidade). Nesse lugar estéril Abibalac (assassino do pai) e seus companheiros costumavam se esconder. Ao anoitecer, viram dois homens que rapidamente caminhavam para a caverna. Denunciaram-se culpados porque, mal viram a comitiva, fugiram por entre as rochas. Apri-
sionados, precipitaram-se de um barranco. Lá embaixo os Mestres os encontraram expirando. Johaben, que se encontrava um pouco separado dos outros, viu o cão do desconhecido seguindo para a caverna, em atitude de seguir a pista de alguém. Sozinho, correu e penetrou na rocha por uma escada reta, composta de 9 degraus cortados na pedra. No interior, distinguiu, com a luz de uma lâmpada, o traidor que se dispunha a dormir. Apavorado ante o Mestre a quem reconheceu, suicidou-se cravando um punhal no coração. Johaben apanhou o punhal e, ao sair da caverna viu um manancial que brotava rumorejante entre os penhascos. Fatigado, correu para ele e ali saciou sua sede e serenou seu espírito. Os Eleitos, depois de cortarem as cabeças dos criminosos, deixaram ali seus corpos entregues à voracidade das feras e regressaram a Jerusalém ao por do sol. Tarde da noite, ao chegarem, foram ao rei dar conta de sua missão. Satisfeito, Salomão quiz que, dali em diante, teriam o título de Eleitos. Posteriormente, juntou a esses mais seis Mestres, embora não tivessem tomado parte na comissão. Passaram a ser 15. Deu-lhes por divisa ou sinal distintivo uma faixa negra que partia do ombro esquerdo e terminava no quadril direito. Na extremidade pendia aguçado punhal com punho de ouro. Os Eleitos foram premiados com importantes missões, inclusive a de julgar maçons. O desconhecido, que não era mais do que um pastor, foi generosamente premiado. Entrou para a corporação dos maçons e, quando estava suficientemente instruído, obteve o lugar de Eleito. As cabeças dos assassinos estiveram expostas durante tres dias no interior onde trabalhavam, junto com os instrumentos de que se serviram para cometer o crime. Depois

de queimadas, suas cinzas foram entregues aos ventos que as levaram para o sem fim. Os instrumentos usados no crime foram destruídos.

Salomão fez construir na parte mais misteriosa do subterrâneo do Templo uma abóboda secreta, no meio da qual mandou colocar um pedestal triangular, que denominou pedestal da ciência. Alcançava-se tal subterrâneo por uma escada de 24 degraus, dividida em lances de 3, 5, 7 e 9. Só era conhecida por Salomão e os Mestres que haviam trabalhado nela.

Hiram-Abif gravara a palavra sobre um triângulo do mais puro metal. Temendo perdê-la, trazia-a sempre pendente de seu pescoço. Colocava-a sobre seu peito o lado em que estava gravada, apresentando o outro lado o aspecto de um sinete gravado e perfeitamente brunido. Quando o mataram teve a sorte de, antes, poder lançá-lo em um poço que estava num extremo do Oriente em direção ao Meio dia. Salomão temia que esse precioso delta caísse em mãos profanas. Mandou procurá-lo. Tres Mestres tiveram a sorte de descobri-lo. Passando junto àquele poço ao meio dia, viram qualquer coisa muito brilhante lá no fundo. Um deles desceu e para alegria de todos, era a jóia procurada. Imediatamente levaram-na ao rei que, à vista do delta, deu um passo para trás, levantou os braços para o céu e exclamou admirado e contente:

— “Já está aqui a palavra de ...!”

Sem perda de tempo, chamou os 15 Eleitos, os 9 Mestres e os tres que a encontraram, desceu à abóboda secreta e fez incrustar o delta em meio do pedestal. Em seguida cobriu-o com uma pedra de ágata cortada em forma quadrangular, sobre a qual fez gravar na parte superior, a palavra substituída. Na face inferior gravou todas as palavras secretas da Maçonaria e em quatro laterais, as combinações cúbicas deste número. Denominaram-na PEDRA CÚBICA. Diante desse monumento Salomão fez colocar 3 lâmpadas com 9 mechas cada uma, que ardiam perpetuamente. Tal segredo só foi participado por 27 Grandes Eleitos e seus sucessores.

Com referência ao episódio da prisão dos tres Companheiros assassinos o Rito Brasileiro e naturalmente nos Rituais do Simbolismo, tem outra versão. Os 9 Companheiros, divididos em grupos de 3, seguiu um grupo para o setentrião, outro para o meio-dia e o último para o Oriente. Partiram com a promessa de serem elevados a Mestres, caso alcançassem a meta desejada. Um dos

Companheiros do grupo que desceu o rio Jopa, cansado, ao se recostar num rochedo, ouviu, por uma fenda que ali havia, estas lamentações.

— “Ai de mim! antes eu tivesse a garganta cortada, a língua arrancada, e fosse enterrado nas areias do mar, em lugar onde a maré faz fluxo e refluxo, que ser cúmplice no assassinio do Respeitab.: Mestre Hiram”.

Continuando a prestar atenção, ouvi outra voz que dizia:

— “Quisera antes que me tivessem arrancado o coração, servindo ele de pasto aos abutres, do que ter sido cúmplice no assassinio de tão excelente Mestr.:”

Admirado do que ouvia, prestou maior atenção e ouviu ainda:

— “Fui eu quem o matou, os meus golpes foram mais fortes que os vossos. Quisera antes que me dividissem o corpo ao meio, sendo uma parte lançada ao meio-dia e a outra ao setentrião, que me arrancassem as entranhas e as reduzissem a cinzas, sendo elas lançadas ao vento, do que ter sido o infame assassino do nosso Respeitab.: Mestr.: Hiram”.

Depois de tudo ouvir, horrorizado, chamou os dois Companheiros, contou-lhes o que sucedia e, por uma das fendas do rochedo, prenderam os criminosos e os levaram à presença de Salomão. Diante do rei, tudo confessaram, afirmando não desejarem sobreviver ao crime odioso. E a sentença que cada um para si fora proferida, cumpriu-se por ordem de Salomão. Jubelas teve a garganta cortada, Jubelos, o coração arrancado e Jubelum, o corpo dividido ao meio”.

“Hiram existiu, é personagem histórico”... “desde o século 19 foi incorporada ao Rítual do 3.º grau e tornada obrigatória como uma das condições de regularidade de qualquer Rito.” (184)

Tem diversas versões a Lenda de Hiram. Citemos mais duas. O Manuscrito do século 8 divide a Lenda em 4 episódios. 1.º — A construção do Templo, a morte de Hiram e o encontro do corpo. 2.º — A busca dos assassinos: partem 27 Mestres, em grupos de 9. Um dos traidores, ao fim de 4 dias, é encontrado nas montanhas do Líbano, escondido numa caverna de rochedo onde, por uma fenda se via luz bruchuleante. O Mestre que o divisara, entrou, matou-o e cortou-lhe a cabeça. O grupo voltou a Jerusalém ao 9.º dia após a partida. 3.º episódio — No 14.º dia de marcha, o 2.º grupo de Mestres encontrou o 2.º traidor nas pedreiras de

Tiro, numa caverna junto a um grande espinheiro, com um cão que dormia. Amarraram o criminoso e o trouxeram a Salomão, que ordenou que lhe cortassem a cabeça e arrancassem o coração. Voltaram a Jerusalém no 18.º dia após a partida. 4.º episódio — No 22.º dia de caminhada, o 3.º grupo de Mestres estava perdido na floresta do Líbano. Em dado momento, encontrou o 3.º criminoso armado de machado. Depois de muito lutar, prendeu-o e, no 27.º dia da partida, chegavam a Jerusalém. Salomão mandou que lhe cortassem a cabeça e lhe arrancassem as entranhas..

Na versão chinesa, que é antiquíssima, a diferença é pouca, comparada a essa. Na Lenda do 8.º século os agressores usaram a régua, a ALAVANCA e o martelo (malho). O Ritual agnóstico mantém a alavanca e o Ritual escocês trás o esquadro. Na Lenda do 8.º século, Hiram é procurado por 27 Mestres, divididos em 3 grupos. O sepulcro é encontrado por um grupo e todos se reuniram para a exumação. Na Lenda chinesa foi o próprio rei Salomão quem encontrou o túmulo de seu amigo Hiram. Na Lenda do 8.º século os 3 traidores são encontrados pelos 3 grupos diferentes de 9 Mestres. Na Lenda chinesa foi só um grupo de Mestres que prendeu os 3 traidores. Na Lenda do 8.º século, criaram-se novas Palavras, Sinais e Toques para o grau de Mestre. A lenda chinesa silencia nesse ponto.

Hiram é uma fonte fecunda de conhecimentos.

“A exaltação a Mestre demonstra o triunfo da Vida sobre a Morte, a imortalidade do bom, do justo e do virtuoso”. (185)

O Ritual de Mestre-maçom se desenvolve com brilhantismo entusiasmante em torno da lenda de Hiram e na procura incansável da Palavra Perdida.

“Não ha, na doutrina do Rito, excesso de judaísmo, porque a Maçonaria não é judaica, nem germânica, nem inglesa, mas universal. Salomão, Hiram Abif, o Templo... constituem matéria pertinente ao Grau 3, de Mestre-Maçom.

Ha, aliás, nos velhos Rituais, referências contraditórias: os tres assassinos de Hiram são Jubelas, Jubelos e Jubelum, que foram presos e tiveram, no Grau 3, respectivamente, a garganta cortada, o coração arrancado e o corpo dividido ao meio. Entretanto, os tres assassinos devem ter ressuscitado (!), porque reaparecem nos Graus 9 e 10 dos Ritos tradicionais com os nomes de Sterkin, Oterfut e Abibala; este último é justificado (novamente !) no Grau 9 e os outros o são no Grau 10.

“O Rito Brasileiro deixa de lado as infantilidades e incoerências dos antigos Rituais e retira de cada Grau o cerne moral, que o anima”. (186)

“Nos vários Ritos puramente tradicionais (4), os Rituais do Grau 4 ao 18 (ou equivalentes) distribuem-se ou se desenvolvem, DATA VENIA, sem a necessária conotação entre eles, visto se reportarem ou aludirem a episódios e legendas as mais diversas: Bíblico-judaicas, babilônicas ou persas, Iluminismo alemão, cavalaria medieval e rosa-cruciana (cristã). A simples ordem cronológica não é também observada. E ainda há frequentes repetições dos mesmos conceitos.” (187)

No Rito Brasileiro os Graus se distribuem pelas diversas Oficinas Litúrgicas da Hierarquia e se destinam, nas Lojas Complementares (Câmaras dos Graus 4 a 14) e nos Sublimes Capítulos (Câmaras dos Graus 15 a 18), á cultura moral.

Nas Lojas Complementares e nos Sublimes Capítulos o Homem é visto como SER INDIVIDUAL e se apreciam nele: o pensamento, a afetividade, a atividade, os valores morais e a Perfeição como ideal maçônico (o Cavaleiro Rosa-Cruz ou o Cavaleiro da Perfeição).

LOJAS COMPLEMENTARES

Vamos fazer rápida viagem através dos Graus dedicados à Cultura Moral, vale dizer, do 4.º ao 14.º. É um passeio sem profundidade, apanhando pela rama os ensinamentos, apenas com a intenção de relembrar preceitos primorosos e altamente instrutivos. Relembrar, reaprender, aprender, quem sabe?

O Rito Brasileiro tem conteúdo para ser — e é — um grande Rito. Tudo aqui é harmônico, racional. É a Maçonaria renovada, expungida de toda incongruência, mas sem destruir nada de sua milenar tradição.

Iniciamos nosso passeio de instrução pelo Gr.: 4 — Mestre da Discrição. É o primeiro Grau da Mestria Superior e essa Mestria virá aprimorar os valores morais do Homem e colocar na base de seu exercício a Discrição, Virtude indispensável à nossa convivência social. Essa cultura moral do Rito desenvolve-se sistemática e organicamente até o 18.º Gr., que é o Cavaleiro Rosa-Cruz ou Cavaleiro da Perfeição.

O Mestre viaja para aprender porque todas as viagens estão cheias de ensinamentos. Na 1.ª vê na Coluna Iniciática a palavra — “Videre” — Ver. Na 2.ª viagem depara com a palavra — “Audire” — Ouvir. Na 3.ª, lê — “Tacere” — Calar. Ver, ouvir e calar são tres pilares da Discrição. Aí se aprende a domar o impulso irrefletido porque, “se o pensamento sem ação é uma inutilidade, a ação sem o pensamento é um esforço vão e perigoso”. Ver, ouvir e calar para agir certo. Os maçons rejeitam o aforisma — quem cala consente” porque todo consentimento tem que ser expresso. “A Maçonaria prepara o homem para a vida e sempre procura instituir um mundo melhor que aquele em que vive”.

O Gr.: 5 é o Mestre da Lealdade. Lealdade é dedicação, zelo, escrúpulo, disciplina. É procedimento conforme as leis da honra e do dever. Ela é inteireza de caráter. “A Lealdade não traduz

absolutamente a cumplicidade com atos menos dignos: não podemos ser solidários com o vício ou o crime". Leal é quem adverte o amigo do descaminho que este vai trilhando".

O Gr.: 6 é o Mestre da Franqueza. É falar o que se pensa. É usar a Sinceridade e isenção de atitude. Isso com cuidado para não ofender, pois a Franqueza não é incompatível com a civilidade. A Franqueza rude ofende e devemos evitá-la.

O Gr.: 7 é o Mestre da Verdade. A Verdade se impõe ao erro porque é a realidade. A Verdade se opõe à mentira, isto é, o fato ha de ter por confirmação a palavra. A Verdade sob o ponto de vista moral, é a base da vida social, na família e na comunidade. A mentira é sempre negativa. A Verdade resulta da livre investigação. Não cede a injunções espúrias. Não pode haver desfalecimento no culto da Verdade.

O Gr.: 8 é o Mestre da Coragem. É outra grande Virtude. É a resignação no infortúnio, esperando vencê-lo. A paciência na miséria, esperando dias melhores. É a confissão das faltas, esperando remir-se. É a permanência no trabalho penoso, esperando progredir. Tudo isso são formas de comportamento em que existe a Coragem. É o traço característico dos fortes. A Coragem é uma das 4 Virtudes Cardeais. As outras são a Justiça, a Sabedoria e a Temperança. O Mestre da Coragem tem que repelir a fraude, a impostura, a mistificação. Tem que dominar o medo, combater a timidez e a covardia. O medo e a angústia, por vezes, são a base da cega agressividade.

O Gr.: 9, da hierarquia brasileira, é o Mestre da Justiça ou Retidão. É a Virtude moral que dá a cada um aquilo que lhe é devido e não ofende a nenhum direito. Em Maçonaria a Justiça é a Verdade em ação. A Justiça independe de quaisquer considerações de sexo, raça, nacionalidade, posição social ou crença religiosa. Todo ser livre tem o senso da Justiça, que é o conhecimento de seus direitos e seus deveres. Nada subsiste na desordem e na violência. Todo homem ama a Justiça como condição de vida. No mundo civilizado, a aplicação da Justiça compete aos tribunais. O juiz não pode ser dependente nem parcial. A Justiça resulta da lei. O Direito escrito direito positivo — é transitório e contingente, razão porque a lei, no decorrer do tempo, é alterável. O que é permanente nas consciências é o direito natural, superior aos códigos. "A consciência é um juiz inflexível".

O Rito Brasileiro fixa em 7 as necessidades primárias da pessoa humana, base de sua dignidade pessoal: saúde, alimentação,

teto, vestuário, educação, segurança, descanso. A Justiça é um dos pilares da sociedade humana. Os outros dois são a Liberdade e a Paz. Receber o Gr.: 9, deste Rito, importa em observar a Lealdade, a Franqueza, a Verdade, a Coragem e a Justiça.

O Grau 10 é o Mestre da Tolerância. Ela permite o diálogo, única maneira das pessoas se entenderem. É a disposição tranquila dos que ouvem com paciência, opiniões opostas às próprias. A Tolerância “é o apanagio da humanidade. Estamos todos empedernidos de debilidades e erros; perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices, é a primeira lei da natureza”. (188) Ainda Voltaire, “o apóstolo da Tolerância” dizia: “Posso não concordar com nenhuma de vossas idéias, mas defenderei até a morte o vosso direito de propagá-las”. É suportar as faltas alheias com indulgência. Só não pode haver Tolerância com o erro e o crime. premeditados. O fanatismo multiforme, é incompatível com a Tolerância, que nossa Ordem considera o princípio cardeal das relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um.

O Grau 11 é o Mestre da Prudência. Ela nos faz reconhecer e evitar a tempo as inconveniências e os perigos e praticar o que convém na vida social. A Prudência alia-se à Discrição. Obriga-nos a pensar duas vezes. É o exame de consciência que torna o homem ponderado e lhe dá uma sabedoria à qual nunca chegarão os irrefletidos, porque estes jamais se exercitam na introspecção. É a auto-crítica. A Prudência nos leva a discernir entre o falso e o verdadeiro. Nosso Ir.: Voltaire (François-Marie Arouet) nos ensina que um filósofo não julga a “prudência como uma virtude e, sim, como um talento, como uma qualidade útil, feliz”. E pergunta:- “Que é a virtude, meu amigo? É a prática do bem; praticuemo-lo e será o suficiente”. 189)

O Grau 12 é o Mestre da Temperança. Ela impede a petulância, a imodestia, a vaidade, a insolência e o orgulho do poder. É a moderação ou a contingência dos apetites e das paixões. É o império sobre si mesmo. É o neutralizador dos sete pecados, no conceito religioso: a Soberba, a Ira, a Luxúria, a Preguiça, a Inveja, a Avareza e a Gula. O Gr.: 12 exige a comunhão maçônica, indispensável à futura outorga do Anel Simbólico.

O Grau 13 é o Mestre da Probidade. Probidade é a Honradez. É o brio ou o pundonor pessoal. É Fidelidade. É gratidão pelo bem recebido. Imparcialidade e austeridade. Intransigência quando necessária. O contrário da Probidade é a ingratidão, a traição, o o perjúrio, a fraude, a desonestidade, a desonra.

O grau 14, o mais elevado das Lojas Complementares, é o Mestre da Perseverança. Ela é a firmeza mais a constância. Paciência e assiduidade. Cada fracasso ensina ao homem algo que necessita aprender. Infatigável — “alcança quem não cansa”. É a esperança dos convitos. O não perseverante é o inconstante, o instável e o versátil. A Perseverança obriga à educação da vontade. É a virtude que contribui para o êxito da vida humana, manifestando-se como sentimento, resolução ou trabalho. Nada resiste a uma vontade firme e contínua. A Perseverança difere da obstinação, que leva o indivíduo a insistir em algo desarrazoado e da teimosia que nasce da ignorância. São magníficos os símbolos do Gr.: 14. Um deles, muito expressivo, é o Anel da Fraternidade. É o anel dos Mestres da Perseverança. É de ouro e em forma de aliança. É o laço de fraternidade entre os MMtr.: da Câmara do Gr.: 14. Quando um deles segue para o Oriente Eterno, o anel deve passar à esposa ou filho ou ao melhor Irmão. Traz gravada internamente a legenda:- “virtus junxit mors non separavit” — O que a Virtude une, a Morte não separa. Isto significa que os puros maçons convivem fraternizados na Vida e sobrevivem na Morte, pelo culto permanente de sua memória. Assim, a Pedra Cúbica lembra ao Maçom a obrigação da cultura e o amor à liturgia. O Mar de Bronze onde se mergulha as mãos representa o ecumenismo maçônico. Essas águas lustrais vêm do Ganges, do Jordão, do Nilo, de todos os pontos onde o homem recebeu as primeiras lições de uma vida nobre e digna. Ele reafirma a noção de universalidade maçônica. A Pasta Mística e o Anel da Fraternidade fazem que a Câmara do Grau 14 seja uma comunhão de propósitos. COR UNO ET ANIMA UNA — um só coração, uma alma só.

SUBLIMES CAPÍTULOS

O Grau 15 denomina-se Cavaleiro da Liberdade. Lembra Ciro, rei da Pérsia e da Média, libertador dos hebreus que viveram 70 anos cativos na Babilônia de Nabucodonosor, que lhes destruiu o Templo. Nesse episódio da libertação, o Rito deu ênfase aos elementos que fundamentam o Gr.: A cor verde usada em uma das Câmaras é a eterna Esperança da liberdade que existe nos indivíduos, povos e nações. As 70 luzes, em grupos de 7 — número sagrado — lembram e alertam os 70 anos de cativo judeu na Babilônia. As letras L.: D.: P.: na Fita do Gr.: querem dizer: — “Lilia Destruere Petibus” — Destroem-se os lírios calcando-os com os pés. Também querem dizer: — Liberdade de Pensamento e Liberdade de Passar. No avental os 15 elos, em cadeias triangulares, lembram que a força reside na Cadeia de União, indispensável à implantação da Vitória. A cabeça ensanguentada entre duas espadas, significa que a luta pela liberdade é, via de regra, sublimada pelo sacrifício. O homem é livre por direito natural. “Tendes a liberdade de fazer quando tendes o poder de Fazer”. (190) Urge não esquecer de que a preservação da liberdade exige eterna vigilância. Contam que, quando os obreiros edificaram o segundo Templo, manejavam a ferramenta com uma das mãos, tendo a espada na outra.

O Grau 16 é denominado Cavaleiro da Igualdade. Lembra este episódio: Na tradição do Grau, os judeus já estavam em Jerusalém, de volta da Babilônia. Reconstruíram o Templo, mas eram sistematicamente hostilizados pelos samaritanos que, inclusive, negavam-se a pagar as contribuições para a conservação do Templo e fornecimento das vítimas que nele eram imoladas. Zorobabel enviou uma Embaixada de 5 Chefes judeus à Babilônia solicitar providências a Dario, rei da Pérsia. Ele, o grande Rei, como era chamado, respeitava os costumes e religião dos vencidos e considerava seus súditos iguais aos súditos dos países conquistados. Os

Embaixadores foram atendidos e os samaritanos intimados a res-
peitar os judeus e a pagar as contribuições devidas, em igualdade
de condições com os hebreus.

Esse Grau, na sistemática do Rito, apresenta os elementos
que justificam sua designação. Os judeus não pretendiam vantagens
sobre os samaritanos. Queriam paz e igualdade de contribuições.
Dario não oprimiu a ninguém. Determinou obrigações iguais entre
Nações, fortes e fracas. Na Fita do Gr.: ha uma balança, no
Avental, a mão da Justiça e na Joia, uma balança e u'a mão com
a espada de dois gumes e 5 estrelas. Só ha distribuição de justiça
quando todos os postulantes são iguais perante a lei. A Maçonaria
sempre foi contrária a quaisquer privilégios e regalias.

O Gr.: 17 do Rito Brasileiro tem a denominação de Cavaleiro
da Fraternidade. Foi inspirado no Apocalipse de João Evangelista
e é gnóstico, segundo a tradição do Grau. Afirmam que foi criado
em 1118, época das Cruzadas, quando Joanitas do Oriente, dis-
cípulos de S. João Batista, uniram-se aos Cruzados do Ocidente,
originando a Ordem do Templo. É um Gr.: de cujo contexto ressalta
o preconício de fraternidade. O Grau 17 uniu o Ocidente ao
Oriente. O Cordeiro é o símbolo da mansidão. Não ha nacionais
nem estrangeiros, pois todos são IIr.: Nas questões de Ordem, o
candidato diz ter sido recebido "ante o arco-iris" que "une os dois
hemisférios". É o símbolo da paz e da união. Nas colunas do
Templo ha inscrições cujo conteúdo são profundos ensinamentos,
belíssimo hino de fraternidade humana. Numa lemos: — "Ama
a Deus sobre todas as coisas". — Noutra — "Ama a teu próximo
como a ti mesmo". E noutra:- "Entre nós não ha primeiro nem
último". E noutra:- "Todos somos iguais". E noutra:- "Todos
somos Irmãos". E numa outra:- "Não consintas que te chamem de
mestre". Por fim:- "Com a vara que medires serás medido".(191)

O Grau 18 é o Cavaleiro Rosa-Cruz ou Cavaleiro da Perfeição.

O Sublime Capítulo está reunido para, entre outros objetivos,
achar a Palavra Perdida. O Sapientíssimo Ir.: Aterzata reabre os
trabalhos — porque eles nunca se encerram — suspendem-se e
reabrem-se — e manda entrar o Cavaleiro da Fraternidade que,
cançado de vagar pelos bosques e montanhas, desde a destruição
do Templo, à procura da Palavra, vai ali buscá-la. Ele conhece
o heptágono.

Antes de considerar sua admissão no Sublime Capítulo, o
Sapient.: Aterzata lhe faz advertências. Diz que o Rosa-Cruz é
conservador da pureza das tradições seculares da Ordem. É

necessário estar compenetrado do espírito Maçônico para que seja iniciado. Deve estudar constantemente a história e os ensinamentos da Maçonaria e aplicá-los sempre que necessário. Devemos ser amigos. Se o Cavaleiro da Fraternidade por ventura nutre sentimentos de animosidade contra qualquer Ir., é advertido de que não deve aceitar a iniciação, caso não se incline ao reatamento das boas relações. Ele aceita.

Mas estavam nas trevas, porque a dor e a ignorância asfixiam a vida do homem e porque a Palavra fora perdida. A um golpe de malhete do Sapiënt.: Aterzata, o Grande Mestr.: de CCer.: sobe ao Santuário e faz aparecer a Estrela Flamante de 7 pontas com a letra G no centro. Essa estrela é a Nova Lei que surge. Se ela promete ao homem Liberdade, Paz e Justiça, a Palavra é encontrada. O Cavaleiro da Fraternidade faz tres viagens: a Fé, a Esperança e a Caridade. São viagens plenas de ensinamentos. Aí lembra o Sapiënt.: Aterzata que a longa noite do ódio surge, mas desaparece. Só o amor constroi para a eternidade. Para os Maçons a Fé não exclui a Ciência, a Esperança é o fundamento da Evolução e a Caridade não é a esmola, mas o exercício da Solidariedade humana. Nessa altura, ele ouve a leitura do Compromisso e jura que aplicará todas suas forças para descobrir a Verdade e servi-la com abnegação. Revestido com a túnica — a dalmática — deverá lembrar-se de que aquela uniformidade representa a igualdade de todos os maçons. O Cordão preto que recebe lhe recordará que os Iir.: permanecem nas trevas e no luto enquanto a Palavra não for encontrada. A Pedra Cúbica verte sangue e água e tal mistério significa a perda da Palavra que todos procuram. E só será encontrada pela Fé, pela Esperança, pela Caridade e também pela Justiça, pela Liberdade e pela Paz.

O Cav.: da Fraternidade saiu com todo ardor e procura da Palavra de Norte a Sul, do Oriente ao Ocidente, por toda a terra, interrogando a todos. Dirige-se à coluna da Fé, depois da Caridade, ao Candelabro Místico de 7 velas e, por fim, à coluna da Esperança. Só resta a Esperança. Desgraçado do homem se ela se extinguir. Só, o Neófito foi mandado percorrer a terra em busca da Palavra. Não passou pela Câmara das Torturas ou da Flagelação onde veria coisas inacreditáveis. A prática do Bem é o caminho da Perfeição. Foi levado ao novo Templo onde tudo é pompa e alegria porque, simbolicamente, viajou pela terra em busca da Palavra e, afinal, foi recuperada restituída ao Sublime Capítulo. O Grande Mestr.: de Cerimônias tira-lhe o avental do Gr.: 17 e o cordão preto e lhe dá um bordão e um manto de viagem. Em seguida, trás um cofre com extremo cuidado. Após

suas andanças pela terra indo até a Índia na procura incessante da Palavra, voltou por inspiração do Supr.: Arq.: do Univ.: A Natureza foi sua mestra. Por graça recebeu a Regeneração e por missão o combate à Ignorância.

Quando entrou, a Câmara era Vermelha. Foi aí que se soube como encontrara a Palavra. Depois de mil privações, um dia, cansado, caiu arquejante. Após longo tempo, ao acordar, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia que, quando o Sol se eclipsou, a Estrela Radiante desapareceu na treva, os obreiros se dispersaram, a Palavra foi perdida. Então a miséria pesou sobre a Maçonaria. Não houve mais momentos gloriosos. Os operários, por sua vez, esperam que um Ir.: ache a Palavra que, por si só, fará a Instituição voltar ao esplendor de outrora. A Esperança irredutível pode vencer o Mal e a Desordem. Coragem!

Assim falou a voz. O Cav.: da Fraternidade orou muito. Seu coração acolheu algo tão puro que se fez inefável. A Palavra! A doce Esperança não o abandonava. O cofre que a guardava foi entregue ao Sapiënt.: Aterzata que o abriu e tirou o papel que desvendava o Mistério. Glória ao “Eterno Geometra”, como dizia Platão. Tudo envolvido numa alegria de luzes. A inscrição INRI se iluminou também. Eis a Palavra, que quer dizer — JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM — Jesus Nazareno Rei dos Judeus, que Pilatos mandou afixar na Cruz de Cristo, lá no alto.

O Cavaleiro Rosa-Cruz revela o monograma por estas palavras — “Igne Nature Renovatur Integra” — A Natureza é inteiramente regenerada pelo fogo. O fogo tem no Sol sua fonte máxima. Ele é a expressão da Vida. A Esperança que nos salva no meio das trevas produz a centelha que faz renascer a Luz, o Calor e a Vida. Ela se encontra oculta no bosque das acácias sob a Rosa-Cruz mística. O Sapiënt.: convoca os VVig.: a “ajudarem a produzir a eterna faísca luminosa necessária à perenidade da Palavra”. Junto ao Pramanta, o Sapiënt.: retira a Rosa Mística e exclama: INRI. O Pramanta se inflama. Todas as luzes da Câmara se acendem, mais os 3 lampadários de 11 velas cada um. O Aterzata ativa a chama do Pramanta pedindo que o fogo suba ao céu, de onde veio e una com sua Luz nossa Loja Terrestre à eterna Loja Celeste. Esta festa de luz no Templo é porque a Palavra foi encontrada. Mas a Verdade Absoluta, a chave dos enigmas do Universo não o foi. Mas Jesus já disse: — “De que servirá ao homem ganhar o Universo, se vier a perder a sua alma?”

Em seguida a diversas e belas cerimônias plenas de ensinamentos, o Cavaleiro da Fraternidade é recebido como Cavaleiro Rosa-Cruz. Cumprido o Ritual, é servida a ceia. Aí diz o Sapient.: Aterzata:- "Comei, dai de comer a quem tem fome". Todos comem deixando restos, que são recolhidos numa bandeja. "Bebei, dai de beber a quem tem sede". Os IIr.: bebem e os restos são depositados num copo. Esses restos são postos no brasileiro, dizendo o Sapientíssimo:-CONSUMMATUM EST. Depois circula o ósculo fraternal. Ditas palavras de incentivo e proveitosos ensinamentos, são apagadas as luzes, feito o Juramento de Sigilo dos CCav.: Rosa-Cruz e suspensos os trabalhos.

GRANDES CONSELHOS

Os Grandes Conselhos regem e administram os Graus culturais e filosóficos (do 19 ao 30).

Como já foi dito, em seus Manuais esotéricos, o Rito Brasileiro forma o homem como valor moral, nos graus 4 a 18, o homem social nos graus 19 a 30 e o homem cívico nos graus 31 e 32. O grau 33 é Servidor da Ordem e da Pátria.

Considerando o Homem como Valor Social, (graus 19 a 30), dão-lhe a formação cultural geral: científica, artística e filosófica. São divididos em tres classes de 4 graus cada uma. Partimos do princípio de que toda profissão é considerada como alta Missão Social.

- Missionário da Agricultura e da Pecuária — grau 19
- Missionário da Industria e do Comércio — grau 20
- 1a. classe Missionário do Trabalho — grau 21
- Missionário da Economia — grau 22 (grau de iniciação)
- Missionário da Educação — grau 23
- Missionário da Organização Social — grau 24
- 2a. classe Missionário da Justiça Social — grau 25
- Missionário da Paz — grau 26 (grau de iniciação)
- Missionário da Arte — grau 27
- Missionário da Ciência — grau 28
- 3a. classe Missionário da Religião — grau 29
- Missionário da Filosofia — grau 30. É o Kadosch Filosófico (grau de iniciação)

Grau 19 — Missionário da Agricultura e da Pecuária. Agricultura quer dizer o cultivo da terra. É a lavoura. Tem por objetivo conseguir proveitos por meio da multiplicação das plantas, seu desenvolvimento. e, em consequência, a produção de alimentos.

O surgimento da Agricultura se perde nos longes do tempo. Arte primitiva e fundamental, escrever sobre seu início leva-nos

a dar tratos à imaginação e à fantasia. Em sua luta diária pela alimentação, sem dúvida, os povos primitivos experimentaram e concluíram que certas plantas serviam para seu sustento. Observaram também que muitas delas, quasi todas, produzem sementes e que essas sementes, postas na terra, eram elemento de reprodução das plantas de onde se originavam. Assim descobriram que teriam tantas plantas quantas sementes semeassem em terreno apropriado. O homem era primário, mas sua inteligência, primária também, já tirava deduções rudimentares mas grandemente proveitosas. A Agricultura nasceu exatamente quando o homem chegou a essas conclusões. Com o desenrolar dos séculos foi desenvolvendo sua inteligência e a Agricultura, que ele concluiu ser a fonte de seu sustento e seu meio de vida, se ampliou. Aprimorou seus métodos de plantio e cuidou das sementes. Tanto isso é certo que nas catacumbas do Egito, nas ruínas das casas lacustres da Suíça, da Itália, que existiram cerca de 4.000 anos A.C., foram encontrados grãos de trigo, produto de um tipo de planta evoluida, fazendo crer que eram o resultado de séculos de evolução, de sucessivos experimentos. Nômade que era no princípio, o homem foi fixado à terra pela Agricultura. Os tempos foram passando e vemos homens do vulto de Virgílio, Catão e outros descrevendo métodos agrícolas e o valor do plantio das leguminosas. Depois descobriram que estas plantas tinham o poder de fixar o nitrogênio da atmosfera na terra. Hoje, a Agricultura é uma das molas propulsoras do progresso no mundo.

Pecuária — Cuida do tramento e criação do gado. Arte e Indústria, é importantíssima fonte de renda para quasi todo o universo. O homem do período pedra polida domesticou animais para aproveitá-los em inúmeras atividades. Comia sua carne e fazia com sua pele seu primeiro vestimento, quando sentiu necessidade de agasalho. Criou os animais capazes de lhe darem a lã e o leite. Segundo se sabe, o cão foi o mais velho amigo que o homem conquistou. Ele o ajudava na guarda dos rebanhos e na caça. Depois outros animais foram sendo trazidos para seu convívio, como o boi que, após longa e passiva ajuda ao homem, este o mata sem piedade porque tudo dele lhe é útil, nada se perde. Com o surgimento da Zootecnia, que cria e aperfeiçoa animais domesticos, a Pecuária deixou o empirismo que a dominava durante séculos. Ela é um setor importantíssimo da economia brasileira.

Grau 20 — Missionário da Industria e do Comercio. Industria é o conjunto de ramos ou qualquer ramo de produção do homem.

Reunião de operações — capital e trabalho — cuja meta é transformar as matérias primas em produtos apropriados ao consumo e a promover riquezas. A Indústria é agrícola, extrativa, manufatureira, de transporte, comercial, etc. O desenvolvimento da Indústria é consequência da evolução da vida civilizada. Quando só existia a indústria extrativa, o homem se mantinha no sistema de produção e distribuição coletiva. Não havia armazenagem dos produtos. Tudo que se obtinha era distribuído com equidade entre os componentes da comunidade. A propriedade privada não existia. Ela só apareceu quando nasceu a produção agrícola, época em que o homem se fixou na terra, como dissemos, e aí, surgiu o sentimento da propriedade privada. Na ânsia de produzir mais, foi criado o trabalho escravo, vergonha das civilizações. A Indústria se avolumou. Na Idade Média predominou a pequena indústria de ofício, de pequena produção e capital mínimo devido ao instrumental rudimentar. Era o sistema de trabalho na família. Era o artesanato. O mercado de consumo cresceu e essa indústria incipiente já não bastava. Veio a revolução industrial no século XVIII e com ela a grande indústria, o conflito de classes e de nações. A luta continua e o Brasil, a partir de 1960, entrou nessa contenda devido a seu rápido desenvolvimento industrial. Ele venceu no campo da fabricação de bens consumo e vencerá, sem dúvida, na etapa da fabricação de bens de produção.

Comércio — É a troca de valores e de produtos naturais e industrializados. A história do Comércio vem de distante data. Nasceu da necessidade dos povos de adquirir de outros povos mercadorias que não possuíam. A princípio usaram o regime de troca do que lhe sobrava pelo que não tinha. O comércio teve início por via terrestre, em pequenas caravanas que foram crescendo à medida que aumentava o volume das mercadorias. Nessa altura se iniciaram os contatos com os assírios, babilônios, egípcios, etc. Depois das caravanas veio o comércio pelo mar. Foi quando os fenícios rasgaram rotas para todos os cantos do mundo conhecido na época. Fundaram colônias por onde passaram e no mar Mediterrâneo a mais importante dentre elas foi Cartago. Depois vieram os gregos criadores da moeda de prata, surgida para facilitar os negócios. Rapidamente teve franca aceitação, o que levou a Grécia a se expandir por toda a Ásia. Em Roma o comércio não foi aceito de pronto nem se desenvolveu rapidamente porque não era tido como atividade nobre. Detestavam-no tanto que as filhas de comerciante foram postas no nível das dançarinas e escravas. Passado esse preconceito desairoso, Roma se transformou no maior centro

comercial daquele mundo, graças aos estrangeiros e libertos. Na Renascença ele se desenvolveu de tal modo que deu origem às sociedades econômicas.

O que impulsionou grandemente a atividade comercial foram as descobertas marítimas do século XVI, que enriqueceram muitas nações européias com as madeiras e os metais que carregavam do Novo Mundo. Modernamente a produção cresce vertiginosamente porque o comércio, graças aos infinitos meios de comunicações, a acompanha em seu desenvolvimento.

Grau 21 — Missionário do Trabalho. Trabalho é o esforço material e intelectual do homem para produzir alguma coisa. Dessa atividade consegue a remuneração que se converterá em utilidades. Nem sempre, porém, isso acontece porque na criação de arte o verdadeiro artista muita vez desdenha o objetivo de lucro. O que vale para ele é criar, inventar. A filantropia, como nós maçons praticamos, é outra forma de trabalho que não visa lucro, além daquele de praticar o bem. Mas a economia indica que o trabalho é a razão de toda a produção. A humanidade já conheceu diversos sistemas econômicos e sociais. Primeiro foi o comunismo primitivo, onde toda a produção era propriedade comum. Cada um trabalhava segundo a necessidade que havia para a manutenção da comunidade. Todos trabalhavam para todos. Mais tarde o homem se fixou à terra e partiu para a exploração agrícola, tornando inútil aquele sistema. Havia urgência em desenvolver a produção e surgiu o malfadado trabalho escravo. Nesse interminável estágio, o homem é escravizado pelo homem. Séculos depois, a situação melhorou um pouco, com a vinda do trabalho servil, onde o homem que trabalhava a terra ficava vinculado a ela como se fora o gado e bens imóveis. Quando surgiu a indústria em grande escala e a burguesia tomou o lugar da nobresa e grandes latifundiários, nasceu o trabalho assalariado, característica do capitalismo. Em tal sistema o homem vende seu trabalho ao capitalista que acumula grandes lucros e, consequentemente aumentando seu capital. Nessa altura, em 1861, o Ir.: Benito Juárez, presidente e herói mexicano, defendendo o direito alheio, dizia que “a cada qual segundo as suas capacidades e a cada capacidade segundo as suas obras e a sua educação. Assim não haverá classes privilegiadas nem preferências injustas”. (192) Desenvolvido o capitalismo, aumentou a força do operariado, resultando daí, condições melhores de vida para ele. Cresceu tanto que, em certos países, a burguesia caiu por sua vez. São os Estados Socialistas onde não existe a sociedade privada de meios de produção. Tudo é administrado pelo Estado todo poderoso que, inclusive, paga

o trabalho do homem. Tal sistema obedece à formula:- “De cada um, segundo a sua capacidade; a cada um segundo o seu trabalho”. Quando fôr possível, entrará o sistema comunista que quer que se for possível, “de cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo sua necessidade” (193) que, em última análise, é um roubo.

Grau 22 — Missionário da Economia. Etimologicamente, Economia quer dizer administração doméstica. É a ciência que cuida da produção e distribuição das riquezas. Tal preocupação existe desde a Antiguidade. No século XV, a natureza dos fenômenos sociais foi tentada explicar pela força da razão. O início dos estudos da Economia ou Economia Política se deu com o naturalismo, originário da Inglaterra e da França. Os fisiocratas, segundo a filosofia iluminística e individualista de seu tempo, consideravam o indivíduo como um fim em si, no seu mundo, e árbitro de suas ações. Era o livre arbitrio. Lançavam-se as bases do liberalismo econômico. Os fisiocratas, como J.J. Rousseau, sonhavam com a liberdade absoluta do indivíduo, num estado criado em base contratual. Partindo desse conceito liberal da sociedade e do mundo, foram estabelecidos princípios fundamentais da economia capitalista. O primeiro princípio é a livre concorrência. Daí se firmou a liberdade de comércio, da indústria, do trabalho e a luta de toda atividade que resultasse em monopólio. Sobre vindo a vitória da Revolução Francesa, o poder foi tomado pela burguesia. Como a liberdade de trabalho trazia à idéia a liberdade do operário vender a força de sua atividade física e intelectual, o empregador providenciou imediatamente os meios para que essa venda se realizasse com vantagem para ele. A livre concorrência e a repulsa ao monopólio tiveram como consequência a oposição a toda intervenção do Estado, que viu sua atividade econômica limitada ao mínimo. Mas os economistas da época eram filósofos cheios de cultura que se orientavam no liberalismo mais acentuado. Depois houve diversas mudanças nas doutrinas econômicas, onde se estabeleceu nítida distinção entre “valor de uso” e “valor de troca”. Diz Adam Smith:- “Deve notar-se que a palavra valor tem dois sentidos diferentes, podendo exprimir a utilidade de um objeto ou a possibilidade de esse objeto servir para comprar outras mercadorias. No primeiro caso trata-se do “valor de uso”, e no segundo do “valor de troca”. As coisas que têm grande valor de uso têm frequentemente pequeno ou nenhum valor de troca; e, pelo contrário, aquelas que têm maior valor de troca têm muitas vezes pouco ou nenhum valor de uso. Nada é mais útil do que a água; mas com ela quasi nada se pode comprar e quasi nada pode ser trocado por ela. Um diamante, pelo contrário, não tem quasi

nenhum valor de uso; mas pode normalmente servir para obter uma grande quantidade de outras mercadorias". Mais adiante afirma:- "O trabalho foi o primeiro preço, a primeira moeda de troca que foi paga por todas as coisas. Não foi com ouro ou prata, mas sim com trabalho, que primeiramente foi comerciada toda a riqueza do mundo; e o seu valor para aqueles que a possuem e que pretendem trocá-la por quaisquer produtos é precisamente igual à quantidade de trabalho que lhes permite adquirir poder de compra". (194) Seguiu-se a livre concorrência inclusive para a usura. Foi quando T.R. Malthus se interessou pelo problema da renda e o crescimento das populações. Ficou famosa sua teoria que diz que a produção dos alimentos cresce em progressão aritmética, ao tempo em que as populações crescem em progressão geométrica. E aconselhava limitar os nascimentos. Como que respondendo a essa acertiva o Papa Paulo VI, ha pouco afirmava que, em vez de diminuir os nascimentos, se aumentassem a produção de alimentos. E as teorias se multiplicam, umas defendendo o operariado, outras achando que os problemas econômicos não são isolados de outros fenômenos da vida social, devendo ser estudados em relação com estes.

Nos dias de hoje, contra o "liberalismo econômico", vai levando tudo de vencida a "economia dirigida", onde o Estado regula, orienta, controla quasi toda atividade econômica do país.

O Missionário da Economia tem símbolos muito expressivos. O machado lembra um instrumento de produção. Sugere-nos os lenhadores do Líbano, que cortaram o cedro necessário à construção do Tabernáculo e, em seguida a construção do Templo. Ha a Mesa Redonda e o Arco Iris. Tudo tem um significado. Os Cavaleiros da Idade Média, que lutavam por ideais generosos, reuniam-se em Mesa Redonda porque entre eles não havia primeiro nem segundo. Todos eram iguais. O Arco Iris simbolisa a bonança, depois de mau tempo.

É esperança dos homens que têm Esperança, que a Economia atingirá a unidade universal, derrubadas as barreiras que levam os povos a competirem entre si, provocando guerras, cuja finalidade é a conquista de mercados, apropriação de riquezas, especialmente as minerais.

O Missionário da Economia assume rígidos compromissos que o obrigam a ser, na medida do possível, fomentador da Agricultura e da Pecuária, propulsor da Indústria e do Comércio, entusiasta do Trabalho e correto cultor da Economia. Deve exaltar

o Trabalho sob todos os aspectos como “dínamo da Civilização e desenvolver esforços para que a Economia em plano mundial, conduza a Humanidade a uma era de Paz e Fraternidade”.(195)

Grau 23 — Missionário da Educação. Educação tem como objetivo amoldar os moços às exigências da vida social, desenvolvendo suas faculdades psíquicas, intelectuais, morais e físicas. Não é só instrução nem o ato de ensinar o indispensável a qualquer função. Ela enfeixa fatores que condicionam a formação do homem dentro de determinada estrutura social. A educação varia segundo as transformações por que passa a sociedade. Antes, tinha por escopo aprimorar determinadas qualidades nos moços das classes dominantes. Nessa época, os escravos e os servos só recebiam ensinamentos úteis e do agrado dos escravocratas e senhores feudais, respectivamente. Os romanos só permitiam o ensino da música e da dança aos escravos porque isso os divertia. Em tempos anteriores os pais eram reponsáveis pela educação dos filhos. Depois tal poder foi transferido a outrem, donde surgiu o ofício de mestre. Antes ela era ministrada em casa, depois foi levada para outros lugares, as escolas. Mais tarde passou a ser responsabilidade do Estado. A educação infantil era tarefa obrigatória das mães até os 7 anos, quando os meninos eram enviados à escola. Isso proporcionou situação importante à mulher na sociedade, quasi igualando-a ao chefe da família.

Os gregos,entre outros povos, não se preocupavam com a educação das meninas porque julgavam a mulher um ser inferior. Já em Esparta o Estado cuidava delas com grande carinho porque queria que, na oportunidade, fossem mães de soldados fortes e valorosos. Os romanos recebiam uma educação puramente familiar e prática. Nada de erudição.

Diz-se que as escolas públicas surgiram em Roma lá pelo século V, A.C. Nessa altura, as meninas que tiveram sua educação iniciada em casa, já se equiparavam aos meninos. Na Idade Média a escola passou para o domínio dos padres que, unindo os poderes da Religião ao do Estado Feudal, como que paralizaram a educação, alterando profundamente o sistema que antigamente era praticado, Esses padres, tidos como os donos da cultura da época, porque só eles tinham acesso aos altos estudos, feitos tradutores e copistas, eliminaram do acervo cultural que o mundo já conquistara, tudo que julgavam incompatível com os interesses da Igreja e do Estado. Muito mais tarde, ela mesma resolveu mudar de atitude, permitindo que os leigos tivessem educação menos rudimentar. Surgiram então os mestres libertos da autoridade eclesiástica. Vieram

depois as Universidades e a intervenção do Estado no ensino. O reexame da herança cultural e o retorno às fontes da cultura antiga só foi possível na Renascença. Aí os humanistas estabeleceram que a educação física é parte inseparável da educação geral. Foi quando o poeta romano Cécimo Júnio Juvenal em suas Sátiras, com grande sabedoria, deu este preceito que, até hoje, é seguido e respeitado: — **MENS SANA IN CORPORE SINO** — mente sã em corpo são. (195)

Depois de várias mudanças na sistemática do ensino os Estados germânicos criaram a escola pública. Foram mais adiante. Em 1619, uma legislação de Weimar determinou — pela primeira vez na História — que todas as crianças cujas idades fossem de 6 aos 12 anos, eram obrigadas a frequentar a escola, dando um golpe de morte em todos os preconceitos.

As teorias sobre o ensino foram se modificando à proporção que outras surgiam. Foi uma evolução lenta mas constante. Depois apareceu o escritor e educador suíço João Henrique Pestalozzi com sua esplêndida teoria — que até hoje é válida — onde a personalidade da criança merece todo respeito. É a educação intuitiva. Os sistemas pedagógicos variam pelo mundo a fora, segundo as condições de cada país e segundo o momento histórico que vive cada um.

O Supremo Arquiteto do Universo ilumine o Missionário da Educação que tem imensa responsabilidade na formação do Homem Social.

Grau 24 — Missionário da Organização Social. — A multitude de problemas oriundos da revolução industrial e o aumento impressionante da população mundial podem explicar historicamente a Questão Social. Mas ela não é de nossa época porque sempre existiu de uma ou de outra forma. O trabalho escravo ainda não foi extinto. No antigo mundo civilizado, como na Grecia e em Roma, o homem se não era livre, era escravo. A Revolução Francesa de 1789 adotou a bandeira da Liberdade, Igualdade, Fraternidade, que é a nossa bandeira, mas cuidou apenas da liberdade política. O trabalhador não podia sonhar com a melhoria de suas condições de trabalho. A revolução industrial de 1760, foi a maior responsável pela divisão do homem em classes distintas, cada vez mais distanciadas umas das outras. Não se põe em dúvida o valor da máquina no desenvolvimento da humanidade. Não se pode, entretanto, negar que ela contribuiu enormemente para que a vida do trabalhador não fosse melhor. Hoje vivemos sob o império da

desigualdade, com ricos de um lado e pobres do outros, com países desenvolvidos e povos subdesenvolvidos. Todos se propõem a resolver a Questão Social. Veiu o capitalismo liberal "que, proclamando a LIBERDADE absoluta, esmagou a IGUALDADE essencial dos homens". Em seguida o comunismo chegou e "esmagou a LIBERDADE, apregoando uma IGUALDADE que despersonaliza os homens sob o poder absoluto do Estado". (197) A Fraternidade humana não existe. A quantidade imensa de dinheiro na posse de poucos, os salários de fome, o desemprego, o trabalho por vezes aviltante, são algumas das causas de ordem econômica que provocam a questão social. O desequilíbrio cultural e econômico caracterizam também esse problema. Uns tem tudo de bom, outros não têm nada, uns se alimentam bem, outros fingem que comem, uns moram, outros se aglomeram em infectas favelas, quando não se "escondem" debaixo das pontes ou sob os beirais da opulência e da ganância. Na distribuição de terras, uns são latifundiários, outros mourejam pelo latifúndio inútil, ávidos por um pedaço de chão para dar trabalho a seus braços ociosos e comida a seu estômago vazio. Ou aqueles párias quasi famintos da Amazônia que, perdidos na escuridão das noites dos seringais extensos, colhem o latex, expostos à ferocidade dos animais esfaimados, à vingança dos indígenas desalojados de suas tabas e alumizados apenas por uma rudimentar lamparina de luz bruxuleante amarrada no alto de suas cabeças já sem ideal. O analfabetismo campeia solto na maioria dos países, enquanto apenas em uns poucos foi desarraigado. E o que é pior, a população cresce em relação à produção, da maneira que ficou dito no Missionário da Economia. O Missionário da Organização Social tem que lutar para resolver problema tão crucial, repondo em seus lugares a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e fazendo que elas produzam o que proclamam.

Grau 25 — Missionário da Justiça Social. O homem é um ser gregário ou, seja, nasceu para viver em sociedade, não só por destino mas por necessidade de realizar o bem geral. A finalidade da Justiça Social é fazer que todos lutem pelo bem comum e não só cuidar de sua pessoa e de seus interesses. O homem, para conquistar seus direitos, cumprir seus deveres — porque o direito obviamente cria deveres — necessita de liberdade social, viver em paz num clima de confiança e segurança. Nós maçons queremos um mundo mais justo e mais tolerante. A Justiça Social deve fazer que o Estado proporcione o bem estar geral e defenda os direitos de todos. Ela deve evitar que o trabalhador seja espoliado, escravizado pelo patrão e que este não menospreze a dignidade humana

É dever da Justiça Social exigir que o assalariado ganhe salário justo. Ele necessita de uma casa para morar com sua família, de educação para seus filhos, de quem cuide de sua saúde, ajude-o no desemprego e lhe dê amparo digno ao atingir uma idade provecta. Se ele tiver velhice sadia, a Justiça Social não deve jogá-lo a um canto como coisa inútil e sim, lhe dar oportunidade para provar que é velho mas não é um traste sem valia. Em contrapartida, o trabalhador, cercado de tantos direitos, tem deveres sérios a cumprir. O Missionário do Grau 25 tudo deve fazer para que a Justiça Social exista efetivamente para todos, sem distinção. Esforce-se para que haja liberdade de trabalho, de opinião, para que haja o direito de propriedade num mundo mais justo e que os direitos humanos — tratado cheio de boas intenções — na realidade não seja um mito sem sentido. A liberdade de opinião, a liberdade de expressão são essenciais no desenvolvimento da sociedade. Sem o direito de falar, nada acontecerá. Para que exista Liberdade urge que se tenha a sagrada liberdade de falar nela. Se tal coisa fôr impossível, se esse direito não fôr exercitado, todas as outras liberdades desaparecerão. E o silêncio tumular não é próprio dos seres vivos.

Grau 26 — Missionário da Paz. Paz é harmonia, tranquilidade interior e entre as criaturas. Como santo Agostinho, queremos a paz, mas “a paz tranquila, paz de sábado que não entardece”. Ele queria como nós a paz, “a tranquilidade da ordem”. (198) Um espírito guerreiro sobrevôa o mundo apavorando os amantes da Paz. O SI VIS PAGEM, PARA BELLUM — se queres a paz, prepara-te para a guerra — não interessa aos pacifistas porque essa paz é inquietude dos espíritos, é angústia. A Paz só é real quando existe justiça e liberdade. Para ser permanente é preciso haver solidariedade entre os homens, não existir tanta miséria, foco de revolta. É necessário que não haja ganância, foco das guerras. Urge que sejam respeitados os direitos humanos. Sabedor dessa dificuldade, o Ir.: Benito Juárez afirmava que tudo faria para “consolidar a paz neste Estado, fonte de onde emana a felicidade pública”. Dizia também que o respeito ao direito alheio é a paz”. (199) É preciso que os ricos não sejam tão ricos e os pobres menos miseráveis. A Paz não deve ser uma ficção poética e, sim, uma realidade palpável, real. A Paz deve reinar entre os amigos, no ambiente de trabalho, especialmente dentro da família, entre povos e nações.

Na Mitologia greco-romana a Paz era uma divindade alegórica, filha de Jupiter e Têmis. Sua expressão era de bondade e ternura. Numa das mãos apresentava um ramo de oliveira. A seus pés

descansava uma cornucópia, símbolo da abundância. Via-se nela a personificação da paz civil e a paz entre os povos. Todo simbolismo da Paz é lindo. O Grande Livro nos diz que Noé soltou uma pomba branca e quando voltou trazia no bico um ramo de oliveira, indicando que a Paz, após o dilúvio, voltara sobre a Terra. Quando Jesus nasceu, o anjo apareceu com uma multidão dos exércitos celestiais e, louvando a Deus, disse: - "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens". (200) Jesus pregou a Paz. Nós maçons, queremos a "Paz absoluta. Testemunho do dever cumprido. Através do amor, do sofrimento e da abnegação, conseguiremos Paz para nos enlevamos e elevarmos até o Supremo Arquiteto do Universo". (201)

Grau 27 — Missionário da Arte. Para fixar a correspondência simbólica desse Grau no Rito Brasileiro quase nada se apurou. Usa-se o fato do Missionário da Paz ser libertado das cordas que o amarram, provando desse modo a diferença existente entre o homem livre e o homem escravo. Ha várias modalidades de Arte. Ha a Arte da Palavra que é a retórica. Arte oratória. Arte plástica é Escultura, e Arquitetura que se esforçam por reproduzir formas e cores de objetos da Natureza, da própria Natureza ou criar novas cores e novas formas numa estética agradável. A música é poesia representada na melodia dos sons, a poesia é música interpretada pela doçura das palavras, a dança é música pela suavidade dos movimentos e é poesia pelos poemas que sugere à sensibilidade do artista.

Não é de hoje que o homem vem tentando definir a Arte. Enquanto Platão dizia que a Arte seria a sublimação da verdade, seu discípulo amado Aristóteles sugeria que a Arte é Libertação. Dizia também que a "Arte é a alegria dos homens livres". Nem sempre quem realiza se liberta daquilo que o presiona internamente e luta por ser expresso. Outros definem a Arte como sendo a Natureza. Oscar Wilde, num de seus paradoxos, disse que a Natureza copia a Arte. Fora da Natureza não ha Arte, mesmo aperfeiçoada. Emilio Zola achava que a Arte é a Natureza vista através de um temperamento. Zola não estará com a razão? O que parece mais real é a Arte procurar imitar a Natureza nas formas citadas acima. Nessas modalidades por vezes parece que o artista não só copia a Natureza, mas a sublima através de seu estado da alma. Isto são divagações... Para o Rito Brasileiro "a Arte é livre, nobre e gloriosa. Não admite escravizações. O artista nasce artista e trás consigo a sensibilidade da percepção e a originalidade criadora. Por isso se define a Arte como uma livre atividade espiritual, criadora de beleza". (202)

Grau 28 — Missionário da Ciência. Na antiga Maçonaria o principal objetivo era fazer dela uma escola de ciência onde a Natureza seria interpretada e suas leis pesquisadas, tudo em busca da Verdade. Esse era o pensamento de Pernety, criador do Gr.:

Sua vida teve lances emocionantes. Antonio José Penety, francês, foi beneditino, escritor ascético, alquimista, literato e gostava de viagens. É considerado um dos grandes inovadores maçônicos. Muito moço, entrou para a congregação dos Beneditinos de S. Mauro. Pouco tempo depois, enviaram-no para a abadia de S. Germain-des-Pres onde existia magnífica biblioteca que guardava documentos e livros raríssimos. Ledor apaixonado, aprofundou-se nos estudos de sua preferência. De volta de uma viagem às ilhas Malvinas, juntou-se a 27 eclesiásticos e tentaram reformar sua Ordem. Fracassaram no intento. Desgostoso, suspendeu os hábitos sem renunciar ao catolicismo. Nesse ínterim, aceitou o oferecimento de Frederico II, da Prússia, que o nomeou conservador da Biblioteca de Berlim, acadêmico e deu-lhe a abadia de Burgell (Turingia).

O curioso do episódio é que ele foi nomeado por engano. O rei nomeara, em realidade, o tio de Pernety que, por coincidência era também sacerdote, historiógrafo de Lyon, eminente literato. Publicou várias obras de notáveis sucessos na época, entre elas as "Cartas sobre as fisionomias" que, traduzidas, alcançaram grande sucesso na Alemanha. Desejando o rei ter a seu lado personalidade tão eminente, fez as nomeações acima. Por força de um engano que a História não explica, quem recebeu o convite foi realmente um sacerdote Pernety, mas o Antonio José o sobrinho e não o Pernety tio. Aceitando o convite, sem dúvida, certo de que era ele a pessoa visada, imediatamente tomou posse dos lugares, para sua alegria e do rei. Não demorou muito tempo e Frederico II veio a saber do engano havido. Cortezmente cumulou o filósofo de gentilezas, tratou-o com toda benevolência e premiou-o com benefícios. Tudo ia bem para ambos quando o rei soube que Pernety mudara de conduta, convertendo-se em adepto de Swedenborg. Este suéco era filósofo, grande vidente, místico, teósofo, homem de imensa cultura. Depois de publicar várias obras científicas, psicológicas, iniciou-se na Maçonaria e, após longas e cansativas pesquisas, concluiu que os mistérios maçônicos eram originários do Egito, da Grécia e dos judeus. Criou, em 1721, um Rito que trás seu nome. Propunha-se a provar a imortalidade da alma e a constituição dos graus de seu Rito tinha por base o Gênesis. Do Rito de Swedenborg surgiram outros Ritos, entre eles o Iluminados de Avignon, de Pernety.

Indignado, Frederico retirou toda sua proteção e favores de que o ex-monge, gosava na Prússia. Em 1783, regressou a Paris. Ali não teve sossego devido à maledicência dos frades, inclusive do arcebispo que não o perdoavam haver permanecido ao lado de um príncipe herético. Incrivelmente hostilizado, abandonou Paris agressivo e foi recolher-se em Valence del Delfinado, em casa de um seu irmão, diretor de uma exploração agrícola. Dali se dirigiu para Avignon e se entregou totalmente ao estudo das questões teológicas e doutrinas herméticas, muito em voga na época. O sistema maçônico religioso que Manoel Swedenborg expôs no livro "A Jerusalém celestial ou o mundo espiritual" fora, segundo ele, ditado por anjos que lhe apareciam em várias épocas, para esse fim. Esse trabalho levou Pernety a estudar e investigar os mistérios da Maçonaria a que pertencia. Como Swedenborg, admitiu os princípios de que as doutrinas da Instituição procediam dos egípcios, persas, gregos e judeus. Convencido disso, juntou-se ao conde de Gradianca, seu amigo e crearam, em 1766, uma seita maçônica-teosófica-hermética com o nome de "Iluminados de Avignon", conseguindo, em pouco tempo, reunir uma centena de adeptos que se reuniam secretamente numa casa de campo. Nessa época criou o Grau de "Cavaleiro do Sol", que logo foi dividido em dois, que são os atuais Graus 27 e 28 do Rito Escocês Antigo e Aceito. Dizem que ele criou também os Graus "Cavaleiro do Iris e Verdadeiro Maçom do Caminho Reto".

O Rito de Pernety sofreu várias modificações. Em 1770, ele mesmo ajudou a criar nova Maçonaria que tinha por objetivo ensinar por meio de símbolos a arte da transformação dos metais, a composição da pedra filosofal e o elixir da longa vida. Veiu a Revolução e Pernety foi preso. Posto em liberdade, dedicou-se a Alquimia e às mais profundas investigações em busca da quimérica pedra filosofal e do elixir da longa vida. Um de seus biógrafos disse que Pernety "era homem muito instruído, mas carecia de todo espírito de crítica. Doce, benévolo, afável e complacente, de trato simples e ameno se fazia amar por quantos travavam relações com ele". Escreveu várias obras e, nascido em 1716, faleceu em 1801. (203)

Grau 29. — Missionário da Religião. E a crença na existência de um ser supremo, de uma divindade. Sem dúvida, é tema difícil de se abordar porque varia segundo o indivíduo que dele se ocupa. Ha dois campos diferentes, duas concepções em conflito sobre religião. Num a divindade é essência objetiva, noutra a religião é como que um aspecto da vida do homem. Ha quem diga que a religião não é mais do que uma ilusão creada pelo homem. Entre-

tanto todas têm uma base comum em seus princípios morais filosóficos e místicos. Quasi todas resultam da crença da existência de um Deus. No entanto o budismo e outras filosofias religiosas não o têm. Em geral se crê que não ha religião sem a dualidade dos mundos, embora se saiba que ha outras que isso não admitem. A Sociologia procura saber se a religião se baseia no indivíduo ou na coletividade. Tem-se, não obstante, a convicção de que ela é um fenômeno que ocorre entre todos os povos, como o culto a uma força sobrenatural, indescritível. Outros afirmam que a religião nasceu do medo às forças desconhecidas e inexplicáveis. O homem em geral, tem medo da morte e dos mortos. Acreditando vagamente que existe outra vida, não sabe como é ela e teme-a.

O homem primitivo cria na alma e não duvidava que cada um de nós a tem, como todas as coisas, vegetais e animais outros. Era muito respeitado o caráter sexual dos deuses primitivos. O touro, a serpente, o bode eram venerados porque simbolizavam o poder divino da reprodução. Neste Grau 29 "o touro negro em campo de ouro é o Princípio Gerador, conceito puramente religioso". (204) TOTEM era o nome que certas tribos indígenas davam ao animal objeto de sua adoração. O simbolismo cristão deu qualidades divinas à pomba, ao peixe e ao cordeiro. No Rito Brasileiro o "Cordeiro Imaculado (é o neófito)" (205) Com o passar dos séculos o homem começou a adorar deuses que tivessem figura humana. Mas no princípio eram sempre crueis, cheios de ódio. Depois deixaram de ser maus para se transformarem em deuses compreensivos, piedosos. Era o Deus Pai a quem todos recorrem no instante do desespero. Depois de tantos séculos de teorias, de filosofia, tem-se a impressão de que o conceito de Divindade é um só. Já dizia S. Paulo em sua epístola aos Romanos:—"Porque na verdade não ha senão um Deus, que justifica pela fé"... (206) "...são as mesmas as suas verdades esotéricas, que não raro aparecem desfiguradas em seus cultos exotéricos. Seus imortais fundadores foram todos Mensageiros da Verdade única, que deram à humanidade seu evangelho da União e Fraternidade, para que através do Amor as almas se RELIGUEM entre si ao Deus Supremo". (207)

A denominação de Missionário da Religião é "adequada em vista os subsidios da Maçonaria tradicional;- A Jerusalém Celeste — A liturgia do Grau é predominantemente joanita (derivada de São João Evangelista), isto é, cristã-gnóstica e neo-platônica — A Árvore dos 12 frutos, numa alusão mais aos Apóstolos de Cristo do que ao Zodíaco — O Cordeiro Imaculado (é o neófito) — O touro negro em campo de ouro é o Princípio Gerador, conceito

puramente religioso — Nas Questões de Ordem, os Cavaleiros vêm da Terra Santa e querem reedificar as Igrejas”.(208)

Grau 30 — Missionário da Filosofia. É o Kadosch Filosófico. A Maçonaria é fascinante na complexidade de seus Graus. A proporção que se vai lentamente conquistando-os, estasiamo-nos com a beleza de seus ensinamentos e sentimos que uma responsabilidade vai num crescendo entusiasmante, alentador. Recebendo-o, chegamos à cúpula dos Graus culturais do Rito. Devemos estar preparados para adquirir o superior espírito filosófico, numa compreensão da Vida, da Sociedade e do Universo pelo entendimento dos princípios e das Causas porque, do Gr.: 19 ao Gra.: 29, passamos por todos os departamentos da atividade e da cultura humanas.

Kadosch, no conceito israelita, traduz-se por “purificado”, “consagrado” e importa em imensa responsabilidade. No Rito Brasileiro ele foi atualizado e deve orientar o homem moderno no sentido da compreensão da fraternidade universal. Neste nosso Rito a alta missão do Kadosch Filosófico é combater, sem esmorecimento, a incultura, o atraso e o erro. Em tempos passados, o Grau de Kadosch tinha variada interpretação e diversas classes. Contam-se entre elas a das Cruzadas, Israelita ou dos Hebreus, do Cristão Primitivo, dos Templários, de Cromwell, Jesuíta, Escocês e Filosófico, todos em conflito com o generoso espírito da Maçonaria. O que dominava era a idéia inferior da vingança a qualquer preço, contera o Trôno e a Igreja Romana pelo martírio impiedoso de Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários.

Jacques de Molay foi um dos heróis das guerras da Palestina e tido como defensor dos peregrinos que iam a Jerusalém. Em 1298, se viu eleito Grão-Mestre da Ordem do Templo, militar e religiosa. Seria seu derradeiro Grão-Mestre, isso porque a cubiça dominava as almas de Felipe, o Belo e do Papa Clemente V. assim, um dia, esse Sumo Pontífice chamou-o a Poitiers, na França, sob pretexto de discutirem planos para nova Cruzada. Confiante, para lá partiu e, quando chegou, para surpresa sua, foi preso e encarcerado juntamente com todos os templários de França. Essa cilada ocorreu em 1306. Negando a confissão que fizera debaixo de torturas inumanas, foi fácil à Santa Inquisição, a 18 de março de 1314, declará-lo herege e queimá-lo vivo em companhia de seus Irmãos.

No instante do suplício, que ocorreu na ponte da ilha dos Judeus, próximo ao Palácio da Justiça, em Paris, deu-se um fato

impressionante. Quando as labaredas lambiam famintas o corpo de Molay para a destruição implacável, inexorável, este, tal um oráculo, numa premonição estarrecedora, gritou para que todos ouvissem: O Papa e o rei, naquele ano de 1314, compareceriam com ele perante o Tribunal Divino. Aquela voz nascida na dor e no desespero fora ouvida. Clemente V, a 14 de abril, um mês depois, morria subitamente, aos 50 anos de idade. Felipe o Belo, na pujança de seus 46 anos, morreu não se sabe de que, a 29 de novembro. A imprecação atirada do alto dos 71 anos de idade de Molay fora inteiramente cumprida.

Por que tanta barbaridade? Rei e Papa estavam macomunados para a rapina, para o assalto à propriedade alheia. Os Templários possuíam bens e era necessário confiscá-los. O Templo, como era chamado o castelo dos Templários em Paris e construído em 1212, destruída a Ordem, ficou para os Hospitaleiros de S. João de Jerusalém, subalternos do rei. A torre do Templo, mais tarde, teve o triste destino de prisão e entre seus encarcerados conta-se Luis XIV. Em 1319, foi instituída em Portugal a Ordem de Cristo com a finalidade de receber os bens dos Templários existentes em Paris.

Para vingar a morte de Jacques de Molay era que todos lutavam contra a Igreja de Roma e o Trôno. Entretanto o espírito da Maçonaria é generoso, tolerante, especialmente o Rito Brasileiro que ofereceu aos Altos Graus, do 4 ao 33, nomenclatura de acordo com as enormes conquistas dos dias que passam. Na atualidade, a elevada e real missão dos possuidores do Grau 30, Kadosch Filosófico ou Missionário da Filosofia é combater, lutar com todas as forças o atraso, a incultura e o erro. O Rito Brasileiro mudou radicalmente a filosofia do Cavaleiro Kadosch. Não é mais o Templário vingativo, sanguinário dos tempos anteriores, embora acatando a lenda tradicional e veneranda. Em nosso Rito a missão do portador do Gr.: 30 é altaneira, belíssima. Ele é o arauto da verdade.

O Irmão iniciando sobe a Escada Mística e deve sentir o mundo de ensinamentos, as qualidades morais e culturais que ela representa. Vai subindo, não como subiria a escada simples do sonho de Jacó, que tocava o céu, com anjos de Deus subindo e descendo e tendo o Senhor lá no topo renovando a promessa das bênçãos do pacto feito com Abrão. A nossa não é tão bela nem tão longa, mas não temos menos virtudes. É de um simbolismo fascinante. A subida é o lado moral e a descida é o lado cultural. Sua conjugação representa a unidade da Maçonaria. No lanço da

direita, na subida, está a inscrição: DEUS AMANS — amor de Deus. No da esquerda, a descida, lê-se: PROPINQUUN AMANS — amor ao próximo. Sobe e, cheio de encantamento, encontra o símbolo da Paciência, da Discrição, da Resignação, que é o boi. Mais um degrau e lá estão a Lealdade, a Franqueza, a Fortaleza. Mais outro e está diante da Justiça ou Retidão, que também é Coragem e Verdade. Outro mais e defronta-se com a Doçura, que é a Tolerância. “A tranquilidade é o apanágio dos fortes”. (209) No degrau seguinte, foi visto conselho de que a Prudência deve estar no meio das viscissitudes. Ela é também Temperança e Proibidade. No 6.º degrau diz que a fé é Constância e Perseverança e lembra qu a Fé para o Kadosch, se firma na Verdade. E o LABOR MAGNUS está brilhante lá no topo. É a obra magna, é o homem livre, igual e fraterno em sua grandeza moral. Os degraus que se sobe são o símbolo da parte moral de nossos trabalhos. Depois desce-se perlustrando a parte cultural do Grande Conselho. São as 7 ciências que o Irmão Augusto Comte classificou em ordem de complexidade crescente e generalidade decrescente. Lá está a Matemática cujo objetivo é a medida e as propriedades das grandezas. É a ciência básica. Depois vem a Astronomia, a ciência dos astros, a ciência do Universo visível ou nosso mundo sideral. Mais um degrau e encontra-se a Física com sua evolução assombrosa. É a constante transformação do mundo. Em seguida vem a química que estuda os corpos simples e compostos e sua combinação sob inúmeras influências, sendo a principal a afinidade. É o imenso suporte da indústria. O físico, o químico e o matemático são os principais responsáveis pela era fantástica da História da Civilização. No 5.º degrau está a Biologia, que estuda os seres vivos e os fenômenos que neles se processam, tentando desvendar os mistérios da vida. Com ela estão a Antropologia, a Zoologia, a Botânica, a Virologia, a Microbiologia. Logo acima surge a Sociologia que vê o homem em sua convivência entre seus iguais. Por fim a Moral que ensina ao homem a realização de seu destino, a alcançar, pelo exercício de sua liberdade, a purificação de sua natureza.

Como vimos, no topo e na base dessas escadas que se conjugam como linhas convergentes, encontramos a perfeição moral.

Diante do Mausoléu dos Mártires o Ir.: iniciando faz votos no sentido de lutar contra a ambição e a hipocrisia, repelir a opressão e a tirania, qualquer que seja sua apresentação, trabalhar pela fraternidade humana, certo de que tudo de bom que a Civilização tem, cabe a todos os homens, defender os Direitos do Ho-

mem, especialmente sua Liberdade, o maior dos bens. Ele deve saber cumprir e honrar esses quatro Votos em todos os dias de sua vida.

Mas ainda não se chegou ao fim da estrada que, daqui para diante é mais ampla, mais clara, mais bela e gloriosa. Com um pouco de abnegação e estudo chega-se ao ápice mas não no fim. A Maçonaria é vasta, complexa, fascinante, exigente. Para aprender a senti-la, urge continuar estudando-a nm esforço para que ela viva cada vez mais dentro de cada um.

Por maiores que sejamos dentro dela, nunca deixaremos de ser seus eternos e humildes aprendizes.

ALTOS COLÉGIOS

Os Altos Colégios regem e administram os Graus Cívicos (31 e 32). São Graus de cultura cívica.

Grau 31 — Guardiã do Bem Público (Grau de iniciação)

Grau 32 — Guardiã do Civismo (Grau de iniciação)

Grau 31 — Guardiã do Bem Público. Amanhece. O sol, erguendo-se no Horizonte, difunde generosa e abundantemente a luz que cria a vida. É hora em que o Excelso Alto Colégio abre seus trabalhos e recebe os Missionários da Filosofia ou Cavaleiros Kadosch Filosóficos, Gr.: 30 para sua elevação ao Grau 31, Guardiões do Bem Público. Sua finalidade primordial é a defesa do Bem Público e não dar tréguas aos traidores e inimigos da ordem e do progresso. Ha traidores por toda parte, ao longo da História das sociedades humanas. Na Maçonaria os dois traidores são precisamente o papa Clemente V e o rei Felipe, o Belo, matadores de Jacques de Molay, o derradeiro Grão-Mestre dos Templários.

“Quem nasce tem direito a ser feliz”, ensina velho adágio. E para que a vida seja possível a todos, aí está o Guardiã do Bem Público. Para desempenhar tal compromisso, basta que se inspire nos ornamentos e símbolos do Grau ou seja, no Decálogo, que é o severo Código de nossa Moral, nas colunas J, da Justiça e E, da Equidade, no Corvo, símbolo da inteligência e da prudência e no Painel do Gr.:, que representa o julgamento de nossos atos. Este Guardiã é estimulado pelas cores da nossa Câmara onde o branco é o símbolo da inteireza de nossas ações e o vermelho, no Código da Cavalaria, diz que seu portador se obriga a socorrer as vítimas da opressão e da injustiça.

A missão que o Guardiã do Bem Público tem a cumprir é nobre e grandiosa. O bem público é a reunião de condições que dão oportunidade aos membros de uma comunidade de alcançar nível de vida de acordo com a dignidade da pessoa humana, de

um modo geral. Sem discriminação. Todo homem tem direito ao trabalho e à remuneração que permita satisfazer suas necessidades mínimas e de sua família. O homem gosa de direitos mas se obriga a deveres cívicos, morais e sociais. Ele deve prestar à Nação serviços que o bem comum exige. "O Guardião do Bem Público é contra a pirâmide social, quando esta se alarga, cada vez mais, na base e se reduz no vértice: os pobres cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos, porque um elementar objetivo maçônico é tornar os pobres menos pobres". (210) O titular deste Grau está integrado no esforço da Nação, senhor de seus problemas e fiel de seus interesses.

Não só no lar e na escola deve ser iniciada a formação da cultura cívica, mas também na vivência de ambiente sadio. Para a boa convivência entre pessoas são necessárias a lealdade, a tolerância, a cooperação e a solidariedade. Isso se aprende e se executa na escola, onde a criança começa a saber zelar, poupar, desde o material escolar até o próprio prédio. Se a criança participa do processo educativo na escola, aceita sem objeções o regulamento disciplinar e o cumpre sem constrangimento. Mais tarde, acatará as leis do País com a mesma compreensão. Na escola aprende a conviver e trabalhar em grupo e se habitua a receber a vitória e a derrota como ocorrências naturais na vida do indivíduo. A escola deve dar condições para que a criança cresça num ambiente de DAR e RECEBER. Quando adulta, terá consciência dos Direitos e Deveres, base da cidadania. O Guardião do Bem Público deve saber que a Nação é um agrupamento de homens morando no mesmo território — País — unidos por tradições, língua, origem, interesses e aspirações comuns, submetidos ao mesmo Governo e as mesmas leis. O Estado é a Nação organizada politicamente, ou seja, é o organismo político-administrativo que, como Nação Soberana, ocupa um território e se constitui pessoa jurídica do Direito Público, reconhecida internacionalmente. Tres elementos formam o Estado: Território, Povo e Poder. O Estado se organiza segundo determinados princípios. É seu regime político. Dos vários regimes existentes, sem dúvida, a Democracia é o mais aceitável por ser o Governo exercido pelo povo, ou seja, pela Nação, através de seus representantes eleitos. Os governantes são eleitos pelos governados. Na Democracia, qualquer cidadão qualificado, pelos meios legais, pode elevar-se a presidente da República.

Das coisas mais difíceis de se realizar é o bem-comum. O Estado deve estar sempre vigilante e manter ação permanente e

retilínea. "Os oprimidos atacam em nome da Justiça, os privilegiados se defendem em nome da Ordem". (211) Para haver equilíbrio, paz social é necessário que haja permanente encurtamento da distância social — econômica — entre os homens. A igualdade é impossível. Ela sempre será proporcionada às variações da realidade individual e de grupo. Em todo o tempo haverá Desigualdades, mas não se admitem as que provém da Justiça. O Estado para dar ao cidadão o bem comum tem que se apoiar na Segurança e no Desenvolvimento. Nosso Irmão Auguste Comte dizia que, para o Positivismo "a ordem constitui sem cessar a condição fundamental do progresso e, reciprocamente, o progresso vem a ser a meta necessária da ordem". Pensando no "ente imenso e eterno, a humanidade", nasceu a "fórmula sagrada do positivismo: Amor por princípios, a Ordem por base e o Progresso por fim". (212) Donde o dístico — Ordem e Progresso — de nossa bandeira. O Estado como administrador dos interesses da coletividade deve manter a Ordem e a Liberdade. Para o Guardião do Bem Público, a Ordem é indispensável à vida social. O Estado não subsiste na desordem. O Guardião do Bem Público não deve poupar sacrifício no sentido de manter a estabilidade da concórdia social, usando os meios a seu alcance. A Autoridade é a Ordem e esta não dispensa a Liberdade. Liberdade sem Ordem, Ordem sem Liberdade nada valem.

A Segurança conserva os valores tradicionais e cria objetivos de conservação, equilíbrio e ordem. O Desenvolvimento atualiza, renova, inova e cria valores de engrandecimento, aprimoramento e progresso da Nação e de cada indivíduo. O Estado democrático não é determinado número de homens nem um homem e, sim, a Nação governando-se segundo a Constituição que votou. O Poder só é legítimo quando representa a vontade do povo. E essa vontade vem no voto direto ou sufrágio universal ou no voto indireto. O voto dos analfabetos é inexequível porque quem vota, deve ter discernimento. Voto de analfabeto será uma renovação que deteriorará a beleza da Democracia. O Governo deve estar dentro da Lei, nunca acima dela. Quando o Estado não representa a vontade da Nação, aí já é Ditadura, que é um regime fora da Lei. O Poder do Estado nas Democracias é dividido em Executivo, Legislativo e Judiciário que funcionam harmônica e independentemente um do outro. O Poder Nacional, que é um só, é representado pelas forças políticas, econômicas, estruturas sociais e organização militar. A opinião pública "é o lastro geral do poder Nacional". A Justiça na Democracia deve ser eficiente, rápida, estar ao alcance de todos e de posse de seus poderes para que os fracos se pro-

tenham contra os poderosos e que todos estejam a salvo da prepotência do Governo. O Guardião do Bem Público não deve esquecer de que na Loja Complementar do Gr.: 9 lhe foi mostrada a diferença entre o direito positivo e o direito natural. A aplicação cega da Lei não é Justiça. Urge iluminá-la, humanizá-la tendo sempre presente a Equidade.

O Estado democrático serve à Igualdade quando garante a Liberdade. Liberdade e Justiça, em toda vida social digna, são inseparáveis e interdependentes. O Estado, além dos deveres essenciais, arca com as funções administrativa, legislativa, jurisdicional, militar, financeira, diplomática, econômica, educativa e social.

O conceito de Povo na Maçonaria é o nome coletivo dos habitantes de um País, sujeitos às mesmas leis. É a população do Estado, significando nesta acepção, o mesmo que Nação. Nas Democracias é a única fonte legítima do Poder. Povo, no sentido restrito, é a parte mais numerosa, mais pobre e menos ilustrada da população do Estado. Embora a Igualdade não seja possível, nos países civilizados diz-se que todos são iguais perante a lei. Thomaz Jefferson, nosso Irmão, em 1776, já afirmava em “Declaração de Direitos” que “todos os homens são criados iguais” e “foram dotados pelo criador com certos direitos inalienáveis; que entre esses direitos se encontram a vida, a liberdade e a procura da felicidade”. (213) Democracia é o Governo do povo, pelo povo e para o povo. Fóra daí é Totalitarismo, Ditadura.

Sempre houve nações ricas e nações pobres. As nações ricas, embora em pequeno número, dominam — poder das minorias — a maior parte da riqueza mundial. O Guardião do Bem Público que vive em nações ricas, tem o dever de lutar, o quanto lhe for possível, para que seu País colabore sem segundas intenções, no sentido de que aqueles que buscam o progresso, deixem de ser miseráveis. O que atuar em nação pobre deve lutar sem descanso no combate à ignorância, à fome, à doença, à instabilidade política, à crise moral e tentar abordar com seriedade o complexo e difícil problema da explosão demográfica e a miséria que é decorrência de tudo isso. Desgraçadamente é verdadeiro o provérbio que diz que é muito difícil ser-se virtuoso na miséria... O Guardião do Bem Público, em sendo um elemento de honradez, deve ser exemplo de trabalho, em qualquer circunstância e onde quer que esteja. No País pobre o Guardião tem o dever de evitar que a produção seja expoliada, subtraída ou extorquida por organizações estrangeiras que a transportam ao exterior para o enrique-

cimento dos ricos. No País pobre, criar riqueza nacional para seu usufruto, é um imperativo incontestável. "Só se pode dividir a riqueza, não a miséria".

Feita esta explanação sucinta sobre a missão do titular do Grau.: 31, só nos resta acrescentar que a Regra dos Guardiões do Bem Público, que jamais deve ser esquecida é: NÃO ESMORECER PARA NÃO DESMERECEER.

Grau 32 — Guardião do Civismo. Para desempenhar bem sua missão o Guarda do Civismo deve conhecer o patrimônio espiritual e jurídico de seu povo. No Alto Colégio do Rito Brasileiro como outrora na Criação dos Grandes Reformadores, o Maçom recebe 9 lições que são 9 Pontos de Estudo, a saber.

PÁTRIA — Pátria é o país onde nascemos e do qual somos cidadãos. A Pátria é a Nação e o Estado com conteúdo espiritual ou seja, as mesmas lembranças de um passado glorioso, a mesma vontade na construção e as mesmas esperanças no futuro. Gregos e romanos viam, acima de tudo, a Pátria. O exílio dela lhes era pior do que a morte. Nosso Ir.: Ruy Barbosa disse magistralmente: "A Pátria não é ninguém: são todos, e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. A Pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade".(214) Pátria é o prosseguimento histórico do Povo e da Nação. Tal continuidade é permitida pelo perpassar das gerações que transmitem às vindouras seu patrimônio cultural. "Solo Pátrio" não é nada mais do que o espaço geográfico herdado de nossos antepassados que deve ser cada vez mais "enriquecido e humanizado". Possuindo um conteúdo espiritual, tem um culto sem agressão. As culturas nacionais enriquecem a cultura universal. O culto à Pátria são os ideais de Paz, de Justiça Social, de Desenvolvimento.

CIVISMO — Civismo é o comportamento consciente e construtivo do homem dentro de sua comunidade. Desfrutar passivamente dos direitos que a Constituição lhe dá, cumprir seus deveres que a lei estabelece, não basta. O importante é a eterna vigilância, a dedicação à causa pública, é amar a Pátria sem desfalecimento. O comportamento reto do cidadão, o cumprimento de seus deveres, o bom exemplo que dá a seus concidadãos, isto é civismo. Ninguém nasce amando sua Pátria nem conhecendo sua História. Desde a escola primária o cidadão deve aprender a respeitar os símbolos

nacionais, cultuar seus heróis, sábios e mártires. Iniciando o ensino no lar e na escola primária, ele se projeta por toda a vida, em todas as ocasiões, onde quer que esteja, na Maçonaria e fora dela. Para o Guardião do Civismo a Pátria é una, indivisível e forte. Não ha diferenças individuais nem na cor da pele nem no credo que crê, nem na política que aceita. O Guardião do Civismo quer o respeito às tradições e ao seu passado de lutas e acredita absolutamenae no destino glorioso da terra que o viu nascer. Cada povo tem suas características próprias, obrigando o Guardião do Civismo a zelar, preservá-las embora aceite a evolução, certa influência alienígena que não desfigure a conceituação da Pátria. O Civismo quer o respeito aos homens que, lutando todas as lutas, nos deixaram uma Pátria progressista que devemos entregá-la maior aos nossos sucessores.

PATRIOTISMO — É o perene devotamento à Pátria, sem inveja, com desinteresse, constante e sem rivalidades. Saber que existem além, Pátrias maiores, não deve causar inveja ao Patriota e sim, servir de estímulo para que faça a sua mais pujante. O amor à Pátria forma a consciência nacional e concilia a Liberdade com a Autoridade.

Sempre existirão Pátrias, cada qual com sua lingua, seus costumes, sua religião, seu folclore, suas lendas e tradições, etc. Amar a Pátria é admitir a Tradição e a Evolução. Inovar sobre o Passado é "conciliar o-que-foi com o vir-a-ser". O Passado não deve impedir o Progresso, assim como o Progresso não deve destruir o Passado. "Ha fora de cada um de nós, uma Pátria maior ou menor, confinada por seus limetes geográficos, mas ha dentro de nós uma Pátria interior, de sentimentos e virtudes, que devem ser cultivados e apurados, em benefício daquela Pátria exterior". (215)

NACIONALISMO — É uma forma de patriotismo exasperado. Não é um estado permanente. Embora o nacionalismo tenha uma função histórica como na formação da nacionalidade, não é um estado duradouro na sentido emocional.

O nacionalismo surge sempre nos instantes de crise nacional. É quando aparecem os grandes chefes políticos que, às vezes, se transformam em mártires e heróis da Pátria. Quando o opressor é colonizador, explode o espírito nativista. O nacionalismo é sempre um produto de crise nacional. É benéfico quando toma caráter de resistência popular contra os desejos inconfessáveis vindos de fora, sejam econômicos ou políticos. Em qualquer país, rico ou pobre, pode surgir um movimento nacionalista que toma carac-

terísticas de imperialismo, como ocorreu na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, onde a ditadura nacionalista, militarista, expansionista, coletivista — “nada pelo indivíduo, tudo pelo Estado”.

XENOFOBIA — Servindo à Pátria, estamos servindo ao mundo, donde o amor à Pátria não dispensa o amor à Humanidade. O amor à Pátria não obriga necessariamente ao patriota ser xenófobo. Temos que amar o estrangeiro porque sua vinda sempre nos trás sua experiência, que nos pode ser útil. Só não é bem-vindo quando sua atuação nos perturba. O Guardião do Civismo quer que o amor à Pátria preserve os valores nacionais, mas não dispense a colaboração honesta que nos trazem gentes de outras nacionalidades. Acima de tudo devemos cultivar o “espírito de fraternidade”. Urge sermos hospitaleiros no sentido alto da palavra. Na Igreja primitiva a hospitalidade para com os viandantes e estrangeiros era obrigatória. Chamava-se a isto de xenódquia. Era xenódoco o religioso encarregado da hospedagem no convento. O Guardião do Civismo deve ser sempre um xenódoco.

DEMOCRACIA — É o regime político onde, não podendo o povo governar em massa, elege um seu representante para cuidar dessa tarefa difícil. Na Democracia devem coexistir a Liberdade e a Justiça. Ambas são bens de produção. Para o Guardião do Civismo é importante a interdependência entre elas, tanto nos fatos como nas idéias.

Embora no grego democracia é — “demos” = povo e “krato” = poder, e demagogia, também de origem grega e quer dizer: “demos” = povo e “agein” = conduzir, só são semelhantes etimologicamente. Demagogia, hoje, tomou um sentido pejorativo e traduz a habilidade de enganar o povo. Só se livra das manhas e artimanhas do falso líder, o povo politicamente amadurecido. O Ir.: Abraham Lincoln já dizia: “É possível enganar sempre uma pessoa; é possível também enganar uma vez a todos; mas o que é impossível é enganar sempre a todos”. (216) Na Democracia quem governa é a maioria, na pessoa de seus representantes, que são obrigados a respeitar os direitos da minoria. Porque “não existe sociedade sem governo”, já nos ensina Auguste Comte. (217) Fora daí, é a maioria absolutista. A Democracia é a única forma de governo onde o pobre tem possibilidades de chegar ao poder. Sem uma classe média atuante e uma iniciativa privada criadora, a democracia não sobrevive. ... “só a prosperidade do povo é que faz a prosperidade do Governo”, como escrevia nosso Ir.: Hipólito José Pereira da Costa Furtado de Mendonça. (218)

Os elementos fundamentais da democracia são o governo tendo por base o consentimento da maioria e os direitos fundamentais do homem respeitados pelo governo. A democracia é caracterizada por diversas formas, entre elas a que estabelece: quem legisla não executa e quem executa não julga. Os tres poderes são soberanos. A ditadura de qualquer deles não é permitida. Se por ventura existir a quebra dessa harmonia, deve ser transitória. Na Democracia não é permitido o Estado se ocupar de funções comerciais, industriais nem intervir na área econômica. Por vezes tal intervenção é tolerada, mas de modo a que não se transforme em estatização. Democracia e desenvolvimento econômico podem coexistir. Impossível é primeiro desenvolver para depois democratizar. No conceito de Democracia estão implícitos os valores fundamentais da pessoa humana como a liberdade e a igualdade. O acúmulo de riqueza nas mãos de uns poucos dá origem a uma oligarquia político-econômica incompatível com a democracia. A precedência do econômico sobre os direitos humanos, não deve existir na Democracia. Entretanto certos Estados não comunistas a incluíram em seus regimes. Democracia e desenvolvimento é o ideal. A primazia da capitalização sobre a distribuição da riqueza é um erro, assim como a acumulação de capital anteceder a distribuição de seus benefícios. A produção da riqueza deve ser o fruto do trabalho. Não se pode dissociar essa riqueza de sua distribuição. A Democracia quer a distribuição da renda, salário justo, educação, defesa da saúde, amparo à velhice. Democracia é liberalismo político. Tal liberalismo respeita a liberdade. A empresa privada, antes de ser um órgão de desfrute individual da produção, deve ser um órgão social de bem-estar.

O Guardião do Civismo não aceita o regime que se funde somente no social, desrespeitando o indivíduo-pessoa. Quando o Estado intervém no plano econômico e social, é visando o bem-comum. Isso evita que os fortes explorem os fracos. A Democracia exige educação popular, nível educacional geral que é necessário implantar-se, mesmo com sacrifício. A Democracia deve ser vista como o regime que consagra "o maior bem para o maior número". É indispensável o pluripartidarismo ou, na pior das hipóteses, o bipartidarismo. Partido único, só nas ditaduras. Uma sociedade livre se desenvolve com o pluralismo econômico e político.

ESTATIZAÇÃO — A Democracia não admite o controle total da economia pelo Estado. Aceita a intervenção deste, mas em termos. O Estado vem do abstencionismo ao intervencionismo. Urge não sufocar a iniciativa privada, pela iniciativa estatal. A Liber-

dade e o liberalismo econômico são coisas diversas. O Estado pode ficar de posse dos serviços básicos. Isso não ofende a Democracia. Complementar a capacidade criadora da iniciativa privada é função econômica do Estado. Não é democrático o Estado que monopoliza por inteiro a atividade econômica, porque são incompatíveis a economia estatizada com a sociedade politicamente aberta. O Estado que explora abusivamente o trabalho e o capital, cria a servidão humana. Todos os totalitarismos estatizaram e aboliram a propriedade privada dos meios de produção. Não há aí democracia econômica. Todo governo totalitário se apoia na força militar e na tecnocracia que elimina a política. É o reinado da tecnocracia ou da tecnoburocracia que se torna núcleo fechado, decidindo sobre tudo. É a antidemocracia. Na tecnoburocracia só importam os comportamentos, jamais os conceitos. Não tem ideologia própria. No totalitarismo a liberdade não existe. O Estado é o Direito e a Moral e sua autoridade não tem limite. O Guardião do Civismo nunca seria um totalitário.

POLÍTICA — “Em face da Maçonaria, a Política se apresenta em tres faixas: uma de sustentação de ideais, outra permissiva para debates e uma terceira, impeditiva”. “O Maçom tem uma faixa de ação política obrigatória, aquela que o Rito Brasileiro denomina “Política Perene”. (219) A doutrina maçônica exige do Ir.: a aceitação de vários preceitos de ação política. Exemplos: Somos contra o extremismo político e contra o absolutismo religioso. Somos pela liberdade, pela igualdade, pela autodeterminação dos povos, pelo governo representativo. Somos pelo império da lei, pela justiça social, pelo ensino oficial leigo, pela igualdade jurídica do homem e da mulher, pela igualdade de oportunidades a todos os cidadãos. Somos pela separação da Igreja do Estado, pelo exercício livre dos cultos religiosos, pela supremacia do casamento civil, pelos direitos de petição, reunião e associação, pela inviolabilidade do domicílio. O Guardião do Civismo não pode permitir que se prejudique a defesa dos acusados, deve ser pela obrigatoriedade do trabalho, puro dever social, pela libertação econômica dos povos.

O profano, ao requerer a Iniciação deve estar ciente dos preceitos essenciais da política maçônica para que não cometa lamentáveis enganos.

Na segunda faixa estão os temas: escola única e a nacionalização do ensino, o divórcio, o parlamentarismo, o voto do analfabeto, a pena de morte, a socialização, a planificação econômica. Esta faixa abriga temas que não são aceitos pela unanimidade

dos Iir.: Assim, são debatidos em Loja. O que não se permite é a propaganda de idéias e doutrinas antimaçônicas.

Na terceira faixa, em se tratando de assuntos políticos, deve-se ter em vista os partidários e os facciosos. São-lhes negados exposição e debates. O nome e a bandeira da Ordem não podem ser levados a prélios eleitorais e a competições espúrias dos Partidos Políticos porque a Maçonaria não é Partido Político nem seita religiosa. Discussões de fundo político ou religioso nada constroem porque somente levam à discórdia e à malquerença entre Irmãos, o que fatalmente quebra a Cadeia de União. Também não são permitidos a crítica e o debate dos Atos da Autoridade Pública porque são assuntos exclusivos dos Partidos Políticos. As Lojas devem permanecer no alto domínio das teses doutrinárias.

DIREITOS HUMANOS — É lamentável que, já na metade do século XX, a 10 de dezembro de 1948, para o homem reconhecer que os Direitos Humanos são os Direitos Naturais, fosse necessário que homens de boa vontade se reunissem na Assembléia Geral das Nações Unidas para proclamar e adotar a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Mas essa luta pela defesa do homem contra o homem vem de longe no tempo. Nenhum Governo lhe faz favor ao respeitar sua dignidade, que é congênita. Para nós maçons o Estado não é mais do que o poder a serviço da comunidade. Grécia e Roma, desde séculos A.C. vêm lutando para firmar os Direitos do Homem, para reconhecer a relação indivíduo-Estado. Tres séculos A.C., Aristóteles já afirmava que apenas dentro do Estado, do grupo, o homem consegue aperfeiçoar-se. Sófocles dizia que ninguém sabe quando foram promulgadas as leis naturais, mas isso não autoriza a ninguém violar essas "não escritas e intangíveis leis dos deuses". Protágoras já afirmava que o "homem é a medida de todas as coisas". O tribuno romano Cícero, no 1.º século A.C. falava de uma luz natural — "lumen na naturae" — de que o homem é dotado, juntando que, aquele que a desconhece, "esteja ela escrita ou não, é um homem injusto". (220) No decorrer dos séculos, temos a contribuição do Cristianismo com S. Paulo e S. Tomaz de Aquino, da Idade Média com a Magna Carta, o pacto do rei João Sem Terra com seus 25 barões, em 1215, "em plena Maçonaria Operativa". O "nominismo", filosofia que teve a influência de S. Francisco de Assis quando dizia que "todos os homens são irmãos", sendo ele visto como pessoa, no centro de seus pensamentos. Na Renascença já se tem uma visão otimista da pessoa humana, no Universo. E os séculos rolam indiferentes e juristas, filósofos, pensadores como Locke, o Ir.: Voltaire, Montesquieu, Rousseau vão lutando para garantir os

direitos humanos. Em 1776, vem a Declaração da Independência dos Estados Unidos e em 1789, sugiu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, durante a Revolução Francesa. Foram as grandes luzes dos séculos XVIII e XIX. Neste século, na Assembléia Geral das Nações Unidas, como dissemos, nasceu a que está em vigor e que tem causado tantos malentendidos pelo mundo afora, porque certos governos pensam que — HOMO HOMINI LUPUS — o homem é o lobo do homem — que garantí-los é um presente generoso que oferecem ao homem, em vez de pensar que — HOMO HOMINI FRATER — o homem é amigo do homem — como quer o Rito Brasileiro.

O Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livre e Aceitos “sustenta que nenhum homem é tão superior que possa ficar acima da Lei, nem tão inferior que não goze de sua proteção”. “A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um documento maçônico, pela inteligência que o vivifica e pela maioria dos que o subscreveram, inclusive o Presidente da Assembléia”. (221) Logo no 1.º considerando do Preâmbulo diz que “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. No artigo 1.º afirma que “todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. É superior às anteriores porque vai além dos direitos civis e políticos, pois inclue o reconhecimento dos direitos econômicos, sociais e culturais. O que é honroso para a Maçonaria é que vários de seus postulados já existiam nas Constituições Maçônicas do mundo latino sob o título de “Os Ideais da Ordem”.

Quem ler os 30 artigos da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” verá que os direitos do homem, como indivíduo têm um fundamento natural: o direito à vida para si e sua família, com 7 preceitos: saúde, alimentação, teto, vestuário, educação, segurança e descanso. Como cidadão gosa do direito à igualdade perante a lei e à sua proteção, à inviolabilidade do lar e o respeito à honra e à reputação pessoal. Liberdade de pensamento, consciência e religião. Direito à liberdade de reunião, associação, locomoção e resistência. Dá-lhe o direito a uma nacionalidade e a ser parte no governo do País diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos porque — Art. XXI, 3 — “a vontade do povo será a base da autoridade do governo”.

O Guardião do Civismo é o defensor natural da observância e fruição dos Direitos Humanos, que não tem fronteiras porque são universais.

A base da Maçonaria é a Tradição, o que não quer dizer que ela deva estacionar no tempo. Os períodos históricos são diferentes, prova de que a História se renova. A Maçonaria tem que admitir a renovação porque podem coexistir a Tradição e a Evolução. A finalidade dos Rituais dos Graus 31 e 32 é o aperfeiçoamento da cultura cívica no Rito Brasileiro que afirma que a Maçonaria, em sua ação exotérica, não está à direita, nem à esquerda nem ao centro da Política profana de qualquer país. Tais designativos são novos e a Maçonaria é milenária. Desde séculos vem ela construindo sua própria orientação. Ela não é Partido político, insistimos, nem vai às ruas de bandeira tremulante ao vento defender seus princípios. Se tiver de opinar sobre problemas humanos e nacionais, o fará através do Grão-Mestre, que a representa. A Maçonaria normalmente forma a consciência do maçom dentro das Lojas. Instruído, vai agir na sociedade em que vive. "Para nós Maçons, a ordem política está sujeita à ordem moral". "Já foi dito que "a sã política é filha da moral e da razão" e que o "desenvolvimento do País depende da moralidade e da justiça social". (222) O Estado forte tem que ser justo e a segurança do Estado não pode se constituir na insegurança do cidadão. A finalidade do Estado é a preservação do bem-comum modelo de vida social é definitivo porque o homem sempre sonha com o melhor. O ideal seria um mundo só, sem a destruição das Pátrias. "Seremos simultaneamente irmãos na grande família humana e cidadão em uma Pátria". (223)

A síntese fundamental doutrinária: a força traduz a garantia da Verdade (Direito), o Rito Brasileiro absorveu dos velhos ensinamentos. Justiça sem a força nada vale. O Guardião do Civismo não quer a força no serviço da comunidade. "Um homem forte é aquele que se conforma com as Verdades espirituais, orindas da Religião, que professa, ou da Filosofia, que cultiva, e em cada Pátria procura seguir o exemplo de seus maiores, paradigmas do Bem e da Honra. Um Maçom, assim estruturado, é inexpugnável e serve efetivamente à Pátria e, através dela, à Humanidade". (224)

Grau 33 — Servidor da Ordem e da Pátria. Este é o derradeiro Grau, mas sabemos que não é o fim da jornada. Ela continua, segundo juramentos que vimos fazendo ao longo de nossa vida maçônica. Desde que penetramos os umbrais do Templo, assumimos deveres inalienáveis para conosco, para com o Rito, para com a Ordem e para com a Pátria. Temos que cumprí-los, para nossa honra.

Logo na Iniciação o Ir.: sabe que a Maçonaria é uma frente de combate não só contra nossas paixões desenfreadas, mas também os “hipócritas que a enganam, os pérfidos que a defraudam, os fanáticos que a oprimem, os ambiciosos que a usurpam e os corruptos e sem princípios que abusam da confiança das massas”. (225) Prosseguindo viagem, entramos no aprendizado dos Graus Filosóficos apoiados nos ensinamentos preciosos, sábios, adquiridos nos Graus Simbólicos. E a caminhada se estende educando-nos e instruindo-nos nos preceitos e conceitos sadios da Maçonaria.

Um dia, guiados pelas luzes recebidas nesta escola esplêndida, chega-se ao Grau 33 — Servidor da Ordem e da Pátria. Toda aquela caudal de responsabilidades vem desaguar neste Grau, síntese de todos os compromissos que solenemente assumimos ao longo de nossa vida maçônica. A Maçonaria só sobrevive amparada pela nossa cultura, pelo nosso trabalho honesto, com nossa dedicação desambiciosa, sem espírito carreirista, sem aspirações espúrias, lutando honradamente para vê-la cada vez mais grandiosa, soberana, sem mácula, indivisível, monolítica. No Grau 33 se “vê” a Maçonaria.

Os Altos Graus do Rito, como ficou revelado, visam a formação integral do Homem-Maçom em seu tríplice aspectos: O Homem como Ser Individual, o Homem como Valor Social e o Homem como Cidadão. No Supremo Conclave consolida-se a formação dos Graus anteriores, através da síntese do Humanismo Maçônico. Para este Supremo Corpo de Maçons ha quatro preocupações espirituais ou seja, o que somos, donde viemos, para onde vamos e qual nosso dever.

Somos pequenos seres criados possuidores de uma vida que é apenas um ponto perdido entre duas eternidades, ou seja, um presente rápido, transitório, prisioneiro de um passado infinito e o futuro sem fim. O Supremo Arquiteto do Universo nos beneficiou com a faculdade de caracterizar o bem e o mal e nos concedeu a Fé e a Esperança, duas virtudes que o coração do homem não dispensa. Nosso corpo vem de elementos que tem um fim e nossa alma, representante de nosso Eu, vem da incomensurável fonte do Universo. Nada impede que desçamos para o túmulo como nada ha que embarace nossa subida para a eternidade. Nosso dever é cultivar o Supremo Arquiteto do Universo, servir à Ordem, honrar a Pátria e lutar pela Fraternidade Universal.

O Guardião do Civismo deve estar com toda a sinceridade dedicado à Ordem e à Pátria para ter o direito de galgar o Grau 33. O aperfeiçoamento só se conquista pelo trabalho sem

desfalecimento e pela dedicação constante. Deve se dedicar ao Bem somente pelo amor ao Bem, sem outro interesse mesquinho. A entrada no Templo com os braços cruzados sobre o peito, presos por um laço de fita, representa os povos que padecem sob a tirania, o coração que o despotismo paralisa e a alma que aspira a verdade porém vive sufocada pelo fanatismo e pela intolerância. Uma das imensas missões da Maçonaria é libertar a Humanidade da tirania e a consciência dos homens do fanatismo absorvente. Um dia conseguiremos porque o povo só permanece escravo porque ignora sua força imensa e o homem só continua submisso à intolerância porque desconhece o poder de sua vontade.

A Maçonaria não admite dogmas e sim, princípios doutrinários que são sua base filosófica. Crê no Supremo Arquiteto do Universo e na imortalidade da alma. Entretanto o Deus que ela reconhece não possui dimensões humanas nem guarda suas fraquezas e paixões. Também não é um Deus de batalhas. Nossa Ordem não o define nem discute o princípio da imortalidade da alma. Cada um tem a liberdade de o fazer, segundo sua razão e sua consciência. Ela não impõe qualquer limite à indagação da Verdade. Quando exige que haja Tolerância é exatamente para garantir essa liberdade de pensamento. A Maçonaria, repetimos, não é uma religião nem tem a veleidade de se opor a qualquer delas. Com referência à convivência humana,, sua doutrina se ajusta inteira nesta extraordinária e profunda legenda de nosso Rito: HOMO HOMINI FRATER. A Maçonaria é acusada, pelos reacionários de todos os tempos, de viciosa. Sua Moral é, sem dúvida, a mais pura que existe, unicamente porque as limitações de escolas e teorias não a prendem. Nem ela quer ser superior a nenhuma delas. "Ela é o substrato comum de todos os princípios espirituais, que asseguram a dignidade da pessoa humana". (226) Devemos cumprir esses ensinamentos. Grande parte da humanidade vive escravizada às imperfeitas concepções, indignas da Divindade. Dessa escravização nascem as falsas religiões, a corrupção do senso moral, as superstições e a intolerância religiosa. Temos que nos compadecer dos que não creem e fazer tudo para iluminar seus espíritos, única maneira de se abolir o preconceito e corrigir seus erros.

Creemos que a Fé numa religião é sentimento de fôro íntimo, interessando apenas a quem a aceita. Sendo assim, não é tema para discussão.

Sobre os deveres para com a Ordem, devemos trabalhar sem descanso para divulgar os verdadeiros Princípios da Maçonaria

encerrados no Rito Brasileiro. Na vida comum recomendamos-lo ao exame dos homens de bem. Dentro ou fora da Instituição sejam os fiéis aos fundamentos de nosso Rito e combatamos a Ambição, a Ignorância, a Hipocrisia e a Intolerância. Devemos repelir todos que pretendem fazer da Maçonaria um meio de conquistar vantagens pessoais. Só o espírito maçônico fecunda o trabalho do homem e constroi o bem-estar social. É dever do maçom contribuir sempre para a elevação espiritual e doutrinário de nossos Irmãos.

Quanto aos deveres para com a Pátria, urge honrá-la e estar pronto a defendê-la, mesmo com o sacrifício da própria vida. A verdade deve ser dita. A popularidade sem utilidade não deve ser nossa meta. Devemos instruir, esclarecer o povo sem o enganar nem fazer dele instrumento de nossos interesses inferiores. Jamais apoiaremos um ato de deslealdade para com a Pátria. Nada de servilismo. O tirano, o demagogo são nefastos à liberdade nacional. A Liberdade é o supremo bem, porém sem a licenciosidade. A divisa do maçom como cidadão é a Liberdade com Ordem, Igualdade com Respeito e a Fraternidade com Justiça, Servindo à Pátria, claro que defende a Família, célula insubstituível da Sociedade Humana. Urge livrá-la da crise moral, predisposição mórbida para a corrupção de qualquer organismo vivo. Trabalhar para o bem da Humanidade é dever que se tem para com ela. A instrução deve ser dada ao homem sem procurar saber a cor que tem nem a que raça pertence, nem a religião que professa. Qualquer trabalho honrado merece nosso respeito. A ociosidade é um crime. O maçom deve respeitar a gente do povo porque ela é o sustentáculo vivo da nação. É preciso conservar vivo o lume sagrado da honra, da independência, da magnanimidade e patriotismo e na consciência pública os sentimentos do Direito e da Justiça. Tudo se resume no lema do Rito Brasileiro:- Vida Reta e Espírito Fraternal.

O mundo nem sempre honrou seus benfeitores. A maioria das vezes os ofende por ignorância, por preconceitos e por paixão. "É a História que profere afinal seu aresto, quando descemos ao túmulo, porque é nele que o rei depõe o seu cetro, o pontífice a sua tiara, o rico a sua opulência e o pobre a sua miséria..." (227) A morte reduz tudo ao mesmo nível, despidendo-nos de honrarias, fortuna, glória, esplendor, vaidade, mas nunca destruirá a preponderância que exercemos sobre o bem e sobre o mal porque os efeitos de nossas ações e palavras são eternos.

“Quando o serviço da Ordem, da Pátria e da Humanidade exigirem de vós o máximo, estamos certos de que estareis preparados para esgotar a Taça do Sacrifício, mostrando dessa forma que sois um digno e verdadeiro Maçom. O Maçom perfeito triunfa sobre a morte, para sobreviver na consciência coletiva da Humanidade. Os bons revivem na gratidão dos pósteros”. (228)

FESTAS BRANCAS

Em Maçonaria, Festa Branca ou Festa Branca Aberta ou Reunião Branca, é a festividade onde, jubilosa, permite a presença encantadora das senhoras e o convívio amável dos profanos. Elas atraem sempre grande e seleta assistência de familiares de Iir.: e de seus amigos. São sessões especiais onde se procura desenvolver e antever a cultura e a filosofia maçônicas.

Denominam-se também, Sessões ou Reuniões Brancas Fechadas ou Coberto, quando somente o conferencista é profano.

O Rito Brasileiro dispensa grande estima e especial consideração a tais festas, que as realiza levado por diversos e altos motivos, entre eles, quando quer homenagear a Esposa do Maçom, quando efetiva a Consagração Matrimonial, quando oficia a Exaltação Matrimonial, quando recebe em seu seio meninos e jovens — adoção de Lowtons — E também quando homenageia o Ir.: que partiu para o Oriente Eterno: a solenidade se chama então *Pompa Fúnebre*, etc.

HOMENAGEM À ESPÔSA DO MAÇOM

“Assim também vós, cada um em particular, ama a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o seu marido”. (229)

A Loja está iniciando a homenagem simples e fraterna à Esposa do Maçom. Está solvendo dívida imensa, realizando esta festividade. A Loja vive instante de infinita alegria.

Como primeiro protesto de veneração, agrada-nos dizer que a Maçonaria tem em altíssima conta o papel que estas senhoras desempenham com recato ao lado de seus maridos. É um trabalho cheio de renúncia, de incentivo, de amor, por vezes, de sacrifício e, sobretudo, de compreensão.

Desde a hora aziága em que Adão e Eva foram irremediavelmente expulsos da tranquilidade do Paraíso, começou a dura luta para ambos. Sabemos que tudo resultou da traição da serpente à Eva maliciosa e da ingênua confiança de Adão em sua mulher. O homem, no final de tudo, é o grande ingênuo diante da sagacidade e viveza de espírito da mulher, este bem e este mal que Deus nos deu num instante de bom humor. Imaginamos as palavras de ternura e de amor, os gestos de sedução que empregou mãe Eva para convencer pai Adão a desobedecer a seu Creador e comer da maçã!

Mas, não vamos discutir este fato calamitoso ocorrido há milhões de anos. A verdade é que, quando o Senhor disse a Adão: “A terra será maldita na tua obra; tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas, todos os dias da tua vida,” e que tu “comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste tomado; porque tu és pó e em pó te has de tornar”. (230) despejou sobre ele tremendo anátema. Eva, companheira na desobediência, também recebeu seu pesado quinhão de sacrifícios.

E assim vêm os dois vencendo milênios, um ao lado do outro, rindo e chorando, conforme os momentos que o Supremo Arquiteto do Universo lhes dá.

A Maçonaria reconhece essa beleza de união, louva-a e quer e faz votos para que a esposa do maçom seja sempre e cada vez mais esposa, sempre e cada vez mais companheira, sempre e cada vez mais amiga de seu marido. A Maçonaria, em sua longa trajetória, jamais deixou de reverenciar a Mulher. Embora ainda não a tenha em seu seio, rende sua homenagem do carinho e respeito às suas virtudes porque sente que ela, agindo na sombra com o sentido de ajudar, incentivar, animar o marido, está também trabalhando pela Maçonaria. E isto é lindo e isto é bom.

No dia da iniciação do neófito, por entre palmas, lhe é entregue um par de luvas. E não é por acaso que são brancas. Sua alvura quer lembrar a candura, a pureza que deve imperar sempre no coração do homem virtuoso. Ao recebê-las de seus Irmãos, o novo maçom deve oferecê-las à sua mãe, à sua mulher, à sua filha, ao seu maior bem-querer. Schreiber e Schreiber querem que essa dádiva seja tomada "como um gesto de reconciliação". A Mulher merece todo carinho da Maçonaria porque é a providência moral da Humanidade, como quer Augusto Conte. Em todas as éras, em todas as idades a Mulher vem marcando sua passagem com feitos onde, muita vez, abdica da glória, não aparece porque se orgulha, porque lhe basta ser o incentivo, a inspiração, a mola propulsora, a palavra encorajadora do marido. Ela renuncia à glorificação e vibra feliz quando o marido conquista uma vitória, que também é sua. A esse tipo de Mulher a Maçonaria homenageia e diante dela se curva reverenciosa.

Depois de todos esses protestos de nosso respeito, das homenagens de nosso devotamento, muitas senhoras deverão perguntar porque não são aceitas nos trabalhos de nossas Lojas.

Nos nossos trinta anos de Maçonaria temos nos visto diante de dezenas dessas perguntas e chegamos à melancólica conclusão de que esse interesse, de modo geral, é pura curiosidade feminina. Essa maliciosa curiosidade em ver, de saber para depois transformar tal experiência em assunto para infrutíferas, amenas conversas mantidas na doçura dos ambientes aconchegantes do lar ou não. Falamos em tese, o que não nos impede de crer que hajam mulheres sinceramente interessadas no progresso da Maçonaria.

Mas, para lhes responder, teríamos de recorrer ao Ritual de Homenagem à Esposa do Maçom do Rito Brasileiro. Segundo ele,

as opiniões variam ao infinito, sem que, até agora, fosse adotada solução definitiva. Ha a corrente radical que quer derrubar todas as muralhas que barram a entrada da Mulher nas Lojas e impedem-nas de assistir aos trabalhos internos que ali se realizam. Indo mais longe em seus anseios, quer que ela se inicie com o Maçom. Nesse caso, as Lojas seriam Mistas ou Andróginas. Outros, menos liberais, aceitariam essa filiação, desde que se criassem Lojas especiais para senhoras, embora com Rituais semelhantes aos das Lojas Regulares. E aí teríamos as Lojas Femininas. Ha ainda a facção mais tolerante que acha ser possível a admissão das mães, esposas, irmãs e filhas de Maçons nos trabalhos maçônicos não ritualísticos. Em compensação, elas teriam parte real, objetiva em todas as atividades educativas e filantrópicas, realizações mais de acordo com sua sensibilidade e com a pureza de sentimentos altruísticos, caritativos que o Supremo Arquiteto do Universo lhes deu sem parcimônia, num esbanjamento divino.

Mas, a Maçonaria Feminina existe como órgão independente. E como até o século passado as grandes idéias, os grandes movimentos renovadores nasciam na França, foi lá que ela apareceu. Atualmente é encontrada no Chile, Estados Unidos, Inglaterra e Itália. É a Maçonaria de Adoção ou Rito de Adoção. Possui quatro graus ou seja, Aprendiz, Companheira, Mestra e Mestra Perfeita. No Brasil, essas Lojas já funcionaram nos Orientes de Cachoeiro do Itapemirim, Curitiba, S. João da Barra, Campos e Juiz de Fora. Ha me'o século, prestaram relevantes serviços. Mas abateram colunas para sempre.

A propósito da Mulher na Maçonaria. Hermann Schreiber e Georg Schreiber, contam, entre outras, a história do vigário Leo-Texil. Esse padre francês, cujo nome é Gabriel J. Pagés, foi dos indivíduos que mais mal fizeram à Maçonaria. Educado e instruído durante anos num colégio de jesuitas, um dia, resolveu ser livre-pensador. Daí para a Maçonaria distou um pulo. Foi mandado? Foi "sponte sua"? Não se sabe nem interessa no momento. Após alguns anos em nossas fileiras, em 1885, voltou a seu aprisco, ovelha transviada que era do catolicismo. Fora de nosso Templo o homem, depois de trair todos seus juramentos, resolveu fazer insidiosa, teimosa, desmoralisante campanha. E escrevia como um alucinado. E espalhou fatos e cenas fantásticas sobre ritos sexuais, culto do diabo dos maçons, como se tivessemos um diabo especial para nós, missas negras, ocorrências absurdas nas Lojas de Mulheres. O pior é que outros maldosos escrevinhadores de maledicências vêm repetindo monotonamente sem conhecimento de causa. O vigário Taxil, no auge de seu ódio incontrolável que, até hoje,

não se sabe suas origens, sua razão de ser, sua motivação verdadeira, chegou a descrever o Culto do Diabo da Alta- Maçonaria. Homens e mulheres membros da Loja tinham de ser incondicionalmente obedientes a todos os preceitos do "Culto", o que os obrigava a pertencerem de corpo e alma ao superior da Loja. E tudo escrevia numa linguagem cheia de asco e de profundo desprezo e indignação. As diatribes foram num tal crescendo que os intransigentes adversários da Maçonaria, intransigentes mas refletidos, equilibrados como o jesuita-escritor Hermann Gruber protestaram contra tal método de campanha. Julgava, e com muita justeza, que uma contenda orientada, baseada na calúnia, não causava os efeitos que o autor esperava. O próprio Taxil, em 1897, reconheceu a inutilidade de sua infâmia e verificou que as pedras atiradas na Maçonaria voltavam-se contra os antimaçons e ela saiu moralmente vitoriosa e engrandecida. Mas, muita maldade espalhada pelo vigário e por outros maledicentes, ficou repetida na tradição oral.

Nos Quadros da Maçonaria a Mulher não desempenhou papel de relevo porque, em realidade, não atuou regularmente. A Maçonaria rende-lhe sempre sua inteira obediência, mas continuava considerando que aqui é lugar mais apropriado para homens e que ela, além do exercício das difíceis atribuições citadas, é infinitamente mais bela e mais útil nas solenidades das festas brancas onde nos orgulha e alegra com a presença de sua graça espiritual e, por que não dizer, física, também.

Foram pouquíssimas as damas que atuaram nas fileiras maçônicas. A primeira, segundo nos revelam os Schreiber, teria sido uma irlandeza, filha do visconde de Doneraile. Não se sabe como nem que manhas usou, mas o fato é que acabou tomando conhecimento de todos os trabalhos de seu pai na Maçonaria. A Loja, ao saber d'isso, resolveu iniciá-la para que não divulgasse o que sabia. Dos males, o menor. Esta entrou por coação. Mme. Xantrilles, mulher do general de Napoleão, fora nomeada pelo Imperador, capitão de cavalos. A pretexto de colaborar com seu marido, transformou-se em seu ajudante. E como era ajudante, frequentava a "Loja dos Artistas", em Paris. Veem de que artifícios sutis lançam mão para alcançar seu "desideratum". A outra foi a condessa Helena Hadik-Barkoczy, iniciada na Loja dos maçons de Ungvar. Essa entretanto, jamais conseguiu que sua aceitação fosse reconhecida pela Grande Loja de Budapest. (231) Ainda em Paris houve uma experiência de Loja Mista chamada "Os Livres Pensadores", onde fora iniciada a eminente Marie Deraismes. A Loja se situava mais precisamente em Le Pecq nas proximidades

de Versailles, na área metropolitana de Paris. Era dotada de vasta cultura e fascinante inteligência. Passou-se ao Oriente Eterno aos 65 anos de idade, em 1894, e seus funerais, em Montmartre, constituíram excepcional consagração pública e maçônica. Nada menos de 15.000 pessoas acompanharam-na à última morada.(232)

A Maçonaria não desdenha da Mulher. Homenageia-a sempre que oportuno, realçando os magníficos dotes que lhe deu o Supremo Arquiteto do Universo. A Maçonaria é também simbolismo e alegoria. E como não poderia deixar de ser, baseada nessa verdadeira veneração por esse Ser extraordinário, nosso Templo se apoia alegoricamente em tres colunas, representadas por Venus, Minerva e a terceira por Hercules, como se disse anteriormente. A Maçonaria sempre quiz e, por vezes, defendeu a emancipação da Mulher e lutou por sua libertação da escravidão de leis e costumes que a mantinham na humilhante situação de coisa. Em todos os domínios a Maçonaria proclama direitos iguais para o homem e para a mulher. Mas ela não deve querer masculinizar-se porque, para todo homem de sensibilidade, a Mulher é graça, é beleza, é bondade, é delicadeza, é fragilidade, é doçura, é caridade, é meiguice, é pudor, é alegria e é aquela coisa imponderável, indescritível, intraduzível que vence brincando todas as famosas e pretenciosas resistências do Homem.

O amor conjugal é altamente considerado por nossa Instituição. Sem ele não haverá família e sem família não haverá pátria. E é preciso haver Pátria. O amor conjugal, para ser amor em toda sua plenitude, tem que se alicerçar na fidelidade e estar preparado para o sacrifício, qualquer que seja ele. O amor para ir além da morte, tem que ser uma comunhão de fé, de esperança, de confiança, todos esses liames nascidos de uma só alma, criados no mesmo coração. Porque o casal só é casal quando seus componentes veem suas vidas pulsando num só coração. O amor conjugal é renúncia. Se os cônjuges não têm capacidade de inteligência e de espírito para abrir mão de seus caprichos para alcançarem a felicidade, não haverá benquerença, serão indubivelmente, necessariamente dois desgraçados.

As contingências da vida tumultuada que vivemos criam para a mulher encargos que, cumpridos com devotamento e paixão, elevam-na ao melhor dos céus. Tomando para seu trabalho e sua devoção essas tarefas, já prestam insubstituível serviço à nossa causa. Não é necessariamente obrigado a Mulher ser maçom para agir maçonicamente. Fora e ao lado da Maçonaria, trabalhando em harmonia com ela e de espírito elevado, as senhoras prestam

à humanidade incomensuráveis préstimos. Outra maneira da Mulher ser maçom é consentir que seu marido cumpra seu dever para com a Ordem a que se filiou. Não crie obstáculos no dia em que ele tem reunião na Loja. Não aja como a rainha Isabel I da Inglaterra nem como Maria Teresa da Holanda, que foram radicalmente intolerantes para com a Maçonaria. Esta, apesar de seu marido ter-se filiado na "Loja dos Tres Canhões", em Viena, fala-se que mandou força militar silenciar uma reunião dessa Loja, depois de, disfarçada de homem, assistir ali a uma sessão. Tudo será inútil porque as pessoas passam inexoravelmente e a Maçonaria continúa, perseguida por vezes, mas impávida, desafiando os séculos. (233)

Nessa festa, como prova de nosso respeito e gratidão, é tributada às Senhoras presentes uma tríplice homenagem. Pela rosa, que "é o símbolo do amor feliz. O amor é mais forte do que a morte. A rosa de Jericó, depois de sêca, realiza o suave milagre de reviver e reflorescer". A segunda é representada pelo lírio, "símbolo da pureza. Velho proverbio chinês nos adverte que uma esposa virtuosa trás mais benefícios ao mundo do que uma academia de sábios. Na antiga Roma, o Templo de Venus era cercado de lírios e de murtas". A terceira homenagem é prestada pelo trigo, "símbolo da prosperidade. A deusa da fortuna, com a cornucópia das graças, faz de uma espiga uma seara. Que o Sup.: Arq.: do Univ.: nos conceda, em nossos lares, a mais completa paz e prosperidade". (234)

"Só o amor conjugal consolida a família. Com ele, a sociedade conjugal se torna uma comunhão: a confiança recíproca, a fé, o devotamento, tudo nasce do mesmo espírito, da mesma alma, do mesmo coração: COR UNO ET ANIMA UNA — um só coração, uma só alma. (235)

AS ROSAS

O Leitor deve estranhar a presença deste capítulo, entre textos tão desiguais. Sem dúvida, deve ter observado que a rosa é parte distinta em vários Rituais maçônicos. A Maçonaria tem singular fascínio pelas flores, particularmente pelas rosas. A rosa é tão meiga, é tão linda, é de odor tão suave que os poetas tem dedicado trovas, sonetos, odes à sua delicadeza e a seu esplendor.

Almeida Garrett exclamava:- “Rosa, rosa de amor purpúrea e bela.

Quem entre os goivos te esfolhou da campa!” (236)

O suave Casimiro de Abreu a cantou delicadamente:-

“Como ostentas sedução!
Ó como és linda e formosa,
Como és bela e caprichosa,
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!

O teu perfume tão brando
Os ares embalsamando,
Como falas ao coração!
Ó como falas de amor,
Mimosa, purpúrea flor!” (237)

As citações seriam infinitas se este fosse o lugar adequado.

Mas em Maçonaria a rosa, mesmo sendo “rainha dum dia”, como queria Casimiro, é um símbolo de várias interpretações. E dizem que o símbolo para sê-lo, tem que possuir diversas interpretações. Por que pousa aquela rosa vermelha na intersecção dos braços da Cruz dos Rosa-Cruzes? Seria por acaso? Por simples ornato? Não. Reghelini, segundo N. Aslan, diz que ela, colocada nessa posição, é o símbolo do segredo da imortalidade. Au-

tores outros afirmam que a rosa era a flor da predileção de Venus, a deusa do Amor. Tal fato tornou-a o símbolo do Amor, da Ternura da mulher e da esposa, símbolo do segredo, da nobreza do coração. A Cruz é o símbolo do sacrifício, da imortalidade, da justiça, da luz. (238)

Neste Grau "a flor Rosa possui a tripla conotação de Amor, Segredo e Fragância... (239) A Rosa "colocada na intercessão dos dois braços da cruz, a rosa é um dos mais grandiosos emblemas do "Mistério da Iniciação". (240)

Na antiga Jericó, cidade situada a 272 metros abaixo do nível do Mediterrâneo, vicejavam estranhas rosas, famosas por sua beleza. Como ficou dito, ao tempo em que se abriam completamente na umidade, fechavam-se totalmente com a seca. E por mais secas e fechadas que estivessem, bastava-lhes um pouco d'água cristalina da fonte "Ain es-Sultan", outrora amarga, mas saneada por Eliseu, "um dos dois grandes profetas do período mais antigo da história dos israelitas", (241) para tornarem ao esplendor anterior.

Simboliza também a Inocência, a Discrição, a Virtude, a Beleza, a Graça, a Vida, a Alegria e a Dôr. É o emblema da Virgindade, da Inocência. OS romanos a adoravam. Em seus históricos banquetes enfeitavam-se com rosas porque criam que elas tinham o poder de mantê-los alegres porém lúcidos, por mais que bebessem.

No início era branca. Depois, segundo uns, ficou vermelha porque fora manchada pelo sangue de Adonis, ferido por Marte, que enlouquecia de ciúme pelo fato de Venus, sua amante, preferir os amores do belo jovem. Outros dizem que mudou de cor quando caiu sobre ela o sangue de Venus ferida por um espinho.

A rosa é venerada por deuses e heróis e sociedades secretas desde a idade mais longínqua. Era consagrada a deusa Isis nos antigos Mistérios Egípcios. Simbolizava a iniciação conquistada pela constância e sofrimento. Os gregos a consagraram a Venus. Sua história é de tal modo secreta que somente poucos iniciados conseguem entender a profundidade de seu sentido. Também não se sabe a origem do adágio que diz que descobrir a taça de uma rosa é descobrir um segredo. Ela é "o símbolo do segredo guardado, pois ela é uma das raras flores que se fecham sobre o seu coração. Quando abre a sua corola, está na hora da morte". (242)

Antigamente, quando pessoas se reuniam em torno de uma mesa para uma conversa que não podia ser revelada, colocavam

sobre ela um vaso com rosas. Outros penduravam-nas por cima da mesa e seria desonra revelar o que ali se conversava. Era a palestra SUB ROSA — sob a rosa. Se não houvesse inconveniência em sua revelação, eram cobertas com um véu. Antes de se desfazer a reunião, descobriam-nas. Isso significava a obrigação do silêncio. A rosa tem grande significação esotérica para os maçons, rosa-cruzes, templários, pitagóricos, alto clero-cristão, etc. Onde está a rosa, reinam o segredo e o silêncio. Alec Mellor diz que a rosa além de símbolo do amor, “foi também, por causa da discrição do seu perfume maravilhoso, o do segredo. Donde a expressão maçônica antiga SUB ROSA para significar o que em termos modernos menos poéticos seria exprimido por SOB MALHETE. Donde também, e sobretudo, o símbolo da “Rosa hermética sobre a Cruz do Sofrimento”. 243)

“A benção das chaves da confissão de S. Pedro” foi instituída no ano 715, e entregues a privilegiados estabelecimentos religiosos. O rito da rosa de ouro ou rosa dos papas, sem dúvida, se originou daí. O papa Leão IX cerca de 1048, determinou que dois mosteiros que retinham as chaves da confissão de S. Pedro, amavelmente lhe dessem, a título de reconhecimento, uma rosa de ouro ou seu valor em dinheiro. “A rosa de ouro era então o símbolo da fragilidade humana. A inalterabilidade do metal era uma imagem da eternidade da alma”. Em 1471, Sisto IV criou a flor dos papas confeccionada em ouro fino e “feita de um ramo espinhoso com várias rosas em flor, ornadas de folhagem”. A que ficava no alto do ramo era maior, a modo de coração e no centro da corola havia uma taça. Ao benzer a rosa, o papa punha ali perfumes diversos, semelhantes ao cheiro da rosa para “recordar aos iniciados as misteriosas propriedades que estão ligadas à flor”. (244) O significado secreto dessa rosa só era conhecido dos iniciados.

“Na Alemanha, ela é denominada a Mão de Maria porque, como a Venus Genitrix e Diana Lúcia, nas crenças populares dos cristãos, ela é segura por uma sábia e caridosa senhora, cuja mão facilita, nas mulheres em véspera de parto, uma pronta e feliz “*délivrance*”. Não podendo explicar-se o fenômeno deste admirável higrômetro vegetal, faz-se apelo ao milagre e à mão todo poderosa da Santa Virgem, à qual se dá também o nome de ROSA MÍSTICA”. 245)

J. M. Ragon entoia verdadeiro hino à rosa quando diz que “é o emblema maçônico mais gentil, foi sempre a rainha das flores, o perfume dos deuses, a vestidura das graças, as delícias de Citera e o ornamento da terra. É o símbolo dos mais diversos

sentimentos e das coisas mais opostas; com ela, a piedade decora seus templos, e o amor e a alegria trançam as suas grinaldas. A dor a desfolha sobre os túmulos; o pudor e a caridade a recebem como o mais glorioso dos prêmios; e enfim, os antigos diziam que era a **MAIS FORMOSA DAS PLANTAS**. Os sacerdotes de todos os séculos e países fizeram a rosa célebre, a presença da qual nos recorda as idéias mais agradáveis, as mais felizes comparações e os símbolos mais secretos da beleza. A rosa era, também o emblema da mulher"... (246)

A essa belíssima criação do Supremo Arquiteto do Universo dão inúmeras interpretações. Dizem, por exemplo, que quatro rosas evocam as quatro virtudes cardeais, Força, Justiça, Prudência e Temperança. Outros afirmam que representam o Fogo, a Água, a Terra e o Ar "dos quais se desprenderá a quinta-essência".

O tema é lindo, fascinante mesmo, mas é longo e aqui não é o lugar justo para desenvolvê-lo.

CONSAGRAÇÃO MATRIMONIAL

(Logo Após a Cerimônia Civil)

A finalidade desta cerimônia é coferir a consagração maçônica à união matrimonial realizada antes perante a lei civil do País. É de grande significação para o casal e para a sociedade. Emanada da Maçonaria o espírito de compreensão, nobreza e fraternidade que podem tornar indissolúvel o casamento quando os cônjuges o confirmam perante ela. Esta Instituição, embora não seja uma religião, tem de todas o denominador comum e o Maçom sempre invoca o Sup.: Arq.: do Univ.: quando se empenha numa empresa.

Para este momento, a Loja está enfeitada de festões de murta e de flores. Tudo esplêndidamente branco. Na lapela, cada Ir.: trás uma flor com uma fita pendente. Os Iir.: que participam da cerimônia estão trajados de preto ou escuro, gravata e luvas brancas, revestidos de insíguas. Os da primeira fila das colunas estão munidos de espadas. Os Iir.: que apenas assistem, usam traje completo, à vontade. No Altar da Consagração estão a varinha de cristal, o cordão conjugal, as alianças, o lírio e a rosa artificiais, a água, o vinho, uma taça vazia e a Bíblia. Ao lado desse pequeno Altar se encontram uma coluna para o braseiro, duas cadeiras para o casal, sobre tapete azul. Mais adiante, a coluna da Harmonia aguardando o instante de executar as músicas adequadas ao evento. Nas paredes do Templo leem-se inscrições como estas:- “Que vossos corações se compreendam para a eternidade”; “Entre dois esposos não ha superior nem inferior, porque a lei do Amor é igualtária”. (247)

No Templo, a primeira fileira de Iir.: de um e de outro lado, formarão a abóboda de aço. A “coluna de flores” é organizada com seis caçoilas com flores despetaladas pousadas nos altares do Orador, Secretário, Tesoureiro, Chanceler, 2.º e 1.º VVig.: O “Auri-verde pendão de minha terra,

Que a brisa do Brasil beija e balança,

Estandarte que à luz do sol encerra

As promessas divinas da esperança..." (248)

já lá estava perfilado em seu lugar, tranquilo e confiante.

Abertos os trabalhos, sobem para o Oriente os Iir.: de Altos Graus, Iir.: em ordem hierárquica, as deputações de Lojas, parentes e amigos do casal, maçons ou não. Os visitantes entram sob aplausos incessantes. As senhoras se sentam nas cadeiras do Oriente e pequenos ramalhetes de flores presas por fita branca. Soa em todo o Templo música suave, própria para o momento. Quando o Vencer.: começa a falar, explicando o motivo da reunião, a música silencia. Com os presentes de pé, o Orador, sob pálido, abre a Bíblia e lê:- "Deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne". (249) É invocado o auxílio do Sup.: Arq.:, a música volta a deliciar os sentidos com um "tremolo" em surdina e depois de acender o algodão embebido em alcool no braseiro, termina a invocação dizendo:- "Que essa luz seja representada pelo fogo deste Altar e que a pureza, de que ele é o emblema, se estenda sobre todos quantos estão neste Templo, rendendo homenagem à Tua Lei. Ó Sup.: Arq.: acolhe favoravelmente nossos votos e inspira-nos". (250)

Nesse instante, batem à porta do Templo. Verificado quem é, de acordo com o Ritual, é comunicado ao Vener.: que se trata de um Ir.: e, se não o for — "um nosso amigo" — que, depois de unir-se pelos laços civis do matrimônio a uma distintíssima senhorita pede, para ambos, o reconhecimento maçônico de sua união e a sanção fraternal da Loja. Estão acompanhados de seus padrinhos. Externada a alegria que todos sentem, o Vener.: manda que tres Iir.: munidos de espadas introduzam primeiro os padrinhos, conduzindo-os a seus lugares. A assistência fica de pé. Com a mesma comissão o Mest.: de Cerimônias leva o casal ao Altar da Consagração. É formada a abóboda protetora. O Ven.: Mest.: e VVig.: saudam-no, ao entrar, pela bateria incessante. O ambiente é enriquecido pelos acordes da Marcha Nupcial. O casal assoma à porta. A abóboda de aço se forma e entram o Mestre de Cerimônias, os tres Irmãos, os esposos, ela apoiada no braço esquerdo dele. O marido, se for maçom, com insígnias e avental. As meninas porta-alianças estão sentadas nos degraus do trôno. A noiva está vestida de branco. Em frente ao Altar da Consagração, os noivos param. Cessa a música. Já sabendo a que veem, o Venerável lhes dá as boas-vindas e lova-os por terem pensado em trazer ao

ato mais solene de suas vidas a presença da Maçonaria. Todos se sentam. E faz uma prédica profundamente instrutiva. Diz que o casamento, além de ser um ato social é um ato religioso. Socialmente falando, casar é escolher, por inclinação espontânea, sem interesses subalternos, a pessoa com quem se vai viver ao longo da vida. O casamento é um pacto solene fundado na livre vontade dos nubentes. O marido é o chefe da sociedade conjugal. Pelo casamento a mulher assume, com os apelidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família. Sem o matrimônio, isto é, sem a família, não ha sistema social estável. A sociedade se interessa pela indissolubilidade do casamento. Consideramos o divorcio um mal necessário, "remédio inglório dos casamentos frustrados". (251) Para que ele não se perca, urge haver entre os cônjuges compreensão e tolerância, comprazimento e magnanimidade, renúncia e harmonia. O casamento é uma esplêndida caminhada a dois. No casal que se ama não ha senhor nem serva, tirana nem escravo. A lei do amor iguala a todos.

O Ven.: segura a varinha de cristal e explica que ela é o símbolo da união do casal. Se estiver resguardada da brutalidade, durará por toda a eternidade. Partir-se-à entretanto, se exposta a uma pressão superior à sua capacidade de resistir. E quebra-a. Todos que assistimos a este glorioso ato, estamos seguros de que o cristal dessa união jamais se partirá. S. Paulo, interpretando a Lei do Senhor, diz:- "Assim também vós cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido". (252)

A música toca em surdina. Apagado o candelabro místico, o Secretário lê o termo da Consagração. Todos aplaudem incessantemente. O Ven.: agradece a presença de todos, acrescentando que a Maçonaria se rejubila sempre quando proporciona motivos de cultura espiritual. Em seguida dá cumprimento às exigências do Ritual e declara que vai encerrar o Templo.

EXALTAÇÃO MATRIMONIAL

Esta cerimônia litúrgica visa a Exaltação Maçônica de uma união matrimonial feliz. Nossa Ordem realiza a Exaltação Matrimonial nas bodas de prata — 25º aniversário, nas bodas de ouro — 50º aniversário — e no 75º aniversário — bodas de diamante.

Ao iniciar a cerimônia, os altares, toda a Loja estão enfeitados de flores, predominado as de cor branca. Os IIR.: participantes da cerimônia estão vestidos de preto, trazendo uma flor branca à lapela. Apresentam-se revestidos de insígnias, de gravata e luvas brancas. Os da primeira fila acham-se munidos de espadas. Os IIR.: assistentes usam terno completo, à sua preferência.

O Altar de Exaltação onde se encontram a vara de cristal, a água, o vinho, uma taça vazia e o Livro Sagrado, situa-se em frente ao Altar do Ven.: no Oriente. Junto a ele, pequena coluna para o braseiro. Duas cadeiras para o casal estão sobre tapete azul, ao lado do Altar da Exaltação. Uma coluna de Harmonia executará músicas condizentes com o ato. Nas paredes do Templo leem-se inscrições assim:- “Um mútuo consentimento e uma vida comum é a essência do casamento”. “Entre dois esposos, não ha superior nem inferior, porque a Lei do Amor é igualitária”.

Tudo composto, presentes os IIR.: do Quadro, o Venerável abre os trabalhos. O ambiente é alegrado por melodia adequada. Em ordem, faz entrar os parentes do casal e amigos, maçons ou não; deputações de Lojas; IIR.: de Altos Graus (acima do Gr.: 30 ou correspondentes). Todos entram sob aplausos incessantes. As senhoras sentam-se na primeira fila de cadeiras no Oriente e recebem pequenos ramilhetes de flores, presas por fita branca que lhes oferece o Mestre de Cerimônias. Os IIR.: não fazem nenhum sinal maçônico. A música cessa.

Formado o pátio por quem de direito, o Orador abre a Bíblia e lê:- Deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne”. (253)

Nossa Instituição se sente satisfeita quando vê um de seus Obreiros por sua vontade, se apresentar às Colunas do Templo para proclamar a feliz família que constituiu há 50 anos e agradecer ao Spr.: Arq.: do Univ.: as bênçãos que recebeu. A Maçonaria não é religião, mas tem de todas o denominador comum. O maçom não se empenha em qualquer empresa sem invocar o auxílio do Sup.: Arq.: do Univ.:

A música espalha em todo ambiente um “tremolo” em surdina. Junto ao Braseiro o Ven.: eleva as mãos para o Delta e faz a invocação. Ao final, todos que estavam de pé se sentam. Nesse instante, alguém bate à porta do Templo. Logo se sabe quem é. Trata-se de um Ir.: e sua digníssima esposa, acompanhados de seus padrinhos que pedem seja feita a Consagração Maçônica de seu 50.º aniversário de casamento. Entram os padrinhos acompanhados por tres Iir.: munidos de espadas e se sentam em lugares que lhes são reservados. Todos ficam de pé à sua entrada. A mesma comissão o Mes.: de Cer.: mandou acompanhar o casal, que é levado ao Altar da Exaltação, sob abóboda de aço formada em sua homenagem. A esposa entra trajando vestido de passeio e o marido de avental, revestido de insignias. Logo após a saudação da bateria incessante é tocada a Marcha Nupcial.

Indaga sobre o que desejavam da Maçonaria, respondeu o marido que, há 50 anos contraiu casamento feliz. Queria agradecer ao Supremo Arquiteto do Universo as bênçãos que lhes têm concedido e à sua família e suplicar que continuí a ajudá-los e protegê-los.

O Venerável diz que são bem-vindos e louvados por pensarem no ato mais solene de suas vidas a presença da Maçonaria. Os assistentes se sentam. Comenta que, há 50 anos iniciaram jornada incerta para o futuro. Mas Deus os abençoou porque conseguiram elevar a mais bela construção que é a família. Em nosso Ritual de Consagração Matrimonial que se realiza logo após o enlace civil, existe esta varinha de cristal, símbolo expressivo, emblema da felicidade. Parte-se a um golpe violento, mas pode durar toda a vida. No verdadeiro amor, fundamentado na compreensão recíproca, ela não se partirá jamais. Há 50 anos os Iir.: — assim serão tratados por nós de hoje para frente — a conservam perfeita. Isso, sem dúvida, acontecerá vida a fora. Nosso Ir.: Rui Barbosa dizia que a “família divinamente constituída, tem por elementos orgânicos, a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerência e o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas”. (254) O real fundamento da sociedade reside na indissolubilidade do

casamento. Aceitamos o divórcio como “um mal necessário, o remédio inglório dos casamentos frustrados. Para nós o tempo do amor é a eternidade”. (255) Sem tolerância e compreensão, renúncia e harmonia, não há casamento que perdure. Só é perfeito quando amor, fé, confiança recíproca, tudo nasce da mesma alma, do mesmo coração, do mesmo espírito. COR UNO ET ANIMA UNA — um só coração, uma só alma. Um matrimônio com essas características é indispensável à formação ideal dos filhos.

Depois de mais alguns ensinamentos oportunos, diz que a Maçonaria rende culto à Mulher como mãe, esposa e como filha, fundamento e segurança do lar. Em seguida convida ao caro Irmão e à cara Irmã a se colocarem frente ao Altar da Exaltação e jurar solenemente que não pouparão esforços para que essa felicidade prossiga vencendo o tempo. Aceso o candelabro Místico, o casal se ajoelha frente ao Altar, a esposa à esquerda e com a mão direita sobre a Bíblia. O marido põe sua mão esquerda sobre a mão direita dela. Fazem o juramento.

O Venerável põe incenso na caçoilha e implora ao Onipotente que os proteja e os cumule de bênçãos. Diz que o casamento perfeito não é “uma coexistência, é uma convivência”. Apresenta-lhes a rosa e o lírio dizendo ao Ir.: que a rosa é o símbolo do Amor Feliz. “Só o amor constroi para a eternidade. O amor é mais forte do que a morte. A rosa de Jericó realiza o suave milagre de reviver e reflorescer”. (256) O lírio, Irmã, é o símbolo da pureza. Ensina um provérbio chinês que uma esposa virtuosa, como a Irmã, “trás mais benefícios ao mundo do que uma academia de sábios”. (257)

O casal segura as pontas do Cordão Branco e Azul, o Cordão Conjugal da Ternura e da Exação, símbolo da perene ligação no Tempo e na Eternidade fundamentos de suas vidas. O marido derrama na taça vazia o vinho, símbolo da vida e a esposa, sobre o vinho, junta água, símbolo da purificação. Agora ele oferece essa mistura à esposa que, em seguida, lhe dá. A mistura do vinho com a água é o símbolo da comunhão de suas almas. Diz S. Paulo:— “Assim vós cada um em particular amai a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido”. (258)

Em seguida é entoada a Oração Gratulatória. Terminada esta, o Ven.: confere-lhes a Consagração Matrimonial. Solicita, em seguida, para o casal, todas as bênçãos pelo ato de tanta grandeza moral, pela bateria incessante todos aplaudem. Tanto querendo juntar-se às palmas entusiastas, numa homenagem musical, me-

lodia ressoa por todo o Templo. O Candelabro Místico já foi apagado. O Orador lê o Termo de Exaltação que logo é assinado pelo feliz casal e pelos padrinhos, subscrito em seguida pelas Luzes e Oficiais que tomaram parte na cerimônia litúrgica que está se encerrando. O Ven.:, após declarar que a Maçonaria se alegra quando torna possíveis ocasiões, instantes de cultura espiritual, pois é um de seus princípios cardiais a prevalência do espírito sobre a matéria, diz que todos se sentem felizes com o exemplo magnífico de suas vidas. O casamento é uma esplêndida caminhada a dois. Nossos Rituais dizem que "a virtude uniu dois corações, dois corpos, duas mãos, e tudo isso só faz um". (259) E os Irmãos estão vivendo gloriosamente essa verdade. Pediram a Deus a graça de continuarem juntos e Ele a concedeu na Sua infinita bondade, confirmando o que dissera o Grande Iniciado:- "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis". (260)

Depois do elogio do Orador, o Mestre de Cerimônias entrega ao casal o lírio e a rosa, como lembrança da cerimônia que está se encerrando e a medalha de prata, comemorativa, que a Loja mandara cunhar. Logo após é homenageado o Pavilhão Nacional, é fechado o Livro da Lei, o casal, os padrinhos, os convidados saem, segundo a letra do Ritual. Saído o derradeiro Ir.: de Alto Grau, o Templo foi fechado.

RITUAL DE ADOÇÃO DE LOWTONS

(Segundo o Rito Brasileiro)

I

Meninos de 7 a 12 anos completos

Lowton é o filho do Maçom admitido em uma Loja. Esta é sua definição universal. Entretanto, Abrines e Arderiu dizem:—"Llamase así al hijo o hija de un masón" (261) o que contraria a maioria dos autores que dizem tratar-se apenas do filho varão. Af os filhos dos maçons se dividem em duas classes: uma se compõe dos que, apresentados no Templo antes dos 7 anos de idade, foram adotados pela Loja. A essa cerimônia dão impropriamente o nome de — batismo maçônico. A segunda classe abrange todos os filhos de maçons. Uns e outros podem ser iniciados, desde que autorizados pelo pai ou tutor, tres anos antes da idade fixada para a admissão dos profanos. Os direitos de iniciação e aumento de salário até o 3.º Grau, os Lawtons pagam a metade e ainda pode ser reduzido o custo do diploma de Mestre para os orfãos pobres. Em caso algum se concederá o 3.º Grau antes de atingir os 21 anos completos.

Este nome se origina do antigo Egipto, onde os iniciados nos mistérios de Isis usavam sempre em público máscara de cartão dourado que lembrava a cabeça de lobo ou de chacal. Esse o

motivo porque se dava aos adoradores de Isis o nome de Lobos ou Chacais. Segundo Macrobio, os antigos acreditavam haver encontrado certa relação entre o lobo e o sol a que o candidato representava durante o cerimonial de recepção. Diziam que, assim como a aproximação do lobo o gado foge, desaparece, o mesmo acontece com as constelações que são ou que podem considerar-se como outros tantos rebanhos de estrelas. desaparecem ante a luz do Sol. (262)

A designação de Lawton varia de Obediência. Chamam-na Lowton, Lewis, Luston, Louveton, Sobrinho, etc.

No Rito Brasileiro só pode ser admitido o menino que tenha completado 7 anos e o jovem com 18 anos incompletos. O Ritual de Adoção de Lawtons de nosso Rito está dividido em fases. Seu formulador o Grande Instrutor do Rito, mestre Ir.: Alvaro Palmeira, achou por bem fazê-lo sob razões didáticas inteligentes. Acredita que usar a mesma linguagem, os mesmos raciocínios para meninos de 7 anos e jovens de 18 anos, não produzirá o bom efeito desejado. As cerimônias são quasi semelhantes. O que as diferenciam são detalhes sábios e ensinamentos profundos que estejam no âmbito da compreensão dos moços de 13 a 18 anos.

A primeira parte abrange as idades de 7 a 12 anos completos. É o Ritual de Adoção I. São cerimônias enternecedoras em sua simplicidade. Na Loja estão IIr.: Senhoras, Senhores convidados que ali foram para assistir à solenidade inteiramente simbólica. Esse simbolismo trás elevado sentido moral e espiritual porque seus praticantes querem ser fieis à Doutrina e na exteriorização dos sentimentos que cultam no Templo.

Iniciando, IIr.: formam o Pálio para o Orador abrir o Livro da Lei e ler:- “Instrue ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele”. (263) Desfeito o Pálio, o Ven.: roga ao Sup.: Arq.: do Univ.: — a Máxima Perfeição — Quer a luz da Razão para que possa praticar a Virtude. Roga que irradie sobre todos ali reunidos os fluidos que emanam da Divina Inteligência para que tudo que se ensine constitua a expressão de Sua Vontade. Acende a pira e roga que a pureza de que ela é emblema, se estenda sobre todos que entrarem no Templo Augusto. Com a mão direita estirada sobre o Altar da Consagração, onde se encontram pedaços de pão ou biscoitos, vaso de mel, pequena bacia com água, vinho, algodão, sal e mais objetos que serão utilizados no decorrer da cerimônia, pede que

o Supremo Arquiteto abençoe também esses produtos da terra, com que sua bondade nos beneficia e que são outros símbolos de Fé.

Antes de terminar, harmonia suave enche o Templo. Nesse silêncio musical, 4 pancadas ressoam à porta do Templo. São meninos, filhos de Maçons, que se encontram no tumultuoso mundo profano onde se veem ameaçados de serem arrastados pelas paixões incontroláveis para o mal. Resolvem imediatamente admiti-los com seus acompanhantes para que encontrem em cada Maçom um protetor, maneira de preservá-los contra os perigos da vida profana. Devem ser iniciados na vida da Inteligência.

A abóboda de aço para protegê-los é formada pelos Iir.: que ocupam as Colunas. Os outros se levantam em testemunho do carinho que a infância merece de nossos corações.

A música, que havia silenciado, novamente soa doce e envolvente. Os candidatos, de branco e com um veu de gaze ou filó branco sobre a cabeça, entram, seguros pela mão esquerda dos padrinhos respectivos e ficam dispostos em sem-círculo. É perguntado a estes o que pretendem dos Iir.: em favor das crianças que conduzem. O paraninfo mais idoso — sempre fala este — responde que são seus amigos, filhos de Iir.: nossos e pedem para elas Luz, Purificação e Proteção através de sua adoção como Lowtons da Loja Simbólica onde estão. O Ven.: lhes dá as boas-vindas. Aceso o candelabro das 3 velas, afirma que, desde agora podem transitar em nosso Templo sob o esplendor da Luz. Aponta para o Delta Luminoso e tira-lhes o véu. Em seguida faz belíssima preleção sobre Fraternidade Humana, Tolerância, Liberdade, Justiça, afirma que as velhas Leis Maçônicas dizem que, onde houver uma causa justa, aí estará também um Maçom. Conhecedores dos males que destroem o mundo profano, os Iir.: padrinhos estão com tarefa enorme. Têm que vigiá-las nesse mundo mau, ajudá-las a freiar os impulsos egoístas, ensiná-las a bem-querer os colegas de escola e os companheiros de brincadeiras desde agora, para serem dignas de si mesmas e preparadas para compromissos maiores. O padrinho mais idoso prometeu que tudo fará para que possam cumprir esses deveres.

O Ven.: vai ao Altar de Consagração, os padrinhos se levantam e, após dispor os candidatos diante de si, toca-lhes as pálpebras, dizendo:- “Que os vossos olhos se abram à luz da Verdade, para que possais trilhar sempre os caminhos, onde a benção materna vos possa acompanhar”.

Novamente a música se espalha suave por todo o Templo.

Tocando as orelhas dos meninos, diz o Presidente:- “Que os vossos ouvidos sejam atentos aos gemidos dos pobres e desamparados, a fim de poderdes minorar suas angustias e fazê-los menos infelizes”. Dando mel com uma espátula, aconselha:- “Que a vossa boca só profira palavras, que não agridam nem ofendam a ninguém, porque a condição normal da vida é a fraternidade e não a luta e o ódio”. Mergulhando a mão direita de cada candidato em água fria, adverte:- “Que as vossas mãos se conservem sempre puras e limpas, não maculadas pelo erro ou pelo vício”. Dá-lhes partículas de pão ou biscoitos e afirma:- “Que este pão, que representa a força material, dê também ao vosso corpo saúde e crescimento e perfeição. Permita Deus que ele nunca vos falte”. Dando um cálice de vinho a cada menino, reflete:- “Que este vinho, símbolo da força vivificadora vos dê ânimo para uma trajetória retilínea, na vida que ides viver”. Com algodão impregnado de sal, toca-lhes a fronte e lembra:- “O sal, presente da natureza, impede a decomposição da matéria. Que ele seja para vós o símbolo de uma vida isenta da imperfeição e da impureza”.

Agora a música envolta no incenso que o turíbulo esparge tres vezes sobre os candidatos em conjunto, dá ao Templo como que uma atmosfera transbordante de misticidade, levando a todos uma imobilidade contemplativa. E o Ven.: faz votos para “que este perfume purifique simbolicamente todo o vosso ser, animando vosso coração para tudo o que é bom. Que ele vos faça conscientes, fortes, virtuosos. Que o Sup.: Arq.: do Univ.: se digne inspirar a estas crianças as santas leis do Bem-Viver e do Bem-Querer”. Auxiliado pelos padrinhos, o Ven.: cinge os aventais nos meninos, explicando que eles são o símbolo do trabalho. A maior honra que pode ser dada a uma creatura consiste em ter ela marcado um posto de trabalho e de concórdia. A cada menino entrega um par de luvas brancas, desejando que lhes lembrem sempre a pureza que é representativa da infância. Ao entregar a cada um a Medalha de Lowton, explica que é filho adotivo não só desta Loja, mas de todas as Lojas, uma vez que a Maçonaria é universal. Após beijá-los na fronte, esclarece que está dando o ósculo da Fraternidade. A cerimônia prossegue cheia de ensinamentos e vigor até quando são proclamados Filhos Adotivos da Loja. Sob aplausos por bateria incessante, são feitos votos de Saúde, Paz e Prosperidade aos Lowtons, às suas famílias e a seus paraninfos. Com outra salva de palmas é rendida homenagem” à Gloriosa e Secular

Instituição Maçônica, a única que sabe reunir todos os homens sob uma bandeira de Paz, como Irmãos". (264)

Agora o padrinho mais idoso agradece ao Ven.: e à Loja a honra conferida aos novos Lowtons. Os padrinhos vão ao Oriente com os afilhados e recolhem a Pira e o Candelabro "porque suas luzes se abrigaram" no coração deles. O Ven.: os apaga, o Orador, em breves palavras, refere-se à reverência especial que a Mulher e a Criança merecem dos Maçons, fala sobre o valor da educação do lar na formação do caráter e as responsabilidades que o homem tem para com a Família, a Pátria e a Sociedade. Em seguida é anunciado que vai circular o tronco de simpatia. Então são distribuídas flores às senhoras como mães, esposas e filhas e bonbons às crianças.

agradecendo a todos que abrilhantaram os trabalhos com suas presenças e sentiram exatamente os propósitos dos maçons, os convidados se retiram e a Loja é fechada de acordo com o Ritual.

RITUAL DE ADOÇÃO DE LOWTONS **(Segundo o Rito Brasileiro)**

II

Adolescentes de 13 a 18 anos incompletos

A Disposição e Decoração do Templo e a Sala dos PPas.: PPer.: são semelhantes às anteriores, havendo em todo o Ritual as variantes necessárias.

A Adoção de Lowtons é um ato de grande responsabilidade. Como a anterior, esta solenidade é toda simbólica. Este simbolismo se reveste de alto sentido espiritual, porque seus praticantes se esforçam para serem fieis à Doutrina, na exteriorização dos sentimentos cultuados no Templo.

Iniciando a cerimônia, formam o Pálio para o Ir.: Orador abrir o Livro da Lei e ler:- “E ainda um pouco, e não existirá pecador; e buscarás o lugar dele, e não o acharás”. (265) Desfeito o Pálio, o Ven.: suplica ao Supr.: Arq.: do Univ.: — a Máxima Perfeição — a luz da Razão para que possa praticar a Virtude. Roga que irradie sobre todos ali reunidos, os flúidos que emanam da Divina Inteligência para que tudo que se ensine constitua a expressão de Sua Vontade. Acende a Pira e roga que a pureza de que ela é emblema se estenda sobre todos que entraram naquele Templo Augusto. Com a mão direita estendida sobre o Altar da Consagração, onde se encontram pedaços de pão ou biscoitos,

vinho, algodão e sal e mais objetos que são utilizados no decorrer da cerimônia, pede que o Sup.: Arq.: abençoe também esses produtos da terra, com que sua bondade nos beneficia e que são outros símbolos de Fé. Consinta que gravem no coração de nossos Filhos Adotivos lembrança indelével dos ensinamentos que lhes são ministrados.

Tudo ocorre com suave fundo musical. Agora 4 pancadas soam à porta do Templo. São filhos de Maçons, maiores de 13 anos, que se encontram no tumultuoso mundo profano, sob ameaças de serem arrastados pelas paixões incontroláveis para o mal. A música amortece, se apaga. Resolvem unanimemente admiti-los no Templo, sob a guarda de seus paraninfos para que possam encontrar em cada Maçom um protetor. Devem ser iniciados na vida da Inteligência, do Bem e da Honra. Logo é formada a abóboda de aço pelos Iir.: que ocupam as Colunas, enquanto os do Oriente ficam de pé em testemunho do carinho que merecem os candidatos. Novamente soa a música doce e envolvente.

Entram os candidatos ao lado esquerdo dos respectivos padrinhos e se colocam em semi-círculo, perto do Venerável. Não usam véu sobre a cabeça nem são obrigados a se apresentarem de branco. Perguntado aos paraninfos o que pretendem em favor dos adolescentes que acompanham, o mais idoso deles — sempre fala o mais idoso — responde que são seus amigos, filhos de Iir.: nossos e para eles pedem Luz, Proteção e Purificação adotando-os como Lowtons desta Resp.: Loja Simbólica. O Ven.: diz que são bem-vindos e que transitarão em nosso Templo sob o esplendor da luz. Após acender o Candelabro das 3 velas, faz votos que ele brilhe aos seus olhos como mais tarde, brilhará em seus espíritos. Apontando para o Delta Luminoso, diz que desaparecerá diante da Estrela Fulgurante da Maçonaria, o tumulto em que vivem no mundo profano. Em seguida faz uma preleção cheia de ensinamentos sábios sobre Fraternidade Humana, Tolerância, Liberdade, Justiça, Pátria, Família, Humanidade, etc., afirma que as velhas Leis Maçônicas dizem que, onde houver uma causa justa, aí estará um Maçom. Conhecedores dos males que destroem o mundo os Iir.: paraninfos estão com enorme tarefa. Terão que ajudar os adolescentes a dominar as más inclinações e a fugir de más conselhos, evitar más companhias e exemplos perversos. Terão que ensiná-los a sacrificarem com nobreza seus interesses pessoais a bem da Pátria e da Humanidade, se for preciso. São deveres que os adolescentes cumprirão a vida toda, para serem dignos de si mesmos. e estarem preparados

para compromissos maiores. O padrinho mais idoso prometeu que tudo fará para que possam cumprir esses deveres.

Com respostas tão perentórias, o Venerável começa a purificação dos jovens, segundo as formalidades de nossa fé e aceita-os como Filhos Adotivos da Loja Simbólica. Com os padrinhos ao lado dos afilhados, todos de pé, o Ven.: tocando as pálpebras de cada um dos jovens, diz:- “Que os vossos olhos se abram à luz da Verdade e vos dê a faculdade de reconhecer o mal, para vencê-lo e o caminho da felicidade para por ele conduzirdes aqueles que reconheceréis como Iir.”

A música, que havia silenciado, mansamente, enche o Templo de melodia.

Tocando as orelhas dos candidatos, exclama:- “Que os vossos ouvidos sejam atentos aos brados daqueles que sofrem e possam ouvir a voz salvadora de Deus, que disse aos homens:- “Amiai-vos e ajudai-vos uns aos outros”. Apontando-lhes os lábios, lembra:- “Que a vossa boca só profira palavras amigas e fraternas. Detestem sempre a calúnia e a cólera e que sua língua não sirva nunca para mentir, desprezar, humilhar nem ameaçar de vingança seus semelhantes”. Mergulha a mão direita de cada candidato em água fria que está numa pequena bacia e aconselha:- “Que suas mãos se conservem sempre puras e livres do contato do vício e da iniquidade. Que nunca traçam escritos contra a moral e os altos interesses da Humanidade.”

Dá-lhes partículas de pão e adverte:- “Que este pão, que representa a força material, dê também a seu corpo, crescimento, saúde e perfeição. Permita Deus que ele nunca lhes falte”. Dá-lhes pequeno cálice de vinho e explica:- “Que este vinho, símbolo da força vivificadora, lhes inspire um supremo desejo em prol do Bem e da Sabedoria, dando à sua alma a coragem precisa resistir às seduições do mundo e vencer as amarguras da vida”. Toca-lhes a fronte com algodão impregnado de sal e augura:- “Que este sal, dom da natureza, significa o estabelecimento de um pacto entre nós, como está no Livro Sagr.: “incorrutível e portanto perpétuo: “(266) Que ele seja o símbolo da Perfetibilidade, “sal da Terra” foi o título que Jesus deu aos seus apóstolos — guiando-os sempre pelos caminhos do Bem e da Honra”.

O Ven.: incensa tres vezes com o turíbulo os candidatos em conjunto desejando “que este perfume purifique simbolicamente todo seu ser, animando seu coração na busca da Fraternidade

Humana. Que lhes faça conscientes, fortes, virtuosos e puros. Que o Sup.: Arq.: do Univ.: se digne inspirar a estes adolescentes as santas leis da Honra e da Sabedoria”.

Agora a música envolta no incenso que o turíbulo espargiu sobre os candidatos, dá ao Templo como que uma atmosfera de transbordante misticidade, levando a todos a uma imobilidade contemplativa.

Auxiliado pelos padrinhos, o Ven.: cinge os aventais nos candidatos, explicando que são o símbolo de trabalho e mostram a missão do homem entre os homens. A maior das honras que pode ser dada a uma criatura consiste em ter ela marcado na vida um posto de trabalho, mas o trabalho só será honroso quando tiver por fim a felicidade humana. Entrega um par de luvas a cada um desejando que elas lhes lembrem a pureza de caráter, isto é, a retidão de nossos atos na vida social. Concede-lhes a Medalha de Lowton, distintiva de seu ingresso na comunidade maçônica. Beija a fronte de cada um explicando que é o óculo da Fraternidade:- “Constitui o traço de união imperecível entre vocês e a grande Família Maçônica Universal”.

A cerimônia segue num crescendo até quando o Ven.: aceita e proclama Filhos Adotivos da Loja onde se realiza o ato e lhes deseja e a todos os presentes paz e felicidades. Ainda sob aplausos incessantes o paraninfo mais idoso agradece ao Ven.: e à Loja a honra conferida aos novos Lowtons, o Ven.: recolhe a Pira e o Candelabro e apaga suas luzes. Todos em seus lugares, o Ir.: Orador refere-se à reverência especial que a Mulher e a Criança merecem dos Maçons e ao valor da educação doméstica na formação do caráter e às altas responsabilidades que o homem tem para com a família, a Pátria e a Sociedade.

Em seguida circula o tronco de simpatia. As flores, de preferência rosas vermelhas distribuídas constituem a prova de nosso apreço à Mulher, como Mãe, Esposo e Filha.

Está encerrada a simbólica cerimônia.

RITUAL DE POMPA FÚNEBRE

Uma melodia em surdina quebra o silêncio que dominava o Templo. Soam as dose badaladas da meia noite, hora em que as trevas estendem seu véu de luto sobre toda a natureza. É o instante em que se inicia a cerimônia fúnebre em honra à memória dos Irmãos transportados ao Oriente Eterno. Tres tocheiros, cuja chama simbolisa a Eternidade, iluminam tremeluzentes um ataúde vazio. A Loja está numa meia luz funébria. Não é, entretanto, um culto de lágrimas. Estamos reunidos para a meditação e para o recolhimento. De súbito, clama uma voz:- Morrer!

E naquele silêncio sepulcral outra voz responde:- Morrer! Morrer é o destino comum.

Todos os Obreiros de pé, de espada em punho e de ponta voltada para o chão, é invocado o Poder Infinito:- “Conhecido é o segredo da Vida e da Morte! Tu, refúgio e baluarte dos crentes — dá-nos a Graça, a Paz, a Consolação e a Benção! Santificado seja o Teu nome. Ensina-nos a morrer para que, como nossos Iir.: que se passaram ao Or.: Eterno, possamos dignamente gozar da vida imortal. Assim seja”. (267) E de permeio à música em surdina, resa uma voz:- “E o pó volte à terra, como era, e o espírito volte a Deus que o deu. Vaidade de vaidades, diz o pregador, tudo É vaidade”. (268)

Ao formar-se a cadeia de União Maçônica, infelizmente não é possível poque faltam elos e, assim, a Palavra se perderá. Em meio ao espanto de todos, consulta-se o Livro de Presença e são lidos os nomes dos que deixaram de o assinar. Já estavam mortos. Constata-se assim quantos Irmãos dedicados a Maçonaria perdera. Não os vemos nem os veremos mais entre nós. Conviveram conosco, desbastaram dedicadamente a pedra bruta em nossa companhia. Suas presenças eram uma alegria para nós. Foram fieis aos com-

promissos morais de nossa Ordem. Suas vidas, entretanto, dedicadas à causa do Bem e da Verdade e da Justiça, eram frágeis como a luz do círio que acabe de ser aceso. Um sopro e a chama se apaga deixando a saudade em nossos corações e inútil à porta do túmulo que nos leva para o incognoscível. “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o folego da vida: e o homem foi feito alma vivente”. (269)

Nascemos e morremos de um simples sopro.

A Maçonaria não é religião, mas o homem se debate à procura do Bem e do Belo, almeja o Infinito por todos os meios. Mas tais desejos não podem ser plenamente satisfeitos cá na terra porque transcendem nossa vida terrena. “A moral dos espíritos superiores resume-se, como a do Cristo, na máxima evangélica: Obrar para com os outros como queríamos que os outros obrassem para conosco, isto é, fazer sempre bem e nunca o mal. Cada homem encontra nesse princípio uma regra universal para se conduzir, mesmo em suas menores ações”. (270)

A Maçonaria crê na imortalidade da alma. Todos os povos, sem dúvida desde o período neolítico — período da pedra polida e da cerâmica, mais ou menos 5000 anos A.C. — e todas as religiões, a seu modo, acreditam nela. “É a vida do espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma entra na vida eterna”. (271) É verdade que ha quem diga que Jesus veio com a finalidade, entre outras, de consolidar a Lei de Moisés. Entretanto o rabino Elias Soloweczyk afirma que “Jesus não ignorava que em parte alguma a Lei de Moisés afirma expressamente a imortalidade da alma”... Mais adiante:- “A ressurreição de Jesus tinha pois que ser, não uma ressurreição corpórea, mas uma aparição espiritual”. (272)

A Igreja Católica, embora não use a expressão — imortalidade da alma acredita nela também. D. Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, pregando numa capela de cemitério em Recife, no dia de Finados, disse que “a verdadeira vida começa depois da morte e aqui, neste cemitério, estão apenas os despojos humanos, mas o espírito, este continua vivendo”.(273) No mesmo dia, o cardeal d. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador e Primaz da Bahia, declarou nas missas rezadas na capital bahiana que... “com a morte, a vida não se extingue, a vida se transfere. E é dentro dessa linha de pensamento que se caracteriza o duplo sentido que a vida encerra: o sentido da imanência e o sentido

da transcendência". (274) "De modo algum mudamos com a morte. O homem nada perde pela morte: sob todos os pontos de vista é ainda um homem, conquanto mais perfeito do que quando na matéria. Levou consigo não só as suas forças, mas os seus hábitos mentais adquiridos, as suas preocupações, os seus preconceitos". (275) Não se entenderia a vida se não tivesse uma missão a cumprir. Seria uma coisa sem nexos ela acabar no túmulo. Ela continua. E para honrar a memória de nossos Irmãos: que viveram com fé e trabalharam com fé na consciência e a fraternidade no coração, proclamemos que a morte não separa nem extingue. Quem viveu praticando o bem, não tem porque temê-la. Assim, tributemos os peitos de veneração aos Irmãos ausentes a triplice glorificação, pela rosa — símbolo da comunhão, pela acácia — símbolo da imortalidade e pelo incenso — símbolo Eterno.

Uma procissão de Irmãos faz 7 voltas em torno do ataúde, lançando sobre ele punhados de rosas. Ao terminar, um diz:- "Estas flores simbolizam a saudosa recordação que de vós guardamos. Passa o tempo, mas a memória permanece. O AMOR É MAIS FORTE DO QUE A MORTE. A segunda glorificação é feita por outros Obreiros, do mesmo modo. Deixando cair um ramo de acácia sobre o ataúde, um exclama:- "A acácia simboliza a verdade moral e religiosa da imortalidade. Os virtuosos, como vós, terminada a vida material, revivem nos exemplos que deixaram, triunfam da morte. É por isso que o Apóstolo proclama:- TRAGADA FOI A MORTE NA VITÓRIA. Por fim, o presidente, acompanhado de seis Obreiros, realizam a 3.ª viagem glorificadora, levando um turíbulo. Diante do ataúde, proclama:- "Que este incenso, símbolo da união entre o Transitório e o Eterno, suba até o céu, levando ao Supremo Arquiteto do Universo, a nossa súplica à sua imensa bondade e à sua infinita misericórdia. Confessamos humildemente a nossa desvalia; a vida é uma breve conjunção entre duas eternidades, nada mais." (276) Em seguida, todos de pé dentro de um minuto de silêncio, é feita a conexão, no íntimo de cada um, entre a Loja Terrena e a Loja Celeste, em sufrágio dos Irmãos ausentes e pela memória de todos os homens dignos, maçons ou não.

Ouvidas as palavras carinhosas e fraternas dos oradores sobre as personalidades dos ausentes, uma voz pergunta quem concederá a luz a esses Irmãos e outra responde que é o Supr.: Arq.: do Universo para onde suas almas gravitam e só Ele pode conduzi-los à bem-aventurança.

Todos de pé, oficiam contritos, a oração propiciatória.

Quebrando aquele silêncio escuro, uma voz se alteia e diz:-
“Felizes aqueles que morrem no Senhor; eles descansam de seus trabalhos, porque as suas obras os acompanham e os seguem”.

Respondem todos os presentes:- Que o Supremo Arquiteto do Universo lhes conceda a recompensa dos justos!

O Vener.: continúa:- Deus da Justiça, que lêdes no fundo dos corações e neles conheceis as mais ocultas intenções, escudai os Iir.: falecidos com o vosso amor, porque scis o protetor daqueles que marcham no caminho da Justiça e da Equidade!

Todos respondem:- Que o Deus da Esperança os encha de todo o gozo e paz.

E o Presidente, com a Fé no coração, prossegue:- Os entendidos, pois, resplandecerão como o resplendor do céu; e os que a muitos ensinaram a Justiça, refulgirão como as estrelas, para toda a eternidade.

os Irmãos suplicam:- Ó Supremo Arquiteto do Universo, tende os finados Irmãos entre os vossos Eleitos e fazei brilhar sobre suas faces a Luz Eterna.

Quando, do altar, o Venerável exclama com alegria:- Aleluia! Aleluia! Aleluia! todo o Templo repentinamente resplandece numa festa de luz. Apagam-se as tochas do ataúde. Os véus funéreos das luzes e os fumos dos aventais são retirados e cai o pano negro que recobre o painel dos Obreiros. Tudo é claridade e contentamento pelo dever cumprido. Chegavam ao final as homenagens póstumas aos Irmãos que levantaram Templos à Virtude e cavaram masmorras ao Vício. A saudade que sentimos deles é incentivo para o aprimoramento de nosso trabalho. Já não voltamos a cabeça para a Noite que encerrou o dia. Preferimos olhar o Sol que trás alegria e ilumina vales e montes e enfeita com seu esplendor as estradas do mundo. Sentimo-nos felizes após essa cerimônia singela e fraterna.

Antes de nos separarmos formamos a cadeia da União, fechando-a novamente à volta do sarcófago e mutuando o ósculo da Paz. E com a mão direita estendida para o ataúde, o Venerável predica:- Diante deste piedoso emblema de nossa saudade, sob a inspiração generosa de nossas preces, devemos esquecer todo

pensamento egoísta e orgulhoso. Prestemos o compromisso de esquecermos quaisquer agravos e injustiças, por ventura recebidos de nossos Irmãos que repousam no Oriente Eterno. Que a Paz e a Concórdia vivam entre nós. Jamais esqueçamos o primeiro preceito de nossa Moral, que é a Moral dos espíritos superiores, a mesma do Cristo registada nos Evangelhos:- Fazer aos outros o que queremos que nos façam.

Em seguida todos juraram observar as leis da Fraternidade.

O dia já nascia numa fogueira descomunal quando os mages fecharam os trabalhos funébreos. Isso porque a entrada do sol no Templo da natureza, para nós, se assemelha com a entrada espiritual dos Irmãos na Grande Loja Celeste, onde brilha eternamente uma luz sem sombra. Assim como o sol ao nascer dissipa as trevas, assim também a Esperança de que os Irmãos gozem a glória dos eleitos, faz que se dissipe nossa dor e se converta nosso pesar em refrigério. A vida deve ser um benefício. Cultuemos o laus perene da fraternidade, razão de ser de nossa Ordem.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Vibert, Lionel, in Nicola Aslan — História da Maçonaria
Editora Espiritualista — Rio, 1959
- 2 — Lello Universal — 2.º v.- Livraria Chardron — 4 vols. —
Porto
- 3 — Colinon, padre Maurice, in Nicola Aslan — Obra citada
- 4 — Montalembert, in Nicola Aslan — Obra citada
- 5 — Rosa-Cruz, Um Cavaleiro — Biblioteca Maçônica ou Ins-
trução Completa do Franco-Macon — Dedicada aos
Orientes Lusitano e Brasiliense — Tomos I e II — 6
Tomos e 3 vols. — P. Ailleaud Guillard et Cie —
Paris, 1864
- 6 — Leadbeater, C.W. — A Vida Oculta da Maçonaria — Trad.
J. Gervásio de Figueiredo — 3.ª edição — Editora
Pensamento — S. Paulo, 1969
- 7 — Documentos do Rito Brasileiro, n.º 5 — Outubro, 1968 — Rio
- 8 — Leadbeater, C.W. — Obra citada
- 9 — Anderson, James — La Constitucion de 1723
- 25 — Rosa-Cruz, Um Cavaleiro — Obra citada
- 26 — Idem Idem Idem
- 27 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús
— Diccionario Enciclopédico de la Masoneria — 2.º
tomo — Editorial Kier, S.A. — 3 tomos — Buenos
Aires, 1962 — Segunda edicion argentina
- 28 — Rosa-Cruz, Um Cavaleiro — Obra citada
- 29 — Documentos do Rito Brasileiro, n.º 29 — junho, 1972 — Rio
- 30 — Behring, Mario — Kosmos, revista — Ano IV — n.º 1 —
Rio, 1907, janeiro
- 31 — Idem Idem Idem
- 32 — Pinto, G. Hercules — Batinas Inquietas e Inquietantes do
Brasil — Record — Rio, 1974

- 33 — Idem Idem Idem
- 34 — Idem Idem Idem
- 35 — Documentos do Rito Brasileiro, n.º 29 — Obra citada
- 36 — Behring, Mario — Obra citada
- 37 — Arquivo do Supremo Conclave do Brasil — Rito Brasileiro
- 38 — Estatuto Constituição e Regulamento Especial do Rito Brasileiro — Rio, 1976 E.: V.:
- 39 — Palmeira, Alvaro — Actualid.: (Nova Fase) — Ano XXV
— Rio de Janeiro, 15 de maio, 1959 — N.º 1 (3a. Fase)
- 40 — Boletim do Grande Oriente do Brasil — Jornal Oficial
da Maçonaria N.º 1 — Janeiro, 1915 — Ano 40
- 41 — Boletim do Grande Oriente do Brasil — Jornal Oficial da
Maçonaria N.º12 — Dezembro, 1914 — Ano 39
- 42 — Mensagem lida perante a Sob.: Assembléia Geral do Gr.:
Ori.: do Brasil, em 25 de junho de 1917, pelo Gr.:
Mestre adjunto em exercício do Grão-Mestre contra-
almirante Veríssimo José da Costa, 33.: — Rio,1917
- 43 — Boletim do Grande Oriente do Brasil — Jornal Oficial da
Maçonaria N.º 10 — Outubro, 1916 — Ano 41
- 44 — Idem Idem Idem — N.º 9 — Setembro, 1916
Ano 41
- 45 — Idem Idem Idem — N.º 6 Junho 1917 —
Ano 42
- 46 — Idem Idem Idem
- 47 — Mensagem lida perante a Sob.: Assembléia Geral ... Obra
citada
- 48 — Camino, da Rizzardo — Introdução à Maçonaria — 1.º
vol. —Editora Aurora — 3 vols. —Rio, 1972
- 49 — Prober, Kurt — Cadastro Geral das Lojas Maçônicas do
Brasil — Ativas, abatidas e instivar — Editor Kurt
Prober — Paquetá, 1975
- 50 — Boletim do Grande Oriente do Brasil — Jornal Oficial da
Maçonaria N.º 12 — Dezembro, 1919 — Ano 44
- 51 — Idem Idem Idem — Nos. 7 e 8 — Julho,
Agosto, 1940 — Ano 65
- 52 — Idem Idem Idem Idem
- 53 — Idem Idem Idem Idem
- 54 — Idem Idem Idem — N.º 1 — Janeiro, 1941
— Ano 66

- 55 — Idem Idem Idem — Nos. 4 e 5 — Abril,
Maio, 1941 — Ano 66
- 56 — Idem Idem Idem — Nos. 6 a 12 Junho a De-
zembro, 1941 — Ano 66
- 57 — Orico, Oswaldo — O Tigre da Abolição — Cia. Editora
Nacional, 1931
- 58 — Estatuto Constituição e Regulamento Especial — Rito Bra-
sileiro — princeps — Rio, 1976 E.: V.:
- 59 — Rito Brasileiro — Ritual de sess.: ordinaria — Officinas
Graphics da "Revista Comercial" — Rio de Janeiro,
1919
- 60 — Ritual do Gr.: de Mestre-Maçom — Rito Brasileiro — Or.:
do Rio de Janeiro — 1968 E.: V.:
- 61 — Decreto n.º 2080 de março de 1968 E.: V.:
- 62 — Kipling, Rudyard — Minha Loja Mãe — Trad. Ir.: Avaro
Palmeira
- 63 — Hugo, Victor — Os Trabalhadores do Mar — Trad. Machado
de Assis — Abril Cultural — 1ª edição — S. Paulo, 1971
- 64 — Voltaire — Cândido ou o Otimismo — Romances e Contos
— vol. 1 — Trad — Liv'ro Teixeira — Difusão Europa
Livros — 2 vols. — S. Paulo, 1959
- 65 — Ritual do Grau 18 — Cavaleiro Rosa-Cruz — Rito Bra-
sileiro — Ao Vale do Rio de Janeiro, 1968, E.: V.:
- 66 — Silva, Helio — História da República Brasileira — vol. 7
— Editora Tres, 20 vols. — S. Paulo, 1975
- 67 — Assis, Machado — Dom Casmurro — Editora Tres --
S. Paulo, 1974
- 68 — Pinto, Teixeira — A Maçonaria na Independência do Brasil
— 1812 —1823 — Editora Salogan Ltda. — Rio, 1961
- 69 — Idem Idem
- 70 — Idem Idem
- 71 — Armitage, John — História do Brasil — Trad. Joaquim
Teixeira de Macedo? — Notas e prefácio de Eugenio
Egas — Livraria Martins Editora S.A. — S. Paulo, 1972
- 72 — Pombo, J. F. da Rocha — História do Brasil (Ilustrada)
— vol. VII — Benjamin de Aguiar, Editor — 10 vols.
— Rio, 1905
- 73 — Morais Pai, Melo de, in História do Brasil de Rocha Pombo
— Obra citada
- 74 — O SEMEADOR n.º 12 — Ano I — Abril — Rio, 1970

- 75 — O NOVO MAÇOM — Ano I — N.º III — Março — Abril — Rio, 1957
- 76 — Figueiredo 30.º, Joaquim Gervásio de — Dicionário de Maçonaria — Editora Pensamento — S. Paulo, MCMLXX
- 77 — Aslan, Nicola — Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia — vol. II — Editora Artenova S.A. — 4 vols. — Rio, 1974, 1975, 1976
- 78 — Davis, John D. — Dicionário da Bíblia — Trad. Rev. J. R. Carvalho Braga — 2a. edição — Casa Publicadora Batista — Rio, 1960
- 79 — A Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira — Londres, Lisboa e Rio de Janeiro, 1928 — I Reis, VI, 1
- 80 — Palmeira, Alvaro — Seminário de Mestres-Maçons — Maçons — Maçonaria Ambígua — Novembro, 1972 — Rio
- 81 — Palmeira, Alvaro — Centro de Estudos Maçônicos — No início de uma década decisória — Fevereiro, 1970 — Rio
- 82 — A Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — Obra citada — Mateus, I, 18 a 21
- 83 — Idem Idem — Obra citada — Lucas, I, 30 a 32
- 84 — A Bíblia Epístola aos Romanos III, 30 — vol. VII — Editora Abril — 8 vols. — S. Paulo, 1968
- 85 — Papini, Giovanni — A vida de Sto. Agostinho — Trad. Godofredo Rangel — Civilização Brasileira S. A. Editora — Rio, 1937
- 86 — Lima, Adelino de Figueiredo — Nos Bastidores do Mistério — 3a. edição — Spiker — Rio, 1958
- 87 — Figueiredo 30.º, Joaquim Gervásio — Obra citada
- 88 — Idem Idem Idem
- 89 — A Bíblia — João, XIII, 21 a 25 — Editora Abril, Ltda — vol. VI — 8vols. — S. Paulo, 1968
- 90 — Idem Idem — Evangelho de S. João
- 91 — Figueiredo, Joaquim Gervásio — Obra citada
- 92 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús — Obra citada — Tomo I
- 93 — Idem Idem
- 94 — A Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Ameida — Obra citada — João I, 33
- 95 — Idem Idem — João X, 39, 40

- 96 — A Bíblia — Editora Abril Ltda. — Obra citada — Lucas.
II, 46
- 97 — Idem Idem — Lucas, I, 80
- 98 — Idem Idem Idem — Mateus, XXVII, 19
- 99 — O SEMEADOR — n.º 12 — Ano I — Rio, 1970
- 100 — Alencar, Renato de — Enciclopédia Histórica do Mundo
Maçônico — Tomo I — Editora Maçônica — 3 Tomos
— Rio, 1968
- 101 — Abrines, don Lorenzo e Arderú, don Rosendo Arús — Obra
citada
- 102 — Silva Raul — Maçonaria Simbólica — Empresa Editora
Pensamento — S. Paulo, 1940
- 103 — Renan, Ernest — Vida de Jesus (Origens do Cristianismo)
— Trad. Eduardo Augusto Salgado — 6a. edição —
Livreria Lello & Irmão editora — Porto
- 104 — Idem Idem
- 105 — Idem Idem
- 106 — Idem Idem
- 107 — Idem Idem
- 108 — Alencar, Rento de — Obra citada
- 109 — Ritual do Grau de Aprendiz-Maçom — Rito Brasileiro —
Or.: do Rio de Janeiro — Rio, 1968 E.: V.:
- 110 — A Bíblia — Editora Abril Ltda. — Obra citada — João,
vol. VI
- 111 — A Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — Obra
citada — S. João, XIX, 25 a 27
- 112 — Silva, Raul — Obra citada
- 113 — Bíblia — Editora Abril Ltda. — S. João — Obra citada
- 114 — Idem Idem
- 115 — Davis, John D. — Obra citada
- 116 — A Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Fi-
gueiredo — São Lucas, I, 13 — Depósito das Escrituras
Sagradas — Lisboa, 1922
- 117 — Idem Idem Idem — S. Lucas, I, 34
- 118 — Idem Idem Idem — S. João, I, 27
- 119 — A Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida —
Obra citada — S. Lucas, VII, 24 a 28
- 120 — Picchia, Menotti del — Salomé — José Olympio, Editora
— S. Paulo, 1940

- 121 — Palmeira, Alvaro — Seminário de Mestres-Maçons — Obra citada
- 122 — Capi Pier — As Profecias do Papa João XXIII — Trad. Rolando Roque da Silva — Difel — Difusão Editorial S.A. — Rio, 1976
- 123 — Idem Idem
- 124 — Porto, A. Campos — A Igreja Católica e a Maçonaria — Rio, 1957
- 125 — Carpi, Pier — Obra citada
- 126 — Idem Idem
- 127 — Palmeira, Alvaro — Seminário Geral de Mestres-Maçons — 14a. aula — 1966-1967 — Rio
- 128 — Idem Idem Idem — 9a. aula
- 129 — Albuquerque, A. T. Cavalcante de — O Que É A Maçonaria — 3a. edição Editora Aurora — Rio, 1958
- 130 — Idem Idem
- 131 — Idem Idem
- 132 — Carpi, Pier — Obra citada
- 133 — Alencar, Rento de — Obra citada — Vol. III
- 134 — Jornal do Brasil — 25 e 26 de junho e 10 julho — Rio, 1977
- 135 — Idem Idem
- 136 — Idem Idem
- 137 — Idem Idem
- 138 — Estado de S. Paulo — 30 de Julho — S. Paulo, 1977
- 139 — Idem Idem
- 140 — Idem Idem — 31 de julho — S. Paulo, 1977
- 141 — Idem Idem
- 142 — Idem Idem
- 143 — Idem Idem
- 144 — Idem Idem — 30 de julho — S. Paulo, 1977
- 144a - Imitation de JESUS-CHRIST — Trad. R. P. Gonnellieu — Alfred Mame et Fils, Editeurs — Tours — MDCCLXXXVII
- 145 — Figueiredo, Joaquim Gervásio — Obra citada
- 146 — Ritual do Grau 18 — Rito Brasileiro — Rio, 1968
- 147 — Estatuto Constituição e Regulamento Especial — Rito Brasileiro — Obra citada
- 148 — Documentos do Rito Brasileiro, n.º 5 — Obra citada

- 149 — Aslan, Nicola — Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia — vol. IV — Obra citada
- 150 — Bastos, Octaviano de Menezes, in Nicola Aslan — Idem idem
- 151 — Idem Idem
- 152 — Figueiredo, Joaquim Gervásio — Obra citada
- 153 — Aslan, Nicola — Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia — Vol. IV — Obra citada
- 154 — Santos, M. F. dos — Idem Idem
- 155 — Estatuto Constituição e Regulamento Especial — Obra citada
- 156 — Enciclopédia Brasileira Mérito — vol. 13 — Editora Mérito S. A. S. Paulo, 1960
- 157 — Mitologia — vol I — Abril Cultural e Industrial —3 vols. — S. Paulo, 1973
- 158 — Ritual do Grau de Aprendiz-Maçom — Rito Brasileiro — Rio, 1968
- 159 — Idem Idem
- 160 — Commelin, P. — Nova Mitologia — Trad. Thomaz Lopes — 7a. edição — F. Briguiet & Cia. Editores — Rio, 1941
- 161 — Ritual do Grau de Aprendiz-Maçom — Obra citada
- 162 — Mitologia, vol. I — Obra citada
- 163 — Commelin, P. — Obra citada
- 164 — Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Figueiredo — Atos dos Apóstolos, VII, 33 — Obra citada
- 165 — Ramos, Arthur — Introdução à Antropologia Brasileira — 1.º vol. — Coleção Estudos Brasileiros da E. C. B. — Rio, 1943
- 166 — Figueiredo 30.º, Joaquim Gervásio de — Obra citada
- 167 — Ritual do Grau de Companheiro-Maçom — Rito Brasileiro — Or.: do Rio de Janeiro — Rio, 1968 E.: V.:
- 168 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús Obra citada
- 169 — Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Figueiredo — S. João, XIV, 5 e 6 — Obra citada
- 170 — Figueiredo 30.º, Joaquim Gervásio de — Obra citada
- 171 — Ritual do Grau de Companheiro-Maçom — Obra citada
- 172 — Ritual do Grau de Mestre-Maçom — Obra citada

- 173 — Ritual do Grau de Mestre-Maçom — Obra citada
- 174 — Bíblia — Vol. III — II Crônicas, II, 2 a 15 — Editora Abril Ltadaa. 8 vols. — S. Paulo, 1965
- 175 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús — Obra citada
- 176 — Novo Maçom — Ano I — N.ºV — Rio, julho, 1957
- 177 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús — Obra citada
- 178 — Idem Idem Idem
- 179 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — I Reis, VII, — 21 — Obra citada
- 180 — Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Figueiredo — III Reis, VII, 17 a 19 — Obra citada
- 181 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — I Reis — VI, 8 — Obra citada
- 182 — Idem Idem — II Crônicas. III, 1
- 183 — Ritual do Grau de Mestre-Maçom — Obra citada
- 184 — Idem Idem
- 185 — Idem Idem
- 186 — Ritual do Grau 9 — Rito Brasileiro — Editora Souza Marques Ltda. — Rio, 1970
- 187 — Documentos do Rito Brasileiro, n.º 5 — Obra citada
- 188 — Voltaire — Dicionário Filosófico — Trad. Líbero Rangel Tarso — Atena Editora — S. Paulo, 1943
- 189 — Idem Idem
- 190 — Idem Idem
- 191 — Ritual do Grau 18 — Rito Brasileiro — princeps, Gráfica editora Ltda. Rio, 1968, E.: V.:
- 192 — Martínez, Hector Perez — Juárez — Trad. Dias da Costa — 2a. edição — Vecchi Editora — Rio, MCMXLIII
- 193 — Enciclopédia Brasileira Mérito — vol. 19 — Obra ciatda
- 194 — Smith, Adam — Investigação sobre a natureza e as causas da riquezas das nações — Os Pensadores — vol. XXVIII — Abril S. A. Cultura e Industrial — S. Paulo — 1a. edição — 52 vols. — 1974
- 195 — Ritual do Grau 22 (sumário)
- 196 — Dicionário e Enciclopédia Koogan-Larousse — vol. 3 — Larousse do Brasil/Editora Tres — 4 vols. — Rio, 1976

- 197 — Galache, Gabriel — Síntese de Doutrina Social — Editora Loyola — S. Paulo, 1967
- 198 — Agostinho, Santo — Confissões — Trad. J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. — Os Pensadores, vol. VI — Abril S.A. Cultural e Industrial — 52 vols. — S. Paulo, 1973
- 199 — Martínez, Hector Pérez — Juárez —Obra citada
- 200 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — Obra citada — S. Lucas, II, 13 e 14
- 201 — Ritual do Grau 26 (sumário) — Rito Brasileiro
- 202 — Ritual do Grau 30 — Rito Brasileiro — Princeps Editora Ltda. — Rio, 1969 E.: V.:
- 203 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús — Obra citada
- 204 — Ritual do Grau 30 — Rito Brasileiro — Obra citada
- 205 — Idem Idem
- 206 — Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Figueiredo — Obra citada — Epístola de S. Paulo Apóstolo aos Romanos — III, 30
- 207 — Figueiredo 30.º, Joaquim Gervásio — Obra citada
- 208 — Ritual do Grau 30 — Rito Brasileiro — Obra citada
- 209 — Idem Idem
- 210 — Ritual do Grau 31 — Rito Brasileiro — Editora Souza Marques Ltda. Rio, 1977, E.:V.:
- 211 — Comte, Auguste — Discurso sobre o Espírito Positivo — Trad. José Arthur Giannotti. Catecismo Positivista — Trad. Miguel de Lemos — Os Pensadores, vol. 33 — Abril S.A. Cultural e Industrial -- 52 vols. — S. Paulo, 1973
- 212 — Idem Idem
- 213 — Jefferson, Thomas, in G. Hercules Pinto — A Vida de Tiradentes — Editora Alba Ltda., Rio, 1962
- 214 — Ritual do Grau 32 — Rito Brasileiro — Gráfica — Editora Souza Marques, Ltda. Rio, 1977
- 215 — Idem Idem
- 216 — Idem Idem
- 217 — Comte, Auguste — Pensadores — Obra citada

- 218 — Costa, Hipólito da — in Barbosa Lima Sobrinho — Antologia do Correio Brasiliense — editora cátedra-MEC — Rio, 1977
- 219 — Ritual do Grau 32 — Rito Brasileiro — Obra citada
- 220 — Idem Idem
- 221 — Idem Idem
- 222 — Idem Idem
- 223 — Idem Idem
- 224 — Idem Idem
- 225 — Ritual de Aprendiz-Maçom — Rito Brasileiro — Obra citada
- 226 — Ritual do Grau 33 — Rio, 1969
- 227 — Idem Idem
- 228 — Idem Idem
- 229 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira D'Almeida — Obra citada — S. Paulo aos Efésios — V — 33
- 230 — Bíblia Sagrada — Trad. Antonio Pereira Figueiredo — Obra citada Genesis — III, 17 e 19
- 231 — Schreiber, Hermam e Schreiber, Georg — História e Mistérios das Sociedades secretas — Trad. Eurico Douwens — Ibasa — Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A. — S. Paulo, 1959
- 232 — Ritual de Homenagem à Esposa do Maçom — Rito Brasileiro — Rio
- 233 — Schreiber, Hermam e Schreiber, Georg — Obra citada
- 234 — Ritual de Homenagem à Esposa do Maçom — Obra citada
- 235 — Idem Idem
- 236 — Dias, A. Gonçalves — Obras Completas. Edição crítica de Manuel Bandeira — 1.º tomo — C'a Editora Nacional — S. Paulo, 1944
- 237 — Abreu, J. M. Casimiro de — Obras Completas — Livraria Garnier. Coligidas, anotadas por J. Norberto de Souza e Silva — Rio
- 238 — Aslan, Nicola — O Livro do Cavaleiro Rosa-Cruz — Editora artemova, S.A. — Rio, 1976
- 239 — Leadbeater, C.W. 33.º — A Vida Oculta na Maçonaria — Obra citada
- 240 — Figueiredo, Joaquim Gervásio de, 30.º — Dicionário da Maçonaria — Obra citada

- 241 — Davis, John D. — Dicionário da Bíblia — Trad. Rev. J. R. Carvalho Braga — 2a. edição — Casa Publicadora Batista — Rio, 1960
- 242 — Charroux, Robert — História Desconhecida dos Homens — Trad. Gina de Freitas — 2a. edição — Circulo do Livro — S. Paulo, 1976
- 243 — Melloc, Alec, — in Nicola Aslan — Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia — Vol. IV — editora artenova S.A. Rio, 1976
- 244 — Charroux, Robert — História Desconhecida dos Homens — Obra citada
- 245 — Aslan, Nicola — Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia — Vol. IV — Obra citada
- 246 — Ragon, J.N. — in Nicola Aslan — Idem Idem
- 247 — Ritual de Consagração Matrimonial (Logo após a Cerimônia Civil) do Rito Brasileiro — Formulado pelo Ir.: Alvaro Palmeira — Inédito
- 248 — Alves, A. de Castro Alves — Obra Completas — Edição Edição crítica por Afranio Peixoto — 2a. edição, 2 vols. — Livraria Francisco Alves 2.º vol. — Rio, 1921
- 249 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida — S. Mateus, XIX, 5 — Obra citada
- 250 — Ritual de Consagração Matrimonial — Obra citada
- 251 — Idem Idem
- 252 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida — Epístola de S. Paulo aos Efesios — V, 33 — Obra citada
- 253 — Idem Idem — S. Mateus, XIX, 5 — Obra citada
- 254 Ritual de Exaltação Matrimonial para as Bodas de Prata, Ouro e Diamante. Todos os Ritos, exceto o Moderno — Formulado pelo Ir.: Alvaro Palmeira. Inédito
- 255 — Idem Idem
- 256 — Idem Idem
- 257 — Idem Idem
- 258 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida — S. Paulo aos Efesios, V, 33 — Obra citada
- 259 — Ritual de Exaltação Matrimonial para as Bodas de Prata, Ouro e Diamante. Obra citada
- 260 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida — S. Mateus, XXI, 22

- 261 — Abrines, don Lorenzo Frau e Arderiú, don Rosendo Arús
— Obra citada, tomo I
- 262 — Idem Idem
- 263 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida — Pro-
verbios de Salomão, XXII, 6
- 264 — Ritual de Adoção de Lowtons (Rito Brasileiro) Formulado
pelo Ir.: Alvaro Palmeira — Inédito — I
- 265 — Bíblia Sagrada — Trad. padre Antonio Pereira de Figueiredo
— Salmo XXXVI, 10 — Obra citada
- 266 — Idem Idem — Trad. João Ferreira d'Almeida — Nú-
meros, XVIII, 19. Obra citada
- 267 — Ritual de Pompa Fúnebre. Formulado pelo Ir.: Alvaro Pal-
meira. Inédito
- 268 — Bíblia Sagrada — Trad. João Ferreira d'Almeida. Ecce-
siastes, XII, 7 e 8
- 269 — Idem Idem — Genes's, II, 7
- 270 — Kardec, Allan — O Livro dos Espíritos — Trad. Federação
Espírita Brasileira — 10a. edição — Livraria da Federa-
ção Espírita Brasileira — Rio, 1917
- 271 — Idem Idem
- 272 — Soloweykzyck, rabino Elias, in Padre Alta, O Cristianismo
do Cristo e o dos seus vigários — Trad. Guillon Ribeiro
— Federação Espírita Brasileira — Rio, 1951
- 273 — Jornal do Brasil, 3 Novembro 1977 — Rio
- 274 — Idem Idem Idem
- 275 — Doyle, Arthur Conan — História do Espiritismo — Trad.
Júlio Abreu Filho — Editora "O Pensadores" — S.
Paulo, MCMLX
- 276 — Ritual de Pompa Fúnebre — Obra citada

**Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da
Cooperativa Cultural dos Esperantistas
(Rua General Argôlo, 230-B — RJ)
para a Editora Maçônica
Tel.: 248-6253**